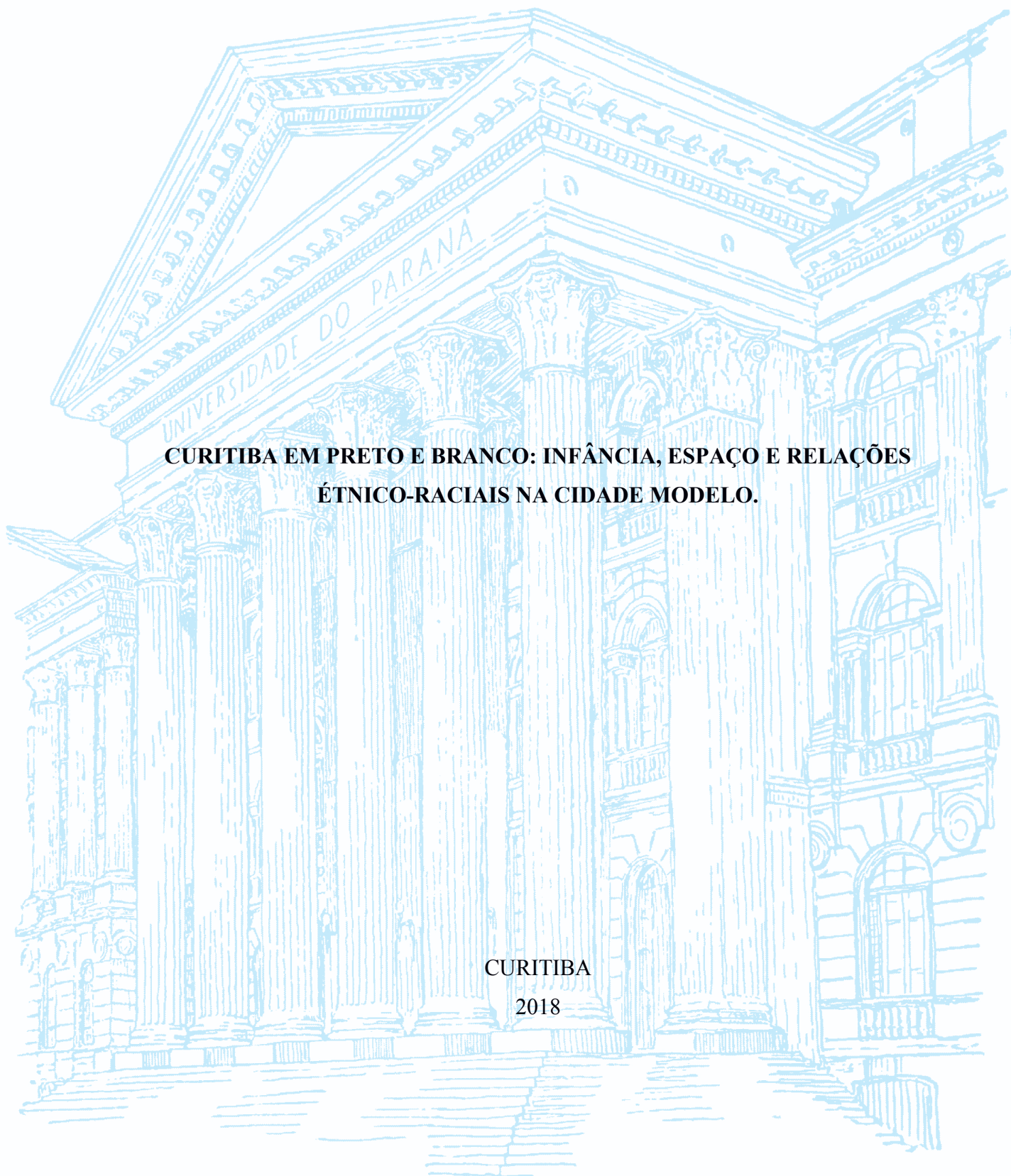


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIA CRISTINA DOS SANTOS

**CURITIBA EM PRETO E BRANCO: INFÂNCIA, ESPAÇO E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NA CIDADE MODELO.**

CURITIBA
2018



MARCIA CRISTINA DOS SANTOS

**CURITIBA EM PRETO E BRANCO: INFÂNCIA, ESPAÇO E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NA CIDADE MODELO.**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação
em Educação, Setor de Educação, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial obtenção do
título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

CURITIBA

2018

Catálogo na publicação
Maria Teresa Alves Gonzati – CRB 9/1584
Biblioteca de Ciências Humanas - UFPR

Santos, Marcia Cristina dos
Curitiba em preto e branco : infância, espaço e relações étnico-
raciais na cidade modelo / Marcia Cristina dos Santos – Curitiba, 2018.
186 p.; 29 cm.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Valéria Milena Rohrich Ferreira
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências
Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Crianças. 2. Relações étnico-raciais – Crianças. 3. Espaços
públicos – Curitiba (PR). I. Título.

CDD 370.19




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARCIA CRISTINA DOS SANTOS**, intitulada: **CURITIBA EM PRETO E BRANCO: INFÂNCIA, ESPAÇO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CIDADE MODELO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 20 de Março de 2018.


VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA(UFPR)


DENISE CONCEIÇÃO DAS GRAÇAS ZIVIANI(IFMG)


MARIA NILZA DA SILVA(UEL) SKYPE

Dedico esta dissertação a todas as mulheres negras que vieram antes de mim, cujas lutas abriram espaço para que eu chegasse até aqui. Especialmente à minha bisavó Leoni (em memória), minha avó Maria da Glória (em memória), minha tia Vera (em memória) e minha mãe Maria Lucia.

AGRADECIMENTOS

Guardo no coração muitas pessoas que cruzaram meus caminhos e deixaram suas marcas na minha vida, sei que hoje tenho um pouco de cada uma delas e por mais que não consiga citar todos os nomes aqui, minha gratidão será eterna.

Agradeço a todas as pessoas que foram importantes nesse processo, sem as quais essa dissertação não seria possível, especialmente à Professora Doutora Valéria Milena Rohrich Ferreira, que aceitou me orientar sem me conhecer e com muito respeito, paciência, empatia e sensibilidade foi além das orientações, me presenteando com uma convivência saudável e muitos exemplos que me tornaram uma pessoa e uma profissional melhor.

Às crianças que participaram da pesquisa, por me receberem abertamente e compartilharem experiências tão significativas.

À minha família e ao meu companheiro Wellington, pelo apoio incondicional, mesmo quando não entendiam o que eu estava fazendo.

Às amigas e amigos que estiveram presentes durante essa etapa da minha vida e de alguma forma me incentivaram a seguir em frente, especialmente à Michele, à Priscila Ogassawara, à Kaciane e às companheiras de batalha, com quem dividi expectativas e aflições e fizeram toda a diferença na minha vida nesses dois anos, Júlia e Liliana.

Às professoras, professores e colegas da Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, diferença e desigualdade social por todo conhecimento compartilhado, especialmente às professoras Lucimar Rosa Dias e Sueli Fernandes e aos professores Paulo Vinicius Baptista e Jamil Cabral Sierra.

Às Professoras Maria Nilza da Silva e Denise Ziviani e ao Professor Paulo, pelas preciosas contribuições na qualificação.

Aos colegas de trabalho, professores e professoras que comemoraram comigo a aprovação no mestrado e acompanharam o percurso de elaboração desse trabalho com gestos de carinho e apoio.

Às minhas alunas e alunos pelo carinho, respeito, compreensão e por todos os dias me darem a certeza de que estou no caminho certo.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

favela pede paz

"Existe uma história do povo negro sem o Brasil,

mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro.

Genos, povo, raça, tribo, a destruição de um povo de uma nação.

Não queremos viver só chorando em cima de um caixão.

Ver negros, jovens de periferia estirados naquele chão.

Mas o pensamento da polícia é, se o negro correr, ele é ladrão.

77% das mortes de negros crescem a cada dia e o que a polícia diz:

– Eu não sabia.

Mas cansamos dessa vida.

Temos que ser capaz.

A favela pede paz!. "

WESLEY CARLOS SOARES (12 ANOS) ¹

¹ Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/20520/aos-12-anos-menino-de-perus-publica-livro-de-poesia-sobre-historia-negra-no-brasil>> Acesso em: 15/03/2018

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar as redes de interdependência nas quais estão inseridas as crianças negras e brancas dos bairros Campo de Santana (região sul) e Santa Felicidade (região norte), em Curitiba, a partir da articulação dos conceitos de infância, espaço e relações étnico-raciais. Está pautada, principalmente, na sociologia configuracional de Norbert Elias, com apoio do referencial teórico da sociologia da infância e das relações étnico-raciais. Após levantamento de dados de pesquisas nacionais e municipais, da oferta de equipamentos públicos de lazer, cultura e segurança e caracterização de cada bairro, realizou-se conversas com 12 crianças de cada bairro, sendo 6 negras e 6 brancas, com idades entre 9 e 11 anos, estudantes de duas escolas municipais de Curitiba, sobre a utilização dos espaços dos bairros onde vivem e da cidade como um todo. Partiu-se da seguinte pergunta de pesquisa: Como as crianças negras e brancas constroem suas identidades a partir da constituição de suas redes de interdependência nos contextos específicos dos bairros Santa Felicidade e Campo de Santana e da cidade de Curitiba? Evidenciou-se que existe uma segregação espacial que mantém a população mais pobre e negra na região sul da cidade, onde há falta de equipamentos públicos e poucos espaços destinados às crianças, enquanto na região norte existe uma variedade de oferta de espaços públicos e privados, com diversos parques, equipamentos culturais e de segurança. Na região norte, apesar da diversidade de espaços ofertados, o medo impede que as crianças circulem e ocupem esses espaços, há preferência pelos espaços privados e fechados por conta da sensação de segurança que eles transmitem. As crianças negras têm desvantagens em relação às crianças brancas, acessando e utilizando menos os espaços do bairro e da cidade, tanto públicos quanto privados. As condições econômicas das famílias da região norte são mais heterogêneas, mas a maioria das mães e pais possuem ocupações elementares, ou seja, são de classe popular. Na região sul, a mobilidade está mais restrita aos espaços do bairro, as crianças brincam mais na rua e falam menos sobre o medo, mas, geralmente, não podem sair desacompanhadas. A condição econômica das famílias é mais homogênea, todas tem ocupações elementares e mesmo assim prevalece a desigualdade sobre as crianças negras que mesmo estando em condições semelhantes, ainda precisam lidar com o racismo e as “feridas” causadas por ele. A análise revelou que as redes de interdependência das crianças são permeadas pela desigualdade, pelo medo, pela falta de segurança e pelo racismo, fatores que impactam negativamente na construção de suas identidades individuais, especialmente, na criança negra que nem consegue se reconhecer como tal alimentando uma rejeição ao próprio corpo, utilizando de estratégias diversas para fugir do estigma de assumir uma identidade negra.

Palavras-chave: Infância. Espaço. Relações étnico-raciais.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the webs of interdependencies in which are black and white children both in the neighborhood called Campo de Santana (southern region) and the one called Santa Felicidade (northern region), in the city of Curitiba. It was done through the articulation of the following concepts: childhood, space and racial/ethnic relations. This research is based especially on the figurational sociology of Norbert Elias, with support from the theoretical framework of both sociology of childhood and racial/ethnic relations. Conversations with 12 children from each neighborhood were carried out after data collection from national and city researches about public equipment for leisure, culture and safety as well as neighborhood characterization. The children are students in the teaching system of Curitiba and there were 6 who were black and 6 who were white. Their ages varied between 9 and 11 years old. The conversations were about the neighborhood space usage where they live and in the city as a whole. The study starts from the following research question: how do black and white children build their identities from the constitution of their web of interdependencies in the specific contexts of Santa Felicidade and Campo do Santana neighborhoods and of the city of Curitiba? A spatial segregation that keeps poorer and black population in the southern region of the city, where there is lack of public equipment and a few spaces targeted to children was revealed. On the other hand, there is such a variety of public and private spaces, including parks and safety and cultural equipment in the northern region. Despite the diversity of spaces in the northern region, fear stops children from visiting and living these spaces. There is preference for private and closed spaces because of the feeling of safety that they convey. The black children have disadvantages when compared to the white ones, accessing and using the neighborhood and city spaces (public and private) poorly. The financial situation of families in the northern region are more heterogeneous, but most of mothers and fathers have elementary occupations, that is, they are from the working class. In the southern region, mobility is more restricted to neighborhood spaces and children play on the street and talk less about fear, even not being able to go out alone. The financial condition of families is more homogenous, since all of them have elementary occupations. Even so, the disparity with black children prevails, since they must deal with racism and the scars caused by it. The analysis demonstrated that the webs of interdependencies are permeated by disparity, fear, lack of safety and racism which impacts negatively in the construction of their individual identities. It happens especially with the black child who cannot even see her/himself as that, what develops a rejection to her/his own body that makes the child use many different strategies to scape from the stigma of assuming a black identity.

Keywords: Childhood. Space. Racial/ethnic relations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE CURITIBA POR REGIONAL.....	60
FIGURA 2: ÁREAS VERDES E DE LAZER NA CIDADE DE CURITIBA.....	60
FIGURA 3: EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE SEGURANÇA EM CURITIBA.....	61
FIGURA 4: PORTAL DA IMIGRAÇÃO ITALIANA.....	66
FIGURA 5: COMÉRCIOS DE SANTA FELICIDADE.....	66
FIGURA 6: ALGUNS RESTAURANTES DE SANTA FELICIDADE.....	66
FIGURA 7: FAROL DO SABER MACHADO DE ASSIS.....	67
FIGURA 8: BOSQUE ALEMÃO.....	68
FIGURA 9: ORATÓRIO DO BOSQUE ALEMÃO.....	68
FIGURA 10: MEMORIAL UCRANIANO.....	68
FIGURA 11: PARQUE TINGUI.....	68
FIGURA 12: RUA PRINCIPAL E COMÉRCIOS DO CAMPO DE SANTANA.....	71
FIGURA 13: PARQUE YBERÊ.....	72
FIGURA 14: RESERVA DO BUGIO.....	72
FIGURA 15: ESPAÇO FÍSICO ESCOLA 1.....	76
FIGURA 16: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLA.....	77
FIGURA 17: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLA 2.....	80
FIGURA 18: CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA SUBJETIVIDADE.....	84
FIGURA 19: MOBILIDADE ESPACIAL ALIKA.....	110
FIGURA 20: MOBILIDADE ESPACIAL ENZI.....	114
FIGURA 21: MOBILIDADE ESPACIAL AYO.....	116
FIGURA 22: MOBILIDADE ESPACIAL KALIFA.....	117
FIGURA 23: MOBILIDADE ESPACIAL CHENTAI.....	119
FIGURA 24: MOBILIDADE ESPACIAL LUCCA.....	122
FIGURA 25: MOBILIDADE ESPACIAL HEITOR.....	123
FIGURA 26: MOBILIDADE ESPACIAL THOMAS.....	125
FIGURA 27: MOBILIDADE ESPACIAL BENÍCIO.....	127

FIGURA 28: MOBILIDADE ESPACIAL LUIZA.....	128
FIGURA 29: MOBILIDADE ESPACIAL BARACK.....	130
FIGURA 30: MOBILIDADE ESPACIAL NIARA.....	131
FIGURA 31: MOBILIDADE ESPACIAL ABAYOMI.....	132
FIGURA 32: MOBILIDADE ESPACIAL DAREN.....	134
FIGURA 33: MOBILIDADE ESPACIAL SHAKA.....	137
FIGURA 34: MOBILIDADE ESPACIAL SIRHAM.....	139
FIGURA 35: MOBILIDADE ESPACIAL LAURA.....	140
FIGURA 36: MOBILIDADE ESPACIAL MARIA.....	143
FIGURA 37: MOBILIDADE ESPACIAL MURILO.....	145
FIGURA 38: MOBILIDADE ESPACIAL PEDRO.....	146

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR COR/RAÇA.....	58
GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DE RENDA EM SANTA FELICIDADE.....	65
GRÁFICO 3: OS 10 BAIRROS QUE MAIS CRESCERAM EM CURITIBA (2000-2010). .	70
GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DE RENDA CAMPO DE SANTANA.....	70
GRÁFICO 5 - EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO NO IDEB.....	73
GRÁFICO 6: EVOLUÇÃO DA ESCOLA 1 NO IDEB.....	74
GRÁFICO 7: EVOLUÇÃO DA ESCOLA 2 NO IDEB.....	75

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS DA ESCOLA 1.....	86
QUADRO 2: IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS DA ESCOLA 2.....	87
QUADRO 3: ADAPTAÇÕES DA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES.	105

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: FREQUENCIA DOS TERMOS RACIAIS MAIS USADOS EM QUESTIONARIOS ABERTOS, POPULAÇÃO ADULTA URBANA – BRASIL, 1995.....	47
TABELA 2: EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE SEGURANÇA POR REGIONAL.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CBO – CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

COHAB - COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE CURITIBA

COUN – CONSELHO UNIVERSITÁRIO

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERNACIONAL DE ESTATÍSTICA

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

NEAB – NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

SIMARE – SISTEMA MUNICIPAL DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR DE CURITIBA

UFPR – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA

UNFPA – FUNDO DE POPULAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	INFÂNCIA, ESPAÇO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA CONSTRUÍDAS POR ESSA RELAÇÃO.....	31
2.1	INFÂNCIA.....	33
2.2	RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL.....	39
2.3	ESPAÇO E CIDADE.....	49
3	AS CRIANÇAS E AS INFÂNCIAS EM CURITIBA E NOS BAIRROS CAMPO DE SANTANA E SANTA FELICIDADE, CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PESQUISADOS.....	56
3.1	SANTA FELICIDADE.....	63
3.2	CAMPO DE SANTANA.....	68
3.3	PERFIL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CURITIBA SEGUNDO O IDEB.....	73
3.3.1	Caracterizando a ESCOLA 1 (SANTA FELICIDADE).....	75
3.3.2	Caracterizando a ESCOLA 2 (CAMPO DE SANTANA).....	79
4	CATEGORIAS E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA IDENTIFICADAS NO UNIVERSO PESQUISADO: ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO.....	81
4.1	ANÁLISE DAS CATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA SUBJETIVIDADE: MEDO E RACISMO.....	87
4.2	ANÁLISE DAS CATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA OBJETIVIDADE: MOBILIDADE ESPACIAL E SITUAÇÃO ECONÔMICA/CONSUMO.....	104
4.3	REDES DE INTERDEPENDÊNCIA, MOBILIDADE ESPACIAL E OS PERFIS INDIVIDUAIS DAS CRIANÇAS.....	109
	Perfil 1 – Crianças negras de Santa Felicidade.....	110
	Perfil 2 – Crianças brancas de Santa Felicidade.....	121
	Perfil 3 – Crianças negras do Campo de Santana.....	129
	Perfil 4 – Crianças brancas do Campo de Santana.....	140
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
	REFERÊNCIAS.....	153

ANEXO A - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO.....	161
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSAS.....	162

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as redes interdependência constituídas por crianças negras² e brancas, a partir de relações sociais que elas estabelecem no interior de seus bairros³ e em outros espaços da cidade de Curitiba, através do mapeamento dos espaços que elas frequentam e em suas vivências nesses espaços.

Os sujeitos dessa pesquisa são crianças de escolas da Rede Municipal de Educação de Curitiba e as conversas que compõem o material empírico foram realizadas nas instituições às quais elas estão vinculadas, mediante autorização dos pais, da Secretaria Municipal de Educação e principalmente das próprias crianças, atendendo as orientações éticas discutidas na área das ciências humanas e da educação.

O desenvolvimento desta dissertação pauta-se na perspectiva sociológica, que está na base da minha formação acadêmica como cientista social, com foco nas relações étnico-raciais⁴, tema com o qual manteve contato desde o ingresso na graduação como cotista racial, participante do projeto Afroatitude⁵ e bolsista do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A motivação para realização deste trabalho é resultante da inquietação produzida por uma das fontes utilizadas no texto da minha monografia de graduação, apresentada no ano de 2013 com título: *Políticas públicas de ação afirmativa: o impacto das cotas raciais na UFPR (2005-2012)*. A Resolução 37/04 do COUN-UFPR instituiu as normas para implementação do sistema de cotas na Universidade Federal do Paraná e estabeleceu que 20% das vagas do vestibular para ingresso no ano de 2005 deveriam ser ocupadas por estudantes negros e 20% por estudantes oriundos de escolas públicas, no entanto, no ano de 2005 apenas 11,9% das vagas reservadas para as cotas raciais foram ocupadas e em anos seguintes esse percentual não ultrapassou 7,1% (Porto et al., 2012). Dentre as diversas hipóteses colocadas para explicar essa situação, chamou-me a atenção a possibilidade de não ocupação do total de vagas pelo “distanciamento social e simbólico existente entre os jovens negros e a universidade” (MARÇAL, 2011).

2 Pautada na classificação racial utilizada pelo IBGE, o termo negro e suas variações correspondem a junção das categorias nas quais se incluem pessoas de cor preta e parda.

3 Da mesma forma que Tella (2009, p. 74) utilizarei a terminologia bairro, transcendendo a ideia de espaço administrativo, mas considerando-os como espaços de construção de “laços afetivos, solidariedade e de referências”

4 A escolha desse conceito será justificada no item 2.2.

5 O Programa Brasil Afroatitude, concedia bolsas de estudo aos alunos cotistas de 10 universidades públicas que ingressaram no ano de 2005. Eram 50 bolsas para cada universidade, financiadas pelo Ministério da Saúde, com duração de 2 anos. Para ter direito ao recebimento das bolsas os alunos desenvolviam atividades de extensão, pesquisa e monitoria sobre DST/ Aids, racismo e população negra.

Diante do exposto, refleti sobre as situações vivenciadas pelos jovens negros que dificultam o acesso à educação superior e uma das justificativas apresentadas por Marçal (2011) é a de que esse distanciamento é resultante do cumprimento parcial das normas da Resolução 37/04 COUN-UFPR que determinam a inclusão de jovens negros nas propagandas da instituição, ou seja, a falta de representatividade. Arrisco acrescentar que essa situação é acentuada pela desigualdade social que coloca a população negra como maioria entre os mais pobres do país, entretanto, ainda é necessário pensar na maneira como essa distância é construída, isso certamente, não está relacionado apenas a ausência de seus pares em divulgações dos vestibulares.

Ao iniciar minha trajetória como docente da disciplina de sociologia em escolas estaduais da região metropolitana de Curitiba, essa inquietação foi reforçada, afinal, a maioria das crianças e jovens estudantes das escolas onde eu lecionava sequer sabiam da existência da UFPR e os que sabiam não se achavam capazes de ingressar nessa instituição ou tinham que priorizar o trabalho devido a sua condição financeira. Novamente fui levada a pensar nessas distâncias sociais e simbólicas existentes na sociedade: como elas são construídas? Em que fase da vida do sujeito negro e/ou pobre ela inicia? Além da Universidade pública, em que outros espaços elas podem ser identificadas? Seguramente, não poderia responder a todas essas questões numa pesquisa de mestrado, contudo, essa seria a oportunidade perfeita para dar o meu primeiro passo.

Com base nesses questionamentos voltei o meu olhar para a infância, considerando que essa fase marca o início da vida social e da trajetória escolar do indivíduo. Por meio de conversas procurei perceber como as crianças circulam e vivenciam os espaços do bairro onde vivem e também da cidade e identificar as liberdades e restrições socioespaciais percebidas por elas, principalmente as que são causadas por desigualdades socioeconômicas e étnico-raciais.

A construção dessa pesquisa será fundamentada nos conceitos de infância, espaço e relações étnico-raciais vislumbrando a produção de uma análise que possua relevância social e teórica, uma vez que quase não existem pesquisas que relacionem tais conceitos. Além disso, darei ênfase à voz da criança que é fundamental para a perspectiva adotada, já que ela é vista como sujeito da pesquisa e não objeto, portanto será tratada como ator social, devido a sua possibilidade de significar e ressignificar a realidade a qual está inserida.

Uma das vertentes teóricas que dará subsídio a esta pesquisa é a sociologia da infância, cuja proposta permite pensar a autonomia das crianças enquanto atores sociais que constroem suas infâncias. De acordo com Abramowicz e Oliveira (2012), a sociologia da infância no Brasil começa a ser concebida a partir da década de 1990, seguindo a dinâmica europeia e americana, mas atendendo às especificidades do nosso país. Aqui, segundo as autoras, ela tem como princípio respeitar a exigência epistemológica de considerar as relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade

e classe social, pois esses recortes são indispensáveis para se pensar a criança e a infância como construções sociais e evitar a adoção de pressupostos genéricos, universais e colonialistas.

Para Abramowicz e Oliveira (2012), mesmo quando se estuda um grupo com características em comum, como faixa etária semelhante, por exemplo, a observação deve estar centrada em fatores de heterogeneidade, pois, no caso das crianças, estas se diferenciam dependendo dos espaços estruturais que participam.

Em consonância com essa perspectiva, Sarmiento (2002) afirma que as crianças participam da vida em sociedade de modo diferenciado, há dimensões estruturais que atravessam a categoria social da infância e delimitam, a cada ser social, uma “topografia complexa de relações”. Para o autor, relações de gênero, posição social das crianças, seu pertencimento étnico-racial ou inserção geográfica, são fundamentais para a construção de suas identidades sociais. Considerando esta observação, adota-se outra categoria de análise, a de espaço geográfico, cuja forma de ocupação, geralmente, está relacionada às desigualdades sociais, econômicas e étnico-raciais.

Para sanar a dificuldade metodológica de apreender essa multiplicidade de variáveis correlacionadas ao tema, optei por fundamentar essa pesquisa, principalmente, nos conceitos de redes de interdependência e Configurações Sociais. Escolher uma única vertente teórica entre as inúmeras possibilidades existentes foi uma das maiores dificuldades que encontrei, os conhecimentos prévios adquiridos na graduação em ciências sociais, assim como as leituras realizadas no decorrer do mestrado, a todo momento apontavam novas possibilidades. Os campos da sociologia e da antropologia, principalmente, oferecem uma gama autores e teorias que também poderiam explicar determinadas situações, mas não a totalidade da minha proposta.

A postura sociológica de Norbert Elias rompe com o pensamento positivista que permite a utilização de métodos estáticos das ciências naturais para explicar a sociedade. Portanto, seu pensamento é o mais adequado para esta análise que pretende observar as crianças e as relações construídas com outros seres humanos em diversos espaços e condições.

Por redes de interdependência compreende-se as relações estabelecidas entre os indivíduos e as diferentes configurações resultantes delas. Para Elias (1980), conceitos como família e escola, por exemplo, “referem-se essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, a configurações específicas que as pessoas formam umas com as outras” (ELIAS, 1980, p.13).

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. **São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes.** E é a

essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. (Elias, 1994 b, p. 18, grifos nossos)

À primeira vista, a definição de sociedade apresentada por Elias, pode ser considerada como uma contradição em comparação com a ideia colocada pela sociologia da infância, porém, é importante frisar que essa última considera a liberdade da criança dentro do contexto a qual ela está inserida. Quando a perspectiva brasileira afirma a necessidade de considerar o contexto social, de certa forma, reforça a importância das redes de relações das crianças na construção da sua identidade. Devido à importância desse conceito para o trabalho é importante esclarecer que adotei a perspectiva apresentada por George Mead que vê a identidade como fruto da relação com outras pessoas:

O ‘eu’ é a reação do organismo às atitudes dos outros; o ‘mim’ consiste na série organizada de atitudes dos outros que cada um assume. As atitudes dos outros constituem o ‘mim’ organizado e, logo, um reage frente a elas como um ‘eu’ (MEAD, 1992, p. 175).

Julgo adequado expor aqui a minha percepção dos conceitos de Norbert Elias e mostrar como fui convencida de sua força. Antes de tudo, é relevante comentar que o próprio autor considerava sua teoria como inacabada e passível de ser melhorada (ELIAS, 2000), é dessa maneira que adoto seu ponto de vista, de maneira crítica, tendo em conta suas limitações e mobilizando outros autores para complementar as análises. Elias (2000), analisa a dinâmica social de uma localidade chamada Winston Parva (nome fictício) a partir das redes de interdependência, mostrando que o conteúdo destas redes era repleto de “preconceito”. Tal desigualdade que predominava nas relações entre estabelecidos e *outsiders* só poderia ser compreendido através da configuração das redes de relações, que possibilitava a estigmatização de um grupo sobre o outro e possibilitava o desequilíbrio de poder sustentado pela ideia de antiguidade na região.

Por tratar-se de uma região relativamente homogênea (todas as famílias tinham a mesma renda, escolaridade, cor de pele), para Elias (2000) a identificação das figurações e redes de interdependência conseguiram explicar a persistência de desigualdade presente no convívio do grupo, o autor descobriu que um grupo estigmatizava o outro, construindo no outro a ideia de seu valor inferior e dos estabelecidos como aristocratas, de valor superior. Usavam fofocas depreciativas para os *outsiders* e elogiosas pra si, afastavam-se de lugares que estavam sendo frequentados pelos *outsiders*. Dessa forma, ele afirma: “Não é fácil entender a mecânica da estigmatização sem um exame mais rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros e, por conseguinte, de seu próprio status como membro desse grupo” (ELIAS, 2000, p. 25).

Outra obra em que o autor deixa evidente o método é Elias (1995), a investigação sobre a vida de Mozart mostra como a posição que ele ocupava na rede de interdependência da figuração do século XVIII, na Europa e suas tentativas de alteração de posição ao longo de sua trajetória de vida tiveram grande influência na sua insatisfação e ruína. Para o autor, essa percepção só foi possível porque além da sua história individual, foi analisada também a estrutura social da época:

Só dentro da estrutura social de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa como Mozart, envolvida por tal sociedade, era capaz de fazer enquanto indivíduo, e o que – não importa a sua força, grandeza ou singularidade – não era capaz de fazer. Só então, em suma, é possível entender as coerções inevitáveis que agiam sobre Mozart e como ele se comportou em relação a elas – se cedeu à sua pressão e foi assim influenciado em sua decisão musical, ou se tentou escapar ou mesmo se opor a elas. (ELIAS, 1995, p. 19).

O trecho apresentado acima, além de evidenciar a importância da estrutura social na condição do indivíduo, ao mesmo tempo reforça a elasticidade das redes ao considerar a possibilidade do artista se adequar ou resistir ao padrão imposto. A posição de Mozart exigia um enquadramento como cortesão que desde cedo foi-lhe ensinado pelo pai, mas, apesar disso, fica evidente sua inadequação às normas. Outro fato importante sobre essa obra é que o exercício de olhar atentamente para as redes de Mozart e considerar suas falas e cartas levou o autor a interpretar os sentimentos do sujeito, sua insegurança e carência afetiva:

Parece que em sua necessidade de amor, Mozart tornou-se inseguro desde cedo. Sua sensação de não ser amado foi confirmada seguidas vezes, em suas diversas experiências ao longo dos anos, e a intensidade de seu desejo insatisfeito de ser amado, perceptível como um desejo dominante em toda a sua vida, em grande parte determinou o que tinha ou não sentido para ele. (ELIAS, 1995, p. 71)

A insatisfação e o trânsito constante entre dois mundos distintos, o da pequena burguesia ao qual pertencia e o de cortesão aristocrático que acessava como artista, somavam-se à sua personalidade e hábitos sociais “descortês”, colocando-o, segundo Elias (1995), em uma “relação paradoxal com a sua obra”, o que teve grande influência em seu fracasso social. A sensibilidade do autor diante desse quadro o levou a enfatizar a importância de não se restringir à avaliação sociológica, mas levar em conta a condição psicológica do indivíduo no interior da rede. “O palco dos conflitos e tensões psicológicos individuais era ligado ao dos conflitos e tensões sociais” (ELIAS, 2000, P. 149). Portanto, apoiada nessa e em outras obras do autor, faço aqui um esforço de perceber os pormenores da rede e as situações que surgem da relação indivíduo – sociedade.

Já com relação ao conceito de Espaço, este será visto nessa pesquisa, como categoria fundante do social, seguindo a perspectiva apresentada por Remy (2015). Santos (1988) afirma que “O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável que participam, de um lado, certo

arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.” (SANTOS, 1988, p.10).

Assim, para refletir sobre as relações sociais da criança é importante situá-la no espaço. Além disso, um estudo fundamentado pela sociologia da infância no Brasil, precisa dar conta das desigualdades que caracterizam essa condição. Como apontam Abramowicz e Oliveira (2012), não há possibilidade de uma sociologia da infância brasileira que não considere a raça.

Neste sentido, vale sublinhar que a formação da sociedade brasileira, foi permeada por desigualdades raciais e sociais que prevaleceram e se fortaleceram ao longo do tempo. Apesar disso, questões relacionadas à diversidade, diferença e desigualdade sempre foram evitadas, prevalecendo uma cultura de subalternização das diferenças que sustentou o “mito da democracia racial”, termo utilizado por Florestan Fernandes em 1965 (FERNANDES, 2008), em resposta a Gilberto Freire (1963) que afirmou pela primeira vez, nestes termos, que havia no Brasil uma democracia racial, reforçando a crença disseminada desde a obra “Casa Grande e Senzala” de que existe igualdade e convivência pacífica entre as raças que formam o país.

Falarei mais sobre o mito da democracia racial no próximo capítulo, por ora basta ressaltar que essa postura de negação fez com que o país reproduzisse uma desigualdade latente que atingiu vários aspectos da vida social. Taborda (2009), aponta a persistente desigualdade em que está fundamentada a sociedade brasileira, afirmando a existência de desvantagem entre negros e brancos, já constatada em pesquisas, que abrange aspectos como: infraestrutura urbana e habitação, saúde, acesso à educação e justiça, mercado de trabalho e renda.

Segundo Andrade e Silveira (2013), há nas grandes cidades brasileiras diversas escalas de segregação socioespacial, sendo comum o padrão que concentra a maioria dos pobres nas periferias e os grupos de média e alta renda nas áreas centrais. Em São Paulo, por exemplo, as condições geográficas possibilitaram a adoção de políticas eugenistas que afastaram as populações pobres – dentre as quais boa parte negra – da região central, espalhando-as nas grandes periferias atuais, como mostra Silva (2006). Também é importante comentar que as populações negras e brancas tem muitos pontos de encontro, mas há espaços sociais definidos, criando no Brasil uma segregação que se difere da dos Estados Unidos, por exemplo, como mostra Telles (2004).

Nesses casos a distância social acaba sendo naturalizada pela distância física, definindo um lugar específico para cada grupo e reduzindo a incidência de conflitos. Por outro lado, tem sido cada vez mais comum a presença de favelas nas áreas centrais e grandes condomínios na periferia. Nestes casos a proximidade física faz emergir novos e importantes identificadores de distância social que podem ser físicos, em forma de grandes muros, ou sociais como a aparência física (ANDRADE e SILVEIRA, 2013).

Sobre essas configurações espaciais segregacionistas, Caldeira (2011) constata que uma das consequências do padrão centro/periferia é a diferença de investimentos e infraestrutura que na maioria das vezes são destinados às áreas centrais. Os grandes condomínios, para a autora, se enquadram no que ela denomina “enclaves fortificados” cujas principais características são a demarcação física e o isolamento proporcionado pelos grandes muros e grades, a rejeição à vida pública, os sistemas de segurança e guardas armados que fazem valer as regras de inclusão e exclusão, mantendo a seletividade do acesso a esses espaços.

No estado do Paraná, essa segregação foi reforçada ao longo de sua formação. A população negra não foi apenas relegada a determinados espaços físicos e sociais, foi também apagada da história, que enfatizou a contribuição dos imigrantes europeus e de sua cultura e omitiu os negros.

As pessoas das regiões Sul e Sudeste do Brasil mantinham a noção de que os brasileiros verdadeiros eram predominantemente brancos e valorizavam o fato de serem parte de uma nação europeia e não-mestiça. (TELLES, 2004, p. 7)

Segundo Lima (2011), os livros de história retratam o Paraná como uma terra na qual o tráfico negreiro não aconteceu de maneira tão intensa como no resto do país, no entanto, devido à ausência de dados, não se tem como saber a quantia exata de negros na região. Para Gutierrez (1987), entre os anos de 1798 e 1830 a proporção de escravizados no estado, era de um para cada cinco habitantes, com proporções maiores em cidades do litoral (principalmente em Antonina) e outras do planalto (principalmente Castro). A explicação pode estar no fato dessas vilas possuírem mais engenhocas de açúcar e fazendas de gado.

Para Ianni (1988), a pobreza dos senhores de terra da região de Curitiba nas fases iniciais não permitia a importação de africanos, sendo mais fácil e barato ter escravos indígenas e mestiços. “Somente nas fases mais produtivas das faisqueiras e lavras é que afluirão negros em maior número, pois que o seu patrimônio sociocultural permitia ajustamento mais rápido às condições técnicas e sociais das atividades mineradoras.”. (Ianni, 1988, p. 24).

O último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) mostrou que mais da metade do povo brasileiro (50,74%) se autodeclara como negro e 47,73% se autodeclara branca, enquanto em Curitiba, 78,88% da população se autodeclara branca. Os autodeclarados negros somam 19,64% (sendo 2,85% pretos e 16,79% pardos), esses percentuais estão diretamente relacionados à imagem construída, dentro e fora de Curitiba, de uma cidade branca e europeia. Essa imagem curitibana de soluções urbanas, ecológicas e união de povos e culturas (brancas) permeia o imaginário social da cidade e é tida como retrato da população urbana como um todo, entretanto, ela corresponde a espaços isolados da cidade, localizados nas regiões

próximas do centro e norte da cidade e que se distancia enormemente no sul, que não se reconhece nessa cidade idealizada. Assim, a escolha dos bairros para compor essa pesquisa se deu exatamente por essas características tão distintas.

Neste sentido, lança-se o seguinte problema de pesquisa: **Como a inserção em determinadas redes de interdependência influenciam na construção das identidades das crianças negras e brancas nos contextos específicos dos bairros Santa Felicidade e Campo de Santana e da cidade de Curitiba?**

Com relação à escolha dos dois bairros mencionados acima, ela se deu da seguinte maneira: a organização da administração municipal de Curitiba é feita a partir da divisão da cidade em dez regionais formadas por agrupamentos de bairros que estão localizados no mesmo território de abrangência, são elas: Boa Vista, Santa Felicidade, Matriz, CIC, Portão, Cajuru, Pinheirinho, Boqueirão, Bairro Novo e Tatuquara. De acordo com o site da Prefeitura, essa divisão possibilita a presença do governo municipal nos 75 bairros. Foram selecionadas regionais com condições históricas e demográficas contrastantes e dentro dessas regionais os bairros que mais se adequaram às expectativas da pesquisa, salientando que, o bairro não será visto como unidade administrativa, mas como espaço onde são construídos os laços sociais, afetivos e referências dos sujeitos, ele não se apresenta apenas como um cenário que abriga múltiplos processos, mas como “meio” que possui características próprias capazes de interferir na ação dos indivíduos (AUTHIER, 2006), “o bairro pode ter efeitos plurais e ambivalentes e pode constituir-se para os indivíduos, tanto um recurso quanto uma restrição” (AUTHIER, 2006, p. 208)

De acordo com a análise dos dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), disponível no *Estudo temático 2: Perfil demográfico e socioeconômico dos bairros agregados de Curitiba* publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2016) a região norte da cidade, conta com menor percentual de pessoas que se autodeclaram negras, enquanto a maioria está localizada na região sul, em bairros mais populosos e afastados da região central, confirmando a ótica apresentada por Teresa Pires do Rio Caldeira:

A segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. (Caldeira, 2011, p. 211)

Tendo em vista as características apresentadas, escolhi o Bairro Santa Felicidade na região norte de Curitiba e localizei a escola com menor percentual de crianças negras. Na região sul,

escolhi o bairro Campo de Santana e a escola do bairro com maior percentual de crianças negras. Os percentuais de crianças negras e brancas foram baseados nos dados coletados pelo Sistema Municipal de Avaliação do Rendimento Escolar de Curitiba (SIMARE), cujo foco é a avaliação dos estudantes matriculados no 4º, 6º e 8º anos em todas as escolas da rede municipal de ensino de Curitiba. Esse questionário foi aplicado uma única vez, mas é pertinente para a pesquisa por ter sido preenchido pelas próprias crianças durante a realização das provas, por isso, os dados de pertencimento racial, assim como as outras informações que não serão utilizadas aqui, são autodeclarações.

Os dados do SIMARE foram coletados em 2014⁶, com intuito de fazer o levantamento do perfil da escola e de seus agentes e relacionar ao desempenho dos estudantes. Além disso houve uma segunda fase de aplicação com objetivo de avaliar conhecimentos nas disciplinas de história, geografia e ciências de 22 mil estudantes.

Consegui acesso às planilhas em *.xls*, mediante encaminhamento de ofício para a Secretaria de Educação. De posse dos dados, filtrei em ordem crescente as colunas que apresentavam os dados de autoclassificação étnico-racial identificando as escolas com maior e menor número de crianças autoidentificadas negras. Dada a importância da categoria espaço para minha pesquisa, eliminei da lista, as escolas situadas na região central por, geralmente, agregar estudantes de lugares diversos cujas vivências fora do período escolar estão restritas a seus bairros de origem, além de apresentarem perfis muito diversificados que provavelmente dificultaria a identificação de categorias de análise.

Posteriormente, levando em consideração a história de formação dos bairros e a possibilidade da maioria das crianças ser moradora da região na qual a escola está localizada, escolhi uma escola com menor percentual de negros na região norte (ESCOLA 1)⁷ e a escola com maior percentual de negros na região sul (ESCOLA 2), que também corresponde a escola com maior percentual de crianças que se autodeclararam negras na cidade de Curitiba. Segundo os dados do SIMARE, na ESCOLA 1, 22,20% das crianças se auto declararam negras (7,70% pretas e 14,50% pardas) e na ESCOLA 2 o total de negros autodeclarados é de 68,22% (6,54% pretas e 61,68% pardas).

Assim, a escola selecionada na região norte, além de contar com um dos menores índices de crianças negras, está localizada na regional Santa felicidade, no bairro que dá nome a regional, antiga colônia de imigrantes italianos, trazidos pelas políticas de imigração⁸. De acordo com os

6 Os dados de 2014 são os únicos com as características descritas. Não houve aplicação dessa pesquisa em outros anos e seus resultados seguem as tendências do CENSO 2010.

7 Por questões éticas não identificarei as escolas.

8 Essas políticas serão contextualizadas e explicadas com maior detalhamento no capítulo 2.

dados do SIMARE, a escola que possui o maior percentual de negros em Curitiba está localizada na regional Tatuquara, mais especificamente no bairro Campo de Santana que também é apontado pelos dados do IBGE (2010) como um dos bairros com maior percentual de negros na cidade de Curitiba, por conta disso a segunda escola selecionada para a pesquisa foi desta região.

É importante destacar que a escola foi o local utilizado para facilitar o acesso às crianças, mas o foco do estudo seriam as relações sociais que ocorriam fora dela, no entanto, conforme fui avançando na pesquisa percebi que essa instituição é fundamental para se compreender como as relações sociais são estabelecidas pelas crianças. As escolas são os espaços do bairro onde as crianças passam a maior parte do tempo quando não estão em casa e sem a presença das pessoas que integram suas famílias, além de ser o local que proporciona diversos momentos de convívio entre as crianças, sem interferência de adultos.

A análise qualitativa se mostrou mais conveniente para a proposta, optei por ouvir o que a criança tem a dizer e perceber detalhes que não seriam detectados com a aplicação de um questionário fechado e uma análise quantitativa. Assim, foi realizado: Levantamento bibliográfico para assegurar a relevância do tema; Análise dos dados do SIMARE que tinham relevância para a pesquisa e de dados relevantes produzidos pelo IBGE (2010) e do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e conversas com roteiro semiestruturado e análise do material empírico composto por essas conversas realizadas no primeiro semestre de 2017 com 24 crianças, entre 9 e 11 anos, sendo 6 com fenótipo negro e 6 brancas⁹, em cada um dos bairros pesquisados, Campo de Santana na regional sul e Santa Felicidade, na Regional Norte.

O planejamento da pesquisa foi construído com base na experiência bem-sucedida do Grupo de Estudos sobre infância e cidade na realização da pesquisa intitulada “Vivendo a infância na cidade: redes de interdependência de crianças e processos de socialização em configurações urbanas” que nos anos de 2014 e 2015 aplicou questionários aos responsáveis pelas crianças de três escolas com perfis diferenciados em cada regional a fim de identificar aspectos da socialização espacial das crianças. A pesquisa abrangeu 14 bairros de 9 regionais, no período de pesquisa a Regional Tatuquara ainda não tinha sido desagregada da Regional Pinheirinho, totalizando 1064 questionários respondidos pelos pais das crianças de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Após aplicação dos questionários as pesquisadoras conversaram com 36 crianças inseridas nos contextos pesquisados.

Com relação à presente pesquisa, apesar de se ter dado início ao processo burocrático junto à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, no primeiro semestre de 2016, a inserção no campo só foi possível em março de 2017, devido a prazos e exigências que nem sempre estão

9 Classifiquei as crianças conforme seus traços, ou seja, a escolha inicial foi feita a partir da heteroclassificação.

adequados ao tempo disponível para realização do trabalho de campo e ao tipo de metodologia definida inicialmente. Por conta disso, em diversos momentos foi preciso repensar escolhas e procedimentos metodológicos.

Emitida a autorização do Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, fiz contato com as escolas e agendei conversas com as diretoras e professoras responsáveis pelas turmas para explicar a pesquisa, combinar o envio de bilhetes solicitando autorização dos pais e momentos que fossem adequados para conversar com as crianças sem interferências drásticas em seu cotidiano escolar. Ao todo foram 4 visitas, em cada escola, a primeira delas foi para entrega de documentos de autorização para realização da pesquisa, a segunda aplicação de desenhos e escolha das crianças e nas duas últimas foram realizadas as conversas, todos os encontros foram realizados no primeiro semestre de 2017.

Precisei de um momento com a turma para selecionar as crianças que seriam ouvidas. Para possibilitar esse primeiro contato, com a autorização da professora regente, tomei um tempo da aula de cada turma (uma de 4º e uma de 5º ano, em cada escola) me apresentei e pedi que cada criança fizesse um desenho que representasse seus espaços preferidos ou os que elas mais frequentavam na cidade ou no bairro. Enquanto elas faziam os desenhos eu circulei pelas salas de aula e conversei, perguntei sobre os desenhos, os locais que elas conheciam, como elas viam o bairro.

Tentei, a partir do fenótipo, identificar a mesma quantidade de crianças negras e brancas para responder às questões da pesquisa, ou seja, fiz uma heteroclassificação com base em traços físicos como cor da pele, formato do rosto e tipo de cabelo, sem perder de vista as discussões sobre as questões étnico-raciais no Brasil.

A classificação racial no Brasil é muito complexa e opera com diferentes formas de classificação, diversas vezes de forma concomitante. Neste sentido:

A classificação racial depende, portanto, muito do sistema utilizado. Além disso, depende de quem está classificando, ou seja, se a pessoa está se autotransclassificando ou se foi classificada por terceiros. Ademais, entre esses terceiros, pode haver diferentes classificações de um mesmo indivíduo, podendo variar conforme a situação. Desta forma, a classificação racial no Brasil está longe de ser uma ciência exata. (TELLES, 2003, p. 72)

Nesse mesmo sentido, Silva (1994), afirma que a identidade racial no Brasil não se restringe a características fenotípicas, mas está ligada também, as características socioeconômicas, logo a noção de raça vem acompanhada de um significado social, em parte isso explica o porquê de muitas pessoas recusarem uma identidade negra.

A classificação racial apareceu como um elemento importante, já que na sociedade brasileira é considerado um continuum de cores que geralmente está relacionado à maior ou menor

quantidade de melanina na pele. Apesar de ter classificado as crianças tendo como parâmetro as categorias colocadas pelo IBGE, a utilização de pergunta aberta trouxe respostas e autodeclarações que divergiram da minha identificação, como discutirei mais detalhadamente no decorrer desse trabalho, principalmente no capítulo 2.

Partes das conversas serão trazidas antes do capítulo destinado à análise dos dados empíricos como forma de já introduzir o leitor a algumas questões importantes que ligam o referencial teórico às falas das crianças. Saliento ainda, sobre os sujeitos, que por questões éticas, os nomes das crianças foram substituídos. Optei por registrar nomes de origem africana para as crianças negras e nomes comuns no Brasil para as crianças brancas.

Na ESCOLA 1, o primeiro contato com as crianças ocorreu no dia 5 de abril, quando solicitei os desenhos. Desde a primeira visita chamou-me a atenção o grande número de mulheres loiras de olhos claros que integram o corpo docente e a parte administrativa da escola, nas 4 visitas realizadas, tive contato com apenas duas pessoas que não se enquadravam nesse padrão. Na sala de aula não era muito diferente, classifiquei apenas uma das crianças como preta, as outras crianças negras que participaram da pesquisa eram pardas e seguindo a noção de classificação racial discutida por Telles (2003), Fazzi (2006), Silva (1994), em outros contextos poderiam ser lidas como brancas. Além disso, percebi que principalmente na turma de 4º ano a minha presença gerou grande incômodo na professora que tentava o tempo todo manter as crianças sentadas e quietas cobrando disciplina.

Todas as crianças estudam no período matutino numa turma de 4º e outra de 5º ano. A média de idade das crianças que participaram da pesquisa nessa escola é de 9 anos, foram 6 meninos (3 brancos e 3 negros) e 6 meninas (3 brancas e 3 negras) de cada turma.

A primeira conversa foi realizada no dia 11 de abril de 2017 com as crianças da turma do 5º ano na biblioteca da escola e, apesar de algumas interferências foi bem tranquilo, situação que não se repetiu no dia seguinte. Em 12 de abril de 2017 conversei com as crianças do 4º ano, nesse dia a escola estava sendo visitada por uma equipe da administração municipal, havia uma tensão no ar, não tinha lugar disponível para as conversas, depois de aguardar muito tempo, a pedagoga sugeriu que eu utilizasse a sala dela, tive que apressar as conversas, as gravações ficaram ruins e tiveram muitas interrupções.

A abordagem aos estudantes da ESCOLA 2, foi realizada da mesma maneira que na ESCOLA 1, conversei com 6 meninas (2 negras) e 6 meninos (4 negros), todos estudam no período da manhã com idades entre 9 e 11 anos.

O primeiro contato com as crianças da ESCOLA 2, foi realizado no dia 17 de maio de 2017, quando usei parte da aula para pedir que as crianças fizessem um desenho representando os

locais preferidos ou que elas iam com maior frequência. Nessa escola, apenas duas crianças não tiveram autorização dos pais para participar da pesquisa, uma delas estava ausente nesse dia, três crianças optaram por não participar, coincidentemente ou não, eram dois meninos negros e uma menina branca, apenas a menina não tinha autorização dos pais. Nessa turma a cobrança por disciplina também era evidente, enquanto circulava pela sala uma das crianças se levantou e ficou em frente ao quadro, quando perguntei o motivo ela disse que tinha que marcar o nome de quem estava saindo do lugar e fazendo bagunça.

Andei pela sala e conversei com todas as crianças enquanto elas desenhavam, os dois meninos que não queriam participar sentavam próximos e ficaram conversando. Percebi que falavam sobre jogos eletrônicos e entrei na conversa, eles me falaram sobre seus jogos favoritos e por sorte eu conhecia alguns e pude prolongar o assunto. Quando percebi que tinha ganhado a confiança dos meninos perguntei o motivo de não participarem da pesquisa, disseram que não gostavam muito de sair, preferiam ficar em casa jogando, então sugeri que desenhassem os jogos preferidos e eles aceitaram.

Ainda no dia 17 de maio, após o intervalo me dirigi à sala do 5º ano, todas as crianças quiseram participar e muitas delas desenharam e falaram sobre o Paço da Liberdade, disseram que foram até lá várias vezes em passeios da escola, depois a professora, mulher negra moradora do bairro, muito receptiva e interessada na pesquisa, me explicou que participou de um projeto e as crianças que já tinham sido alunas dela em 2014 foram três vezes ao Paço da Liberdade.

Na visita seguinte, dia 31 de maio de 2017, conversei individualmente com as crianças do 4º ano. A última visita aconteceu no dia 02 de junho, quando realizei as conversas com as crianças do 5º ano, finalizada esta fase fiz a transcrição das conversas e parti para a análise e construção das redes das crianças.

2. INFÂNCIA, ESPAÇO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIA CONSTRUÍDAS POR ESSA RELAÇÃO

A relação entre os conceitos de infância, espaço e relações étnico-raciais proposta nessa pesquisa serve de base para a identificação das redes de interdependência construídas pelas crianças a partir das relações sociais que elas estabelecem e na influência dessas relações na construção de suas identidades.

Logo, para compreender as relações que as crianças estabelecem entre si e com outros atores sociais, num local específico, é necessário identificar as estruturas que existem nas figurações e as relações de interdependência que são construídas nesse espaço. Essa ação depende de um

conhecimento mínimo da teoria que se pretende utilizar, por isso buscou-se através das obras de Elias compreender como ela foi empregada em suas análises e que pontos podem ser úteis para a pesquisa proposta, considerando que os rumos da pesquisa podem ser alterados conforme necessidade do objeto.

De acordo com Renato Janine Ribeiro que fez o prefácio do livro “O processo civilizador” (ELIAS, 2011), esta obra foi a primeira, dentro da ciência social, a investigar o que parecia irrelevante e questionar várias verdades aceitas, depois dela o estudo da história, da psicologia e da sociologia não podem ser os mesmos. A análise empreendida por Elias (2011) evidencia a relação entre estrutura social, estrutura psíquica e estrutura histórica, fundamentais para a compreensão do surgimento da sociedade moderna, provando a impossibilidade de separação entre indivíduo e sociedade. O autor discute as mudanças ocorridas a partir da internalização dos hábitos, mas não retrata o indivíduo como mero repetidor das ações de outras pessoas. Elias prefere pensar a “liberdade” de cada indivíduo como inscrita na cadeia de interdependência que o liga aos outros homens e que limita o que lhe é possível decidir ou fazer (ELIAS, 2001, p. 13).

Para Elias (1994, p. 27) os indivíduos nascem diferentes, as crianças se transformam em um ser mais complexo na relação com outros seres humanos. Somente ao crescer num grupo a criança internaliza as normas e regras sociais, desenvolve sagacidade e controle dos instintos. Apesar disso, o processo civilizador analisado pelo autor, mostra claramente a existência de uma padronização de hábitos e comportamentos que moldam o indivíduo para a vida em sociedade impondo processos que refletem nas configurações das infâncias. Segundo Elias (1994, p. 28), “o recém-nascido é o esboço de uma pessoa”, as relações que a criança vai estabelecer no decorrer da vida são determinadas pela estrutura da sociedade em que ela nasce e que já existia antes dela.

Esse processo ocorre na infância quando a criança passa por uma modelagem social que vai transformá-la num ser mais individualizado e complexo (ELIAS, 1994 p. 31). Segundo o autor, a compreensão da sociedade só é possível quando ela é imaginada como uma sociedade de indivíduos que já foram crianças e que um dia vão morrer:

A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é ‘sociedade’. A sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena. (Elias, 1994, p. 30)

Dessa forma, fica evidenciada a importância da criança como sujeito de pesquisa e dos significados que elas atribuem às relações que estabelecem entre si e com os adultos nos diversos contextos e espaços sociais.

2.1. INFÂNCIA

As crianças sempre estiveram presentes nas pesquisas realizadas pelas ciências sociais, entretanto não eram seu objeto central; na maioria das vezes eram vistas como seres incompletos ou em socialização, sem legitimidade para a pesquisa científica (BEGNAMI, 2010). A exemplo disso, Pinto (1997) menciona a teoria da tábula rasa, proposta por Jhon Locke em 1693, na qual o ser humano recém-nascido era considerado uma superfície de cera flexível. Os adultos, poderiam escrever nela, aquilo que consideravam necessário para o seu desenvolvimento.

Influenciado pelas ideias de Locke, Jean Jacques Rousseau (1999), também considerava importante a influência dos adultos sobre as crianças, todavia, para ele, essa influência deveria ser limitada para que a criança aprendesse a resolver seus próprios problemas. Enquanto Locke descrevia os adultos como responsáveis por orientar as crianças a deixarem de ser o que eram para tornarem-se adultos, para Rousseau, a educação deveria “assegurar a manutenção da *‘inocência e da espontaneidade infantil’*” (PINTO, 1997, p. 41).

Begnami (2010) questiona o pensamento de Émile Durkheim (2013) que considerava a criança como um ser não preparado para a vida social, dependente da imposição das gerações adultas e das instituições, principalmente as educacionais, para tornarem-se adultos. A função da educação era posta como forma de socialização na qual a criança assimilaria ideias e valores de pertencimento ao grupo social.

Essa ótica relega à criança uma condição de incapacidade e total dependência, uma visão de criança como “o que não fala (infans), o que não tem luz (a-luno), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não tem responsabilidade parental ou judicial, o que carece da razão”. (SARMENTO, 2003, p. 53). Contudo, os estudos focados na criança contradizem essas concepções; Sarmento (2005), mostra que as crianças desde bebês conseguem se comunicar com linguagens específicas, se adaptam a diversas tarefas diárias em casa ou na escola. Elas vivenciam a sociedade de maneira diferente dos adultos. Produzem suas próprias culturas e negociam suas existências com outros grupos que formam a sociedade (LOPES, 2013, p.77).

Begnami (2010) questiona os estudos brasileiros realizados por Florestan Fernandes e Schaden (1976), sobre educação das crianças indígenas, dizendo que demonstram que as crianças são tratadas de forma semelhante àquela proposta por Durkheim, pois as crianças são vistas como socialmente imaturas e a infância como fase de transição para tornarem-se seres sociais a partir da socialização com os adultos. Apesar dessa crítica, há autores que consideram o trabalho de Florestan Fernandes, especialmente a obra “Trocinhas infantis do Bom retiro”, como grande contribuição da sociologia, por reconhecer a criança como agente de socialização ao estudar um

período no qual a rua era compreendida como lugar privilegiado da infância, além da família e da escola (QUINTEIRO, 2002).

As mudanças no olhar sobre a criança, são remetidas ao período compreendido entre o final do século XVII e início do século XVIII, quando a ideia moderna de autonomia da infância começa a fazer sentido, alterando a visão da Idade Média, quando as crianças eram consideradas adultos em miniatura (ÀRIES, 1978).

De acordo com Pinto e Sarmento (1997), as investigações tradicionais sobre a infância estavam associadas aos campos médicos, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia. Apesar de existirem indícios de pressupostos que apontam para a necessidade de um campo teórico dedicado à criança e à infância desde 1920, a sociologia da infância surge na Europa somente na década de 1990.

A mudança na forma de observar as crianças apenas como reflexo dos adultos é atribuída por Elias (2012), ao “descobrimento da criança” e ao Ano internacional da criança, celebrado em 1979, pela Organização das Nações Unidas (ONU). A partir daí há cobranças de um tratamento diferenciado, porém, é identificado também, um certo incômodo dos pais diante da paixão pelas necessidades infantis, que dificultam a compreensão desse processo.

Apesar disso, o autor acredita que os pais contribuem para o processo civilizador individual vivido pelas crianças para alcançarem o nível adulto e já não veem apenas como “má vontade”, “desobediência” ou “má-criação” o fato das crianças fazerem aquilo que é proibido para os adultos. Ele afirma que as crianças passam por dificuldades para conviverem em sociedades que ele chama de complexas e nada infantis como as nossas, sociedades essas que precisam descobrir a criança.

Descobrir a criança, para Elias (2012), significa reconhecer sua autonomia relativa e deixar de considerá-las como adultos pequenos. Ele considera importante para a criança ter seus direitos reconhecidos, mas identifica dificuldades na garantia desses direitos e às atribui ao fato das crianças formarem um grupo com características diferenciadas, definidas pela idade, que as coloca numa situação de dependência em relação aos adultos, que lhes impõem um processo social civilizador.

A partir da aprovação da Convenção dos direitos da criança pela ONU, vários países atentaram para os direitos fundamentais da infância, porém, sua aplicação prática foi insuficiente. Além de não apresentar melhorias na condição de vida das crianças, continuaram aumentando os índices causadores de sua inferiorização, como pertencentes ao grupo etário que tem as condições de vida mais afetadas pela pobreza e por situações de opressão. Para Pinto e Sarmento (1997) esse é um dos paradoxos que marcam a posição ocupada pela criança na sociedade.

Além disso, as instituições sociais cumprem o papel de limitar as ações e comportamentos das crianças. Elas são colocadas no centro das decisões políticas e econômicas, os adultos elogiam sua espontaneidade, mas as decisões são sempre tomadas sem considerar os possíveis efeitos nas suas vidas ou o que elas pensam sobre tais políticas.

Sarmiento (2005) afirma que a infância é uma categoria social do tipo geracional, por meio da qual são evidenciados os constrangimentos e possibilidades da estrutura social. Portanto, a sociologia da infância deve considerar geração como categoria estrutural relevante na análise dos “processos de estratificação social e na construção das relações sociais”.

Com base no conceito de geração denotado na obra de Karl Mannheim, Sarmiento (2002) o descreve como: “um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. (SARMENTO, 2002, p. 364).

Não há consenso a respeito do limite etário que determina se uma pessoa é ou não criança, o início e o fim da infância são discutíveis, a Convenção dos direitos da criança considera como limite 18 anos. Em outras situações, o fim da infância também pode ser marcado pela possibilidade de ingressar no mercado de trabalho ou responder judicialmente por um crime.

O início e o fim da infância, enquanto categoria social, pode variar em relação ao contexto, espaço e tempo em que está colocada, portanto, ser criança pode mudar de acordo com a sociedade, a cultura ou até mesmo dentro da mesma família. A infância passa a ser vista como categoria social, passível de análise nas suas relações com a ação e a estrutura social e as crianças passam a ser compreendidas como atores sociais, participantes do seu mundo e da sociedade que pertencem, e não como sujeitos passivos subordinados às estruturas e processos sociais.

Esse contexto possibilitou a emergência da sociologia da infância, a partir do questionamento dos estudos anteriores que se omitem de escutar a criança. Fui convencida da importância dessa perspectiva com as leituras realizadas para fundamentação teórica desse trabalho e a ida a campo corroborou a minha escolha, somente aplicando questionários aos pais não teria coletado dados tão substanciais.

Logo no início da pesquisa pude localizar essa criança autônoma que aparecia nos textos, por isso decidi antecipar algumas partes das conversas, que serão mais bem detalhadas na quarta parte desse trabalho, como forma de começar a trazer a voz das crianças em diálogo com os referenciais teóricos da pesquisa. Começo, portanto, pelo trecho da conversa com Alike, uma menina negra, de 10 anos, moradora de Santa Felicidade:

Marcia – Qual é a tua religião?

Alika – Católica, meus pais já frequentam, meus irmãos também, **mas eu sou um pouquinho mais praticante, eu sou coroinha e meus irmãos não foram, aí eu faço a quaresma, meus pais não fazem. Eu vou e é um pouquinho mais aprofundado** porque eu fiquei mais tempo na catequese, meus irmãos começaram com nove e eu comecei com oito. (Alika, 10 anos, negritos da pesquisadora)

Este trecho, embora não queira entrar em discussões religiosas, mostra justamente essa autonomia a que me referi, não é por ser criança que ela passa o tempo todo repetindo o comportamento dos pais ou irmãos mais velhos. Segundo ela, sua dedicação à religião é maior do que a do resto da família. Assim como Alika, outras crianças evidenciaram essa autonomia em suas falas, em diferentes momentos, o que também não exclui a existência de outras formas de comportamento que ocorrem por influência das relações sociais que elas constituem. Inclusive, a justificativa para a sua dedicação está relacionada ao tempo que ela frequenta a igreja e possivelmente tem influência das redes construídas nesse espaço.

Os estudos brasileiros sobre a infância ainda são muito recentes e pouco disseminados. Apesar de já terem campos bem estabelecidos no âmbito das ciências sociais, segundo Nascimento (2015), as principais produções sobre o tema são realizadas pela educação a partir da perspectiva da sociologia da infância e, pela antropologia da infância.

Os conceitos de sociologia da infância, no Brasil, são utilizados por grupos de estudos sobre educação infantil, comumente vinculados a programas de pós-graduação em educação (NASCIMENTO, 2015), enquanto a antropologia da infância está consolidada, principalmente, nos estudos sobre crianças indígenas (BEGNAMI, 2010).

Como visto anteriormente, Abramovicz e Oliveira (2009) comentam que, aproveitando o movimento europeu e americano, o Brasil propõe uma sociologia da infância com características próprias que são importantes para satisfazer a necessidade epistemológica de pensar a criança e sua infância como construção social, principalmente quando ela está inserida num contexto comprovadamente desigual, como é o caso do Brasil.

O racismo incansavelmente denunciado pelo movimento social negro consubstanciou-se a partir da década de 90 em números incontestáveis. Quando todos são pobres, incidem sobre a criança negra desempenhos escolares inferiores. Sobre a mulher negra, sua renda é inferior em relação às mulheres brancas na mesma profissão. O homem negro recebe menos que o homem branco, há diferenças de escolaridade etc. (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2011, P. 50)

Segundo as autoras, os níveis de desigualdade da população brasileira, principalmente em relação a raça/cor, revelam a imensa desvantagem entre brancos e negros em diversas circunstâncias, como por exemplo: renda, trabalho, profissão e escolaridade.

Para compreender como é construída a infância no contexto analisado é necessário observar a criança e as múltiplas relações sociais que ela estabelece, identificando suas estruturas familiares, a inserção nas diversas instituições e a socialização advinda desse processo.

A complexidade da sociedade atual insere a criança em diversas teias e redes de relações que não podem ser contempladas com uma visão limitada, como a colocada por teorias mais conservadoras citadas anteriormente. As mudanças nas configurações da sociedade, nas relações de trabalho e na concepção do tempo e do espaço alteraram aquilo que antes era visto como socialização primária e se restringia ao ambiente familiar.

Portanto, essa pesquisa será pautada na observação das crianças como sujeitos plurais (LAHIRE, 2002) que estão em permanente construção através da socialização. Para Barbosa (2007, p. 1065) a socialização é vista como “um processo contínuo de inserção cultural” e a cultura como “construção de significados, partilhados por outros ou não, sustentados em práticas da vida individual e social”.

Partindo dessa relação entre infância e cultura torna-se indispensável entender as culturas da infância. Para Corsaro (2002), as crianças constroem seus mundos sociais quando se comunicam e interagem com outras pessoas, elas apreendem criativamente informações do mundo adulto e as utilizam para construir a sua respectiva cultura de pares.

Pinto e Sarmiento (1997), rejeitam a concepção de “cultura da infância” no singular por não atender ao caráter plural dos sistemas simbólicos. A compreensão da diversidade do universo infantil e pluralidade de seus sistemas de valores, crenças e representações sociais não se enquadram numa definição singular.

Logo, a proposta colocada por esta pesquisa, assemelha-se à dos autores citados, consiste em analisar as culturas da infância, considerando que sua existência não se limita ao universo simbólico da infância, mas é permeado pelas relações sociais que elas estabelecem em seus espaços de vivência. A interpretação das culturas das infâncias é realizada com uma abordagem que engloba as condições de vida e a forma como as crianças compartilham e dão sentido às suas ações.

As crianças diferenciam-se conforme sua condição de vida e a construção das suas identidades é perpassada pelos lugares que elas ocupam na estrutura social, como classe social, raça/etnia, gênero e cultura. (PINTO e SARMENTO, 1997, p. 23).

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são evidenciadas no discurso das crianças (PINTO e SARMENTO, 1997, p. 25).

Para Barbosa (2007), as identidades pessoais e sociais das crianças são construídas a partir da interação com outras crianças ou com os adultos. Elas se inserem no mundo observando cotidianamente as atividades dos adultos, sintetizando e interpretando por conta própria. Para a autora, as “culturas da infância” não são independentes das culturas adultas, dos meios de comunicação de massa, apenas se estruturam de forma diferenciada (p. 1067).

Pensar as culturas da infância, para Barbosa (2007), implica em pensar a produção cultural que é destinada às crianças. Ela acredita que o capitalismo e a globalização fazem com que as crianças sejam consumidoras, mesmo antes de nascerem (2007, p. 1067). Para exemplificar essa afirmação segue um trecho da conversa com Chentai, uma menina negra de 11 anos, moradora de Santa Felicidade:

Quando eu vou no Shopping, aí eu gosto de ficar olhando as roupas, por que eu sei que... olha mãe... não... ‘olha tia que bonito!’, daí ela... [risos]... daí ela vai lá e compra pra mim. (Chentai, 11 anos)

A fala de Chentai mostra a predisposição para o consumo e como a menina articula uma estratégia para atingir seu objetivo. A cultura assimilada e produzida pelas crianças vem da convivência com outras pessoas (família, escola, amigos etc.), mas também das redes, videogames, personagens midiáticos, ao mesmo tempo e no mesmo espaço social. Suas experiências vão se somando ou convivem paralelamente de forma fragmentada (BARBOSA, 2007, P. 1069). A seguir alguns trechos das conversas realizadas com Alike, que já apareceu anteriormente, e Benício, um menino de 9 anos morador de Santa Felicidade em que pode-se ver esse convívio fragmentado que envolve tanto as redes quanto o convívio social.

Marcia – O que você faz quando está em casa?

Alike – **Assisto TV, mexo no celular, atualizo meu status...**

Marcia – Status do que?

Alike – **Do meu what’s app**

Marcia – Você tem facebook também?

Alike – **tenho, e instagram também**

Marcia – Você gosta de redes sociais?

Alike – **Eu quase não tenho jogo no meu celular por causa das redes sociais.**

Marcia – O que você mais gosta de fazer no teu tempo livre?

Alike – **Gosto de escrever pro meu blog.**

Marcia – Ah! Você tem um blog?

Alike – Tenho, só que ele não tem muitos seguidores porque eu não posto muita coisa que as vezes eu tenho muita lição pra fazer, eu gosto também de assistir filme, assistir série e gosto também de dança e desenhar. (Alike, 10 anos, grifos nossos)

Marcia – O que você foi fazer no Rio de Janeiro?

Benício – **É... meu irmão queria ir pra conhecer o amigo dele, é que ele jogava on-line com o amigo dele, ele disse que o amigo dele morava no Rio de Janeiro, né? Daí nós fomos pra lá.**

Marcia -E conheceu o amigo dele?
 Benício -Aham. Bem legal ele.
 Marcia -E você joga on-line também?
 Benício -Jogo. (Benício, 10 anos, grifos nossos)

As falas de Benício e Alike sugerem a assimilação de cultura pela tecnologia e a interferência de produtos tecnológicos nas relações sociais, confirmando a perspectiva da autora. Além disso, a tecnologia possibilita a ampliação das redes de interdependência, no caso de Alike através dos perfis nas redes sociais e no caso de Benício, o jogo possibilitou uma viagem a outro estado e o contato com outras pessoas que não fazem parte da sua convivência cotidiana.

2.2. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL

Acredito que a raiz das desigualdades raciais foi plantada na formação do Brasil e inúmeros fatos históricos poderiam ser citados para mostrar essa origem, porém para essa pesquisa que tem foco na contemporaneidade das relações étnico-raciais, em vez de um levantamento histórico detalhado optei por resgatar alguns fatos importantes, principalmente do período pós escravagistas que possam justificar as configurações sociais que possibilitaram a manutenção dessas desigualdades ao longo do tempo. Ademais, saliento que essa situação foi sustentada pela omissão do Estado, e neste sentido, para Rosenberg (2005) mesmo com toda a luta empreendida pelo Movimento Negro, principalmente no campo da educação, a postura alheia dessa instituição não permitiu grandes mudanças.

Primordialmente, trago algumas considerações sobre a perspectiva sociológica de raça e alguns de seus desdobramentos. Guimarães (2003) acredita que o conceito de raça é fundamental para compreender sociedade e precisa ser discutido. Trata-se de um conceito rejeitado pela biologia que afirma a existência de apenas uma raça, a humana, contudo, raça existe e é um conceito importante no sentido sociológico. A perspectiva biológica é tida como insuficiente para explicar o que acontece na sociedade brasileira, o foco nas diferenças biológicas e fenotípicas dos seres humanos desviaria a atenção do “caráter racista das distinções de cor” desconsiderando a forma como essa situação é construída social e culturalmente (GUIMARÃES, 1995, p. 28).

Diferentemente de outras culturas, como a norte-americana, por exemplo, no Brasil a regra de uma gota de sangue definir o pertencimento racial não é válida, portanto, “a ‘cor’ no Brasil funciona como uma imagem figurada da ‘raça’” (GUIMARÃES, 1995, p. 33). Para Silva et. al (2004), no Brasil, a compreensão do termo raça perpassa as tensões produzidas nas relações sociais

entre negros e brancos e é usualmente utilizada para informar características físicas que definem o lugar social do sujeito na sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do **termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana**, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática. (BRASIL, 2004, p. 13, grifos nossos)

Portanto, justifico, a partir desses autores, o uso da terminologia relações étnico-raciais, alicerçada no pressuposto de que além dos traços fenotípicos, a ancestralidade africana tem um papel importante nas tensões que existem nas relações entre negros e brancos no nosso país. Isso ocorre devido à ideologia preexistente que atribui um significado à cor das pessoas, portanto, “[...] raça é signo e, como tal, depende de contextos definidos e delimitados para obter significação definida como aquilo que é socialmente relevante. Estes contextos são localizados e profundamente afetados pelos processos históricos de cada nação.” (SEGATO, 2005, p. 6).

A imagem de uma sociedade formada por pessoas vindas de diversas partes do mundo, que é motivo de orgulho para o país, não poderia ser maculada com a manutenção explícita de preconceitos associados à origem dos indivíduos. Assim, “a nação permitiu que uma penumbra cúmplice encobrisse ancestralidades desconfortáveis, mas a ordem escravocrata, no entanto, fora apenas substituída por outra ordem hierárquica. A ‘cor’ passou a ser uma marca de origem, um código cifrado para ‘raça’” (GUIMARÃES, 1995, p.34), dessa forma, a partir da perspectiva apresentada, considerarei uma equivalência entre raça e cor.

Os brasileiros, frequentemente, preferem a noção de cor ao invés da de raça, porque este termo capta melhor a fluidez das relações raciais. Mesmo assim, a noção de cor dos brasileiros é equivalente ao conceito de raça, pois está associada à ideologia racial que hierarquiza as pessoas de cores diferentes. Independentemente do uso do conceito de cor ou raça, as pessoas são tipicamente racializadas e a percepção de seu status depende de sua categorização racial ou de cor. (Telles, 2004, p. 180)

A ênfase na ideia de miscigenação foi uma das principais características das relações étnico-raciais no Brasil e a principal responsável por mascarar a desigualdade latente que, até hoje, impacta intensamente a população negra. A abolição não trouxe aos negros a liberdade que lhes era devida, os recém-libertos tiveram que enfrentar muita resistência para serem aceitos no convívio social com homens e mulheres livres, tiveram muitas dificuldades e poucas opções de sobrevivência, todavia, essa situação foi ignorada e dissimulada para não comprometer a imagem construída do país como “paraíso da democracia racial”.

De acordo com Taborda et al. (2003), as massas de ex-escravizados libertos foram largadas à própria sorte. Concomitantemente com a abolição, houve intensificação dos processos migratórios europeus, objetivando atender a demanda da produção cafeeira e dificultando o acesso dos negros às atividades artesanais fabris e industriais que poderiam integrá-los à sociedade. Dessa forma, foram posicionados à margem dos processos políticos e econômicos do país (SILVA e ARAÚJO, 2005, p. 66).

Em 1933, é publicado o livro *Casa Grande e Senzala* (1933) que foi traduzido para diversas línguas e premiado dentro e fora do país. Na obra, a miscigenação é colocada como responsável pela relação pacífica entre negros, brancos e indígenas no país, corroborando com a crença na ausência de conflitos, tensões e desigualdades étnico-raciais.

Freyre e seus seguidores acreditavam que a desigualdade racial existente era um produto tanto da escravidão dos negros quanto de sua adesão a valores culturais tradicionais, prevendo o seu desaparecimento em pouco tempo. Para eles, as diferenças raciais eram fluidas e condicionadas pela classe social e a discriminação era moderada e praticamente irrelevante. (TELLES, 2012, p. 6)

A visão colocada por Freyre (1933), que posteriormente ficou conhecida como “democracia racial”, teve ampla influência no imaginário social brasileiro e suas consequências existem ainda hoje. “Ironicamente, a visão antirracista de Freyre sobre a miscigenação ficou atrelada à ideia de branqueamento desenvolvida na geração anterior” (TELLES, 2012, p. 27). Nas décadas de 1920 e 1930, o ideal de branqueamento é fortalecido e percebido pelas elites nacionais de forma positiva, já que aparentemente a população estaria cada vez mais branca. As “práticas eugênicas” vigentes entre 1920 e 1950, foram utilizadas para deslocar os negros dos centros urbanos direcionando-os para áreas com pouca ou nenhuma urbanização (CUNHA JR., 2007, p. 66).

O censo de 1890 mostrava que 56% da população era formada por negros, no entanto, a política de imigração europeia aumentou consideravelmente a população branca e em 1940 os negros somavam 35,8% da população brasileira, número que não sofreu alterações significativas nas duas décadas seguintes. A nova configuração da sociedade brasileira estabelecia papéis, os brancos como descendentes de europeus, mesmo que fossem miseráveis, ocupavam as melhores posições na sociedade escravocrata podendo, inclusive, se recusar a fazer “serviço de negro”. O momento histórico era marcado pela transição do lugar ocupado pelo negro na sociedade, que passa da posição de escravizado a trabalhador assalariado, mas tem as oportunidades reduzidas pela concorrência com imigrantes (TELLES, 2012).

Em meio a total ausência de políticas voltadas para a população negra livre, surgem iniciativas como o incentivo a imigração, fundamentadas na ideologia do branqueamento que

desloca a população negra livre para colocações subalternas no mercado de trabalho. Mesmo antes da abolição já existiam medidas que excluía a população negra e restringiam seu acesso à terra e à educação (THEODORO et al., 2008). Podemos tomar como exemplo a Lei 601 de 18 de setembro de 1850, conhecida como “Lei de terras” que regulamentava o acesso à terra, atribuindo legitimidade de posse apenas em caso de herança, compra, venda ou doação do Estado e, além disso, corroborava com a colonização, incentivando a imigração de europeus pobres para trabalhar nas lavouras brasileiras (BRASIL, 1850).

A educação era vista como uma forma de ascensão social, porém, o acesso do negro à educação no Brasil foi dificultado pelo próprio sistema. Algumas das leis vigentes no século XIX reforçavam essa situação. O artigo 6º da Constituição de 1854, por exemplo, determinava a destinação exclusiva das escolas de primeiras letras aos cidadãos brasileiros vetando a presença de escravizados e a Reforma Couto Ferraz (BRASIL, 1854), datada do mesmo ano, determinava a obrigatoriedade da oferta de ensino primário para crianças até sete anos e gratuidade de escolas primárias e secundárias da Corte, excluindo crianças com moléstias contagiosas e escravizadas, além de não ter nenhuma previsão de educação para adultos (SOUZA, 2007, p. 34). Durante o século XIX, não houve a mínima preocupação com a criação de políticas que dessem aos negros, acesso à educação, desde então foram poucas as mudanças nessa área, embora essa seja uma das pautas mais relevantes dos movimentos sociais.

Ainda para ilustrar a afirmação anterior, Silva e Araújo (2005) ao pesquisarem a educação do negro em São Paulo, afirmam que o alcance às escolas estava ligado a disputas entre oligarquias e o acesso à educação era determinado pela posição social das classes paulistas. As escolas públicas eram utilizadas pelas famílias que estavam no poder como meio de garantir essa posição, dando livre acesso aos seus filhos e limitando o acesso das camadas mais populares como forma de controlá-las. Os filhos de imigrantes normalmente frequentavam escolas particulares ou, se a família não tivesse condições financeiras, ficavam fora da escola.

Para os negros a situação ficava um pouco pior já que além da barreira econômica, ainda existia o preconceito racial. Alguns poucos negros conseguiram uma posição melhor por meio da aprendizagem de técnicas básicas de escrita e leitura ou ofícios específicos que possibilitavam algum ganho. Em sua pesquisa sobre a política social e racial no Brasil no período compreendido entre 1917 e 1945, Dávila (2006) afirma que a realidade escolar da época não possibilitava a convivência entre ricos e pobres, situação que tinha como consequência o convívio reduzido entre brancos e negros. Segundo esse autor “o sistema educacional constrói uma distância estrutural que torna o conforto dos brancos possível, embora em algumas raras ocasiões ele entregue um diploma de branco a um aluno de escola pública.” (DÁVILA, 2006, p.360).

O desenvolvimento industrial que começava entre o fim do século XIX e início do XX exigiu a formação de profissionais qualificados para atender a demanda de mão de obra do mercado, dando origem ao ensino popular e profissionalizante e criando-se novas escolas tanto nos espaços urbanos quanto rurais com o intuito único de preparar as pessoas para o mercado. Em 1909, o Decreto 7556 (BRASIL, 1909) do Presidente Nilo Peçanha determina a criação das escolas profissionalizantes, cuja função principal era preparar os filhos dos trabalhadores para suprir a necessidade de uma mão de obra interna qualificada.

Mesmo com todas as mudanças sociais que eclodiram na época e as necessidades do mercado, os negros ainda não conseguiram ter livre acesso à educação formal, porém os poucos representantes desse grupo que lograram êxito formaram uma nova classe social independente e escolarizada que começou a organizar-se e deu origem aos Movimentos Negros¹⁰ que ainda hoje são responsáveis pelas maiores conquistas em prol da população negra. A atuação desses movimentos, deu visibilidade aos problemas gerados pelas desigualdades raciais existentes no Brasil e apontou a necessidade de debater e apresentar soluções.

Essa discussão demorou para acessar outros espaços, no âmbito acadêmico, a oposição mais intensa e significativa à ideia de democracia racial surge entre os anos 1940 e 1950, quando um grupo de sociólogos da Universidade de São Paulo (USP), liderados por Florestan Fernandes e Roger Bastide realiza um estudo, encomendado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), das relações étnico-raciais em São Paulo, Otavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso participaram dos estudos com a realização de pesquisas na região sul do país. Como o mundo ainda sofria as consequências do racismo e genocídio praticados na Segunda Guerra Mundial, a Unesco tinha a expectativa de desvendar o “segredo da harmonia racial brasileira”, porém a conclusão da pesquisa não atendeu às expectativas, pelo contrário, constatou que a sociedade brasileira é racista (TELLES, 2012).

O estudo dos intelectuais da USP contestou a ideia de democracia racial no Brasil ao ponto de ser vista como mito, como já comentei na introdução desse trabalho. Por efeito dessa publicação as relações étnico-raciais começam a ser vistas sob outra ótica no Brasil, contudo, como afirma Telles (2004), nas academias norte-americanas, alguns dos elementos da democracia racial foram mantidos até a década de 1970. Em 1990 perde o apoio popular e das elites, mas ainda tem muitos resquícios no discurso atual. Outra informação importante trazida pelo autor é que durante o

10 O Movimento Negro foi o primeiro movimento social do Brasil, buscou igualdade de direitos e acesso à educação para os negros libertos proporcionando-lhes condições de participar ativamente da sociedade. Destacaram-se a Frente Negra Brasileira (FNB), o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Movimento Negro Unificado (MNU).

Regime Militar (1965-1988), teve um período em que não foi possível produzir pesquisas sobre as relações étnico-raciais no Brasil devido à repressão:

Em 1962, Gilberto Freyre havia se autoproclamado defensor do patriotismo brasileiro e da presença crescente de militares no governo. Naquele ano, Freyre empregou pela primeira vez o termo democracia racial, que viria a defender com fervor. O conceito de democracia racial chegaria a seu ápice como dogma no governo militar entre 1964 e 1985, também o período de maior crescimento econômico do Brasil. O governo militar transformou a doutrina de Freyre em um princípio incontestável da nação brasileira. A crença na democracia racial foi confirmada em 1977 pelo presidente do Congresso Nacional, logo antes de a instituição ser fechada pelo presidente-general Ernesto Geisel. (TELLES, 2012, p. 31)

O ressurgimento desse tipo de pesquisa tem como marco, de acordo com Telles (2004), a complementação da dissertação de Carlos Hasenbalg para o Ph.D. na Universidade de Berkeley, na Califórnia, em 1978. A contribuição de Hasenbalg para discussões brasileiras sobre as desigualdades econômicas e raciais precisa ser destacada. Com uma vasta produção individual e em conjunto com outros autores, principalmente com Nelson do Valle Silva com o qual produziu uma série de estudos sobre as desigualdades raciais pautados em dados estatísticos de educação, renda, ocupação e mortalidade infantil, no decorrer dos anos 1980, foram reduzidas ainda mais as dúvidas sobre o tema no mundo acadêmico (TELLES, 2012).

Telles (2012) faz uma discussão com base no levantamento de dados de pertencimento racial do IBGE ao longo dos anos, mostrando que ela reflete a durabilidade da valorização da miscigenação do Brasil, principalmente entre os anos de 1940 e 1991. Em tal período mostra-se o aumento da população que se autodeclara parda e a diminuição do número de pessoas brancas e pretas. Em parte, isso aconteceu por conta da forma como questionário foi elaborado, mas suas conclusões apontam para um enraizamento das teorias de branqueamento (que visavam eliminar os negros da sociedade como se fosse um problema) e da democracia racial, principalmente desta última que via a miscigenação como solução para o racismo.

Sobre este mesmo assunto Dávila (2006) diz que após a 2ª Guerra Mundial, as teorias eugenistas perderam força no Brasil dando lugar à ideia de uma “raça brasileira”, que para o autor, foi reforçada após publicação de uma reportagem em dezembro de 2000, pela Revista Veja, na qual pesquisadores concluíram, com a análise do perfil genético, que somos o país da miscigenação e que existem brancos que são geneticamente negros e vice-versa (DÁVILA, 2006 p. 356).

Em 2000, os brancos ainda eram maioria, no entanto em 2010, os negros aparecem como 50,7% da população brasileira, entre os que se autodeclararam pretos há um aumento de 1,39%, e de 4,6% entre os autodeclarados pardos, em relação ao censo de 2000, esse aumento é muito significativo, reflete as mudanças culturais ocasionadas pela ampliação dos debates acerca das

desigualdades raciais. Cunha (2011, p.3) atribui o aumento sistemático da população que se autodeclara negra a “um processo de conscientização da importância de assumir sua própria identidade”.

Telles (2004), reforça que na década de 1990 foi dado um grande passo para a superação dessas teorias, o reconhecimento da existência de racismo por parte do Estado Brasileiro e o reconhecimento da legitimidade do tema no campo das ciências trouxeram a possibilidade de mudanças nessa situação com o surgimento de políticas, ainda que tímidas, e a intensificação da produção de estudos acadêmicos sobre raça.

Diante desse histórico demorou para que se ampliasse os espaços para debater o tema, contudo as discussões sobre relações raciais no Brasil ganharam muita força nos últimos anos, principalmente após a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrida entre 31 de agosto e 07 de setembro de 2001, evento promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e realizado em Durban, na África do Sul.

A preparação para a participação na Conferência exigiu uma série de ações que foram responsáveis por fomentar os debates sobre desigualdade racial por todo o país. Os dados apresentados no evento foram alarmantes e fizeram com que o país assumisse a responsabilidade de criar mecanismos de combate às desigualdades raciais em todo o país, possibilitando o surgimento de novas ações e políticas que dessem conta desse objetivo, dentre as quais pode-se destacar a Lei 10.639/03.

A Lei 10.639/03 representa um grande avanço no tratamento das questões raciais no Brasil, ela altera a Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases), tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, sua implementação tem o objetivo de desconstruir estereótipos e proporcionar a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras como forma de combater as desigualdades (BRASIL, 2003). A sanção das leis, assim como o aumento do número de pessoas que se reconhecem como negros, acompanham as mudanças nas formas de ver e valorizar as culturas afro-brasileiras e africanas no Brasil que têm conquistado mais espaços de debate na sociedade, mas ainda têm muito o que evoluir.

Ainda sobre a Conferência de Durban, é importante destacar que resultou na elaboração da Declaração da Conferência Mundial e do Programa de Ação em âmbito mundial com intuito de cobrar dos Estados e da sociedade civil ações de prevenção, combate e correção das desigualdades identificadas, em relação ao tema deste trabalho, o documento propõe ao Estado, no item 102, a criação de políticas e planos de ação concretos:

Insta os Estados a promoverem a integração residencial de todos os membros da sociedade na fase de planejamento de esquemas de desenvolvimento urbano e outros assentamentos humanos, bem como renovando as áreas negligenciadas de moradia pública com o intuito de se deter a marginalização e a exclusão social. (UNFPA BRASIL, 2018)

Portanto, mostra que a preocupação com os reflexos do racismo nas configurações espaciais urbanas estava presente nesse documento que marcou o debate mundial sobre as questões étnico-raciais e está prestes a completar 17 anos, confirma a pertinência dessa pesquisa e sua importância ao apontar a permanência de problemas já identificados e ausência de ações políticas voltadas para a sua solução.

Um olhar sobre dados estatísticos atuais pode mostrar o quão longe estamos de uma sociedade justa e igualitária. São inúmeras as situações que evidenciam as desigualdades entre negros e brancos no Brasil. De acordo com pesquisa realizada no ano de 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), 76% das pessoas mais pobres do país são negros, a taxa de analfabetismo entre os negros (11,5%) é mais de duas vezes maior que entre os brancos (5,2%), negros tem renda 40% menor que a dos brancos e 71,4% das vítimas de violência no país são negras. Esses são apenas alguns exemplos que ilustram essa realidade.

A exclusão social é tida como particularmente apropriada para descrever a sociedade brasileira porque um terço dos brasileiros vive na pobreza, e a maioria não é branca. A exclusão dos negros tem se tornado, então, uma importante contra-ideologia da interpretação positiva dada à mistura racial. (Telles, 2012, p. 4)

Durante muito tempo as desigualdades raciais foram observadas como questão de classe, diluindo as questões étnico-raciais, no entanto, para Silva (1994), não há dúvidas de que essas desigualdades resultam de diferenças de oportunidades de vida e de formas de tratamento peculiares a grupos raciais específicos. Dessa forma, dadas essas informações gerais sobre a condição do negro na sociedade brasileira, passo agora a discutir a influência dessas características na construção das identidades.

Atribuindo a importância que é devida à base teórica desse trabalho, entendo que para utilizar o conceito de redes de interdependência é necessário situar o indivíduo, no meu caso as crianças, na estrutura social levando em conta toda a complexidade que envolve a construção de uma identidade num contexto urbano, como mostra Sansone (1996):

Acrescente-se que, sobretudo num contexto urbano, no qual as redes de contato tendem a uma maior complexidade e heterogeneidade, a identidade negra, como outras identidades étnicas, se redefine, em relação a outras identidades sociais importantes, baseadas na classe, no gênero, no lugar de moradia e na faixa etária. Tudo isso produz um sistema absolutamente dinâmico, com regras sujeitas a mudanças, onde o conflito de interesses

fortalece um certo ecletismo e as ‘normas somáticas’ (o tipo físico e a ‘aparência’ preferidos são mais elásticas do que é normalmente assumido. (SANSONE, 1996, p. 166).

Posto isto, retomo este debate com o intuito de mostrar sua influência na construção da identidade do indivíduo. Devido a utilização de dados do IBGE (2010), da Prefeitura Municipal de Curitiba e de outros institutos de pesquisa, dei início a esse trabalho considerando as categorias de definição racial proposta pelo IBGE, como já citei em outro momento, apesar disso, fui impelida a discutir outras categorias a partir das respostas recebidas quando perguntei a cor/raça das as crianças utilizando uma pergunta aberta.

De acordo com Sansone (1996) uma das dificuldades encontradas na classificação racial no Brasil existe como consequência de três sistemas de classificação diferentes que vigoram no país e caracterizam o indivíduo num *continuum* de cores que vão do branco ao negro, com categorias e concepções de raça variadas, uma delas é a do IBGE, que inclui brancos, pardos e pretos no *continuum*, a classificação do movimento negro que abarca apenas os termos negro e branco que no contexto brasileiro pode ser considerada estigmatizante.

Como forma de exemplificar essa situação, Telles (2012) lembra que o censo de 1976 é um dos mais comentados por ter recebido mais de 135 termos como resposta sobre a cor utilizando uma pergunta aberta, ainda para discutir esse tema, o autor utiliza as respostas de uma pesquisa nacional aplicada pelo Instituto Data folha em 1995, que teve mais de 100 termos diferentes como resposta a uma pergunta aberta. Mas chama a atenção o fato de 97% das respostas (excluindo as que se identificaram como indígenas ou asiáticas) utilizarem 7 termos com maior frequência, com destaque para o termo moreno com 32%, que somado à categoria moreno claro engloba 38% do total. conforme consta na tabela a seguir:

TABELA 1: FREQUENCIA DOS TERMOS RACIAIS MAIS USADOS EM QUESTIONARIOS ABERTOS, POPULAÇÃO ADULTA URBANA – BRASIL, 1995¹¹

	<i>Percentual</i>	<i>Percentual Cumulativo</i>
Branco	42	42
Moreno	32	74
Pardo	7	81
Moreno Claro	6	87
Preto	5	92
Negro	3	95
Claro	2	97
Outros*	3	100
Total	100	-

FONTE: Adaptado de TELLES (2012, p. 68)

11 Utilizei o mesmo título que o autor para nomear a tabela.

Essa mesma característica é evidenciada na pesquisa de Sansone (1996) realizada em regiões com alto percentual de pessoas negras e a maioria se autodeclara morena. O problema da categoria moreno em nosso país está no fato de ser muito ampla e ambígua e estender-se a qualquer tonalidade de cor, inclusive pessoas negras, podendo ser utilizada como forma de reduzir as diferenças raciais e acentuar a “brasilidade comum”, aderindo às ideias de Gilberto Freyre que definia o termo como a mistura entre negros, indígenas e europeus, que formava uma identidade exclusivamente brasileira (Telles, 2012).

As respostas sobre a cor são influenciadas tanto pela preferência somática quanto pelos discursos da democracia racial e da celebração da mestiçagem. As relações de amizade, assim como o medo de ofender, podem levar a classificar a família da vizinha com um termo considerado positivo – sobretudo, o moreno em lugar do preto, e mista ou misturada em lugar de exclusivamente branca ou negra. (Sansone, 1996).

Percebe-se aqui que a reincidência da categoria moreno está relacionada à maneira como as relações raciais foram construídas no Brasil e pode ser vista como herança da cultura de exaltação da mestiçagem ou um eufemismo, utilizado para substituir o preto ou negro que carregam uma conotação negativa. Para Sansone (1996) a popularidade da categoria moreno faz com que, até mesmo pessoas brancas, a utilizem para se autoclassificar. Para Hasenbalg (1979) a valorização de categorias intermediárias é tida como forma de desmobilizar a política racial e como prática racista por implicar na ideia de “quanto mais branco melhor”.

Sansone (1996) chama a atenção para a subjetividade da categoria cor usando como exemplo o fato de nas suas entrevistas com a mesma família, por exemplo, o pai identificar o filho como moreno e a mãe como preto, assim como, uma pessoa mobilizar diferentes formas de autoclassificação durante a mesma entrevista como forma de definir sua posição em relação ao pesquisador ou outras pessoas que estiverem presentes, mostrando submissão, autoridade, igualdade, amizade etc.

Diante disso, o pesquisador afirma que somente no fim da pesquisa quando fica evidente sua postura “anti-racista” os entrevistados sentem-se à vontade para se autodeclararem negros, “ou seja, naquela situação dizer-se negro pode ser socialmente conveniente.” (SANSONE, 1996, p.177).

O termo com que uma as pessoas indicam a própria cor pode indicar uma particular posição social e postura cultural e, sobretudo ao classificar os outros, não se refere exclusivamente ao aspecto físico, mas também à ‘aparência’ mais em geral, que é constituída pelos modos de vida (‘o jeito’), nível escolar, renda, estilo (cabelo, roupa, carro) e até simpatia ou antipatia que nutre pela pessoa em questão. De qualquer forma, a condição de preto, pobre e até discriminado racialmente não leva de forma direta a autoidentificação como negro. Do contrário haveria muito mais gente que se autodeclararia negro. Evidentemente, ‘tornar-se’ negro precisa de algo mais – por exemplo, ser jovem e/ou mais escolarizado – e é fruto de um processo complexo. (SANSONE, 1996, P. 179)

Assim, mais uma vez, fica nítida a dificuldade de assumir uma identidade negra e se sujeitar ao estigma decorrente dessa atitude, também há uma ampla e importante discussão sobre a relação da identidade racial com as questões econômicas, que não será abordada nesse momento, mas retomarei algumas questões relevantes no decorrer do trabalho.

2.3 ESPAÇO E CIDADE

O interesse por pesquisas que levem em consideração a importância das categorias espaço, território, lugar, bairro e cidade têm se ampliado e ultrapassado os limites da geografia. Atualmente existem estudos nas diversas áreas do conhecimento que adotam essas perspectivas, portanto, propõe-se com esta pesquisa a apreensão dos conceitos a partir de um debate multidisciplinar, levando em conta a contribuição de diferentes campos teóricos (especialmente a educação, a sociologia, a antropologia e a geografia). É importante ressaltar que não faz parte dos objetivos desse trabalho esgotar as discussões sobre os conceitos, mas situá-los quanto ao contexto da pesquisa e usá-los para sustentar as análises aqui apresentadas.

Lefèbvre (2000) afirma que a preocupação com o espaço é recente, antes das atenções se voltarem para o tema, o espaço estava relacionado apenas a conceitos geométricos e era pensado exclusivamente pela ciência matemática. Essa visão não contempla as indagações postas por esta pesquisa. A interpretação da realidade social a que estão submetidos os sujeitos desta pesquisa está apoiada na apreensão da forma como eles utilizam e ocupam seus espaços de vivência e das relações estabelecidas dentro deles. Simmel (1997) é trazido para esta discussão para mostrar o quanto as mudanças espaciais interferem na vida dos indivíduos. Ele analisa as formas de adaptação num espaço com características de grande metrópole moderna, observando que estratégias são utilizadas pelos cidadãos para lidar com valores considerados fundamentais para a sociedade, como individualidade, autonomia e liberdade e como essas mudanças fluem num espaço que altera significativamente a forma de vida das pessoas. A dinâmica das cidades, o convívio social, a oposição entre público e privado e a relação com o tempo foram completamente modificadas em função do surgimento do sistema capitalista.

Para compreender a atualidade é necessário recorrer à história para identificar como iniciaram as alterações que culminaram na organização social vigente. O final do século XIX e início do século XX foram marcados pelo avanço tecnológico constante, que possibilitou um aumento significativo na produção de bens e serviços, além de uma revolução nos sistemas de transporte e comunicação. As cidades sofrem um crescimento rápido e excessivo em detrimento da população agrícola que migra para as metrópoles em busca de oportunidades. Simmel (1997) é um dos críticos das transformações ocorridas em decorrência do capitalismo e da consequente densidade populacional das cidades europeias do século XIX. Ele atribui a essas mudanças bruscas a produção de um determinado perfil ou certas características que são específicas desse tipo de

sociedade, considerando que a individualidade produzida por esse meio tem como consequência a intensificação da vida nervosa.

Ao contrário das cidades pequenas, nas quais o tempo tem a tendência de se movimentar mais lentamente, a base psicológica das grandes metrópoles está associada a um tempo acelerado, a um gasto superior de energia psíquica e sentimentos, que se sobrepõe ao intelecto e a racionalidade. As pessoas vivem num grau de tensão máximo por terem a obrigação de estar constantemente atentas e mobilizam um conjunto de energias que impossibilita a manutenção do ritmo de vida ao qual estavam acostumadas anteriormente.

O choque sofrido frente a tanta diferença transforma a mente das pessoas, faz com que elas tenham uma consciência mais elevada e aprendam a pensar em vez de sentir, canalizando todas as energias para o intelecto. Abandonar a sensibilidade é o preço que se paga para conseguir viver numa metrópole. Solidariedade e individualidade se manifestam de maneira diferente do usual nas grandes metrópoles, são pessoas diferentes com interesses próprios distintos (SIMMEL, 1997).

Sobre essas sociedades que surgem com a urbanização, Elias (2012) diz que, a complexidade da convivência entre indivíduos nas sociedades urbanas industrializadas, implica na inserção de cada pessoa numa rede de largas e diferenciadas cadeias de interdependências, que exige de um indivíduo adulto, alta previsibilidade e contenção de impulsos momentâneos para o alcance de objetivos. A maneira como esse controle acontece não é natural, para o autor, ele se desenvolve durante o crescimento da criança e no convívio com outros indivíduos, o que proporciona um processo civilizador individual, que regula os afetos e pulsões em consonância com a sociedade. Dessa forma, a vida numa sociedade urbana, pressupõe um modo de ser e de se comportar que é apreendido através de um “processo civilizador”, que pode ser comparado ao autocontrole que Simmel (1997), descreve como necessário para a vida nas metrópoles.

Após apresentar uma série de perspectivas e conceituações sobre o espaço numa multiplicidade de campos, Lefèbvre (2000) destaca a importância de um conceito mais amplo, afirmando que apesar de existirem conhecimentos imprescindíveis produzidos na antiguidade, a interpretação sobre a “*Cité* antiga” não pode estar limitada a um conjunto de pessoas e coisas ocupando o mesmo espaço. É preciso considerar suas configurações específicas, sua prática social, com um estudo que atente para sua forma e origem, “seu tempo ou seus tempos específicos (os ritmos da vida cotidiana), com seus centros e seu policentrismo (a ágora, o templo, o estádio etc.)”. (LEFÈBVRE, 2000, p. 34). A análise de Simmel (1997), de certa forma, se equipara à proposta por Lefèbvre (2000), o detalhamento das mudanças relacionadas ao tempo e ao espaço é utilizado como explicativo para alterações de comportamento psíquico e social dos indivíduos.

O trabalho de Simmel (1997), mostra-se importante para evidenciar as relações entre as mudanças geográficas, econômicas e sociais, e as suas consequências nos indivíduos, além de descrever um momento histórico significativo. Esta questão é também retomada por Lefèbvre (2000), Santos (1988) e Dietzsch (2006), por exemplo, em suas discussões sobre espaço, território, lugar e cidade. Voltando a Simmel, a cidade moderna alimenta-se quase completamente da produção para o mercado, para fregueses desconhecidos que nunca se encontrarão com os produtores, isso demonstra o predomínio da impessoalidade nas relações que se estabelecem vinculadas ao modo de produção, pela divisão social do trabalho e também por uma interação motivada exclusivamente por interesses monetários egoístas. O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil (SIMMEL, 1997).

Os estímulos nervosos produzidos pelo turbilhão de acontecimentos e mudanças da vida nas cidades grandes são responsáveis pela “incapacidade, que assim se origina, de reagir à aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada, é precisamente aquele caráter *Blasé*...” (SIMMEL, 1997, p.581). O caráter *blasé* pode ser explicado como a falta de reação diante da distinção das coisas, não que não seja percebida, mas como se fosse atribuído um sentido nulo. É a maneira de acomodar os nervos diante da forma de vida na sociedade, é uma forma de autoconservação cujo preço a pagar é a desvalorização do mundo objetivo. As pessoas se reservam diante das outras, como garantia de uma espécie de liberdade, suas opções são se reprimir, recalcar ou construir um olhar *blasé*. A individualização promovida na metrópole é diferente da que ocorre no campo, pois, para se isolar no interior é preciso se afastar das pessoas, já nas grandes metrópoles são milhões de pessoas no mesmo espaço, cada uma com sua individualidade.

A interpretação das culturas e comportamentos dos indivíduos a partir da sua inserção num espaço específico, das relações sociais estabelecidas nesse espaço e da possibilidade de acesso a determinados equipamentos exige uma fundamentação conceitual, portanto, a continuidade desta pesquisa se dará com a apresentação de conceitos-chave para sua execução. Raffestin (1993) alerta sobre as confusões criadas nas análises empreendidas por alguns geógrafos, devido ao uso descuidado dos termos. Para o autor o conceito de território tem como base a noção de espaço, que é anterior a ele.

A transformação do espaço em território acontece a partir da ação de um ator social que se apropria dele, de forma concreta ou abstrata, estabelecendo uma relação de dependência. Saquet (2009) diz que a geografia deixa claro que espaço e território não compartilham o mesmo significado, e que os conceitos assumem diferentes sentidos em conformidade com cada abordagem e concepção. Geralmente o espaço geográfico ocupa uma posição absoluta na geografia brasileira, marcando presença, junto ao tempo, na “formação de cada lugar” (SAQUET, 2009, p.76).

Saquet e E. Sposito (2009) atestam a existência de uma rivalidade entre os conceitos de espaço e território, quando um geógrafo precisa escolher qual deles servirá como ferramenta principal para compreensão do mundo. Tais conceitos têm servido também para fundamentar estudos que buscam interpretar os acontecimentos sociais “a partir das tendências de circulação das pessoas, das informações e dos bens, que geram mobilidade, fluidez, instabilidade e imponderabilidade que, articuladas entre si, produzem a complexidade que nos cerca” (SPOSITO, 2009, p. 7).

Segundo Santos (1988), o território se apresenta de forma dinâmica, assumindo variadas formas de organização dos espaços em diferentes momentos. O autor ainda afirma que muitas mudanças aconteceram e continuam acontecendo atendendo às demandas da produção, esse pensamento colocado pelo autor se aproxima da lógica marxista apresentada por Lefèbvre (2000), cuja noção de espaço está centrada na relação com a produção.

Em consonância com esses autores, Raffestin (1993), define o território como espaço que recebeu a projeção de um trabalho e, em reação a isso, manifesta relações marcadas pelo poder. “O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p.2).

Para explicar a noção de espaço, Machado (1997) faz analogia com uma folha de papel em branco, definindo-o como local onde é colocada a ação humana e o trabalho do geógrafo. Dessa forma, o espaço se transforma em território a partir da intervenção humana. “O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.” (SANTOS, 1988, p. 73).

Os conceitos diferenciam-se entre si, mas mantêm pontos de convergência, por conta disso é importante apresentar suas concepções. Os espaços analisados por essa pesquisa são bairros. Neste sentido, “uma região ou um bairro são, enquanto tais, espaços definidos, basicamente, por identidades e intersubjetividades compartilhadas; são, portanto, ‘lugares’, espaços vividos e percebidos” (SOUZA, 2009, p. 60).

No entanto, essa não é uma definição fechada, existem outras formas de enxergar um bairro ou região. Souza (2008) alega que devido ao reconhecimento como unidades espaciais formais pelo aparelho de Estado, aos regionalismos e bairrismos ou mesmo por possuir movimentos sociais que exercem forte pressão contrária à força estatal, um bairro ou região podem ser territórios, podendo inclusive, ser avaliados com base no exercício do poder, mesmo não sendo o método mais indicado para esse tipo de recorte espacial.

A partir da contribuição de Souza (2008), bairro e região ganham a conotação de lugares, logo torna-se importante entender esse termo. Para o autor, lugar é utilizado para definir o “espaço

vivido e dotado de significado e simbolismo” (SOUZA, 2008, p. 58). Augé (1994), utiliza o termo “lugar antropológico” ao qual define como:

Construção concreta e simbólica do espaço que não poderia por si só dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles aos quais ela atribui uma colocação, por humilde ou modesta que seja. (Augé, 1994, p. 46).

Augé aponta três características que são comuns aos lugares antropológicos, são identitários, relacionais e históricos. A identidade individual do sujeito é constituída pelo lugar de nascimento, pois a configuração espacial (residência, praças públicas ou outros recortes territoriais) reflete em escolhas, orientações e impedimentos assentados no tempo espacial e social.

Um mesmo lugar pode abrigar diferenças e singularidades sem excluir relações de coexistência e identidade partilhada que assegura aos elementos “a ocupação do lugar comum” (AUGÉ, 1994, p.48). A afirmação do autor é justificada a partir da ideia de uma criança que passa períodos na casa da mãe, outros com o pai ou outros familiares, a forma como ela circula por essas residências e as relações estabelecidas a posicionam numa configuração agrupada da qual sua inscrição no solo é compartilhada com outros.

O lugar antropológico é histórico por reproduzir a história daqueles que habitam o espaço. Ainda segundo o mesmo autor:

O estatuto intelectual do lugar antropológico é ambíguo. Não é senão a ideia, parcialmente materializada, que aqueles que o habitam fazem da sua relação com o território, com os que lhe são próximos e com os outros (AUGÉ, 1994, p. 50).

Não há como falar de lugar sem falar de cidade. Dietzsch (2006) diz que a cidade é um lugar que deve ser do cidadão que a habita. Ela traz ainda, a necessidade de observar e ouvir a cidade, sob diferentes pontos de vista, dar ouvidos a todas as vozes em seus diversos espaços. A cidade extrapola o sentido geográfico, não pode ser resumida a um mapa ou paisagem, segundo a autora, um olhar mais ampliado mostra claramente uma separação entre grupos ricos e abastados, e grupos excluídos.

Cunha (2007) vê a cidade como “uma construção histórica definida pelas formas sociais, políticas e econômicas de ocupação do solo urbano” (CUNHA, 2007, p.80). Os bairros urbanos, para este autor, apesar de apresentarem diversidade de pessoas, culturas, modos de vida, condições de trabalho e renda, estabelecem uma identidade comum aos seus moradores. Dessa forma, quando uma pessoa afirma morar em um determinado bairro, a informação vem acompanhada de significados e estereótipos. A maneira como o resto da sociedade enxerga o bairro pode implicar em ganhos ou prejuízos para os que nele habitam.

A cidade se mostra como um lugar onde prevalecem as desigualdades e a pobreza, “mas também a lembrança de um tempo passado, a esperança da hora presente, a fluidez do sonho e da imaginação”. (Dietzsch, 2006, p. 731). Tais desigualdades se manifestam nas maneiras como a cidade é lida pelos seus habitantes, pois, por trás da cidade que conseguimos ver se esconde uma cidade subjetiva que precisa ser descoberta. Para entender uma metrópole é preciso fazer leitura dessa “cidade subjetiva”. (DIETZSCH, 2006, p. 730) Em outro trecho a autora afirma que é “preciso buscar a cidade nas cidades”, sugerindo que a variedade de olhares lançados sobre a cidade resulta em diferentes concepções a respeito dela. Na sequência a autora apresenta a ideia de rede que perpassa as vozes e significações a ela atribuídas:

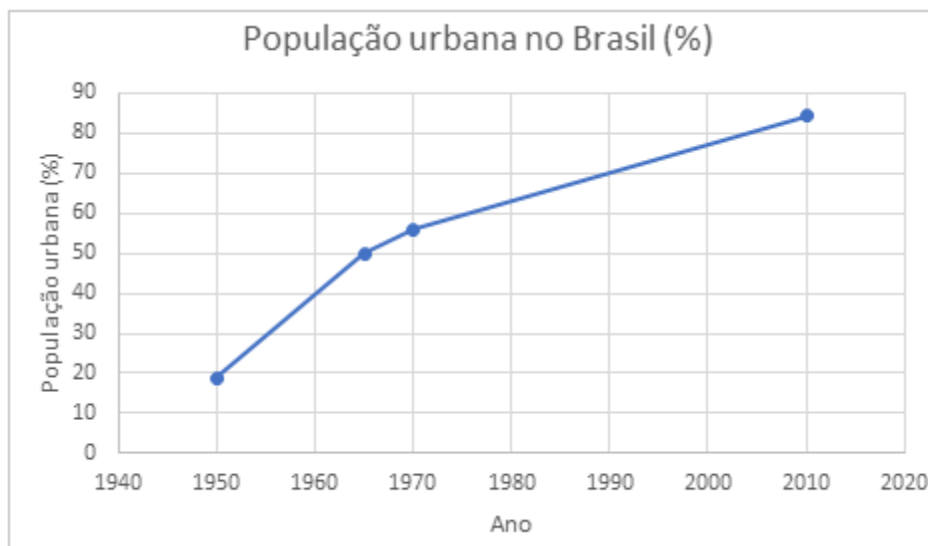
[...] a cidade tem o sentido de uma rede a permitir o traçado de múltiplos fios que se emaranham em vozes e significações, e é como um texto a sugerir muitas leituras, que a cidade pode oferecer suas imagens e sentidos em dispersão. (DIETZSCH, 2006, p. 728)

O processo de urbanização brasileiro é considerado tardio, de acordo com Stock e Batista (2014) até a segunda metade do século XX, o país era essencialmente rural. Somente após as políticas de desenvolvimento da indústria, propostas pelo governo de Getúlio Vargas que coincidem com a crise no setor cafeeiro, é que se intensifica a migração para as grandes cidades, outro evento que contribuiu com essas mudanças foi a Segunda Guerra Mundial que cessou a exportação e forçou uma intensificação do mercado interno.

Esse momento histórico é marcado pela criação de indústrias de base dentre as quais se destacam a Siderúrgica Nacional, a Petrobrás e a Vale do Rio Doce. Algumas cidades foram marcadas pelo crescimento acelerado, recebendo intenso fluxo de migração de pessoas que buscavam empregos e melhores condições de vida.

Como reflexo da política desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek houve intensificação da industrialização e da migração a partir da década de 1950 em consequência do êxodo rural. As cidades que possuíam mais indústrias atraíram maiores números de migrantes, com destaque para a região sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. Esse movimento foi se intensificando ao longo dos anos fazendo com que houvesse aumento intenso da população urbana em detrimento da população rural como mostra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – AUMENTO DA POPULAÇÃO URBANA NO BRASIL



Fonte: Adaptado de IBGE (2010)

As cidades brasileiras não foram preparadas para atender as demandas advindas desse crescimento acelerado, as pessoas se sentiam atraídas pelo modo de vida urbano disseminado pelos meios de comunicação, mas a estrutura das cidades não estava preparada para oferecer as mesmas condições para todos. “O crescimento acelerado das grandes cidades produziu um espaço urbano fragmentado e excludente” (STOCK e BATISTA, 2014, p.17).

As grandes cidades não possuem estrutura que atenda toda a população, configurando verdadeiras ilhas em que se concentram a infraestrutura e os equipamentos urbanos, onde reside a população com maior poder aquisitivo, que é cercada pelos bolsões ocupados pela população mais pobre, lugares onde faltam estruturas mínimas de urbanidade. (STOCK e BATISTA, 2014, p.17).

Tratam-se de lugares marcados pelas desigualdades sociais, ausência de políticas públicas específicas para seus habitantes, ausência de aplicação de saberes técnicos, além das restrições na comunicação e daquelas que existem em consequência da localização, dos meios de transporte e de barreiras simbólicas, que restringem a convivência e mobilidade.

Segundo Cunha Jr. (2007), o Brasil e as cidades brasileiras, foram organizados com base em políticas urbanas voltadas para as imigrações europeias que estimulavam a economia desses grupos. “Foram políticas de privilégios para eurodescendentes e de desqualificação social para afrodescendentes¹²” (CUNHA JR., 2007, p.66). A pobreza da população negra urbana é atribuída, pelo autor, aos sistemas políticos que possibilitaram sua formação no decorrer da história.

Existiu uma política segregacionista dos espaços no Brasil, sem, entretanto, terem esta denominação, naquela época, estas práticas afetaram significativamente as maiorias afrodescendentes consolidadas no meio urbano, portanto, apenas a ideia de lutas de classe

12 Cunha Jr. utiliza afrodescendente, portanto, quando citar esse autor repetirei esse termo.

não consegue dar a dimensão teórica para explicar, em sua totalidade, problemas como estes (CUNHA JR., 2007, p.66).

De acordo com Cunha (2007) as áreas das cidades brasileiras chamadas de periferias são os territórios de maioria afrodescendentes e os preconceitos e estigmas disseminados sobre esses espaços são reforçados pelas suas características.

Sansone (1996), divide as possibilidades de relações dentro do espaço, levando em consideração a importância da cor nas relações sociais e de poder classificando em “áreas duras”, que corresponde aos espaços onde o racismo prevalece destacando os três que foram mais citados pelos entrevistados em sua pesquisa, o trabalho, ou mais especificamente a procura pelo trabalho, aparece em primeiro lugar, sendo seguido pelo que o autor chama de “mercado matrimonial ou da paquera” que está relacionada à construção da ideia de gosto e beleza e está relacionada aos espaços das ruas, das famílias e das aulas. A última área classificada como “dura” tem relação com os contatos com a polícia, que abrange os homens em sua maioria e assim como nas anteriores é marcada pelo racismo intenso.

As áreas nas quais ser negro não acarreta nenhum problema ou dificuldade e pode ser prestigioso, Sansone (1996) chama de “moles”, geralmente são espaços de lazer e religião, sendo separados em espaços negros explícitos e implícitos. Nos espaços negros explícitos, ser negro é visto como uma vantagem, como exemplo desses espaços o autor cita o bloco afro, o terreiro de candomblé, a batucada e a capoeira, correspondem aos espaços relacionados à “cultura negra”. O botequim, o dominó, as conversas com os vizinhos na esquina, o carnaval, as igrejas cristãs e círculos espíritas são exemplos dos espaços negros implícitos, onde geralmente não se fala de cor nem de racismo e prevalece a ideia de cordialidade.

Os conceitos infância, espaço e relações étnico-raciais formam uma tríade necessária e fundamental para esta pesquisa, nesse capítulo fiz o exercício de articular os três conceitos para evidenciar a relação de dependência entre eles.

3. AS CRIANÇAS E AS INFÂNCIAS EM CURITIBA E NOS BAIRROS CAMPO DE SANTANA E SANTA FELICIDADE, CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PESQUISADOS

De acordo com Stock e Batista (2014) o estado do Paraná, além de ser o mais novo do sul do país, também foi a mais jovem província do Brasil Império. A população urbana paranaense foi aumentando gradativamente com o passar do tempo, sendo de 31% em 1960 chegando a 80% conforme mostra o censo de 2010. A mudança no modo de vida da população inicia na década de

1970 como consequência da crise cafeeira, das novas tecnologias utilizadas na produção agrícola e da industrialização nas grandes cidades. Atualmente, o estado é basicamente urbano, entretanto para Stock e Batista (2014), possui grande relevância agropecuária e econômica.

A cidade de Curitiba se destacou no processo de urbanização paranaense, tendo um crescimento constante que se estendeu às cidades próximas formando uma grande região metropolitana. No início do século XIX era apenas uma cidade pequena que foi se expandindo a partir da metade do século. Até então a cidade possuía uma arquitetura simples que foi se modificando até que, no final do século tinha muito pouco da aparência colonial e uma população de 50 mil habitantes. (STOCK e BATISTA, 2014).

Curitiba tornou-se conhecida dentro e fora do Brasil pelo seu planejamento urbano, devido a grandes investimentos em setores viários e de transporte como destacam Carvalho e Sugai (2014), mas principalmente em marketing e propaganda para divulgação da cidade dentro e fora do país, entretanto para esses autores, essa imagem divulgada da cidade omite o desequilíbrio socioespacial que marginaliza a população de baixa renda concentrando a pobreza e as habitações ilegais majoritariamente na região sul, situação iniciada com as primeiras políticas habitacionais da década de 1960, que se intensificou na década de 1970 e que não sofreu alterações significativas de lá para cá, mesmo com a criação de novas políticas e programas habitacionais.

Em estudo sobre as relações entre escola, cidade e currículo em Curitiba com foco, principalmente na década de 1990, Ferreira (2010), expõe aspectos da história da cidade que remetem à disseminação de uma imagem idealizada de Curitiba veiculada, principalmente pela mídia e discursos oficiais e com reflexos também nos currículos escolares. De acordo com Ferreira (2008), entre 1970 e 1990, com maior intensidade na última década citada, Curitiba era conhecida pelos slogans disseminados pela mídia como “cidade sorriso”, “capital da união das etnias”, “cidade modelo em urbanismo”, “capital ecológica”, “capital cultural”, “capital social”, enfim, construía-se várias representações positivas que não representavam a realidade vivida pela maioria dos cidadãos.

Já desde o início da história da cidade, há a dificuldade em se admitir a realidade enfrentada pela região enquanto Comarca de São Paulo, na qual fica evidente sua pobreza e pouca significância. Os discursos contados sobre este período passavam a ideia de uma cidade rica, com ouro e que “despontava” no sul do Brasil. Na sequência enfatizava-se a chegada dos imigrantes brancos supervalorizando, nos discursos, a contribuição de alguns povos na formação da cidade e omitindo a participação de outros:

Sobre esse período inicial da história da cidade e do estado, é preciso discutir, ainda, outra questão importante: a necessidade de se argumentar insistentemente que não havia negros no Paraná e em Curitiba, ou que estes existiam em menor proporção do que no restante do

Brasil. Muitos materiais de divulgação de Curitiba, ao se referir a este período, simplesmente não falam da existência do negro na conformação da cidade. Assim, os discursos ‘estabelecidos’ procuram reforçar uma cidade branca[...] (FERREIRA, 2010, p. 433)

Para a autora, essa história contada não corresponde à realidade, pois se as condições econômicas fossem favoráveis certamente teria, na cidade, um número muito maior de escravizados africanos. “Caso se admitisse que a cidade, à época, prosperava, então por que não havia tantos negros?” (FERREIRA, 2010, p. 434). Tinha menos escravizados de origem africana porque a cidade não possuía os mesmos recursos financeiros de outros polos. Após a chegada e estabelecimento dos europeus essa condição foi usada para enfatizar essa ideia de cidade branca e europeia e que contava com bem poucos habitantes negros.

Nesse cenário de valorização, principalmente da cultura europeia, característica reforçada intensamente pelos discursos sobre Curitiba, a região central e norte da cidade é a que mais se aproxima dessa cidade ideal e, é nessa condição que se encontra o bairro Santa Felicidade, conhecido como bairro italiano de Curitiba. Segundo Maranhão (2014), esse bairro é considerado um dos maiores centros gastronômicos da América Latina e chega a receber 30.000 pessoas em um único final de semana para comer em seus restaurantes, além de pessoas da própria cidade, recebe turistas nacionais e internacionais, principalmente da Argentina, Paraguai e Uruguai.

No outro extremo da cidade encontra-se o bairro Campo de Santana, com história recente. Até a década de 1990 abrigava fazendas onde eram produzidos os hortifrutigranjeiros comercializados por uma rede de supermercados da região e no início dos anos 2000 teve 1,3 milhão de m² destinado a construção de Moradias Populares, abrigando o segundo maior empreendimento da COHAB (Companhia de Habitação Popular de Curitiba), começando a ser ocupado em 2005.

Dadas algumas características mais gerais da cidade, apresento na sequência a comparação entre os bairros para ilustrar as desigualdades que atingem os sujeitos dessa pesquisa, iniciando pelas diferenças nos percentuais de cor e raça dos bairros em relação à cidade de Curitiba.

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR COR/RAÇA

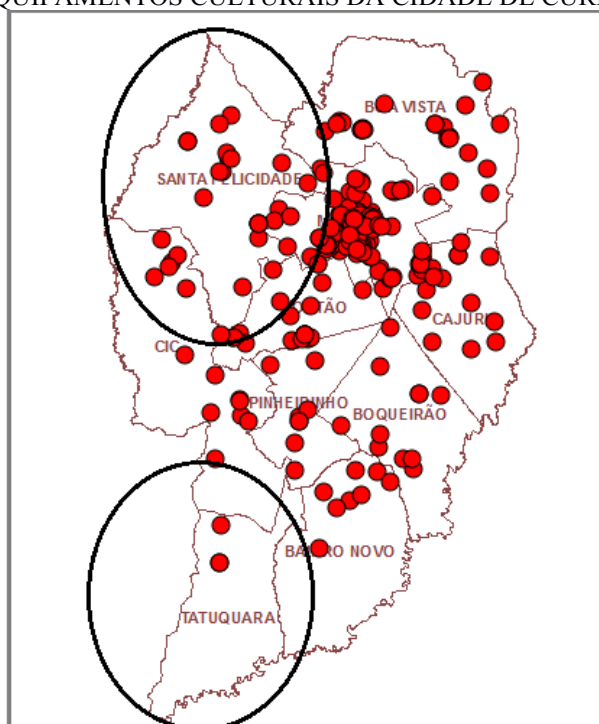
FONTE: Elaborado pela autora segundo dados do IBGE (2010)

O gráfico evidencia as diferenças na distribuição de negros e brancos nos bairros, somando as categorias preta e parda o bairro Campo de Santana apresenta um percentual de 33,76%, maior que o de Curitiba 19,72% e ainda mais distante de Santa Felicidade 12,16%.

A segregação racial tem consequências importantes no desenvolvimento da comunidade afro-brasileira e na sua participação na sociedade brasileira. A segregação geralmente se traduz em desigualdades no acesso aos mercados de trabalho e de consumo, mercados que tendem a se localizar dentro ou perto dos bairros de brancos e de classe média, assim como também no acesso a escolas, hospitais e à proteção policial e do corpo de bombeiros. Psicologicamente, a segregação restringe o contato com pessoas de classe média que sirvam de modelo [*middle-class role models*], inibindo ainda mais a mobilidade social, na medida em que as oportunidades de interações inter-raciais e inter-classes são reduzidas. (TELLES, 2012, p. 174)

Observando a constatação do autor, trago a seguir alguns dados que mostram as irregularidades que prevalecem na comparação entre os espaços estudados. Através do site do IPPUC tive acesso a alguns mapas que marcam características importantes da cidade que, caso fizesse jus à imagem disseminada pela mídia, apresentaria uma distribuição equânime de equipamentos e serviços públicos, entretanto, essas imagens idealizadas escondem desigualdades profundas. Discutirei alguns pontos importantes nesse item e trarei outros no decorrer do capítulo. A figura 1 mostra o mapa de equipamentos culturais de Curitiba por regional:

FIGURA 1: EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE CURITIBA POR REGIONAL



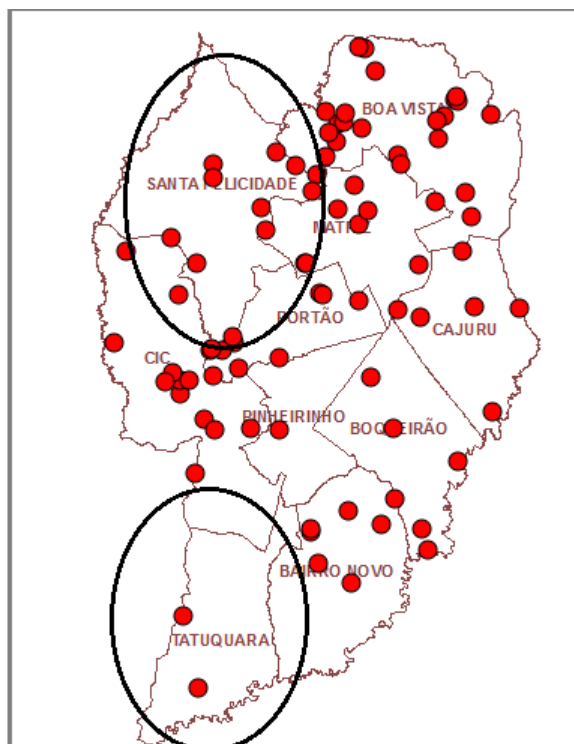
FONTE: Adaptado do IPPUC (2017)

O site engloba como equipamentos culturais os espaços criados para oferta de atividades artístico culturais (museus, bibliotecas, casa da leitura, farol do saber¹³, memoriais, teatros, entre outros) que são indispensáveis para a formação das crianças e ampliação de suas redes, considerando os equipamentos que a administração municipal denomina culturais, sem nenhuma intenção de limitar o conceito de cultura, inclusive compreendendo que existam outros locais em cada bairro, criados pelas comunidades e pensados pelas próprias crianças. Ao lado da Matriz que abrange a região central de Curitiba, a regional Santa Felicidade é a que apresenta o maior número de equipamentos culturais oficiais da cidade em contraposição, a regional Tatuquara se destaca como a que possui a menor oferta desse tipo de equipamento.

Ainda com foco nas possibilidades oferecidas às crianças para vivenciar adequadamente sua infância e construir suas figurações, procurei identificar a quantidade de áreas verdes e espaços de lazer disponíveis na cidade:

FIGURA 2: ÁREAS VERDES E DE LAZER NA CIDADE DE CURITIBA

13 Pequenas bibliotecas espalhadas pelos bairros de Curitiba com uma arquitetura específica que tem a forma de uma torre de farol (ver imagem no item 3.2)

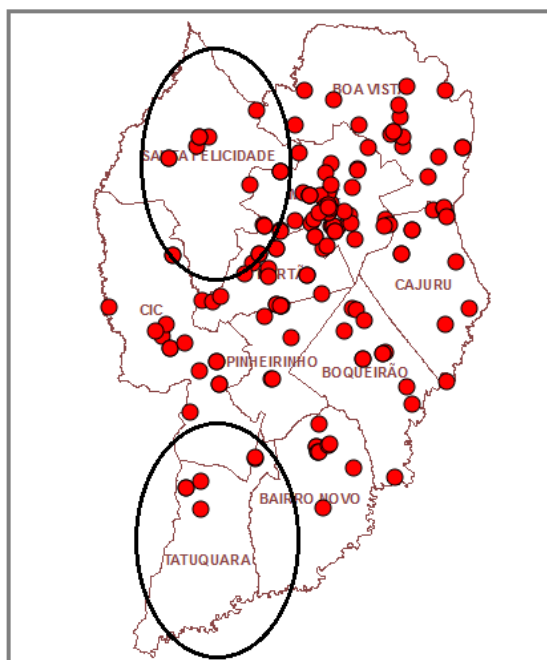


FONTE: Adaptado do IPPUC (2017)

Mais uma vez fica nítida a diferença entre os bairros, enquanto as crianças de Santa Felicidade podem ter acesso a diversas áreas verdes e de lazer, as crianças do Campo de Santana possuem uma única opção.

A questão da segurança é essencial para análise do espaço urbano, sua importância foi reforçada nas conversas com as crianças dos dois bairros. Discutirei questões específicas sobre isso no capítulo 4, pois considero essa discussão muito mais ampla do que será aqui apresentada, principalmente no que se refere à pessoa negra. Não são poucos os estudos que abordam a relação entre a violência e o racismo, inclusive no âmbito institucional, que inclui a violência policial. Por ora é importante mostrar que há diferenças na quantidade de serviços ofertados pelo poder público, entre as regionais, como mostra a figura a seguir.

FIGURA 3: EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE SEGURANÇA EM CURITIBA



FONTE: IPPUC (adaptado pela autora)

Mesmo com a perceptível diferença entre o número de equipamentos disponíveis nas duas regionais, pesquisei quais os tipos de equipamentos e serviços que poderiam ser encontrados em cada uma delas, assim percebi uma desproporcionalidade imensa que está representada na tabela a seguir:

TABELA 2: EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE SEGURANÇA POR REGIONAL

Instituição responsável	Campo de Santana	Santa Felicidade
Polícia Militar	Delegacia do 13º Distrito	4ª Companhia do 12º Batalhão
	Unidade Paraná Seguro Tatuquara	7ª Núcleo de Proteção ao Cidadão (NPC) São Braz
	2ª Núcleo de Proteção ao Cidadão (NPC) Tatuquara	
Corpo de Bombeiros		Unidade Operacional Santa Felicidade
Guarda Municipal	Núcleo Regional de defesa social Tatuquara	Módulo IV - Parque Barigui
		Módulo XII - Parque Tingui
		Núcleo Regional de Defesa Social Santa Felicidade
Polícia Civil	Delegacia do 13º Distrito Policial	Delegacia do 3º Distrito Policial
		Delegacia do 12º Distrito
		Delegacia de furtos e roubos de cargas
		Serviço de investigação de crianças desaparecidas
		Centro Integrado de Atendimento ao Cidadão
		Posto de Atendimento 003 - Mercês
		Núcleo de Proteção à criança e ao adolescente vítima de crimes
		Instituto de Identificação - Posto 12 - Santa Felicidade

FONTE: Elaborado pela autora com informações do IPPUC

A disparidade demonstrada na tabela indica mais investimentos e acesso facilitado a serviços fundamentais em Santa Felicidade, enquanto os moradores da Regional Tatuquara precisam se deslocar até outras regionais ou à região central da cidade para ter acesso aos mesmos. A única situação em que, aparentemente, o Tatuquara estaria em vantagem seria pelo fato de ter na regional, uma Unidade Paraná Seguro, trata-se de programa que surgiu da parceria entre o poder público municipal e a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado do Paraná, que tem como objetivo instalar bases policiais comunitárias nas regiões que possuem as maiores taxas de tráfico de drogas e homicídio. Foi instalada no Tatuquara em 1º de outubro de 2012, penso que a necessidade de um serviço como esse não se configura necessariamente numa vantagem. Segundo a SSP, em 2017 o Tatuquara ocupava o segundo lugar entre as regiões mais violentas de Curitiba.

Apresentadas as comparações entre algumas das principais características das regionais que têm impacto direto nos espaços e na forma como as crianças se apropriam dele, na sequência farei o mesmo exercício tendo como foco as escolas estudadas em relação às médias do município.

3.1 SANTA FELICIDADE

Segundo Maranhão (2014), oficialmente a imigração italiana no Paraná inicia em 1871. Até meados de 1872 a região de Santa Felicidade (incluindo os bairros que a rodeiam, Cascatinha, Botiatuvinha, São João, São Braz e Lamenha Pequena) era formada por matas, florestas, algumas fazendas e caminhos importantes utilizados pelos tropeiros para transporte de cargas. As primeiras famílias italianas chegam à região, até então conhecida como Taquaral, no ano de 1878 e, a partir daí ela passa a ser conhecida como colônia de Santa Felicidade¹⁴.

A ocupação de Santa Felicidade ocorre durante o período em que estiveram em vigor as políticas de incentivo à imigração¹⁵. O primeiro navio trazendo imigrantes italianos chega ao país em 02 de janeiro de 1878, no Rio de Janeiro e três dias depois ao Porto de Paranaguá. Inicialmente as famílias foram instaladas no litoral do Paraná, porém, devido a problemas de adaptação ao clima, a terra e outros contratempos, vários colonos, que ouviram falar de Curitiba através do contato com tropeiros que atravessavam a região rumo a São Paulo, solicitaram ao governo mudança de

14 Parte das informações históricas sobre a região foi retirada do guia histórico e turístico sobre Curitiba publicado em 2006 com apoio da prefeitura conforme consta nas referências

15 Já falei anteriormente sobre essas políticas, que são incentivadas pela ideia de branqueamento da população. Por volta de 1877, o Brasil sela um acordo com a Itália para incentivar a vinda de italianos para o país e estes, diante do contexto político e social da Europa, que passava por guerra, fome e desemprego, em 11 de dezembro de 1877, parte o primeiro navio, de Gênova, trazendo famílias inteiras e outras com alguns membros em busca de uma vida melhor.

endereço, já que o acordo previa essa possibilidade por, pelo menos, duas vezes e, segundo tomaram conhecimento, o clima da cidade era mais parecido com o europeu (MARANHÃO, 2014).

Após juntarem recursos, um grupo de quinze famílias comprou as terras que pertenciam aos irmãos Arlindo, Antônio e Felicidade Borges, até então conhecida como Taquaral. De acordo com Maranhão (2014), os irmãos solicitaram aos novos proprietários que chamassem a região de Felicidade em homenagem a sua irmã, condição que foi satisfeita com o acréscimo da palavra santa ao nome devido à religiosidade do povo que ali se instalava. Essa região corresponde à parte central de Santa Felicidade e tem como prédio também central a igreja de São José de Santa Felicidade, construída em 1891. A tradição trazida da Itália foi mantida pelos imigrantes, enquanto eram assimilados conhecimentos da convivência cotidiana com os fazendeiros e os chamados caboclos¹⁶ que haviam na região.

Geralmente a produção (lenha, verduras, frutas e legumes) era colocada em carroças e vendidas no centro, região do Largo da Ordem, na estação ferroviária ou de porta em porta. Em 1948, após asfaltamento do trecho da Estrada do Cerne que liga a região central de Santa Felicidade ao centro de Curitiba, recebe o nome de avenida Manoel Ribas. De acordo com Maranhão (2014), Santa Felicidade, junto a as outras colônias situadas ao redor de Curitiba, era responsável pelo abastecimento da Capital.

O crescimento da Capital fez que as colônias que ficavam ao redor da cidade fossem absorvidas por ela, assim, Santa Felicidade torna-se bairro de Curitiba e as chácaras passam a dar lugar a loteamentos urbanos. Conforme a região progredia, os negócios iam se adequando, um bom exemplo disso são os restaurantes, que entre as décadas de 1940 e 1950, começaram a servir comida típica italiana conquistando grande freguesia, principalmente entre viajantes e caminhoneiros.

Segundo Maranhão (2014), na década de 1940 é fundado o Restaurante Iguaçu, em 1952 o Restaurante Cascatinha, em 1964 o Madalosso e em 1965 o Veneza. Esse momento histórico demarca o surgimento do título de “Bairro Gastronômico” que se sustenta até os dias atuais. Em 1959 surge a Festa da Uva, evento realizado com intuito de comercializar uma grande safra de uvas produzida na colônia, que assim como os restaurantes é um sucesso e se torna tradição, atraindo moradores de toda a cidade.

Na década de 1970 a urbanização começa a avançar em toda a cidade, no entanto, o Estado não conseguia garantir recursos e saneamento básico para a região. Assim, Osvaldir Benato, descendente de imigrantes que se instalaram na região cria a empresa Benato Construções, construindo residências com boa infraestrutura, saneamento básico, água e luz e posteriormente em

16 Termo utilizado pela autora (MARANHÃO, 2014).

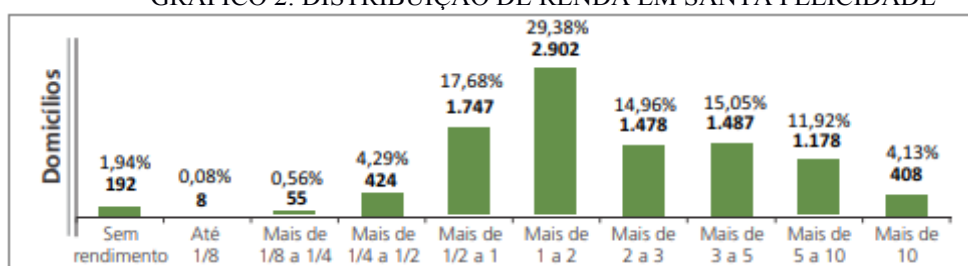
1975, a Casteval Empreendimentos, de propriedade desse mesmo empresário lança aquele que seria um projeto inovador para a cidade, o Vila Romana, primeiro loteamento fechado de Curitiba.

No ano de 1982, as vendas da Festa da Uva foram prejudicadas por dias chuvosos durante o evento e para não perder a grande quantidade de uva que não foi comercializada no evento, Germano Francischini com ajuda de seu genro, transformou a sua produção em vinho e promoveu uma grande festa para recuperar o prejuízo, surge aí a primeira Festa do Vinho.

Na década de 1990 a urbanização da região era mais evidente, a região era próspera, grande parte das ruas estavam asfaltadas, os restaurantes já eram muito famosos, muitas casas tinham dado lugar a grandes mansões e as carroças substituídas por automóveis modernos. Desde então o bairro continuou avançando.

A partir da análise do último censo (IBGE, 2010), o IPPUC mostra que em termos de renda média, a maior parte da população está situada na faixa que varia entre 1 e 3 salários mínimos, com média de 800,00 reais, e apresenta índices superiores nas rendas mais altas, principalmente em comparação com o Campo de Santana.

GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DE RENDA EM SANTA FELICIDADE



FONTE: Adaptado de IPPUC (2015)

Maranhão (2014) salienta que mesmo existindo outros bairros de cultura italiana na cidade, Santa Felicidade se destaca por ter sido o único a receber um Portal Étnico (Figura 4). Foi inaugurado na década de 1990 por ocasião da comemoração dos 300 anos de Curitiba, sendo a sua estrutura formada por dois arcos e uma torre que representam a Igreja de São José de Santa Felicidade, a Casa dos Gerânios e o Restaurante Casa dos Arcos, segundo a autora é um símbolo da religião cristã, da família e da “vocação gastronômica”. Além disso, também é o único a possuir um Memorial da imigração italiana, localizado no interior do Parque da Itália. Logo após o Portal, além das poucas casas residenciais, geralmente de classe média a alta, há diversos comércios, principalmente os restaurantes e lojas de móveis de alto padrão, igreja, cartório, numa paisagem que a todo momento faz alusão à Itália (Figuras 5, 6 e 7).

Valores sagrados para o grupo, a família, a fé e o trabalho, e a italianidade, simbolizada pela polenta, são os eixos de sustentação da comunidade, a herança moral dos imigrantes italianos e estão presentes nos sermões das missas, nos convites das festas e constatados na própria observação participante durante a pesquisa (MARANHÃO, 2014, p. 186)

Espero ter conseguido mostrar o quanto a valorização da cultura italiana está presente na identidade do bairro, inclusive na disseminação de valores comuns, constatados, principalmente por MARANHÃO (2014) a partir de um estudo etnográfico que tinha como objetivo discutir a identidade étnica da região. Apresento, a seguir algumas imagens do bairro para aproximar o leitor da realidade descrita.

FIGURA 4: PORTAL DA IMIGRAÇÃO ITALIANA



FONTE: <http://www.curitiba-parana.net> (2018)

FIGURA 5: COMÉRCIOS DE SANTA FELICIDADE



Fonte: Adaptado de Google maps (2018)

FIGURA 6: ALGUNS RESTAURANTES DE SANTA FELICIDADE



Fonte: Google maps (11/02/2018)

Como já mostrei no início desse capítulo, essa regional possui inúmeras possibilidades de equipamentos culturais, de segurança e áreas verdes e, mesmo as crianças que não circulam muito em outros espaços da cidade, têm acesso a uma variedade de equipamentos no interior do próprio bairro ou da regional. Segundo o IPPUC, no bairro Santa Felicidade existem 10 bibliotecas, entre elas 4 faróis do Saber (figura 8), 2 casas da leitura e uma biblioteca móvel que circula pelos parques da cidade.

FIGURA 7: FAROL DO SABER MACHADO DE ASSIS



FONTE: Secretaria Municipal De Educação De Curitiba (2018)

Além das bibliotecas, o bairro possui 4 memoriais (2 da imigração italiana, 1 da imigração ucraniana e 1 da imigração germânica), 2 teatros, 1 cinema, 2 espaços que oferecem cursos e atividades culturais diversas e um núcleo regional da Fundação Cultural de Curitiba. As áreas verdes de lazer também são abundantes, possui 6 parques, de acordo com o IPPUC: Bosque Alemão, o Bosque Italiano, o Parque Tingui e o Parque Barigui, Bosque Dr. Carlos Hartley Gutierrez e Parque Natural Municipal Vista Alegre.

Os nomes dos Bosques reforçam a valorização da cultura europeia, enquanto os dois parques receberam nomes de origem indígena, mas o Parque Tingui, apesar de ter recebido o nome

do primeiro indígena que habitou a região de Curitiba¹⁷, abriga em seu interior o Memorial Ucraniano, uma contradição que tem forte relação com a imagem idealizada da cidade.

FIGURA 8: BOSQUE ALEMÃO



FONTE: Curitiba.net (11/02/2018)

FIGURA 9: ORATÓRIO DO BOSQUE ALEMÃO



FONTE: Wikipédia (11/02/2018)

FIGURA 10: MEMORIAL UCRANIANO



FONTE: Wikipédia (2018)

FIGURA 11: PARQUE TINGUI



FONTE: Prefeitura Municipal de Curitiba (2018)

Escolhi as imagens desse capítulo com o objetivo de complementar as informações compiladas, permitindo ao leitor ter uma ideia das características arquitetônicas, dos avanços, das possibilidades de mobilidade e acesso a bens, serviços e equipamentos, públicos e privados, que é dada às crianças que ali residem. Na sequência farei o mesmo exercício com o bairro Campo de Santana.

3.2 CAMPO DE SANTANA

A região sul de Curitiba tem sua história relacionada à passagem de tropeiros no século XVII. Em meados do século XIX, a região onde atualmente ficam os bairros Umbará e Tatuquara possuía grandes fazendas que pertenciam à família Santana, por conta disso a região ficou conhecida como Campos dos Santana, que posteriormente tornou-se o nome de um dos bairros dessa localidade (IPPUC, 2015).

Há poucas informações disponíveis sobre sua história tanto em trabalhos acadêmicos quanto documentos oficiais, Já que em comparação com Santa Felicidade, é um bairro de

17 Informação retirada do site da Prefeitura Municipal de Curitiba

desenvolvimento recente portanto, em uma visita a Biblioteca Pública do Paraná, fiz uma busca por reportagens que pudessem trazer informações relevantes dentre as quais selecionei notícias publicadas em meio impresso entre os anos de 1992 e 2005. Todas as reportagens apresentam uma visão positiva, evidenciando o crescimento da região e investimentos da prefeitura, denotando uma ausência de imparcialidade que não pode ser ignorada num trabalho de cunho acadêmico.

Retomando um pouco da história do bairro, em reportagem 1992, o bairro era apresentado como agrícola, onde a população se dedicava ao cultivo de hortifrutigranjeiros, as ruas não eram pavimentadas, abrigava uma série de olarias e as sedes campestres das associações Bamerindus e Eletrosul e possuía apenas uma escola. Nesse bairro está localizada a primeira comunidade urbana¹⁸ do país, criada em 1981. De acordo com a reportagem, o dia a dia dos moradores do bairro era marcado pelas celebrações católicas e confraternizações organizadas nos espaços da igreja (AQUI..., 1992). Também é possível notar a presença de imigrantes italianos na região, em números menos significativos do que em Santa Felicidade e com um modo de vida mais rural.

Em 2005, os jornais já comentavam o crescimento acelerado da região, na qual estava localizado o maior loteamento do sul do país, com grande extensão de terra não ocupada, uma imensa área verde e um clima de cidade de interior. A distância, a falta de infraestrutura e associação com a violência são colocadas como problemas pelos moradores e um empecilho pelo mercado imobiliário, que acaba sendo compensado pelo baixo preço dos lotes e pela ideia de que é melhor ser proprietário de um imóvel distante do que pagar aluguel.

Ainda sobre essa condição, a reportagem destaca a fala de um morador que acredita que a tendência do bairro é virar uma “cidade dormitório” (JUNIOR, 2005). A ideia de “cidade dormitório”, utilizada pelo morador na reportagem, está relacionada às grandes distâncias que separam a residência do trabalho, circunstância enfrentada cotidianamente por moradores das periferias brasileiras e certamente reflete a rotina da maioria das pessoas que vivem atualmente no bairro Campo de Santana. Na discussão sobre espaço situei geograficamente os bairros e destaquei algumas de suas características, dando continuidade inseri no *google maps*¹⁹ o endereço entre a ESCOLA 2 e a Praça Tiradentes, conhecida como marco 0 de Curitiba, a fim de calcular a distância entre os dois pontos. Segundo essa ferramenta, o caminho mais curto e rápido para o trajeto de transporte público é de 22,7 KM e dura em média 1 hora e 15 minutos, obviamente essa previsão não é precisa, em horários de pico esse tempo pode dobrar.

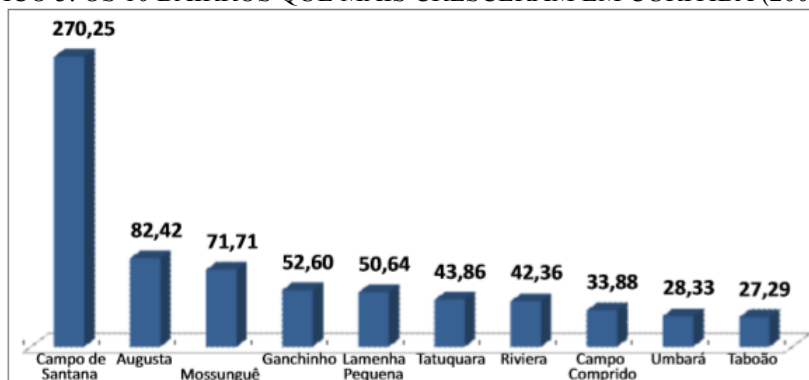
Até os anos 2000 havia um número pequeno de pessoas que habitavam a região, no entanto a partir deste ano contou com crescimento populacional significativo em sua região oeste que

18 Ideia adaptada por Gilberto Freyre do inglês *urban*, trata-se de uma concepção intermediária entre os estilos de vida urbano e rural, combinando seus valores.

19 Ferramenta do google que, dentre outras coisas, busca rotas, mapas e calcula distância entre um ponto e outro.

alterou sua paisagem e se destacou como exemplo da má distribuição de renda entre a população da cidade, como um dos bairros mais populosos, com menor renda e maior índice de crescimento. O gráfico a seguir, adaptado da análise realizada pelo IPPUC dos dados do último Censo (IBGE, 2010) ilustra a relação entre os 10 bairros curitibanos que mais cresceram nesse período de 2000 a 2010.

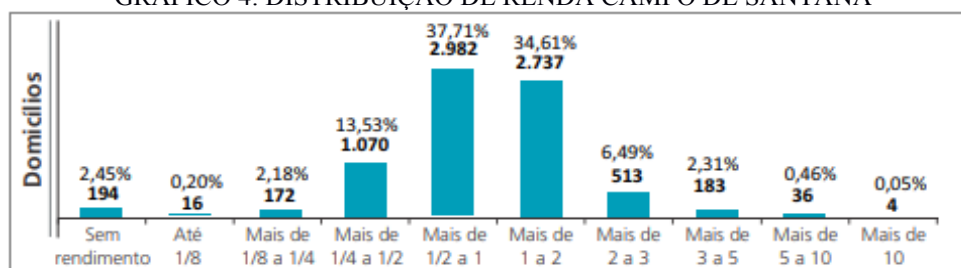
GRÁFICO 3: OS 10 BAIRROS QUE MAIS CRESCERAM EM CURITIBA (2000-2010)



FONTE: adaptado de IPPUC (2018)

O bairro era administrado pela Regional Pinheirinho até ser incorporado à Regional Tatuquara, após sua inauguração em 2017. Faz divisa com os bairros Tatuquara, Umbará e Araucária, cidade da região metropolitana de Curitiba. De acordo como IPPUC (2015), tem um território que corresponde a 4,96% do total da cidade (2158 ha), onde reside 1,52% da população curitibana, totalizando 26657 pessoas, dentre as quais aproximadamente 9000 são negras. A média de renda da região está na faixa de 580,00 reais (220,00 reais a menos que a média de Santa Felicidade) e a maioria da população economicamente ativa ganha entre meio e dois salários mínimos (gráfico 6).

GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DE RENDA CAMPO DE SANTANA



FONTE: Adaptado de IPPUC (2015)

Para fins de comparação é importante lembrar que em Santa Felicidade a maioria da população tem renda entre 1 e 3 salários mínimos e a maior diferença entre os dois bairros está nas faixas mais altas de renda, somente 2,77% da população do Campo do Santana tem renda entre 3 e

10 salários mínimos e 0,05% (que corresponde a 4 pessoas) tem renda acima de 10, enquanto no outro bairro, 26,97% tem renda entre 3 e 10 e 4,13% ganha mais de 10 salários (408 pessoas).

Espacialmente as diferenças entre os bairros são impressionantes, o campo de Santana continua crescendo e apesar de ainda ter lotes vagos, chama a atenção o imenso número de pequenas casas e sobrados populares à venda, além de pequenos condomínios com prédios de no máximo 4 andares. A rotina comercial da região estudada está quase totalmente concentrada na rua principal, é formada em sua maioria por pequenos comércios (figura 15).

FIGURA 12: RUA PRINCIPAL E COMÉRCIOS DO CAMPO DE SANTANA



FONTE: Adaptado pela autora de Google maps (2018)

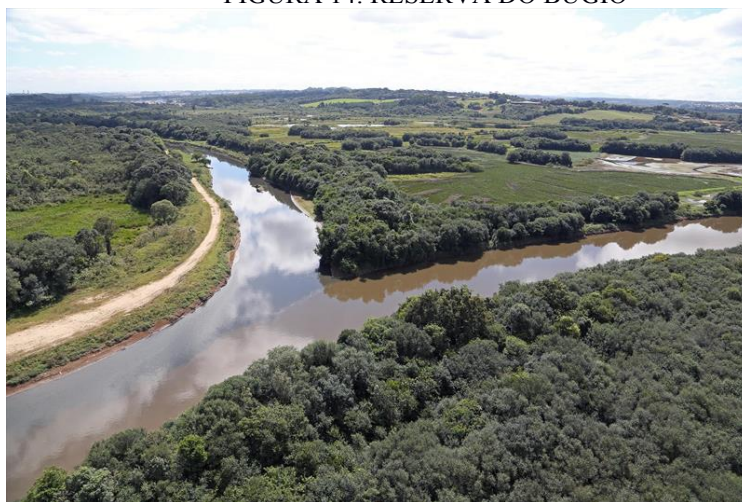
O bairro possui apenas uma área verde e lazer, o Parque Yberê (figura 16), inaugurado em dezembro de 2016, fica numa região de fundo de vale que antes era utilizada como local de descarte irregular de lixo. É anexo à Reserva do Bugio (figura 17) que foi criada em 2015 e que, de acordo com o site da Prefeitura, é a maior Unidade de Conservação Integral de Curitiba e a maior do Brasil. Localizada em ambiente urbano na categoria “refúgio silvestre” é fruto de um acordo entre as prefeituras de Curitiba, Araucária e Fazenda Rio Grande.

FIGURA 13: PARQUE YBERÊ



FONTE: Prefeitura Municipal de Curitiba (2018)

FIGURA 14: RESERVA DO BUGIO



FONTE: Prefeitura Municipal de Curitiba (2018)

Quando gerei o mapa com os equipamentos culturais de Curitiba (figura 1) apareceu apenas 1 equipamento na regional Tatuquara, que está localizado do bairro homônimo da regional, assim como o Núcleo Regional da Fundação Cultural. No Campo de Santana não há bibliotecas nem espaços culturais e a ausência desses equipamentos tem impacto nas crianças limitando a elasticidade das suas redes de interdependência como mostrarei posteriormente, a partir de outras análises dos materiais empíricos.

3.3 PERFIL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CURITIBA SEGUNDO O IDEB

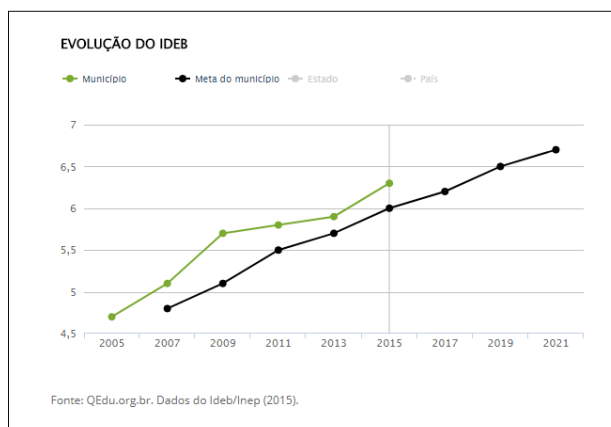
...Este argumento assenta-se na intensa desigualdade regional (educacional e econômica) em algumas observações de que os equipamentos escolares frequentados por crianças brancas e negras, de mesmo nível econômico, não se equivalem totalmente. Em estudos anteriores (ROSEMBERG, PINTO e NEGRÃO, 1987; ROSEMBERG, 1999) havia apontado algumas tendências de que **crianças negras frequentariam escolas de pior qualidade que crianças brancas**, mesmo controlando-se o nível econômico da família: escolas com maior número de horas; escolas com professores com pior qualificação. (ROSEMBERG, 2005 p. 28-29, grifos nossos).

Rosemberg (2005) associa a qualidade das escolas às desigualdades regionais, apontando com base em pesquisas anteriores, que crianças negras acabam frequentando instituições de menor qualidade. Pautada nessa ideia recorri ao site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) para traçar um perfil mais detalhado das escolas através do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) divulgado a cada 2 anos.

O IDEB foi criado em 2007 e funciona como indicador que reúne dados sobre aprovação escolar, a partir do Censo Escolar e as médias de desempenho em avaliações aplicadas pelo próprio Instituto, o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) aplicado nas instituições de âmbito estadual e federal e a Prova Brasil, aplicada nas escolas municipais, na qual, além das provas de matemática e português, os estudantes respondem um questionário com 51 perguntas sobre seu perfil pessoal, seu cotidiano e sua percepção sobre a escola.

É importante enfatizar que os dados utilizados nessa pesquisa, inclusive para fins de comparação, referem-se aos resultados dos estudantes de 5º ano de escolas municipais. Os resultados da Prova Brasil em nível nacional para esse grupo de estudantes, na disciplina de matemática, foram de 39%, no Paraná o resultado foi de 51%, e em Curitiba 57%. Para a disciplina de Português os resultados nacionais foram de 51%, no estado de 65% e no município 65%. Portanto, os índices da cidade de Curitiba superam os estaduais e nacionais na disciplina de português e em matemática ultrapassam a média nacional e atingem a mesma média do estado.

GRÁFICO 5 - EVOLUÇÃO DO MUNICÍPIO NO IDEB



FONTE: Adaptado do INEP (2017)

O gráfico 3 mostra a evolução do município de Curitiba no IDEB, destacando que entre 2005 e 2015 houve superação das metas e um percentual que se manteve ascendente. Essa análise da evolução também é feita por escola e serve para classificá-las de acordo com critérios preestabelecidos. Assim, a condição do município de Curitiba seria classificada como “manter”, o que o coloca como referência no IDEB por atingir nota 6,0 e aumentar os índices de uma avaliação para a outra. Conforme essa classificação, o município tem como desafio a manutenção do crescimento para garantir o aprendizado a todos os estudantes.

Em Santa Felicidade, a escola supera os índices do município como consta no gráfico 4. Na ESCOLA 1, a proporção de alunos com aprendizagem adequada no 5º ano é significativamente superior à da ESCOLA 2 (Campo de Santana), 77% na disciplina de matemática e 78% em português. A escola atingiu a meta e uma nota superior a 6,0, está classificada como em atenção por ter tido queda em relação a avaliação anterior, no entanto, sua média é superior à atingida pelo município de Curitiba.

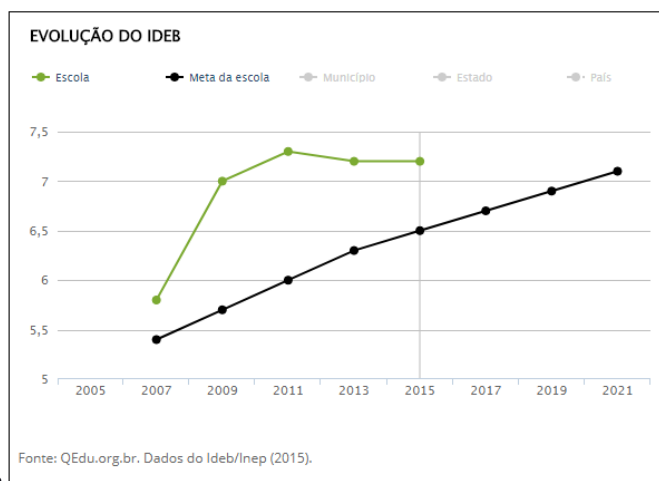
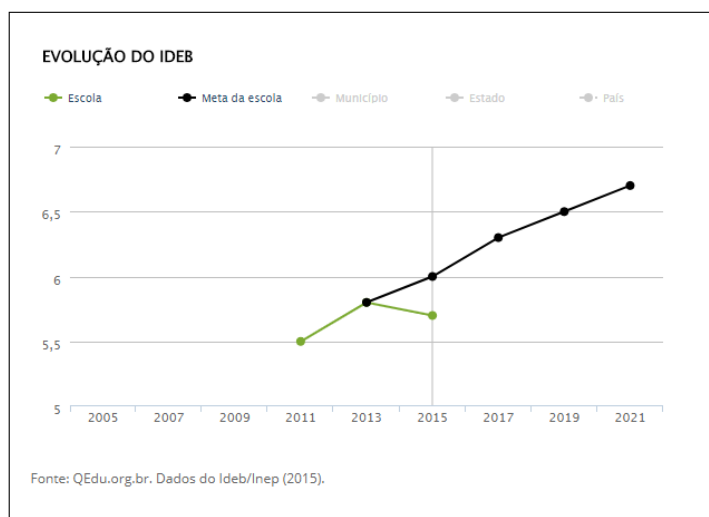


GRÁFICO 6: EVOLUÇÃO DA ESCOLA 1 NO IDEB

FONTE: Adaptado do INEP (2017)

Já a escola do bairro Campo de Santana tem médias inferiores (Gráfico 5, abaixo) nos dois anos que participou da avaliação, tendo um aumento entre dois 2011 e 2013, seguido por uma queda entre 2011 e 2013.

GRÁFICO 7: EVOLUÇÃO DA ESCOLA 2 NO IDEB



FONTE: Adaptado do INEP (2017)

A proporção de alunos com aprendizado adequado no 5º ano na ESCOLA 2, segundo o IDEB 2015 foi de 47% na disciplina de matemática e 55% em Português, a situação da escola foi classificada como “em alerta” que significa que além de não atingir a meta, não alcançou 6,0 pontos e ainda apresentou queda em relação à avaliação anterior. O gráfico 2 demonstra a evolução da escola desde de 2011. Diferente da Escola 1, essa escola ficou abaixo da média do município e da meta estipulada com 5,7.

Dessa maneira, os resultados do IDEB, mostram que na ESCOLA1, o aprendizado das crianças de 5º ano é adequado, com índices maiores do que a média de Curitiba, enquanto a ESCOLA 2, além de ficar distante dos índices adequados não conseguiu atingir sua meta, não se pode dizer que elas possuem a mesma qualidade, portanto, as crianças da escola 2, lembrando que é a escola que possui o maior número de crianças negras (SIMARE, 2014), estão frequentando uma escola com pior qualidade, essa condição vai ficar mais evidente nas seções 3.2.1 e 3.3.1 que trarão os perfis das duas instituições. A seguir mais alguns dados sobre os bairros:

3.3.1 Caracterizando a ESCOLA 1 (SANTA FELICIDADE)

As desigualdades educacionais entre negros e brancos tem sido abordada por diversos estudos acadêmicos, mas existem dificuldades que impedem uma mudança significativa nesse quadro. Para Rosenberg (2005), a constatação da participação massiva de estudantes negros entre a

população mais pobre induziu o pensamento educacional brasileiro a considerar os problemas escolares como advindos da condição social, desconsiderando a especificidade do pertencimento racial.

Conhecer as escolas faz parte desse processo de identificação das redes de interdependência das crianças, portanto, sigo apresentando suas características com base em dados oficiais, para fornecer ao leitor um suporte para o entendimento da problemática dessa dissertação.

De acordo com o *google maps*, a distância mínima entre a ESCOLA 1 e o Marco zero de Curitiba é de 10,6 KM e o tempo mínimo para realizar esse trajeto de transporte público, num dia de semana, em horário de pico é de 43 minutos. A distância é 50% menor que a percorrida entre o mesmo ponto e a ESCOLA 2, localizada na região sul da cidade.

A escola possui 7 salas de aula, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática com computadores que possuem acesso à internet banda larga para uso dos alunos, pátio descoberto, quadra de esportes descoberta, área verde e parque infantil. De acordo com o IDEB 2015, a escola tinha 398 alunos matriculados e 14 turmas em 2 turnos de funcionamento. Contava com 47 funcionários, sendo 26 docentes e 5 monitores /auxiliares/tradutores de libras e, assim como a ESCOLA 2, oferece ensino pré-escolar e anos iniciais do ensino fundamental.

Apesar de ter poucas turmas, a escola conta com um espaço físico grande com muitas árvores, gramado, como mostram as imagens a seguir:

FIGURA 15: ESPAÇO FÍSICO ESCOLA 1



FONTE: A autora (2017)

Sobre a prática pedagógica inclusiva (ver figura 14), mesmo tendo 4 alunos incluídos, é possível notar no quadro a seguir que a escola não

apresenta condições adequadas, a ida a campo comprovou essa situação. Uma das crianças que participaram da atividade aplicada na primeira visita é cadeirante e enfrenta diversas limitações ocasionadas pelo espaço inadequado dentro e fora da sala de aula. Quanto à falta de formação adequada dos docentes para lidar com determinados temas, de acordo com as informações coletadas pela Prova Brasil, a ESCOLA 1 necessita ainda se adaptar à legislação para garantir o respeito à diversidade e a educação das relações étnico-raciais. Apesar dessa informação, na minha primeira visita notei que nessa escola havia um banner da prefeitura parabenizando-a pelo respeito à diversidade e inclusão.

FIGURA 16: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLA

Alunos incluídos	4
Sala de recursos multifuncionais	Não
Banheiro adequado a alunos com deficiência	Não
Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência	Não
Tradutor intérprete de Libras	0
Docentes com formação continuada em Educação Especial	0
Docentes com formação continuada em Educação Indígena	0
Docentes com formação continuada em Relações Etnorraciais	0

FONTE: Adaptado do INEP (2017)

As práticas pedagógicas voltadas para a inclusão são verificadas pela presença ou não de determinados recursos necessários para atender a diversidade de alunos recebidos pela instituição, algumas voltadas para o acesso e a permanência e outras com vistas a contribuir com a redução de desigualdades e a valorização de culturas marginalizadas como é o caso das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas cuja abordagem obrigatória é assegurada pela Lei 11.645/08 que substitui a Lei 10.639/03. No entanto, no quadro disponibilizado pelo INEP visto acima é possível observar que a escola não conta com docentes com formação continuada voltada para a implementação dessas leis. Neste sentido:

Há muito, homens e mulheres dedicados a combater o racismo na sociedade brasileira apontam a educação escolar e, por consequência, a ação dos professores como importantes para o fomento de valores nos quais a discriminação racial, o racismo e o preconceito não estejam presentes. São ricas, diferenciadas e múltiplas as ações desenvolvidas pelo movimento negro para alcançar tal intuito, por isso há uma produção a ser conhecida e compreendida nesse universo. (DIAS, 2012, p. 661)

De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2005), a Lei 10.639/03 representa a ruptura com uma postura pedagógica que não reconhece as diferenças consequentes do processo de formação da sociedade brasileira. A lei deve vislumbrar mais do que um impacto positivo sobre a população negra, deve ser encarada como “desafio fundamental” das políticas cujo objetivo está centrado na melhoria da educação brasileira.

Conforme examinamos, são constantes as demandas por uma educação que valorize a população negra, que reconheça sua história de contribuições para a construção do país e para a humanidade, que opere para a formação de identidade coletiva forte e valorizada do negro, que passe a ser isenta de formas de hierarquização e discriminação. (SILVA et. al., 2013, p. 578)

Para desempenhar essa função, a educação para as relações étnico-raciais precisa reconhecer o problema racial como forma de dominação de classe no Brasil; respeitar as origens históricas e manifestações culturais e religiosas das etnias dos estudantes; resgatar a história de luta e resistência de negros, indígenas e outros grupos étnicos historicamente discriminados; refletir constantemente sobre o racismo no cotidiano escolar; constituir relações saudáveis entre a população negra e branca, repelindo atitudes preconceituosas do ambiente escolar; utilizar a disciplina de História do Brasil para valorizar a cultura e a religião da população negra e afrodescendente e abordar criticamente a participação de todas as etnias que constituem a sociedade brasileira; superar estereótipos presentes, especialmente em livros didáticos, que trazem uma visão

de inferioridade dos negros, afro-brasileiros e indígenas; reconhecer e valorizar a história de resistência dos negros; ofertar formação continuada para professores e funcionários com objetivo de estabelecer uma educação antirracista, não discriminatória e não preconceituosa que reconheça e valorize a identidade étnico-racial presente no ambiente escolar, promovendo o reconhecimento, a valorização e identificação dos estudantes, negros, afrodescendentes e indígenas (BRASIL, 2005).

O espaço escolar tem um papel importante na desconstrução do racismo em nossa sociedade, pois além de ser responsável pelo processo de ensino e aprendizagem é determinante na construção das identidades individuais. Para assegurar que as desigualdades presentes na sociedade não sejam reforçadas no cotidiano da escola é imprescindível que os profissionais da educação tenham formação adequada, dessa maneira é possível evitar que construções sociais equivocadas, como a crença no mito da democracia racial, interfiram nesse processo. Conforme Munanga (2005), muitas vezes a formação recebida como cidadão, professor e educador não prepara para os desafios colocados pela problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação que surgem no cotidiano profissional. O autor atenta para a necessidade de que os professores, como mediadores do conhecimento e debatedores sobre assuntos diversos, estejam preparados para exercer essa função de maneira satisfatória.

Sigo com a caracterização da ESCOLA 2.






3.3.2 Caracterizando a ESCOLA 2 (CAMPO DE SANTANA)

A estrutura física da escola é composta por 15 salas de aula, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática com computadores e acesso à internet banda larga para uso dos alunos, pátio coberto e descoberto 1 quadra coberta. Não possui área verde e parque infantil. Segundo o IDEB 2015, essa escola contava com 806 matrículas, sendo 120 em período integral, 28 turmas (Pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental), 2 turnos de funcionamento e 85 funcionários, sendo 42 docentes e 3 intérpretes de libras.

Com essas informações é possível perceber que a ESCOLA 2, é maior em espaço, quantidade de funcionários e possui mais equipamentos, mesmo assim tem rendimento baixo no IDEB e apesar de ter uma diversidade étnico-racial maior que a ESCOLA1, tanto entre a equipe que tem diversas professoras negras, quanto entre as crianças, ficou explícita a necessidade de reforçar os debates sobre questões étnico-raciais, principalmente nas conversas com as crianças, cuja análise será realizada no capítulo 4. Assim como a ESCOLA 1, segundo o quadro sobre as práticas pedagógicas em educação inclusiva (figura 18), disponibilizado pelo INEP, não há docentes com

formação continuada em educação das relações étnico-raciais, já discuti anteriormente sobre a importância disso e retomarei o assunto com maior ênfase na análise das conversas.

FIGURA 17: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLA 2²⁰

Alunos incluídos		17
Sala de recursos multifuncionais		Sim
Banheiro adequado a alunos com deficiência		Sim
Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência		Sim
Tradutor intérprete de Libras		0
Docentes com formação continuada em Educação Especial		1
Docentes com formação continuada em Educação Indígena		0
Docentes com formação continuada em Relações Etnorraciais		0

FONTE: Adaptado do INEP (2017)

Há muitas pesquisas que evidenciam uma resistência à implementação dessas leis no meio escolar como explicam GONÇALVES (2013); SILVA (2009); ARAÚJO (2015); DE ARAÚJO (2014), por exemplo. Minha vivência no chão da sala de aula faz com que esbarre cotidianamente com essa resistência e perceba o quão incômodo é tocar em assuntos “delicados” como esses, é como se prevalecesse a ideia de que “se não falar de racismo ele deixa de existir”, vejo essa postura como resultante dos processos sociais que marcaram as relações étnico-raciais no Brasil.

Portanto, mais uma vez ressalto a importância de uma formação adequada e atribuo as dificuldades enfrentadas nessa situação à ineficácia da atuação do poder público, que deveria empreender um esforço maior no cumprimento da lei, proporcionando aos professores essa formação e ao mesmo tempo aferindo sua efetividade e adotando medidas para superar as dificuldades encontradas. Dessa maneira, a escola cumpriria seu papel preparando as crianças para a vida em sociedade, proporcionando a adoção de uma visão menos racista e preconceituosa da realidade e auxiliando as crianças negras na construção de uma identidade positiva.

Um dos aspectos positivos da ESCOLA 2, é que oferece atividades diversificadas no contraturno escolar, o que não acontece na ESCOLA 1. Das 12 crianças dessa escola que participaram da pesquisa, 8 fazem atividades extras no turno da tarde, a maioria é realizada na própria escola e estão relacionadas à prática esportiva (atletismo, vôlei, futebol,...) e a Guarda Municipal Mirim, que tem o maior número de participantes entre os pesquisados, trata-se de um projeto criado em 2004 pela Secretaria Municipal da Defesa Social cujo objetivo, de acordo com o site da Prefeitura, é fornecer às crianças condições de participar ativamente da sociedade reduzir a

20 A tabela foi retirada do site do INEP, há discrepância de dados ao dizer que não existem intérpretes de libras na escola enquanto informação anterior registrava a presença de 3 intérpretes. Mantive as duas informações por não saber qual delas está correta.

exclusão social da comunidade e do Bairro que vivem. Na prática, trata-se de uma atividade que visa o enquadramento moral e cívico.

Segundo as crianças os encontros da Guarda Municipal Mirim são realizados semanalmente na quinta-feira, aparentemente é mais organizado que os outros projetos, tive essa percepção porque fiquei muito tempo aguardando para ser atendida quando realizei as visitas e pude perceber crianças e mães procurando os professores e a secretaria para se informar sobre os dias e horários das outras atividades por conta das alterações frequentes. Os critérios para participar desse projeto que estão relacionados ao rendimento e comportamento das crianças e o nome dos aprovados na seleção é exposto em um mural no saguão da escola. Confesso que nenhuma das crianças se mostrou muito animada, tive a sensação de que o interesse maior era dos pais, além disso, apesar de ser um projeto da prefeitura exige um investimento extra, ao menos duas crianças comentaram que precisavam comprar os uniformes e não tinham condições.

Duas crianças participam de atividades de esporte e lazer na própria escola uma vez por semana e as outras duas realizam atividades extras vinculadas a projetos sociais. Tanto o contraturno, quanto os outros projetos se constituem em maneiras de compensar a ausência de possibilidades, já que não há outros espaços que ofereçam atividades esportivas ou culturais e nem oferta de espaços de lazer.

Concluída a apresentação das características dos bairros e da escola, a existência de desigualdades torna-se incontestável, essa etapa foi importante para que o leitor perceba as características gerais das redes de interdependência construídas em cada um dos espaços pesquisados, entretanto, essa teoria de Elias reconhece que essas redes não são fixas, por mais que partam das mesmas condições, cada pessoa se insere na rede de maneira diferente aproveitando ou não da sua elasticidade e fazendo escolhas diferentes dentro dela. Assim, essa visão amplificada ajuda a descrever como as crianças negras e brancas se inserem nas redes, essa análise será realizada no próximo capítulo, cujas conclusões serão pautadas na relação sociedade X indivíduo, construída a partir dessas figurações.

4. CATEGORIAS E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA IDENTIFICADAS NO UNIVERSO PESQUISADO: ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

Portanto, estamos inclinados a pensar que a qualidade principal do sociólogo não pode ser a de ‘intérprete’ final, mas sim uma qualidade de artesão, preocupado com os detalhes e com o ciclo completo de sua produção, introduzindo sua ciência nos momentos menos ‘brilhantes’ mas mais determinantes da pesquisa: constituição da população a ser entrevistada, construção da ficha de entrevista, qualidade da relação de entrevista, trabalho de transcrição da entrevista, notas etnográficas sobre o contexto... Em vez de refletir assim

que acabar a pesquisa, o sociólogo deve fazê-lo a cada instante e, particularmente, naqueles momentos banais, aparentemente anódinos, em que tudo leva a crer que não há nada a se pensar. (LAHIRE, 1997, p. 27)

À vista disso, entendi a importância da apresentação detalhada de cada uma das etapas de elaboração desse trabalho e das percepções que fui tendo no decorrer de sua realização, por isso procurei descrever passo a passo do planejamento à análise do material empírico.

Para Luna (1997), não há possibilidade de uma pesquisa dispensar certos procedimentos. Os recortes podem ser diversos, mas devem ser garantidos pelo procedimento que permite a seleção das informações que são necessárias para a leitura do pesquisador. A realização de uma pesquisa científica necessita de um planejamento prévio, mas não inflexível. É preciso ter ciência de que no decorrer do trabalho podem surgir novos caminhos capazes de interferir ou até mesmo alterar completamente o planejamento inicial.

Ainda para esse autor, cabe ao pesquisador estar atento e sensível às possibilidades que vão sendo apresentadas na construção do trabalho. A escolha de um método é tão imprescindível quanto o cuidado para não o induzir a confirmar uma hipótese preestabelecida. Além disso, é ele quem garante a cientificidade do trabalho, evitando que a pesquisa se torne um mero relato de caso.

Ao criticar o uso de modelos vindos das ciências naturais para analisar processos sociais, Elias e Scotson, (2000), evidenciam suas oposições ao ponto de vista apresentado por Émile Durkheim em “As regras do método sociológico”, no qual é proposta a delimitação de um objeto de estudo para a sociologia denominado “fato social”, cujas características sugerem a separação entre indivíduo e sociedade, na qual a sociedade se sobressai ao indivíduo exercendo constante coerção sobre o mesmo e determinando suas ações.

Da mesma forma, ao afirmar que a ideia de “ação” ou “interação” são condenáveis por pressupor a dissociação entre indivíduo e sociedade (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 16), o autor rejeita a teoria proposta por Max Weber em “Economia e sociedade” (1999), negando a ideia de superioridade do indivíduo. Em diversas passagens desse livro, é possível perceber também críticas à teoria de Karl Marx, considerando-a limitada como quando afirma que as relações entre grupos sociais não devem ser entendidas exclusivamente como luta de classes (Elias, 1994, p. 18).

Para Elias (2008), a sociologia deve produzir gradualmente conceitos adequados às particularidades das representações sociais. A refutação às teorias citadas deve-se ao fato de considerá-las insuficientes ou inadequadas, para o autor as minúcias e detalhes fazem toda a diferença, além disso acredita que não há possibilidade de estudar a sociedade separada do indivíduo, já que ela é inteiramente formada por indivíduos, sendo cada um de nós, um ser entre outros (ELIAS, 2008, p. 13).

Com base nessa concepção, para Elias e Scotson (2000), ao se falar em família e escola, por exemplo, faz-se referência a grupos de pessoas interdependentes e a configurações específicas formadas pelos seres humanos que compõem esses grupos. Eles acreditam que não faz sentido estudar fenômenos comunitários como se eles ocorressem no vazio sociológico. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 16).

Com isso, o autor lança mão de conceitos que serão indispensáveis para a análise sociológica, alguns deles foram utilizados para fundamentar suas pesquisas e antecipados em capítulos anteriores, dentre eles destaco os de figuração, redes de interdependência e equilíbrio de tensões, ou seja, “as redes de inter-relações, as interdependências, as figurações e os processos formados pelos homens independentes” (ELIAS, 2008; p. 13). Dentro deste modelo, as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações diversas (ELIAS, 2008, p. 15).

De acordo com Elias (2008), as redes de interdependências fazem com que as ações individuais dependam de uma série de outras ações capazes de modificar o jogo social. Ele acredita que a tarefa do sociólogo consiste em identificar e compreender as diferentes formações sociais que se sucederam ao longo dos séculos.

A exemplo disso, utilizo os conceitos de redes de interdependência e configuração, e as experiências descritas em “A sociedade de corte”, “O processo civilizador” e “Mozart, a sociologia de um gênio”, apreendendo o seu método de análise social a partir das redes, como base para uma análise detalhada das relações sociais estabelecidas pelas crianças no espaço do bairro ou da cidade, considerando-as como indivíduos que fazem parte de diversas redes de interdependência e que atribuem significados às suas ações, diante da impossibilidade de abarcar todas essas redes, fiz um recorte nas suas redes de mobilidade espacial investigando a infância, o espaço e as relações étnico-raciais.

Para observar as crianças na cidade é importante compreender as mudanças nas relações entre os indivíduos como membros de um grupo familiar. Elias (2012) acredita que essas relações não podem ser separadas das relações estabelecidas entre indivíduos como habitantes de uma cidade ou membros de um Estado, pois a estrutura familiar se altera com as mudanças experimentadas pela sociedade mais ampla na qual ela está inserida.

Conforme Elias (2012), a complexidade da convivência entre indivíduos nas sociedades urbanas industrializadas, implica na inserção de cada pessoa numa rede de largas e diferenciadas cadeias de interdependências, que exige de um indivíduo adulto, alta previsibilidade e contenção de impulsos momentâneos para o alcance de objetivos.

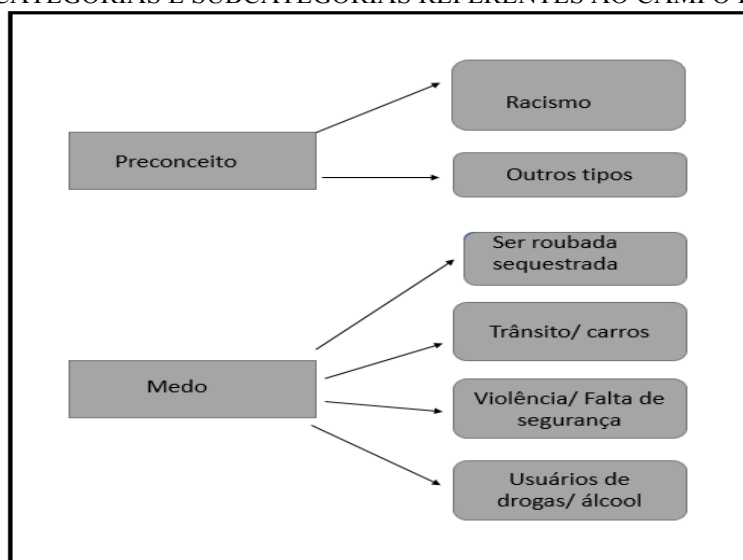
Ao propor uma sociologia que se distancie daquela que observa a sociedade de forma supostamente homogênea, Bernard Lahire (2002) enfatiza a importância de considerar a

heterogeneidade das experiências socializadoras dos sujeitos, acumuladas a partir da inserção em diversos grupos diferentes. Para este autor, mesmo nos espaços familiares de socialização há discordâncias e ideias que se contrapõem, assim a socialização resultante da inserção em diferentes contextos produz um sujeito diferenciado que não pode ser definido apenas por um perfil, as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos nos diversos grupos dos quais participa influenciam na construção da sua identidade social.

Da mesma forma, mais do que criar perfis generalistas, me proponho a observar detalhes que passariam despercebidos numa pesquisa mais ampla, identificando as especificidades das infâncias e as crianças como atores plurais com identidades construídas a partir da participação em grupos diversificados e contextos heterogêneos, como propõe Lahire (2002).

Tendo como exemplo a proposta de Bardin (1977)²¹, a primeira etapa da análise foi a “leitura flutuante” das transcrições das conversas e a identificação de padrões e temas que mais se repetiam nas falas das crianças. Utilizei canetas coloridas e organizei uma legenda para facilitar a visualização dos temas mais recorrentes e pautar a criação de unidades de análise, chegando inicialmente a quatro categorias mais significativas, duas mais relacionadas ao campo da subjetividade: Preconceito, que inclui como subcategoria Racismo e outros tipos de Preconceito e Medo que tem como subcategorias os medos expressos pelas crianças, ser roubada ou sequestrada, trânsito/ carros, violência/ falta de segurança e usuários de drogas/ álcool, como demonstra a Figura 19:

FIGURA 18: CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA SUBJETIVIDADE



FONTE: A autora

(2017)

²¹ Tentei utilizar análise de conteúdo no início desse trabalho, entretanto, com o auxílio da banca de qualificação percebi que não era adequado para a quantidade de casos da minha pesquisa. Dessa forma mantive apenas os aspectos que me ajudaram a identificar as categorias.

Antes de dar continuidade é adequado esclarecer algumas escolhas, entendo a relação entre racismo e preconceito e discutirei isso mais à frente, entretanto nas conversas com as crianças levei em conta as construções sociais que predominam no senso comum e, da mesma forma que eu tomei o cuidado de perguntar a cor somente quando a criança já estava se sentindo à vontade com a conversa, fiz uma pergunta genérica: “você já sofreu algum tipo de preconceito?”, algumas delas respondiam imediatamente relatando situações de racismo, outras resistiam, então eu continuava com o questionário e esperava até a próxima oportunidade para voltar ao assunto e perguntar de maneira mais direta.

Assim como era difícil se reconhecer como pessoa negra para algumas crianças, a utilização da palavra racismo causava um certo incômodo, além disso, não fazia sentido perguntar para as crianças brancas se já sofreram racismo.

Qualquer estudo sobre racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto/comparação com outras nações como prova incontestada de nosso *status* de povo civilizado. (GUIMARÃES, 1995, p. 26)

Entendo que na prática a ideia de preconceito não é suficiente para explicar as relações étnico-raciais na sociedade brasileira:

Podemos entender o preconceito como um julgamento negativo, na maior parte das vezes, e prévio em relação às pessoas ocupantes de qualquer outro papel social significativo. Ele é mantido apesar de os fatos o contradizerem, pois não se apoia em uma experiência concreta. Ele sinaliza suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a indivíduos pertencentes a uma mesma raça, religião ou a ‘outras raças, credos, religiões, etc.’. Preconceito, deste modo, envolve aspectos emocionais e cognitivos. (CAVALLEIRO, 1998, p. 32)

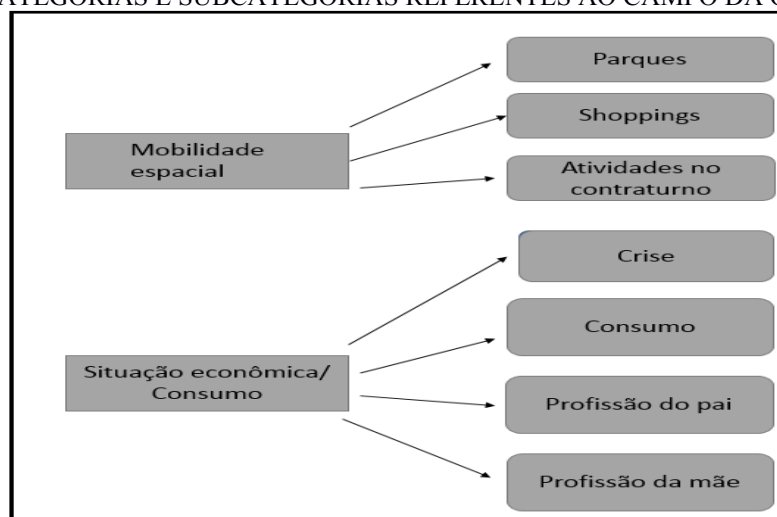
Diferente do preconceito racial, o racismo não está limitado aos aspectos emocionais e cognitivos do indivíduo. Rosenberg (2012) considera um erro achar que o racismo é resultado apenas das relações interpessoais e do preconceito racial, o racismo também está na base de políticas públicas universalistas que na verdade não atinge a todos, trata de forma desigual, pobres e não pobres, pessoas brancas e negras, crianças e adultos, que ajudam a sustentar o racismo. O racismo tem raízes mais profundas e não está relacionado apenas com a aparência do indivíduo.

Nesse sentido, o racismo apresenta-se como uma ideologia que permite o domínio sobre um grupo, como por exemplo judeu, negro, muçulmano e outros, pautado, apenas, em atributos negativos imputados a cada um deles. Assim, o racismo atribui a inferioridade a uma raça... (CAVALLEIRO, 1998, p. 30)

Para a autora, racismo no Brasil é estrutural e manifesto nas desigualdades entre negros e brancos e o preconceito é um subproduto do racismo. Hasenbalg (1981), afirma que ele está pautado na negação da humanidade do negro e outros não brancos e é utilizado para justificar o domínio dos brancos, ou seja, o racismo sustenta o desequilíbrio de poder entre brancos e negros, mantendo as relações de dominação. Esse ponto de vista justifica a constatação de Elias, “as chamadas ‘relações raciais’, em outras palavras, simplesmente constituem relações de estabelecidos e outsiders de um tipo particular” (ELIAS, 2000, p. 31-32).

O campo da objetividade abrange duas categorias: Mobilidade Espacial na qual são identificados os locais que as crianças vão com mais frequência, tendo como subcategorias parques, shoppings e atividades no contra turno e a categoria Situação Econômica e Consumo, na qual são analisadas as frequências em que as crianças falam de crise, consumo e problemas financeiros que abrange as seguintes subcategorias: crise, consumo, profissão do pai e profissão da mãe, como mostra a figura 20.

FIGURA 20: CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA OBJETIVIDADE



FONTE: A autora (2017)

As respostas das crianças em relação à profissão dos pais foram muito diversificadas, por conta disso, optei por utilizar uma classificação preestabelecida para agrupar e organizar hierarquicamente as profissões das mães e dos pais a fim de facilitar a análise, como será melhor explicado no item 4.2. Finalizo essa parte com a apresentação dos sujeitos dessa pesquisa:

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS DA ESCOLA 1

Nome	Idade	Sexo	Cor/raça (fenótipo)	Cor/raça (autodeclaração)
Kalifa	9	Feminino	Pardo	Moreno
Manuela	10	Feminino	Branco	Branco

Lucca	11	Masculino	Branco	Branco
Heitor	10	Masculino	Branco	Bronzeado
Ayo	8	Masculino	Pardo	Moreno
Luiza	9	Feminino	Branco	Branco
Adanna	8	Feminino	Pardo	Moreno
Thomas	10	Masculino	Branco	Indígena
Enzi	9	Masculino	Pardo	Bronzeado
Chentai	11	Feminino	Parda	Negra
Benício	8	Masculino	Branco	Amarelo Escuro
Alika	10	Feminino	Preto	Negra

FONTE: A autora (2017)

QUADRO 2: IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS DA ESCOLA 2

Nome	Idade	Sexo	Cor/raça (fenótipo)²²	Cor/raça (autodeclaração)
Abayomi	9	Feminino	Pardo	Pardo
Maria	10	Feminino	Branco	Branco
Sirham	9	Masculino	Preto	Moreno
Alice	9	Feminino	Branco	Branco
Murilo	11	Masculino	Branco	Branco
Barack	10	Masculino	Preto	Marrom escuro
Laura	9	Feminino	Branco	Branco
Daren	9	Masculino	Preto	Marrom
Shaka	9	Masculino	Pardo	Pardo
Isabela	10	Feminino	Branco	Branco
Pedro	9	Masculino	Branco	Branco
Niara	10	Feminino	Preto	Marrom

FONTE: A autora (2017)

Apresentadas as crianças e o método, dou continuidade a esse trabalho com a análise das categorias identificadas.

4.1 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA SUBJETIVIDADE: MEDO E RACISMO

Descritas as opções e caminhos metodológicos, passo a sintetizar os resultados obtidos a partir de sua aplicação iniciando pelas categorias referentes ao campo da subjetividade (figura 19), medo e preconceito.

O medo é característico da vida moderna e consequência do processo de urbanização das cidades. Para Caldeira (2011), a segregação espacial e discriminação social são resultantes da

²² Heteroclassificação feita pela pesquisadora.

combinação entre os processos de mudança social, a violência e o medo. Bauman (2009), percebe que a configuração das cidades permite que o medo ocupe um lugar central sendo utilizado como forma de legitimar políticas de controle e repressão. “Nos últimos anos, sobretudo na Europa e em suas ramificações no ultramar, a forte tendência a sentir medo e a obsessão maníaca por segurança fizeram a mais espetacular das carreiras” (BAUMAN, 2009, p. 7).

Dessa maneira é possível perceber que, nas sociedades modernas, a exploração da insegurança e do medo obedecem uma lógica mercadológica, dando margem para o que Bauman (2009) chama de “capital do medo”, baseado na supervalorização da segurança pessoal como estratégia para obtenção de “qualquer tipo de lucro político ou comercial”, assim, o medo tornou-se uma estratégia de marketing eficaz tanto para garantir vendas, quanto para conquistar o apoio da população para projetos políticos e campanhas eleitorais.

Pela lógica desse autor, essa especulação do medo tem interferência direta nas desigualdades espaciais que predominam nas cidades, sua relação com o lucro faz com que as populações mais pobres sintam seus efeitos com maior intensidade. Santos (2013), também reconhece a ação do mercado se sobrepondo às necessidades sociais e impedindo os cidadãos de construírem uma cidadania plena.

Para Santos (2013), o espaço vivido fica quase totalmente à mercê do “jogo do mercado”, promove desigualdades e injustiças e, no fim, sua parte mais significativa é constituída de um espaço sem cidadãos. Propondo a observação do mapa brasileiro, ele chama a atenção para as áreas que não possuem serviços públicos fundamentais, situação que se repete quando são observadas as plantas das cidades, nas áreas periféricas mesmo tendo grande densidade demográfica há ausência desses serviços, como se o espaço tivesse vazio.

O efeito desse duplo movimento é evidente na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. **Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo.** (BAUMAN, 2009, p. 7, grifos nossos)

Caldeira (2011) acredita que os discursos do medo ajudam na legitimação destas distinções. Além das desigualdades espaciais, muitos estereótipos e interpretações equivocadas têm origem na fala do crime, da mesma forma que essa conduta auxilia na reprodução do medo, sendo que por vezes as distâncias e separações têm respaldo em narrativas, conversas cotidianas, piadas e brincadeiras que ajudam na proliferação do medo. Sobre esses discursos a autora afirma:

Com frequência, dizem respeito ao crime, especialmente o crime violento. Mas eles também incorporam preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas aos pobres e marginalizados. Invariavelmente, a circulação desses discursos do medo e a proliferação de práticas de segregação se entrelaçam com outros processos de transformação social... (CALDEIRA, 2011, p.9)

Concluo com as análises desses autores que o medo é construído socialmente e reforçado diariamente por uma lógica de mercado que explora seus efeitos na sociedade para obtenção de lucro. Além das conversas e dos exemplos já apresentados, é importante destacar o papel da mídia na manutenção dessa situação. Boa parte dos discursos sobre o medo são pautados nas divulgações midiáticas que constantemente exploram notícias específicas produzindo mais insegurança em seus expectadores, num tipo de ação que não é isenta de interesses comerciais.

A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais. Essa criminalização simbólica é um processo social dominante e tão difundido que até as próprias vítimas dos estereótipos (os pobres, por exemplo) acabam por reproduzi-lo, ainda que ambigualmente. (CALDEIRA, 2011, p. 10)

Tanto o poder público quanto a iniciativa privada costumam explorar esses discursos que naturalizam o medo e os utilizam como justificativa para reforçar as desigualdades e distâncias sociais, através das construções de enclaves fortificados, contratação de segurança privada e/ou instalação de sistemas de segurança.

Mesmo não tendo direcionado minhas perguntas para esse tema ele apareceu na fala de 14 crianças, sendo 9 da região norte e 5 da região sul, o medo que as crianças manifestam tem relação com as falas do crime, em Santa Felicidade apenas uma criança justifica o medo narrando um acontecimento, as outras crianças têm medo do que ouvem falar. Apesar de ter uma proximidade maior com a violência, essa preocupação atinge menos as crianças do Campo de Santana, o que me leva crer, diante das discussões realizadas nesse trabalho, que as falas do crime mobilizam um mercado maior na região norte e por isso são mais disseminadas.

Dentre as crianças que falaram sobre a violência, 10 são negras, elas apresentaram 4 justificativas diferentes para seus medos: violência e falta de segurança, 6 crianças, sendo 4 da região norte (2 negras e 2 brancas) e 2 negras na região sul; medo de ser roubada ou sequestrada 4 crianças (1 branca na região norte; 2 negras e 1 branca na região sul); o medo de usuários de drogas e álcool apareceu nas falas de 3 crianças todas da região norte (1 branca e 2 negras), finalmente 1 criança negra da região norte relatou o medo do trânsito.

O agrupamento em subcategorias para o medo facilitou o meu trabalho, pois com a análise dos dados percebi que todas elas estavam associadas ao medo da cidade, o trânsito, por exemplo, é um dos grandes problemas da sociedade moderna, as outras três subcategorias, estão relacionadas à violência e são claramente resultantes do que Caldeira (2011) chama de falas do crime.

Marcia – Por que você não anda sozinha?

Abayomi – Porque também tá tendo bastante roubo por aqui, na cidade, e também porque ontem mataram um ali perto do ponto do ônibus ontem, cinco horas da manhã. (Abayomi, 9 anos).

O homicídio que ocorreu no bairro um dia antes era o assunto mais comentado naquele dia e intensificou as falas sobre violência na região. A postura da menina e a entonação da sua voz nesse momento da conversa, mostrou uma certa empolgação da parte dela em poder me contar essa história. Esse acontecimento, assim como a sua afirmação categórica de que estão acontecendo muitos roubos pela cidade, é resultante dessas falas do crime.

A mesma situação é evidenciada na fala de Daren:

Marcia – Você costuma circular sozinho pelo bairro?

Daren – Eu não ando sozinho. Minha mãe não deixa. Está muita roubalheira, se alguém me roubar ninguém vai ficar sabendo. (DAREN, 9 anos, Campo de Santana)

E de Pedro:

Marcia – Tem algum lugar que você pode ir sozinho no bairro?

Pedro – Não, sempre com a minha mãe, com o meu pai ou com o meu irmão. Eu tenho um amigo que tem 7 anos e ele vai lá comprar coisa na panificadora. Eu não saio sozinho porque podem me sequestrar ou me roubar. (PEDRO, 9 anos, Campo de Santana)

O medo de pessoas que fazem uso de drogas e álcool reflete a força que essa fala do crime tem na criação de estereótipos, vale lembrar que as crianças que falaram sobre isso são da região norte:

Marcia – Quando você vai no campinho perto da sua casa você brinca com todos que vão lá?

Chentai-Só a minha mãe me falou pra mim não se meter com aqueles meninos grandões lá porque... [cochichando] eles fumam maconha... quando eles não tã lá aí a gente vai lá brincar.

Chentai – Assim... tinha o irmão da minha vizinha, que eles tava brigando lá na praça daí a minha mãe ficou com medo da gente brincar lá, né? Porque o irmão da minha vizinha ele não fuma maconha e os meninos que tavam lá querendo bater nele fumavam... aí tava perigoso... (Chentai, 11 anos, Santa Felicidade)

Lucca também manifesta esse tipo de preocupação:

Marcia – Tem parquinho, academia ao ar livre perto da tua casa?

Lucca – Tem, esse da creche aqui do lado.

Marcia – Você vai lá?

Lucca – Não.

Marcia – Por que?

Lucca – Por que é perigoso, eu sou meio desconfiado, tenho medo das pessoas. Dos bêbados, essas coisas. (LUCCA, 11 anos, Santa Felicidade)

Kalifa fala sobre o uso de maconha, mas seu relato vai além, demonstrando que o espaço tem grande força na sustentação desses estereótipos, trata-se de uma menina negra e pobre que reproduz o discurso vigente:

Kalifa – Na favela eu não me sinto bem. Eu não gosto dela porque lá tem muito bandido, sabe? A gente passa pela favela para ir lá no postinho e eu não gosto, fico morrendo de medo. Eu fico agarrada na minha irmã e falo: ‘irmã eu vou segurar, socorro’ e a minha irmã segura a bolsa bem apertado porque tem gente que rouba a bolsa, com documento e tudo, mas a gente passa bem rapidinho.

Marcia – Você não conhece ninguém que mora lá?

Kalifa – Não. Meu tio morava lá, ele vendia maconha, mas meu pai não queria que ele ficasse em casa. Ele roubava as panelas da minha mãe sabia? Amassava. A minha mãe brigou com ele falou: ‘Você vai desamassar minhas panelas agora’. (Kalifa, 9 anos, Santa Felicidade)

Na fala de Kalifa a favela aparece como se fosse outro mundo, fica evidente a relação entre os discursos do medo e a segregação de grupos estereotipados, quando narra a história sobre o tio, ela tenta mostrar que ele reproduz o estereótipo do morador da favela. Sobre isso Caldeira (2011) diz: “O crime e os criminosos são associados aos espaços que supostamente lhe dão origem, isto é, as favelas e os cortiços, vistos como principais espaços do crime. Ambos são espaços liminares: são habitações, mas não o que as pessoas consideram residências apropriadas. (CALDEIRA, 2011, p. 79).

Pedro, reproduz as falas do crime, mas conta experiências muito próximas:

Marcia – Você acha perigoso andar pelo bairro?

Pedro – Acho, por que a minha mãe... Tentaram estuprar ela lá perto de casa, tentaram roubar ela, aqueles caras que arrastam mulheres para o mato. Roubaram nossa casa e a minha mãe quer comprar um taser para ela se defender. (Heitor, 10 anos, Santa Felicidade)

O medo da cidade teve muito destaque nas falas de Manuela:

Manuela – Eu não costumo sair muito de casa, eu não ando muito na minha rua. Então geralmente quando eu saio, eu saio no Shopping ou alguma coisa assim.

Marcia – Porque você não anda muito na rua?

Manuela – Porque minha mãe tem medo de vir um ladrão me roubar ou tipo me levar embora, minha mãe tem muito medo disso daí ela não deixa eu sair sozinha. (MANUELA, 10 anos, Santa Felicidade)

A diferença em relação às falas de outras crianças está no fato da menina ver locais, que podem ser identificados como enclaves fortificados, como alternativas seguras para os seus passeios:

Marcia – E você não gosta de nenhuma dessas coisas?

Manuela – Eu até gosto só que eu acho perigoso assim, daí minha mãe... Eu fazia zumba, natação essas coisas assim, sabe local que tinha mais segurança. (MANUELA, 10 anos, Santa Felicidade)

Mesmo fazendo tanta questão de dar ênfase à segurança, a presença da mãe é recorrente em suas falas, o que me leva a crer que o medo é muito mais da mãe do que dela. Sobre a preferência por espaço “seguros”, Caldeira define:

Os enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados à residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser shoppings centers, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomínios residenciais, eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os ‘marginais’, os sem teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público.

Dessa forma, ao optar circular apenas por esses espaços que, geralmente, abriga um público homogêneo, as redes das crianças ficam restritas e dificulta a convivência com o diferente.

A maior consequência do medo dessas crianças é a falta de liberdade de circulação pelos espaços públicos, a maioria só pode sair na companhia dos pais ou irmãos mais velhos que nem sempre têm muito tempo disponível. Além disso, não podemos ignorar o fato de a maioria das crianças que dizem ter medo serem negras.

O medo da violência e da falta de segurança foi relatado por 6 crianças, 4 da região norte e 2 da região sul, sendo duas crianças negras de cada bairro e 2 brancas da região norte. Em segundo lugar apareceu o medo de ser roubada ou sequestrada, colocado por 4 crianças, três negras (2 do sul e 1 do norte) e uma branca do sul. A maioria das crianças que abordaram esse tema vivem em Santa Felicidade, foram 9 crianças, 3 brancas e 6 negras, e no Campo de Santana foram 5, 4 negras e 1 branca. Ao todo, foram 10 crianças negras e 4 brancas.

Na maioria das vezes, a questão do medo apareceu quando eu questionava sobre a circulação da criança pelo bairro (sozinha e acompanhada), constatei que a maioria das crianças não circulam pelos bairros, exceto pelas que são cuidadas pelas avós, que têm irmãos mais velhos ou

cujas mães não trabalham fora, estas conseguem vivenciar melhor o bairro, mas andam sempre acompanhadas.

Já quando indaguei as crianças sobre os preconceitos sofridos, 4 contaram situações que foram classificadas nessa categoria, todas brancas, sendo 1 em Santa Felicidade e 3 no Campo de Santana.

Os relatos dessas crianças refletem a intolerância às diferenças e adesão aos padrões corporais que persistem na sociedade, duas crianças disseram sofrer preconceito por estar acima do peso e outras duas por estar abaixo, as duas meninas reclamam de ter sido chamadas de baixinhas e uma delas diz que além disso era chamada de saco de osso, na escola.

Marcia – Você já sofreu preconceito?

Murilo – Já, por causa de mim ser gordo. A diretora chamou os pais do piá que me xingou e ele quase foi expulso da escola porque era muito atentado. Ele me chamava de gordo baleia e eu parei de conversar com ele. (Murilo, 11 anos, Campo de Santana)

Heitor – Já, porque eu sou gordo. Eles ficam me zoando aqui na escola porque eu não consigo fazer os negócios de educação física. Quando eu estou de saco cheio eu falo para a professora. Eu sou muito sensível, eu falei uma vez para a professora deixar eu ficar sem fazer aula que eles iam rir da minha cara, mas ela não deixou. Acabou conversando com todo mundo, eles levaram uma bronca e foi isso, a gente fez um pouquinho da aula e logo acabou por causa da conversa. (Heitor, 10 anos, Santa Felicidade)

Heitor e Murilo expõem situações que mostram a reprodução de problemas da sociedade no espaço escolar. Mesmo tendo as relações étnico-raciais como foco, acho importante mostrar situações como essa que também são muito comuns e chamar a atenção para a importância de desconstruir preconceitos e educar as crianças para conviverem com a diversidade. Além disso, as duas histórias mostram que houve intervenção da escola no ocorrido, a fala de Murilo deixa claro que a situação, ao menos com o menino que ele citou, ficou no passado, enquanto o relato de Heitor descreve situações atuais que ainda não foram resolvidas apesar da conversa que a professora teve com seus colegas. Minha percepção é de que as ações voltadas para compreensão e o respeito à diversidade são contínuas e não podem ter caráter punitivo.

O racismo aparece no relato de 6 crianças, 2 na região norte de Curitiba e 4 na região sul, 5 delas são negras, uma dessas crianças é o Thomas, que como já falei, o identifiquei como branco, depois ele se autoidentificou como moreno, meio indígena, após contar que na escola particular que estudava era chamado de café com leite. Dos 6 casos relatados, 5 denunciam o racismo na escola e 1 em casa, as consequências da violência sofrida se sobressaem em seus relatos.

A violência racista do branqueamento exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização

compulsória e brutal de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico. (COSTA, 1983, p. 2)

Costa (1983) ao analisar os efeitos psicanalíticos do racismo identifica as consequências devastadoras dessa ação sobre a identidade do negro, a imposição de um ego e ideal brancos, para o autor não se relaciona apenas a uma “ideologia de cor”, mas a uma “ideologia de corpo”, caracterizada pela rejeição de atributos físicos do corpo negro que causam vergonha e desprezo àqueles que os possuem.

O racismo faz com que o negro rejeite sua identidade, e muitas vezes, abra mão de sua felicidade, para atender as necessidades dos ideais de brancura. Para Costa (1983) o sujeito negro constrói uma autoimagem baseada em experiências negativas pensadas a partir de seu corpo, como a dor, o prazer ou desprazer.

Marcia – Você já sofreu preconceito alguma vez?

Abayomi – Já.

Marcia – Como?

Abayomi – Por que falaram que eu era negra, falaram que eu era feia e falaram que não gostavam de mim.

Marcia – Onde foi?

Abayomi – Aqui na escola mesmo. Na saída, umas meninas do segundo ano.

Marcia – Isso aconteceu uma vez?

Abayomi – Não, foram duas.

Marcia – E em outros lugares?

Abayomi – Em outros lugares não. Só na escola. (ABAYOMI, 9 anos, Campo de Santana)

A experiência relatada por Abayomi reflete as dificuldades de construir uma identidade negra no Brasil, as ofensas que lhe foram direcionadas pautaram-se num padrão estético que define o bonito e o feio, a partir da cor da pele. Para Souza (1983), a estética branca possui autoridade para determinar o que é belo e o que é feio na sociedade, essa condição é aferida pela configuração do Brasil, enquanto sociedade classista que centraliza os espaços de poder nas mãos de pessoas brancas.

Ela ainda afirma que o único lugar em que ela foi vítima de racismo foi na escola. Pinto (1993) considerou a escola como um “ambiente hostil” pela indiferença em relação aos problemas enfrentados pelas crianças negras, certamente, para a menina, essas experiências foram muito marcantes, mas na sequência ela deixa transparecer que já passou por situações, menos explícitas, de racismo em outros espaços:

Marcia – No shopping, por exemplo, você se sente bem?

Abayomi – Eu falo assim, deixa os outros falarem o que falarem, mas tenho que fazer a minha vontade!

Quando ela faz essa afirmação revela que percebe os olhares e comentários enquanto circula por esses espaços, quando a questiono sobre isso, ela fala sobre os efeitos do racismo na sua vida:

Marcia – Por que você diz isso? Você acha que as pessoas falam alguma coisa?

Abayomi – Às vezes sim, as vezes não... não sei.... Por que as vezes eu me sinto mal... aquelas meninas lá... elas fizeram sabe... eu tava sonhando... sabe... desde pequeninha eu sonhava em ser modelo... daí elas começaram a falar que eu era feia, daí eu perdi a vontade, daí agora eu to meio sem sentir vontade...

Quando começou a me falar sobre como se sentia por conta do racismo enfrentado havia uma expressão de tristeza no semblante da menina que evidenciava a dor de uma “ferida” aberta. Ao discutir os efeitos psíquicos do racismo na vida de pessoas negras, Souza (1983) mostra que há um alto custo a ser pago para que haja essa cicatrização:

O sujeito negro diante da ‘ferida’ que é a representação de sua imagem corporal tenta sobretudo cicatrizar o que sangra. É a este trabalho de cerco à dor, de regeneração da lesão que o pensamento se dedica. A um custo que, como se vê neste trabalho, será cada vez mais alto. O tributo pago pelo negro à espoliação racista de seu direito à identidade é o de ter de conviver com um pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer. (SOUZA, 1983, p. 9)

A alternativa vista por Abayomi diante da situação foi se resignar e abrir mão do sonho que lhe daria prazer, carregando a tristeza e frustração decorrentes disso. A resistência em assumir uma identidade negra aparece de maneira mais evidente na sequência, quando perguntei sobre a cor da sua pele a resposta não foi tão imediata:

Marcia – Qual é a tua cor?

Abayomi – Hã?

Marcia – Qual é a tua cor?

Abayomi – Como assim?

Marcia – A cor da tua pele.

Abayomi – É meio amarelinha, meio morena, sei lá como que fala...

Marcia – Se eu perguntasse da maneira que está no meu questionário, qual a tua cor: preta, branca, pardo, indígena?

Abayomi – O que é pardo?

Marcia – Pardo é o tipo de pele que é negra, mas é mais clara que a pele preta. Eu, por exemplo, sou parda.

Abayomi – Ah! Daí seria esse mesmo.

Marcia – Você acha que a sua pele parece com a minha?

Abayomi – é... também a minha mãe, ela já é mais escurinha do que eu e meu pai já é meio branco.

Sua resistência inicial pode estar relacionada à hostilidade do ambiente escolar e à carga negativa que acompanha esse reconhecimento, principalmente no contexto da cidade de Curitiba. Depois que me identifiquei como negra para explicar o que seria uma pessoa parda ela se sentiu mais à vontade, mas na continuação da conversa a palavra negra continua a incomodando:

Marcia – A tua mãe é negra?

Abayomi – Negra, não. Ela é meia marronzinha assim... é mais escurinha do que eu...

Niara também resistiu em se reconhecer como negra, o único momento tenso da conversa foi quando perguntei a cor da sua pele, ela reagiu com silêncio e negação:

Marcia – Qual é a tua cor?

Niara – [silêncio] nenhum...

Marcia – Se você tivesse que se definir entre branco e negro, como você se definiria?

Niara – Eu acho que eu me defino não.

Marcia – O que você quer dizer com não?

Niara – Não. Por que eu não sou negra, nem branca.

Marcia – Você não é branca?

Niara – Não

Marcia – E não é negra?

[sinaliza com a cabeça de forma negativa] (Niara, 10 anos, Campo de Santana)

A violência do racismo deixou Niara com muitas feridas abertas, sua resistência está relacionada à forte rejeição da menina ao corpo negro. Neste sentido:

O racismo esconde assim o seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade do seu corpo, de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro, converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado onde poderia ter sido branco ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros iram desaparecer. (COSTA, 1983. p. 5)

De acordo com esse autor, pensar a identidade negra traz sofrimento para uma pessoa nessa condição, a ferida do corpo se torna a ferida do pensamento mutilando a essência do sujeito (COSTA, 1983, p. 10). Segundo Trinidad (2012), as experiências negativas proporcionadas pelo racismo vivido pela criança negra podem explicar o desconforto que algumas dela sentem com o próprio corpo e o desejo por um corpo branco, além disso, não se pode esquecer da influência da estética branca determinando a relação entre bonito e feio já citada anteriormente, colocada por Costa (1983), e endossada por Bento (2012), que fala sobre a universalização do corpo branco como norma, como representação do que é belo interferindo na autoestima da criança negra.

Marcia – Por que?

Niara – Nenhum dos dois, porque..., mas eu não sei não, porque eu não gosto de mim. Eu gosto de preto, mas só que também eu queria ser branca.

Marcia – Por que você queria ser branca?

Niara – Ah! A cor é mais bonita, mas depois a minha mãe também é dessa cor aqui e eu fiquei dessa cor. Nasci bem branquinha, depois eu fui crescendo e fui ficando dessa cor.

Marcia – Por que você não gosta da tua cor?

Niara – Porque branco é mais bonito.

Dentre as crianças da pesquisa, Niara é a que mais resiste à negritude, reconhecendo explicitamente que não gosta de si mesma, exaltando a beleza do branco e se remetendo ao passado dizendo que nasceu branca numa postura de total submissão aos ideais racistas que imperam na sociedade brasileira.

Apesar de inicialmente negar ter sido vítima de preconceito, Niara relata situações visíveis de racismo e a interferência dessas situações na sua negação e construção de um padrão estético “branco” como ideal.

Niara - ... E também tem menino que era dessa escola, eu falava com ele, daí depois tiraram sarro dele e eu passei na frente da casa dele e falei ‘oi’ e ele pegou e entrou para dentro. Eu não entendi nada.

Marcia – Sabe o que me incomodou? Você falar que branco é mais bonito. Alguém te falou isso?

Niara – A minha prima já falou, ela é cor bem clarinha e a mãe dela também é cor mais clarinha. Ela tem uma irmãzinha chamada Sara, nossa! Que lindinha. Aí depois nos encontramos, a mãe dela que estava levando a Sara na creche. Daí eu encontrei ela na rua e ela falou: Sabia que a cor branca é mais bonita?

Marcia – Alguém já falou que você não é bonita?

Niara – Já, o meu irmão, o meu primo e esse menino que eu te falei, que é da minha sala.

Marcia – Como foi essa situação?

Niara – Eu não falo mais com ele. Eu fui encontrar ele no recreio, depois eu perguntei se ele queria ir no banheiro comigo. Daí ele ia e depois eu ia, ele foi no dos meninos e eu no das meninas, daí quando ele saiu falou que eu sou feia. Não entendi nada. Ele falou que eu sou bonita dentro da sala aí depois no recreio ele falou que eu sou feia. Não entendi nada.

Em sua pesquisa, Cavalleiro (2005) percebe que o pertencimento racial subsidia as relações de ofensa ou amizade com base numa supervalorização do referencial branco:

Se são negras reconhecem isso como uma desvantagem; e, por vezes, sem a ajuda dos adultos, se submetem a sessões cotidianas de discriminação racial. Essa relação discriminatória é atenuada apenas se a criança negra tiver condições de competir e preferencialmente superar o nível de cognição de seus colegas brancos. (CAVALLEIRO, 2005, p. 91)

Portanto, a postura de Niara não é um caso excepcional, mas reflete o problema decorrente da branquitude normativa que permeia os espaços de vivência social, inclusive a escola e a família, como é o caso dessa menina. Para Gomes e Miranda (2014), a arte e a cultura impõem padrões que

regulam e estereotipam o corpo negro através de um conjunto de representações que sustenta os ideais de beleza corporal:

Os dispositivos de poder que fabricam o corpo normal adotam uma lógica, ao mesmo tempo, durável e flexível o bastante para normalizar as diferenças, entre as quais a raça é uma das mais controladas. A circulação de estereótipos que associam cor negra à exclusão e depreciação racial colabora para a formulação de imagens negativas, como uma outra pele que se cola ao corpo negro. Esse é um dos efeitos de uma branquitude normativa que se move da negação do corpo negro até sua circunscrição a parâmetros adequados de aceitação. (GOMES e MIRANDA, 2014, p.87).

A dificuldade e a resistência de Niara, em construir uma identidade negra está relacionada aos danos psíquicos causados pelo racismo, que o impede de “formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir do negro todo o prazer de pensar e todo o pensamento de prazer” (COSTA, 1983, p. 7).

Já discuti a complexidade do sistema de classificação racial no Brasil e retomo aqui alguns pontos importantes para compreender as falas apresentadas a seguir. De acordo com Sansone (1996), esse sistema é resultado do conflito e da negociação em torno da cor que está relacionada à maneira como é vivenciada a ideologia racial em diferentes classes sociais e instituições, principalmente em contexto urbano devido à complexidade e heterogeneidade do espaço.

Fazzi (2006) afirma que entre crianças, essa negociação possibilita uma certa manipulação das categorias, estratégia utilizada por algumas das crianças com as quais conversei que citam um continuum de cores: branca (9), morena (4), marrom/marrom escuro (3), bronzeado (2), pardo (2), indígena (1), amarelo escuro (1).

Quando perguntei sobre a cor da sua pele, Sirham respondeu que é marrom, mas na sequência disse que é preto, se mostrando pouco à vontade em falar desse assunto:

Marcia – Qual a cor da tua pele?
 Sirham – Marrom
 Marcia – Você já sofreu preconceito?
 [faz sinal afirmativo com a cabeça]
 Marcia – O que aconteceu?
 Sirham – Quase todo dia... Meu irmão que fica... só por que eu sou o mais preto de casa...

Sansone (1996) percebe em sua pesquisa que preto é a cor da negação, poucas pessoas se autodeclaram pretas, quem o faz, geralmente são os mais pobres, a cor carrega um sentido negativo que remete a ruim, malfeito, sem educação. É comum que, na tentativa de afastar a conotação negativa e o estigma que acompanha essa definição as pessoas utilizem outros termos.

Assim, ao adquirir a noção de outro, e de outro diferente, também em termos raciais, a criança adquire a interpretação dessa diferença. No caso de sociedades em que os preconceitos raciais se manifestam, como a brasileira, as noções de diferenças e hierarquias raciais são adquiridas simultaneamente. Através dos vários mecanismos sociais vivenciados no processo de socialização, inicialmente, no interior da família, no espaço da rua e nas organizações religiosas e, posteriormente nas creches e nas escolas, as crianças aprendem que ‘ser preto é uma desvantagem’ por estar numa situação inferior. (FAZZI, 2006, p. 85)

Ao se autodeclarar marrom Sirham, tenta escapar do estigma associado à cor preta, só se reconhece dessa maneira em comparação com as outras pessoas de seu grupo familiar, relatando, inclusive, sofrer racismo dentro da própria casa.

As relações estabelecidas com os amigos e os contatos com a vizinhança têm grande interferência na formação do sujeito negro. Este foi o segundo tema levantado durante a entrevista. Neste espaço aparecem os primeiros apelidos dados pelo grupo de colegas, as brigas, os pareceres dos pais, dos amigos e dos conhecidos. Se a violência racial presente em nossa sociedade já exerce influência na própria estrutura familiar dos negros, o que não aconteceria fora do círculo familiar? (GOMES, 1996, p. 75)

Gomes (1996) já havia chamado atenção para o problema do racismo intrafamiliar, afirmando que ele acontece como reflexo de uma sociedade que incentivou a miscigenação e possibilitou uma organização hierárquica entre os indivíduos pautada numa gradação de cores que atribui valores aos indivíduos considerando que quanto mais perto do branco é melhor.

Quando o menino diz que acontece quase todo dia soa como um desabafo, sua maneira de falar deixa claro que é uma situação que o incomoda muito. O único caso que ele cita é o do irmão, que dá apelidos por ele ser o “mais preto de casa”, o que mostra que mesmo estando num espaço homogêneo há possibilidade de classificar e julgar as pessoas pelas diferenças na tonalidade da pele.

Kalifa usa a mesma estratégia, mas se classifica como morena, uma das categorias mais usadas pelos brasileiros e, como já comentei, a mais ambígua, sendo utilizada para descrever pessoas negras, pardas e brancas de cabelo escuro. Fazzi (2006) afirma que o moreno se trata de uma categoria intermediária que não é associada a atributos negativos e é considerada menos ofensiva que as classificações negra e preta. A mobilização dessa categoria por crianças negras é vista pela autora como forma de camuflar a própria cor, que evidencia uma percepção negativa da sua imagem corporal.

Para Trinidad (2012), diferentemente do preto e do pardo, o moreno não remete a uma ancestralidade africana, em sua pesquisa a autora percebe que as crianças com características típicas dos negros (pele escura e cabelos enrolados) utilizavam o moreno como eufemismo e foram as que mais mostraram os significados sociais atribuídos aos negros no Brasil. Dessa forma, é possível

perceber que o comportamento dessas crianças representa a maneira que elas encontraram para lidar com as desigualdades raciais. Ao ser questionada sobre ter sido vítima de algum tipo de preconceito, Kalifa descreve uma situação na qual, segundo ela, foi vítima de *bullying*²³:

Marcia – Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Kalifa – Já. Só um, na escola, de bullying. As meninas me chamavam de cadela porque eu ia de cabelo todo de Chiquinha e eu ia todo dia no balanço e quando eu ia no escorregador ela falava. Aí eu falei para a minha mãe. Aí minha mãe veio e brigou com ela. A minha irmã ficou muito brava e até ela me defendeu.

Apesar de não ser explícito, a situação descrita pela menina evidencia um ato racista e considerá-lo *bullying* minimiza a situação. Segundo Maciel e Bernardo (2015), é possível que por se tratar de um termo generalista é mais facilmente banalizado por poder se tratar de tudo e de nada ao mesmo tempo.

Ora, a fusão de todas essas práticas intituladas simplesmente bullying nos parece aqui desempenhar algumas funções sociais, a saber: descriminaliza o ato racista, reconstrói e reforça o mito da democracia racial (inexistência de racismo), desloca a discussão sobre o racismo e a própria legitimidade da Lei 10.639. (MACIEL e BERNARDO, 2015, p. 198)

Nesse sentido, os autores afirmam ainda que o bullying é utilizado para mascarar as causas reais das agressões, por isso é importante que elas sejam diferenciadas explicitando a intenção por trás da violência (homofobia, racismo, sexismo, por exemplo). No que se refere ao racismo, os autores salientam:

A violência a que estão sujeitos alunos e alunas negros no cotidiano escolar está explicitada, está nos constantes insultos raciais, comumente chamados bullying. O bullying cai como uma luva no mito da democracia racial, seja na omissão da escola diante do fato, por conta do racismo institucional, seja na supervalorização simbólica da branquidão. (MACIEL e BERNARDO, 2015, p. 199)

Retomando a fala de Kalifa, Gomes (1996) com intuito de romper com os estereótipos do negro como sujo e descabelado ou apenas como prática cultural de cuidado com o corpo, é comum que algumas famílias se preocupem em arrumar os cabelos das crianças, sendo comum a utilização de diversos tipos de tranças e uso de adereços coloridos. Para a autora essas práticas revelam a existência de um estilo negro que se relaciona o cabelo à identidade negra e que está ligada a um sistema estético complexo (GOMES, 1996, p. 44). A arrumação do cabelo de Kalifa fez referência a essa identidade negra, foi contra essa identidade que as crianças reagiram.

23 Utilizando uma explicação simplificada o bullying pode ser definido como agressão moral ou física violenta, intencional e repetida, que causa danos à vítima.

Barack apresentou certa resistência em se reconhecer preto, começou se definindo como marrom escuro, demonstrando preocupação em escapar do estigma que está ligado à sua cor, quando pergunto se ele se considera negro ele deixa evidente a força da construção negativa que circunda o termo, mostrando uma ideia recorrente no censo comum de que se referir ao outro como negro é ser racista.

Considero essa postura como fruto de discussões equivocadas que começaram a proliferar com a ampliação dos debates sobre o racismo no Brasil, é comum ver, principalmente na mídia, reações negativas à postura antirracista. As pessoas acreditam tanto no mito da democracia racial que não querem contestá-lo, consideram as reações ao racismo exageradas e mostram total desconhecimento sobre o tema, um exemplo disso acontece quando dizem (geralmente de forma irônica) que não pode chamar alguém de negro que é racismo, tem que chamar de afrodescendente. Aí, mais uma vez, a escola se constitui como espaço onde essas ideias devem ser refutadas através da construção de um conhecimento pautado na ciência e que esclareça os equívocos do senso comum.

Marcia – Qual é a cor da tua pele?

Barack – Marrom escuro.

Marcia – Você se considera negro?

Barack – Negro não, eu não tenho racismo de mim mesmo.

Marcia – Por que você acha que se definir como negro é ser racista?

Barack – **Eu sou... eu sou preto... mas daí, né? Muito tempo atrás os negros, os africanos lá, né? Eles eram muito mais fortes do que os brancos. E daí eu acho que eu sou mais forte também. Eu não me defino, minha mãe fala que eu sou bonito todo dia, eu olho todo dia no espelho...**

Marcia – E se fosse para se definir entre negro e branco?

Barack – Sou negro.

Marcia – Você acha que é racismo alguém falar que você é negro?

Barack – É... Não... (Barack, 10 anos, Campo de Santana, grifos nossos)

Mesmo com essa reação inicial, Barack mostrou uma valorização da identidade negra, se assumindo como negro no decorrer da conversa, mostrando aspectos positivos da cultura africana e, principalmente, a importância da mãe na construção da sua autoestima. Bento (2012, p. 112) acredita que a construção da identidade ocorre através do corpo e da convivência com o outro, que nos primeiros anos de vida, geralmente são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam da criança. É através do olhar, do toque, da voz e dos gestos dessas pessoas próximas que a criança percebe o seu próprio corpo e destes que a cercam, construindo, a partir daí sua autoimagem e seu autoconceito, portanto a maneira como o adulto percebe sua identidade racial e as diferenças raciais são significativos no cuidado com as crianças.

Barack demonstra a construção de uma identidade positiva, apesar da resistência inicial em se assumir como negro, em suas falas fica nítida a responsabilidade da família, especialmente da mãe sobre essa condição.

...para que a identidade de uma criança possa ser construída positivamente, ela precisar ser amada pelo adulto que cuida dela – em geral, por sua mãe, e depois por si própria. A mãe está associada aos primeiros tempos da vida, às experiências mais precoces, aos momentos de fusão e de indistinção. As expressões de amor que recebemos, particularmente nessa etapa da vida, são fundamentais para a constituição de nossa personalidade. Cada um de nós gosta, em geral, de nossas características que são apreciadas pelos outros. Necessitamos de imagens positivas acerca de nós mesmos, para podermos funcionar de modo harmonioso. Precisamos acreditar que somos, ao menos em alguma medida, ‘bons’; senão, o ódio e a agressividade que fazem parte de nossa vida emocional atacam nosso próprio ‘eu’, com consequências severas para o funcionamento psíquico. Assim, quando uma criança recebe mensagens contínuas de que não é tão bonita, tão atraente quanto sua colega, ou de que seus traços são considerados feios, ou expressão de sujeira, teremos um grande problema na formação da identidade desta criança. (BENTO, 2012, p. 110-111)

Ao seguirmos com a conversa, o menino relata já ter sido vítima de racismo na escola:

Marcia – Você já sofreu preconceito alguma vez?

Barack – Uma vez.

Marcia – Onde?

Barack – Na escola. É... eu li o livro de artes... estava com um negócio... que o cara era negro... e daí a outra gurá me chamou de negro... daí os caras falaram que eu podia processar ela, mas eu não sou muito bom para isso.

Ao afirmar ter acontecido apenas uma vez e agir como se não dessa muita importância para a situação demonstra uma autoestima que reforça sua estratégia de resistência. Entretanto alguns pontos desse relato chamaram-me a atenção. O primeiro deles foi o fato de ter sido algo explícito que ocorreu na sala de aula, foi um momento oportuno para discutir o tema e desconstruir as ideias colocadas pelas crianças, mas isso não aconteceu. O segundo ponto é que, mais uma vez, o termo negro é visto como ofensa, e isso é consenso entre as crianças que estavam próximas, reforçando mais uma vez a necessidade de discutir o tema. O terceiro, e último ponto mostra um aspecto positivo, as crianças demonstram saber que o racismo é crime e que pode resultar num processo judicial, mas também falam como se as crianças estivessem sujeitas à lei da mesma forma que os adultos.

Da mesma maneira que Barack, Alike trouxe aspectos importantes que sublinham a importância da família na construção de uma autoimagem positiva, a única situação explícita de racismo relatada pela menina ocorreu na creche e envolveu outra criança que hoje é seu amigo e estuda na mesma sala que ela:

Alika - Eu sofri preconceito quando eu estava na creche, que um amigo meu que ele está na minha sala, só que daí já passou por isso, né? Que ninguém queria ficar comigo porque eu era negra. Aí eu falava para minha mãe, aí brigavam comigo, só que daí para mim sempre não me incomodava muito eu só continuava brincando com a minha amiga. (Alika, 10 anos, Santa Felicidade)

Alika viveu na pele a rejeição ao corpo negro promovida pela disseminação do Ego e do Ideal branco discutidas por COSTA (1993). Não posso afirmar contundentemente que atores ou espaços sociais produziram essa configuração já que estou analisando um breve relato sem muitos detalhes, de um contexto desconhecido (o da creche que ela estudou), entretanto, fica claro que ao rejeitar a presença de Alika nas brincadeiras e ofendê-la as crianças estão reproduzindo construções sociais que determinam o lugar do negro e o lugar do branco na sociedade e valorizam o estereótipo branco em detrimento do negro.

Ao questionar sobre o racismo em outros espaços, a menina mostra que percebe o incômodo das pessoas ao redor, no shopping, e inclusive comenta com a mãe que, aparentemente, como estratégia de proteção, afirma que os olhares são para a irmã, que também é negra, dando uma explicação que ameniza a sua preocupação.

Marcia – E quando você vai no shopping, no cinema ou em outros lugares você já percebeu algo assim [racismo]?

Alika – Todo mundo fica me olhando, mas a minha mãe diz que é porque eu estava com a minha irmã, porque a minha irmã é muito alta e também porque ela é ... um pouquinho mais... é ... diferente de mim.

Alika e a irmã rompem com os estereótipos impostos às pessoas negras, ocupam um espaço majoritariamente branco, sem se submeter aos padrões que são exigidos nesse espaço, são uma menina e uma mulher negra com uma identidade positiva sobre si, que assumem sua negritude e pertencem a uma classe social mais abastada.

Marcia – Por que ela é diferente?

Alika – É porque como ela é mais velha, ela usa bastante salto e ela tem 1,70 m e ela fica um pouquinho maior do que eu. Aí ela fica também usando umas... umas camisetas escritas umas coisas tipo para... de autoestima essas coisas de Frida Kahlo, aí às vezes ficam olhando para ela por causa disso. Aí ela se maquia bastante.

O empoderamento e exaltação da autoestima que fazem parte da personalidade da irmã e refletem em Alika fica nítido no trecho acima. Para Glória Gomes (2017) é comum, atualmente que personagens reais ou de ficção que possuem uma biografia com episódios que propiciem uma identificação coletiva, passem a ser inspiração para determinadas causas. Em sua pesquisa ela explica a relação que se estabelece a partir da admiração por Frida Kahlo:

A partir do resultado das análises, pudemos confirmar que sobre a mesma figura ocorrem dois grandes movimentos onde em um há a identificação do sujeito com a Frida Kahlo 'feminista' e transgressora dos padrões que à mulher são impostos. Como observado nas análises, além da posição de sujeito que se identifica com a Frida transgressora e socialista, também pudemos comprovar um segundo posicionamento do sujeito que se identifica com a imagem de Frida como um verdadeiro ícone da moda, o que silencia sua resistência à construção tradicional que à mulher é imposta, bem como seu rompimento com a moda e estética imposta pelo mercado. (GLÓRIA GOMES, 2017, p. 5)

O caso exposto por Alike, segundo ela, tem relação com a questão da autoestima, portanto, trata-se da identificação com imagem da Frida Kahlo feminista que resistiu aos padrões impostos pela sociedade. Assim fica evidente também, a influência da irmã na construção de numa autoimagem positiva.

4.2 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REFERENTES AO CAMPO DA OBJETIVIDADE: MOBILIDADE ESPACIAL E SITUAÇÃO ECONÔMICA/CONSUMO

A partir da leitura flutuante das conversas realizadas, a mobilidade espacial e situação econômica das crianças apareceram como pontos importantes a serem explorados. Como farei uma análise mais detalhada mais adiante, o objetivo desse item é apresentar uma perspectiva mais generalizada sobre essas categorias.

Assim como o medo e preconceito interferem na construção das redes das crianças, a falta de mobilidade e a condição econômica também são determinantes. Partindo do pressuposto que a variedade de contatos sociais e a circulação pelos espaços do bairro e da cidade interferem na construção das redes de interdependência e nas figurações das crianças pesquisadas, e consequentemente na construção de suas identidades, a situação econômica também precisa ser explorada.

Já vimos que a configuração atual das cidades tende a segregar a população pobre e negra em espaços específicos, sendo que essa tendência foi evidenciada por Caldeira (2011) que também identificou na sua pesquisa a limitação imposta pela condição financeira. As pessoas da periferia de São Paulo, além de habitarem num espaço segregado tinham que lidar com a falta de mobilidade imposta pela condição financeira como mostra o relato a seguir:

O salário só dá para comer mesmo, não dá para ir no parque levar a Maria para brincar na roda gigante. Se eu gastar com condução vai faltar para eu ir trabalhar no outro dia. Então vou ficar em casa mesmo, porque é melhor, então eu fico em casa. (CALDEIRA, 2011, p. 67)

Além disso, a autora constatou também uma certa irritação com os pobres nos espaços de consumo da classe média, isso mostra que existem mecanismos que forçam a população pobre a ocupar o lugar que lhes foi reservado pela sociedade, um lugar isolado dos espaços das classes mais abastadas, mal servido de equipamentos públicos, com poucas possibilidades de lazer e de onde tem poucas possibilidades de sair devido à condição econômica.

Voltando à minha pesquisa, para a elaboração de categorias utilizei as informações sobre a profissão do pai e da mãe, e os comentários relacionados ao consumo ou à crise. A análise das profissões foi feita conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) elaborada pelo Ministério do trabalho e emprego (MTE), que divide as ocupações em 10 grandes grupos conforme quadro 3.

QUADRO 3: ADAPTAÇÕES DA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

0	Membros das Forças Armadas, policiais e bombeiros militares
1	Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas, gerentes, Diretores e gerentes
2	Profissionais das ciências e das artes, profissionais das ciências e intelectuais
3	Técnicos de nível médio
4	Técnicos e profissionais de nível médio
4	Trabalhadores de serviços administrativos
5	Trabalhadores de apoio administrativo
5	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados, Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados
6	Trabalhadores agropecuários, florestais, caça e pesca
6	Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca
7	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais
7	Trabalhadores qualificados, operários e artesãos das artes mecânicas e outros ofícios
8	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais
8	Operadores de instalações e máquinas e montadores
9	Trabalhadores de reparação e manutenção, ocupações elementares

FONTE: Adaptado de Ministério do Trabalho e Emprego (2017)

Em relação às profissões das mães, em Santa felicidade percebi uma distribuição mais diversa e equilibrada racialmente tendo a mesma proporção de mulheres negras e brancas em cada profissão. Além de identificar as mães que não trabalham fora 4 (2 brancas e 2 negras), foram identificadas quatro categorias profissionais, na categoria 2 foram classificadas 2 mães (1 negra e 1 branca), na categoria 4 foram 2 (1 negra e 1 branca), na categoria 9 foram 4 (2 negras e 2 brancas). As mães que não trabalham fora e as que têm ocupações elementares são maioria, também é importante ressaltar que nesse bairro todas as crianças com as quais conversei moram com a mãe.

A profissão dos pais das crianças de Santa Felicidade não tem uma distribuição tão equilibrada, elas foram classificadas em 5 categorias, o pai de Alike se destaca na classificação 0, que inclui membros das forças, armadas, policiais e bombeiros militares, portanto foge do padrão já que o topo da lista é ocupado por um homem negro, entretanto, dos outros pais negros 1 está na categoria 3 (técnicos e profissionais de nível médio), 3 na categoria 9 (trabalhadores de reparação e manutenção, ocupações elementares) e 1 na categoria 5 (trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados), ou seja, a maioria trabalha com reparação e manutenção, ocupações elementares. Os pais brancos estão distribuídos da seguinte maneira: 1 na categoria 2, 1 na categoria 9 e dois na categoria 5. Entre os brancos há maior dispersão dos resultados somente a categoria 5 que abrange os trabalhadores do comércio que tem 2 representantes. Duas crianças que participaram da pesquisa não moram com o pai.

Considerando essas informações é possível perceber que o perfil das famílias em relação à ocupação é bem heterogêneo, mas as categorias 4, 5 e 9 concentram o maior número de pessoas e agrega profissões que geralmente não exigem escolaridade superior e cuja remuneração se enquadra dentro da mesma faixa. As famílias cuja condição se destaca em relação às outras são a de Alike, que o pai se enquadra na categoria 0 e a mãe na categoria 2 e a de Thomas que o pai e a mãe se enquadram na categoria 2. Não por coincidência, as redes de Alike e Thomas são amplas, os dois circulam por diversos espaços públicos e privados, inclusive foram as únicas crianças que falaram dos restaurantes do bairro.

A relação entre mobilidade espacial e condição econômica aparece também na prática de atividades fora do horário escolar. Das 12 crianças da região norte, cinco não fazem nenhuma atividade e destas, 4 são negras. Além de Alike, a única criança negra que faz atividades fora do horário escolar é Ayo, sua rede também é ampla, principalmente se comparado com as outras crianças negras, seu pai é técnico em radiologia, ocupa a categoria 3 (CBO).

A única criança branca que não realiza nenhuma atividade é Lucca, que vive apenas com a mãe que é repositora de supermercado (categoria 9 CBO) e é a criança que tem a rede mais restrita como poderá ser percebido na sequência. Silva (1988) já havia constatado a maior incidência da pobreza sobre as crianças e em famílias chefiadas por mulheres, essa informação foi também confirmada por Sarmiento (2002) que identifica um aumento da pobreza infantil que varia de acordo com a estrutura da família, mostrando que famílias monoparentais ficam em posições inferiores às famílias nucleares, mas também que isso não pode ser tomado como regra.

As outras 5 crianças brancas realizam atividades extras, mas também reclamam de problemas econômicos, Heitor, por exemplo, faz Muay Thay, mas vive apenas com a mãe e o avô que cuida dele e do irmão para que a mãe possa trabalhar como cuidadora de idosos. Apesar dos

equipamentos públicos e variedade de espaços da região, Heitor relata não conhecer os parques e ter ido apenas uma vez ao shopping, quando tinha uns 5 anos. Geralmente seus passeios são na Academia ao Ar Livre e no parquinho de uma creche localizada próxima da escola. Quando pergunto se conhece outras cidades, ele faz referência à situação econômica:

Marcia – Você já viajou?

Heitor – Já para Guaratuba e para Tubarão, eu sempre vou com a minha avó só que esse ano não vai dar.

Marcia – Por que?

Heitor – Crise. Não vou ganhar nem ovo de Páscoa da minha avó, ela sempre me dá.

Heitor não tem mais mobilidade espacial por conta da situação financeira que limita o tempo disponível da mãe, obrigando-a a trabalhar excessivamente, e que o impede de ter acesso a espaços mais diversificados. Assim como Lucca, Heitor sofre as consequências de pertencer a uma família monoparental.

A questão da falta de tempo dos pais e mães é recorrente na fala das crianças, quanto mais os pais trabalham, menos elas circulam pelo bairro e, principalmente pela cidade. No pouco tempo livre que sobra, as famílias priorizam o descanso, como é o caso de Chentai, que justifica sua permanência constante em casa por conta do excesso de trabalho do padrasto que é açougueiro (categoria 9 CBO). Mas, isso não pode ser tomado como regra, pois, Benício, por exemplo, é filho de um eletricitista/encanador (categoria 9 CBO) e a mãe não trabalha fora, as condições financeiras da família são semelhantes às de outras da pesquisa, porém, eles costumam andar de bicicleta nos fins de semana passando pelos parques do bairro, uma alternativa para evitar gastos que só é possível graças a grande quantidade de espaços de lazer da região.

Apesar das crianças do norte pertencerem majoritariamente a classes populares as diferenças em relação à região sul são imensas. No Campo de Santana, as 7 mães e os 9 pais que trabalham exercem funções elementares (categoria 9 CBO), as outras três não trabalham fora, duas crianças não moram com a mãe e um pai está desempregado, mas quando tinha emprego também se enquadrava na categoria 9, sendo assim, esse grupo é mais homogêneo. Das 12 crianças, 8 realizam atividades fora do horário escolar (4 negras e 4 brancas), 6 delas participam das atividades oferecidas pela escola, 1 de um projeto ligado a uma igreja evangélica da região e 1 de um projeto cultural da cidade.

A distância e a falta de condições econômicas não permitem que elas visitem outros espaços da cidade, seus passeios, geralmente são ao Parque Yberê que é a única opção da região.

Marcia – Se você pudesse escolher onde ir passear, onde você iria?

Murilo – No museu. Eu quero conhecer, mas não tem como ir por causa que está todo mundo meio sem dinheiro, daí a gente quase nem sai. (Murilo, 11 anos Campo de Santana)

Apesar de sua liberdade no bairro, Murilo mostra que a falta de dinheiro limita seu acesso a alguns espaços, seu pai é caminhoneiro e está desempregado. Barack também aborda essa questão:

Marcia – Você vai bastante no shopping?

Barack – Antes eu ia muito no shopping, mas agora não muito, porque a crise chegou, né? Daí não dá.

Marcia – O que você quer dizer com a crise chegou?

Barack – É que agora as coisas estão mais difíceis no caso do dinheiro. Os patrões não estão com as mãos abertas mais. (Barack, 10 anos, Campo de Santana)

Além de sentir os efeitos da limitação econômica, o menino arrisca uma explicação para a situação, mostrando que sua condição de criança não o faz ficar alheio ao que acontece na sociedade. Também é necessário aqui frisar, que mesmo diante desse contexto, Barack é a criança negra do bairro que possui as redes mais amplas.

O consumo é importante para Niara, isso aparece em momentos que a menina narra os passeios com a família no shopping, comentando o fato de ter muitas coisas interessantes lá, mas não ter dinheiro para comprar (seu pai é motorista de ônibus e a mãe não trabalha fora):

Marcia – Você já foi ao shopping?

Niara – Já. Eu fui no Shopping Total. Nossa lá tem um monte de coisa bonita e eu já peguei escada rolante e depois meu pai quis comprar terno novo, colar, aliança e nossa! Tem um monte de coisas lá.

Marcia – Você se sente bem quando está no Shopping?

Niara – Até que sim, lá tinha uma cadeira de massagem e eu sentei. Nossa! Que bom sentar naquela cadeira. Até a minha mãe gostou e queria comprar aquela cadeira, mas ela não tinha dinheiro. (Niara, 10 anos, Campo de Santana)

No caso de Sirham, sair ou não depende de ter dinheiro, os passeios com a família são limitados pela condição econômica, mas ele já fez passeios inclusive para outros estados, ainda que não seja com frequência:

Marcia – Você vai ao shopping?

Sirham – Bem pouquinho coisa. Às vezes eu vou quando é feriado e a minha mãe tem dinheiro. As vezes a gente assiste filme ou só come lanche e vê vitrine.

Marcia – E aqui em Curitiba, onde você vai mais?

Sirham – No Zoológico, quando minha mãe e meu pai têm dinheiro. (Sirham, 9 anos, Campo de Santana)

O menino não demonstra pesar por conta disso, já que a tecnologia supre a necessidade de distração:

Sirham – Às vezes eu jogo futebol no play 3 com meus amigos e as vezes eu assisto Netflix.

As crianças do campo de Santana utilizaram a palavra dinheiro com mais frequência e as negras mais do que as brancas. Como já mencionei, Abramowicz e Oliveira (2011), acreditam que a pobreza atinge com maior intensidade a criança negra.

Dessa maneira, as informações sintetizadas revelam condições disparees entre os bairros Santa Felicidade e Campo de Santana, mostrando que a pobreza assume faces diferentes em cada região e mesmo com as restrições de mobilidade impostas pela condição financeira, as crianças de Santa Felicidade têm uma mobilidade maior, maior acesso a espaços públicos devido às inúmeras possibilidades e a espaços privados, principalmente de lazer e prática de esportes. Todavia, as crianças negras dessa região, com exceção de Alike e Ayo, tem menos condições financeiras, menos mobilidade e acesso aos espaços públicos e privados, confirmando mais uma vez que a observação das desigualdades sociais é insuficiente para explicar a sociedade brasileira.

O bairro campo de Santana mantém esse padrão, apesar de todas as crianças pesquisadas compartilharem uma condição financeira semelhante, as crianças negras são as mais prejudicadas. Em geral, as crianças da região sul circulam mais pelo bairro, indo aos pequenos comércios, igrejas, casas de parentes e ao Parque Yberê. Boa parte dos passeios realizados em outros espaços da cidade, mencionados pelas crianças desse bairro foram proporcionados pela escola.

Considerando o pertencimento racial, apesar de estar em desvantagem em relação às crianças brancas do bairro, as crianças negras de Santa felicidade tem acesso a um número maior de equipamentos públicos e circula mais por outros espaços da cidade.

4.3 REDES DE INTERDEPENDÊNCIA, MOBILIDADE ESPACIAL E OS PERFIS INDIVIDUAIS DAS CRIANÇAS

Colocando-nos no nível das redes de interdependência entre seres sociais concretos, entre estruturas, a existência e formas que assumem as relações entre seres sociais singulares, percebemos de uma maneira mais precisa aquilo que as grandes pesquisas estatísticas traçam em linhas gerais. Além do mais, o microscópio sociológico possibilita descobrir a relativa heterogeneidade daquilo que imaginamos ser homogêneo ('um meio social', 'uma família'), a instabilidade relativa desta rede de interdependência e a existência de elementos contraditórios, principalmente na forma de princípios de socialização concorrentes (LAHIRE, 1997, P.39)

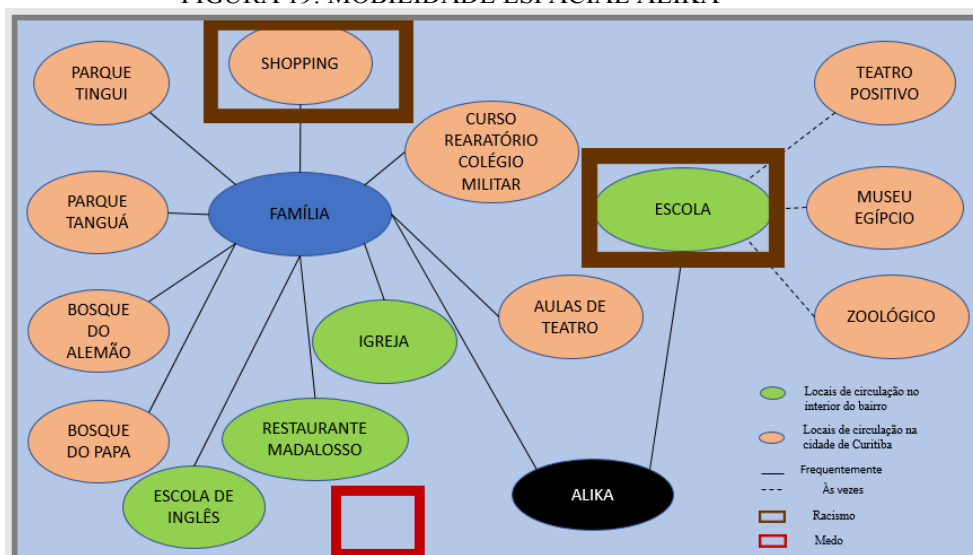
Nos tópicos anteriores trouxe informações das redes das crianças em relação às categorias elaboradas, sigo agora, apresentando as redes individuais de algumas crianças da pesquisa, retomando aspectos importantes e acrescentando novas informações. As redes representam apenas a utilização dos espaços do bairro e da cidade, por isso não inseri informação de viagens e passeios a outros lugares.

Perfil 1 – Crianças negras de Santa Felicidade

ALIKA

Alika é uma menina de 10 anos, estudante do 5º ano, negra autodeclarada, tem os cabelos cacheados que usa tanto soltos quanto presos, sempre com acessórios coloridos. Mora com a mãe que é professora de um CMEI próximo da Escola onde ela estuda, o pai que é policial civil aposentado e com a irmã de 30 anos que é designer. Tem mais um irmão de 29 anos e uma irmã por parte de pai de 24 anos, que não moram na mesma casa.

FIGURA 19: MOBILIDADE ESPACIAL ALIKA



FONTE: A autora

Num ambiente majoritariamente branco, a negritude assumida de Alika chama atenção de imediato, além de ter a pele mais escura que as outras crianças, sua postura e seus acessórios evidenciam uma identidade muito bem construída. Durante a aplicação do desenho falei pouco com ela porque precisava selecionar as outras crianças, não tinha ideia do quanto a conversa com essa menina seria importante para a minha pesquisa.

A conversa com Alika foi a mais longa de todas, sempre muito séria e atenta, limitou-se a responder o que eu perguntava, mas tinha muita coisa para contar. Questionei sobre as atividades

realizadas fora do horário escolar, inicialmente ela disse que faz Curso Preparatório para o Colégio Militar e inglês, mas ao longo da conversa falou das aulas de teatro que ela faz aos sábados e de outras atividades que já fez. Nos poucos horários que tem livre ela diz estudar e esperar a mãe chegar para ir ao cinema, local que costuma ir toda semana. Aos sábados quando a mãe não quer cozinhar, a família costuma almoçar no Madalosso. Já no início da conversa foi possível perceber que a situação econômica, assim como o fato de morar em um bairro que oferece diversos espaços de lazer e cultura, lhe permite ter acesso a diversos espaços, além disso o fato do pai ser aposentado e de ter irmãos bem mais velhos contribui bastante para a sua mobilidade, já que ela não anda sozinha:

Alika – [...]a minha mãe queria que eu saísse sozinha, só que ela tem medo que eu seja sequestrada, então ela sempre vai comigo, se tiver que ir de ônibus e de carro é sempre meu pai e a minha irmã que me levam. E quando meu irmão está em casa é ele. Antes ficava bem pertinho era só ir de bicicleta que estava na padaria, mas aí como a gente se mudou é bem longe os lugares que a gente tem que ir [sobre ter mudado para uma área residencial, perto de uma avenida movimentada com poucos comércio próximos].

Por mais que o medo apareça em seu discurso, o fato de estar rodeada por adultos, faz com que ela circule por muitos lugares. Dos espaços próximos à escola, Alika cita o parquinho do CMEI que também aparece nos comentários de outras crianças, mas diz brincar pouco pelo bairro, no entanto cita uma variedade de espaços verdes da região e de outros pontos da cidade:

Alika – sim, eu já fui no Tinguí, no Tanguá, no Jardim Botânico, Bosque do Alemão, Bosque do Papa.

Marcia – Você passeia bastante.

Alika – Passeio, que a minha mãe ela gosta. É que a gente mora aqui em Curitiba faz tempo só que a gente não passeia em Curitiba e esse ano ela quer conhecer todos.

Quando comento sobre a diversidade de atividades que ela faz e o tempo que ela precisa dispor para dar conta de tudo ela diz:

Alika – Tinha um ano que todo dia tinha alguma coisa, segunda-feira eu tinha inglês, aí terça-feira eu tinha natação, aí quarta-feira eu tinha inglês, aí quinta-feira natação, sexta-feira eu ficava livre, aí sábado eu já tinha catequese e no domingo eu tinha missa.

Marcia – Você não cansa?

Alika – Às vezes quando eu ficava desse jeito eu tinha vontade de cair de manhã, porque todo dia eu tinha que acordar cedo e todos os horários que eu tinha que levantar era de manhã. Agora que eu tenho que estudar é mais ainda.

Alika não se enquadra nos estereótipos e nem se limita aos papéis sociais preestabelecidos (nem em relação à infância e nem em relação às questões étnico-raciais), tem uma identidade forte e

é muito articulada, mas em sua fala é possível perceber o preço que a menina paga para ser quem ela é, em outro trecho da conversa é possível perceber que os sacrifícios não param por aí:

Alika – [...] para São Paulo na casa da minha tia e para ir no salão que é especializado em cabelos cacheados.

Marcia – Por que você vai nesse salão?

Alika – É por que meu cabelo, ele está caindo muito e às vezes é por causa de produtos, aí tem que fazer uma hidratação de três em três meses, aí tem que ir de três em três meses no salão, aí eu também vou na casa da minha tia [...]

A utilização do termo cacheado mostra uma visão positiva sobre o seu cabelo, que diverge dos termos estigmatizantes comumente utilizados no Brasil, como “cabelo ruim” ou “cabelo duro”, por exemplo. O cabelo faz parte da identidade negra, é comum que o racismo produza, principalmente nas mulheres uma insatisfação com a forma de seus cabelos fazendo com que recorram a produtos químicos para alterá-los. Alika ainda sofre as consequências das químicas utilizadas e por conta disso recorre a um salão especializado.

Para Gomes (2017) corpo e cabelo remetem instantaneamente à identidade negra, tornando-se “expressões e suportes simbólicos” da identidade negra brasileira. A pesquisar em salões de beleza étnicos de Belo Horizonte, a autora, mostra que nesses espaços existe um projeto de afirmação da identidade negra.

Os salões étnicos são, então, lugares bons para pensar a relação entre cabelo crespo e identidade negra. Por quê? Porque o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, passível de alterações e foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. Ele é mais um elemento que compõe o complexo processo identitário. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, enquanto uma construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2017, não p.)

Todas as falas de Alika evidenciam a construção de uma identidade positiva e a não submissão aos padrões estéticos e corporais brancos que predominam na sociedade. A falta de tempo e as idas a outro Estado para tratar o cabelo são uma parte do quanto custa essa identidade “divergente”.

Já citei, antes desse capítulo, algumas de suas falas demonstrando sua autonomia, por exemplo, quando ela diz que se dedica mais à igreja do que o resto da família. Durante toda a conversa ela se mostrou crítica e consciente, com uma posição firme de uma pessoa que tem um papel ativo na sociedade e altera a dinâmica social dos espaços por onde circula. O comentário abaixo demonstra que Alika não só é uma ótima leitora, mas também muito exigente:

Alika – É... não leio muito porque é difícil encontrar um livro que eu goste. Eu gosto de ficção científica meio naturalista, meio com alguma história que eu já conheço e com alguns autores... e baseado no que já foi feito filme para eu assistir as duas versões.

As configurações sociais em que Alika está inserida tem um peso grande na construção da sua identidade, principalmente a família, que aparece várias vezes ao longo da conversa em situações mais cotidianas:

Alika – É porque, quando eu era menor eu queria aprender andar de skate, aí meu irmão, ele sabia andar de skate já, só que daí ele me ensinou só que faz tempo que eu comecei a aprender [...]

A relação com a irmã, vinte anos mais velha, contribui não apenas para a construção de uma autoimagem positiva, mas também com a aquisição de conhecimentos diversificados e pouco comuns para crianças com a sua idade. Já falei anteriormente sobre a influência de Frida Kahlo, estou apresentando esse trecho em separado para mostrar a importância da relação estabelecida com a irmã para a rede de Alika:

Marcia – Quem é Frida Kahlo?

Alika – Frida Kahlo foi uma artista que ela sofreu um acidente lá no México, ela é mexicana também, que ela desenhava ela como se ela, assim o sentimento dela, que uma delas ela estava com uns pinos como se ela tivesse presa porque ela, ficou paralisada, a perna dela, aí no, acho que ela fez a [...] várias obras bem famosas dela, aí ela também, ela morreu e ela também, ela se expressava bastante com arte.

Marcia – Onde você aprendeu tudo isso?

Alika – É porque, como eu sou mais nova, eu tenho que conviver com coisa de mais velho, a minha irmã, ela está sempre fazendo um monte de coisa, assim [...] diferente, não tipo aquelas músicas de hoje em dia, ela houve música velha assim, então eu tenho que ouvir também e ela também gosta de Frida Kahlo, aí eu também gostei dela.

Alika também fez referência à tia que mora em São Paulo:

[...] aí as vezes eu vou no... tipo num lugar lá que era de uma religião de japonês que a minha tia vai. Ele é tipo um templo budista, é que eles têm tipo um jardim, aí tem tipo uma construção grande assim, aí com três negócios do passado, do presente, dos mortos e para deus.

Mesmo sendo católica praticante, relata a experiência de visitar o templo que a tia frequenta, a maneira como ela fala mostra o conhecimento adquirido dessa convivência e mais do que isso, mostra uma postura respeitosa em relação à outra religião que é diferente da sua. Lembrando que em trecho citado anteriormente, ela demonstra total autonomia na prática religiosa, já que, tem uma

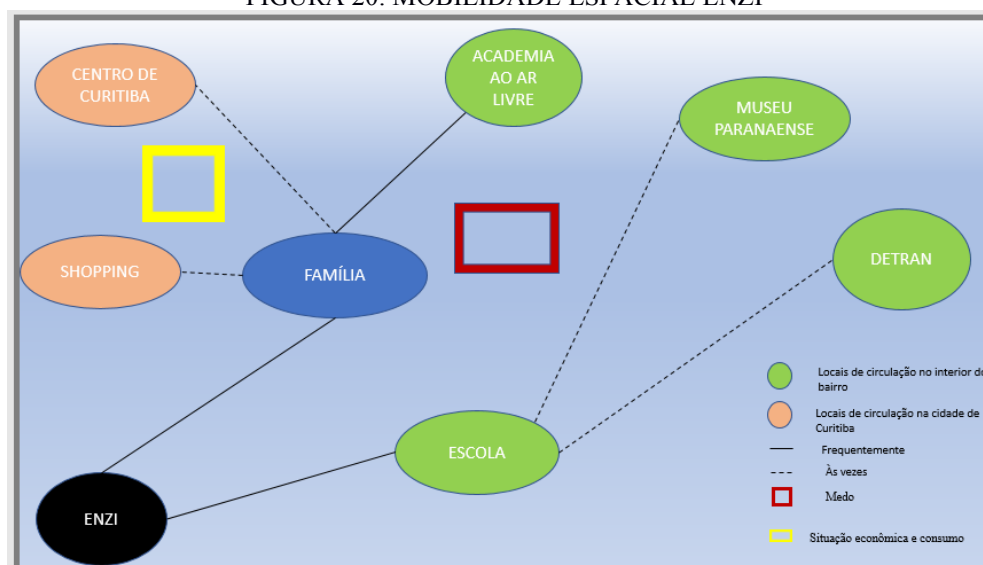
participação mais ativa e pratica rituais (no caso, a quaresma) que não são adotados pelo resto da família.

A postura de Alike serve como escudo para os preconceitos comuns no espaço escolar, mesmo estando num contexto de maioria branca, com uma supervalorização da etnicidade italiana e sendo a criança de pele mais escura da escola, ao menos no período da manhã, ela se posiciona de maneira segura e acaba influenciando outras crianças que estão inseridas no mesmo espaço, como é o caso de Manuela, sua melhor amiga, que começou a fazer teatro por causa dela.

ENZI

Menino negro de cabelos crespos castanhos escuros, 9 anos, estudante do 4º ano, filho único, mora com a mãe, que não trabalha fora e o pai que é eletricista.

FIGURA 20: MOBILIDADE ESPACIAL ENZI



FONTE: A autora

Enzi é um menino tranquilo que fala pouco, devagar e baixo, nossa conversa foi dificultada pela movimentação excessiva de pessoas que entravam e saíam da sala em que estávamos e pelo barulho no saguão que ficava logo em frente a sala, conversamos bem no horário de intervalo das crianças menores e toda essa situação fez com que a conversa fosse breve e afetou a qualidade da gravação.

De acordo com o menino, ele mora em um apartamento e passa a maior parte do tempo em casa na companhia da mãe e só convive com outras crianças na escola. Ele gosta muito de ler, por isso frequenta o Farol do Saber do bairro. Ele também conta sobre sua rotina:

Enzi – Quando eu não estou na escola, eu fico em casa assistindo televisão, aí eu vou no meu quarto e durmo um pouco.

Assim como outras crianças, ele diz passear pouco por conta da falta de tempo do pai que costuma trabalhar aos sábados, ou seja, sua falta de mobilidade também tem relação com a situação econômica:

Enzi – Eu passeio de vez em quando no sábado, quando meu pai está de folga. Eu vou no shopping e passear no centro da cidade. Eu vou também num lugar onde eu como... não lembro o nome... é tipo um restaurante eu almoço lá e eu vou em casa de novo.

Ele diz que vai, com os pais, na Academia ao Ar Livre que tem numa praça perto da sua casa para se exercitar e que não vai a nenhum lugar sozinho:

Marcia – Você vai a algum lugar sozinho?

Enzi – Sozinho eu não vou a lugar nenhum.

Marcia – Por quê?

Enzi – A minha mãe não quer que eu vá a alguns lugares sozinho porque pode ter algumas pessoas na rua que são bandidos ou ladrões.

O medo da violência restringe a maneira como o menino utiliza os espaços assim como a falta de tempo do pai que trabalha, inclusive nos finais de semana. Quando o questionei sobre a sua cor ele disse que é moreno e que não sabe o que é preconceito, tentei explicar de uma maneira que fosse fácil entender e ele não lembrou de nenhuma situação específica.

AYO

Menino negro de cabelos lisos, simpático e falante de oito anos, estudante do 4ºano. Conversamos bastante no primeiro dia que estive com a turma dele, é morador da região metropolitana de Curitiba, da cidade de Almirante Tamandaré que faz divisa com o bairro Santa Felicidade. Mora com a mãe que não trabalha fora, o pai que é técnico em radiologia e uma irmã pouco tempo mais velha.

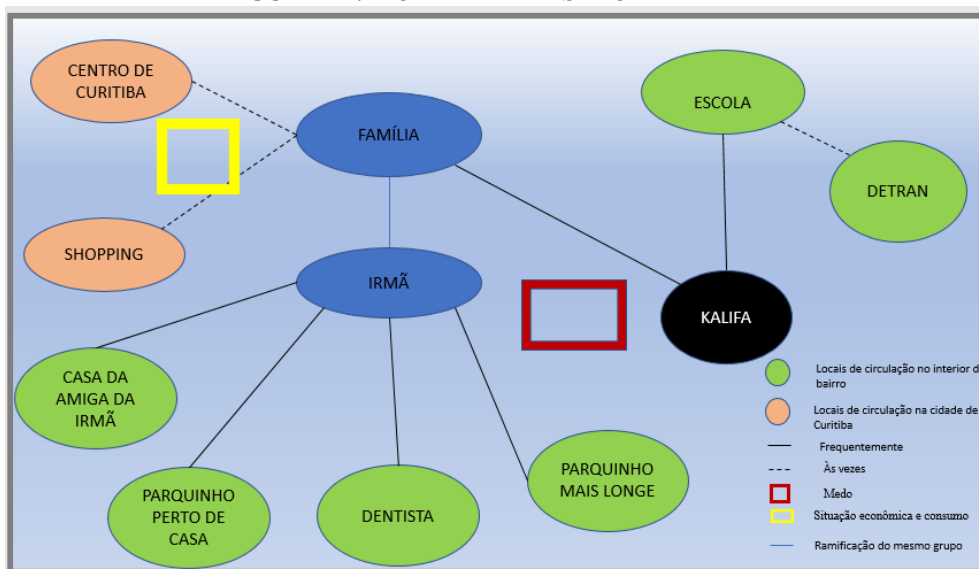
Ayo – [sobre o Parque Tingui] ... Fui com a mãe da Mariana²⁴, uma menina que estuda aqui e é minha vizinha. O carro delas tem sete lugares, aí foi eu, a Mariana e a minha irmã. A gente brincou de bola, de pega-pega, de várias coisas. E quando eu fui no Parque Tanguá não tem um negócio com água? Eu quase caí lá dentro.

A conversa com Ayo foi rápida, a situação econômica não aparece diretamente em suas falas, mas a variedade de atividades que o menino realiza em espaços privados e valorizados da região, assim como a profissão do pai, evidencia uma condição financeira melhor do que a da maioria das crianças com as quais conversei.

KALIFA

Menina negra de cabelos escuros lisos, 9 anos de idade é estudante do 4º ano, mora com a mãe que é servente de limpeza em uma escola, o pai que vende cestas básicas e uma irmã de 15 anos. Sua característica mais marcante é a simpatia e a maneira como ela fala com o corpo todo, sempre fazendo gestos e se movimentando muito.

FIGURA 22: MOBILIDADE ESPACIAL KALIFA



FONTE: A autora

Kalifa diz viajar bastante para outros lugares com a família e circula por diversos espaços do bairro em companhia da irmã de 15 anos, mas os passeios de fim de semana são limitados pela falta de tempo, principalmente do pai, que está sempre trabalhando e inclusive está pensando em mudar de área e conseguir trabalhar como serviços gerais em escolas, como a esposa. Quando fala das viagens a menina toca na questão econômica:

Marcia – Você já viajou para outras cidades?

Kalifa – Um monte de vezes. Eu fui para Goiânia, voltei para cá, fui para São Paulo, fui para Praia Grande e a minha mãe quer viajar...

Marcia – Foi passear em todos esses lugares?

Kalifa – Tudo para passear. Ela fazia minha consulta aqui, que eu tenho de alergia e pegar o carro e pagar o aluguel e as contas. Ela paga as contas das lojas que a gente compra e a gente vai.

Fala sobre a preocupação em deixar todas as contas pagas para viajar com tranquilidade, inclusive demonstra saber quais são as contas da família. A circulação da menina pelos espaços do bairro é maior que fora dele por conta do convívio com a irmã que é um pouco mais velha, no entanto, a falta de tempo do pai e o medo interferem diretamente em sua circulação:

Marcia – Você não anda sozinha pelo bairro?

Kalifa – Não.

Marcia – Por que?

Kalifa – Por causa que de manhã é meio perigoso também. Quando a gente vai para a escola pode acontecer um acidente e os pais não estão juntos. De manhã meu pai leva e de tarde a gente vai sozinha que é perto.

Anteriormente, uma de suas falas sobre o medo já foi utilizada, mostrando o quanto essa ideia está presente no seu cotidiano.

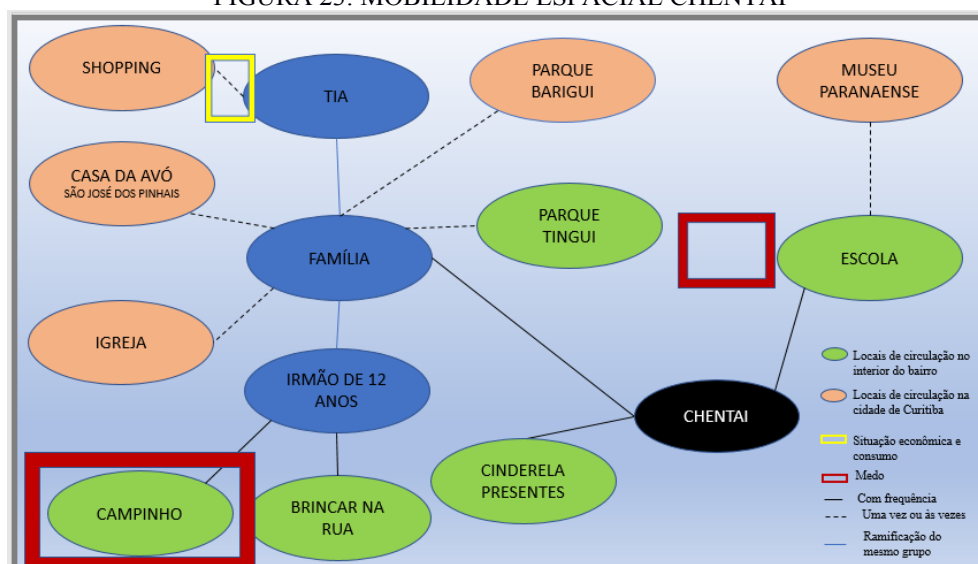
CHENTAI

Menina negra de 11 anos, estudante do 5º ano, moradora de Santa Felicidade, vive com a mãe que não trabalha fora, um irmão de 12 anos e o padrasto que trabalha como açougueiro em um supermercado do bairro.

Está entre as crianças da ESCOLA 1 que não fazem nenhuma atividade no período contrário ao das aulas. Um pouco mais velha que a maioria das crianças da sua turma, Chentai tem uma postura mais séria, na maioria das vezes limitou-se a responder o que eu perguntei, mas em alguns momentos se empojava mais e parecia mais à vontade, como quando falou dos passeios ao shopping com a tia e do perigo de brincar no campinho perto de casa.

Apesar de morar numa região que possui diversos parques e áreas verdes, não costuma frequentar esses espaços devido à dependência da companhia de pessoas adultas para ir em outros locais.

FIGURA 23: MOBILIDADE ESPACIAL CHENTAI



FONTE: A autora (2017)

Quando não tem a companhia do irmão, ela permanece em casa:

Chentai – Ajudo minha mãe só, brinco na rua depois das cinco horas quando meu irmão chega

Marcia – Por que?

Chentai – Por que assim... se eu brincar sozinha não tem graça então eu espero ele e às vezes quando eu saio vou só na lojinha ali perto de casa e já volto.

A vivência no espaço da rua é importante para a vida das crianças, entretanto o medo tem impedido que elas se apropriem desse espaço, no caso de Chentai, a companhia do irmão parece dar uma sensação de segurança maior. Essa situação evidencia uma desigualdade, visto que há pouca diferença de idade entre os dois, aparentemente, a segurança da mãe reside no fato do irmão ser do sexo masculino.

Na educação familiar, portanto, imperam diferentes atitudes parentais em função de crenças sociais atribuídas aos filhos e filhas quanto ao gênero. Estudos realizados a respeito da educação de filhos relatam as diferenças em criar meninos e meninas, destacando inclusive diferentes formas de tratamento e conduta com ambos os sexos, enfatizando a concepção do que é ser feminino e do que é ser masculino. (REIS, 2008, p. 34)

Ela cita a lojinha em outros trechos da conversa afirmando que é o único lugar onde vai sozinha, no entanto, a companhia do irmão parece conferir-lhe maior liberdade, mesmo tendo apenas um ano de diferença entre os dois, além disso, ela é também uma das poucas crianças que cita brincadeiras infantis menos ligadas ao universo tecnológico:

Chentai – Tem um campo que eu e meu irmão jogamos bola ali, né? A gente gosta de brincar ali. Brincar de pega-pega com os outros meninos e meninas... daí quando ... é ... minha vizinha também.

Os passeios em família não são muito comuns já que o padrasto trabalha, inclusive nos fins de semana e nem sempre está disposto a sair para passear nas folgas:

Chentai – Às vezes, quando meu padrasto.... É que assim meu padrasto trabalha no açougue do Supermercado²⁵, aí só sábado ele fica em casa, só que ele volta para casa só uma hora da tarde, porque ele trabalha também e daí quando ele chega se ele tiver com coragem de descer lá para baixo, ele trabalha a semana toda, aí a gente só vai quando ele não está muito cansado. É porque assim, é porque aquela rua que desce para lá eles acham muito perigoso e porque também a gente nunca pediu para ir lá.

As saídas com a mãe geralmente são para a casa da avó na Região Metropolitana de Curitiba:

Chentai – Quando eu estou com a minha família eu quase não saio de casa, mas quando é sábado aí meu padrasto não quer ir para a minha vó, aí vai eu minha mãe e meu irmão. É lá em São José dos Pinhais.

Quando perguntei sobre a cor da sua pele ela respondeu que é negra, com muita segurança, como se quisesse me questionar (não é óbvio?), mesmo tendo uma pele relativamente clara e os cabelos com cachos grandes e soltos, assume uma identidade negra, situação que, não foi tão natural nas conversas realizadas com as crianças da região sul da cidade, como se verá logo na sequência. Chentai nega ter sido vítima de racismo e suas respostas sugerem uma condição econômica que não favorece a mobilidade espacial e o consumo como aparece nas falas a seguir:

Chentai – Fico jogando, jogo assim... só ele não é online... por que a minha mãe... porque é assim, é um de botão, aí minha mãe falou que quarta-feira ela vai comprar mais um para mim e aquele lá eu vou tem que devolver para a minha avó...

Marcia – O que você faz quando vai no Shopping?

Chentai – Quando eu vou no Shopping, aí eu gosto de ficar olhando as roupas, por que eu sei que... olha mãe... não... olha tia que bonito, daí ela... [risos]... daí ela vai lá e compra para mim...

Ao relatar a situação na qual sente medo, ela baixa o tom de voz e cochicha como se não quisesse ser ouvida, apesar de estarmos sozinhas na biblioteca nesse momento da conversa:

25 Citou o nome de um Supermercado do bairro

Chentai – Só a minha mãe me falou para mim não se meter com aqueles meninos grandes lá porque... [cochichando] eles fumam maconha... quando eles não tão lá aí a gente vai lá brincar.

Marcia – Já aconteceu alguma coisa que te fez sentir mal nesses lugares que você frequenta?

Chentai – Não... Assim... tinha o irmão da minha vizinha, que eles estavam brigando lá na pracinha daí a minha mãe ficou com medo da gente brincar lá, né? Porque o irmão da minha vizinha ele não fuma maconha e os meninos que estavam lá querendo bater nele fumava... aí estava perigoso...

Chentai - ... e para a escola... minha mãe fica até com medo de deixar eu vir sozinha, mas eu falo não, não tem problema.

Da maneira que ela fala, a preocupação da mãe em relação à praça está mais associada ao uso de maconha nesse espaço do que à violência em si.

Perfil 2 – Crianças brancas de Santa Felicidade

LUCCA

Lucca, menino branco, estudante do 5º ano, morador de Santa Felicidade, mora apenas com a mãe que trabalha como repositora de supermercado e não tem contato com o pai.

Foi uma das crianças que mais ficou empolgada com a ideia de conversar comigo. No meu primeiro contato com a turma ele passou a maior parte do tempo andando atrás de mim pela sala enquanto desenhava, contando sobre as atividades que ele faz no SEMAE (Serviço Municipal de Assistência Especializada).

Devido à rotina intensa de trabalho da mãe, sua circulação pelo bairro e pela cidade é limitada, mas as possibilidades de sair da rotina são muito bem aproveitadas:

Marcia – Você já fez passeios com a escola?

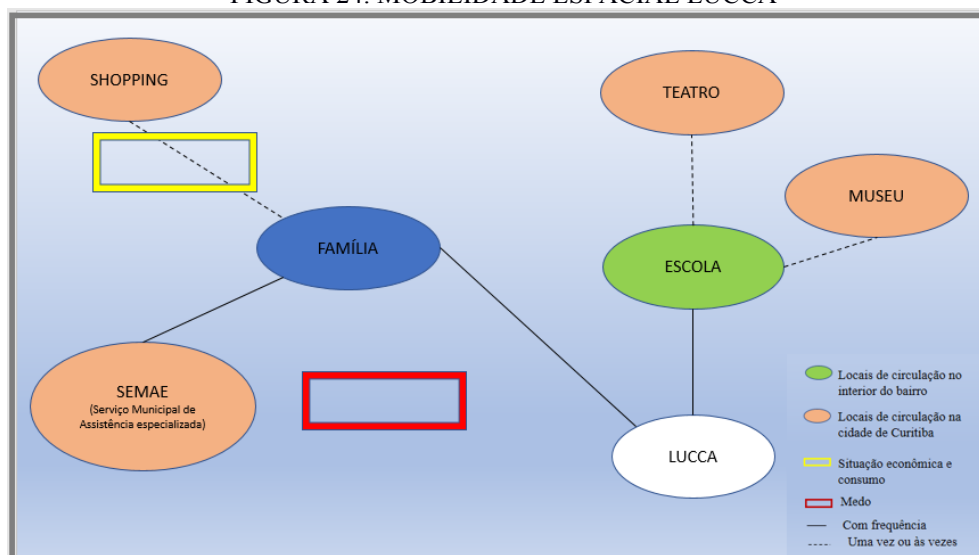
Lucca – Já, eu fui no teatro e no museu.

Marcia – Você gostou desses lugares?

Lucca – Bem legal, faço bastante perguntas.

Apesar de se mostrar desconfiado, nos espaços visitados ele se sente à vontade e não parece sentir o medo que relata posteriormente, provavelmente pela sensação de segurança associada aos padrões de vigilância comuns a esses espaços.

FIGURA 24: MOBILIDADE ESPACIAL LUCCA



FONTE: A autora (2017)

A conversa foi curta, mas divertida. O tempo todo ele fez questão de falar sobre o quanto gosta de comer:

Marcia – Hoje eu vou lá no SEMAE

Lucca – O que você faz lá?

Marcia – Eu brinco, faço atividades, faço matemática e como lanche. Vou lá toda terça.

Marcia – O que você gosta de fazer quando fica em casa?

Lucca – Gosto de ver TV, de dormir, de comer, de brincar de lego.

Marcia – Você vai sempre no cinema?

Lucca – Não, às vezes. Eu vou no Shopping, como, assisto um filme. Algumas vezes faço um lanchinho, como duas vezes, eu gosto de comer.

Os únicos locais que Lucca vai com frequência são a escola e o SEMAE, em alguns trechos é possível perceber dificuldades em se relacionar com os colegas:

É que tem alguns piás que me irritam. Eles provocam, assim, os piás, lá... eu estava nos computadores lá, daí o cadeirante queria me bater, ele não gosta de mim. Eu pergunto quer ajuda? 'Não!' 'Posso levar isso?' 'Não!' 'Quer que eu leve você?' 'Não!'... Uma vez eu estava sentado e um amigo tentou me aproximar e o cadeirante quase me bateu, mas eu desviei. Quando ele está com o pai dele ele finge que é meu amigo, mas não é. Quando ele está perto ele conversa, quando o pai dele está mais longe ele não conversa.

Outra coisa que chama muita atenção na fala de Lucca é o medo:

Marcia – Tem parquinho, academia ao ar livre perto da tua casa?

Lucca – Tem, esse da creche aqui do lado.

Marcia – Você vai lá?

Lucca – Não.

Marcia – Por que?

próximo e que anda aproximadamente 20 minutos a pé para chegar à escola. Me disse que passa bastante tempo em casa, segundo ele com:

Heitor – Minha família, meus dois cachorros, meus dois gatos, alguns bichos cabeludos, né? Aranha, cobra e mosquito, muito mosquito.

Quando conversou comigo estava de mudança para uma casa próxima da escola, por dois motivos extremamente relevantes para essa pesquisa e que vão ser retomados ao longo da conversa: segurança e economia. Segundo ele:

Heitor – Nós vamos mudar para uma casa minúscula, mas o preço é melhor.

Marcia – Por que vocês vão mudar?

Heitor – Por segurança e pela barateza, porque minha mãe estava conversando com a vizinha e ela falou que é um absurdo a gente pagar 750 (reais). E lá é uma casa ruim, entra muita sujeira.

Em minha visita à escola na semana seguinte ele fez questão de vir falar comigo no recreio, me abraçou e contou que já tinha mudado de casa, que era pequena e estava bagunçada, mas ele estava feliz por morar perto da escola e economizar R\$ 250,00 com o novo valor do aluguel.

Heitor tem mais mobilidade no interior do bairro que no resto da cidade, o único lugar que ele pode ir sozinho é na casa da tia e isso acontece, usando suas próprias palavras, “muito raramente”. Passa a maior parte do tempo em casa, com o avô que segundo ele é muito legal e uma pessoa de quem gosta muito. O medo é outro fator que colabora com essa situação e também é recorrente em suas falas citadas anteriormente.

Marcia – Você vai ao cinema?

Heitor – Não, eu via no aparelho de DVD que roubaram.

Para esse menino a cor da pele pareceu algo sem importância, apesar do estereótipo branco, já descrito anteriormente, quando questionado sobre a sua cor respondeu:

Heitor – Sou bronzeado. Eu nunca reparei direito.

Sobre ter sido vítima de algum tipo de preconceito, ele é um dos meninos que relata os comentários das outras crianças sobre seu peso.

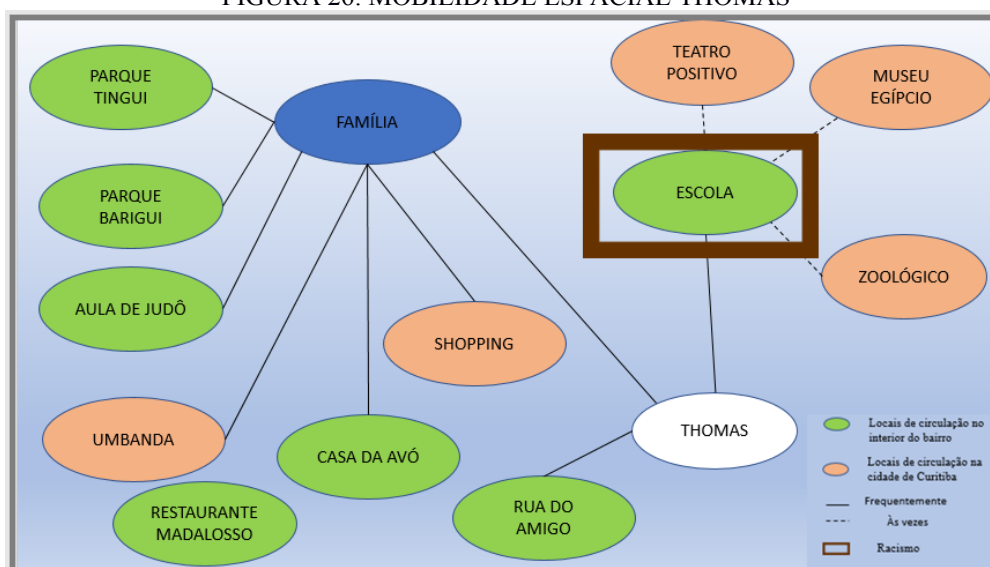
Os espaços que estão localizados fora do bairro, citados na conversa com Heitor, foram conhecidos por intermédio da escola, demonstrando que esta instituição também é importante para a ampliação das redes das crianças.

THOMAS

Thomas, 10 anos, estudante do 5º ano, morador de Santa Felicidade, filho de uma assistente social e o pai trabalha com informática, é um menino de pele clara e cabelos pretos lisos, quando escolhi o Thomas durante aplicação do desenho em sala de aula, tinha o identificado como branco, mas ele se definiu como moreno. Tem um irmão de 19 anos e uma irmã de 22.

Dono de uma postura séria, atenta e modo de falar tranquilo, já no início da conversa foi possível perceber que ele circula bastante pelo bairro e pela cidade, descreveu sua rotina com detalhes, segundo ele quando não está na escola ele joga online com os colegas da mesma turma, dorme, brinca com os gatos e faz a tarefa.

FIGURA 26: MOBILIDADE ESPACIAL THOMAS



FONTE: A autora (2018)

Disse que gosta de passear, frequenta o Madalosso, um dos restaurantes tradicionais da região, os parques e o judô nas terças e quintas-feiras. Sobre sair sozinho, o menino diz que só tem um lugar que ele pode ir sozinho, é na casa de um amigo perto da casa dele, ele diz que quando precisa fazer alguma coisa, a mãe o deixa no local e depois busca. Quando perguntei se Thomas já tinha sofrido algum tipo de preconceito a resposta foi positiva:

Marcia – Você já sofreu preconceito?

Thomas – Aham... Na minha outra escola (cita uma escola particular tradicional na região com nome italiano).

Marcia – O que aconteceu?

Thomas – Eu tava jogando bola ... eu nunca contei pros meus amigos... eu tava jogando bola daí no time inimigo... é... no time adversário tinha um monte de piá querendo fazer preconceito comigo. Bem na hora que eu tinha feito o gol. Daí tinha batido o sinal. Daí eu fui na biblioteca, era dia da biblioteca lá. Eu nunca gostei daquela escola, também tinha um piá que me batia. Esse piá que me batia, ele tava no outro (time), daí ele foi junto comigo

na biblioteca. Não tinha ninguém, depois ele ficou me xingando de várias coisas... café com leite... por causa da minha pele... ficou me xingando de um monte de coisas.

Confesso que quando escolhi o bairro Santa Felicidade para a pesquisa eu imaginei que haveria mais depoimentos como este por conta da supervalorização da cultura italiana na região, ao mesmo tempo, fiquei surpresa por esse depoimento ter vindo de uma criança de pele clara e que não possui traços fenotípicos negros.

Maranhão (2014) em sua pesquisa etnográfica detectou um forte etnicidade italiana em Santa Felicidade, mostrando que os descendentes dos primeiros grupos de imigrantes da região valorizam sua ancestralidade e história a ponto de estipularem uma hierarquia, “italianos de Santa Felicidade”, “outros italianos” e depois, “Curitibanos.” A autora revela que há, inclusive, uma forma diferente de olhar os italianos que chegaram no bairro depois.

Em relação à inserção no espaço urbano, para ‘os italianos’ existem os ‘curitibanos de Curitiba’ e os ‘curitibanos’ residentes nos condomínios residenciais de Santa Felicidade. Existe também a categoria ‘gente’ ou ‘povo’ para indicar pessoas provenientes do interior do Paraná e de outros estados brasileiros, que se fixaram recentemente no bairro de Santa Felicidade em loteamentos populares. Quando surgiram os loteamentos denominados Jardim Ipê e Jardim Pinheiros houve uma grande resistência por parte dos “italianos do bairro”, pois segundo eles: “estes loteamentos trouxeram o povo para Santa Felicidade”. Para os italianos de Santa Felicidade, esta periferia é vista como sendo outro bairro, pois “não é mais gente deles” (F.S.; “curitibano”, diretor da administração regional de SF). (MARANHÃO, 2014, p. 91)

Como esses italianos mais tradicionais tornaram-se a elite do bairro e de acordo com Maranhão (2014) mantiveram uma cultura de casamentos endogâmicos, é pouco provável que seus descendentes estudem em escolas públicas, em parte isso explica a experiência relatada por Thomas numa escola particular tradicional da região, mesmo sendo descendente de italianos como as outras crianças o menino não foi aceito pelos colegas, segundo ele, por também ser descendente de indígenas. Tais posturas confirmam a falácia da miscigenação e do mito da democracia racial.

Nesse caso, assim como no texto citado, fica explícita a resistência às diferenças. Cabe ainda salientar que, sem ter conhecimento desse fato, escolhi uma escola localizada na mesma região que os loteamentos citados, portanto o público atingido, em sua maioria, corresponde à periferia rejeitada por abrigar “essa ‘gente’ ou ‘povo’ que não é deles” como mostra a autora.

Outros pontos importantes da conversa com Thomas foram as falas sobre consumo, além de relatar que vai ao shopping com frequência e que a mãe gosta muito de comprar numa loja específica, ele afirma que o lugar que mais gosta de passear é na feira de inverno do Parque Barigui, devido à variedade de coisas que ele pode comprar, e quando ele fala do trabalho da mãe:

Marcia – O que ela faz lá?

Thomas – Ela vê os mendigos, ela tenta fazer o melhor pra eles. Tem alguns que só tomam banho num lugar e daí voltam pra rua. Eles não querem arranjar trabalho essas coisas.

Marcia – Ela te conta do dia a dia dela?

Thomas – Às vezes ela conversa com meu pai no café da manhã ou a noite que a gente dorme, daí eu escuto.

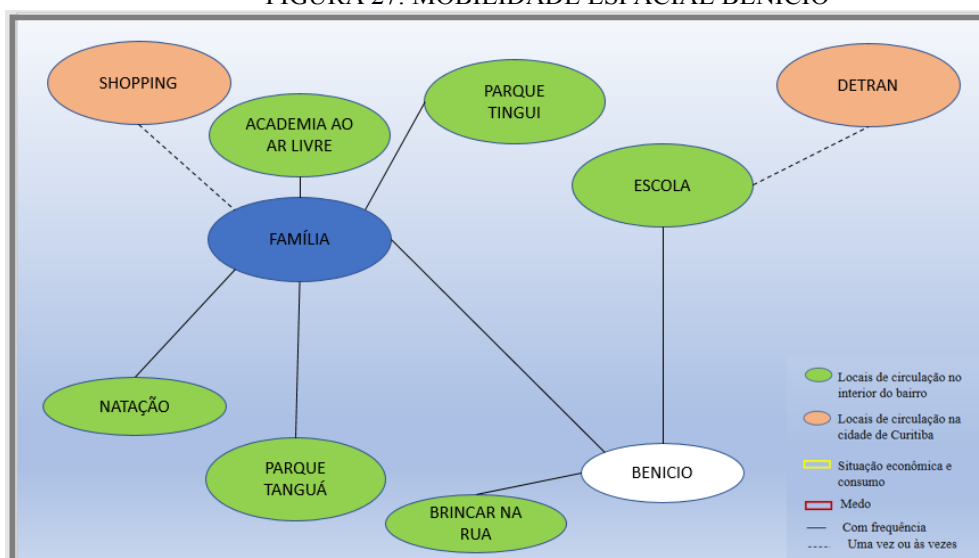
A descrição do trabalho da mãe é feita a partir das conversas dos pais e é como se estivesse reinterpretando o que ouviu.

BENÍCIO

Menino loiro de olhos claros, 8 anos, estudante do 4º ano, tem um irmão de 15 anos. O pai é eletricitista e encanador e a mãe não trabalha fora. Dentre as crianças desse bairro, ele é o que mais vivencia a rua e os espaços públicos, citou o shopping e o cinema como locais que costuma frequentar, mas diz que prefere os parques, costuma passear de bicicleta com a família indo de um parque ao outro pelas ciclovias. Costuma ir com a mãe na academia ao ar livre e com o pai para a aula de natação, diz que pretende fazer aula de piano na rua da cidadania, como o irmão.

Uma de suas falas foi antecipada no capítulo 2, por ter contado que já foi ao Rio de Janeiro com a família para conhecer o amigo que o irmão fez num jogo online.

FIGURA 27: MOBILIDADE ESPACIAL BENÍCIO



FONTE: A autora (2018)

Das crianças brancas de Santa Felicidade, ele foi o único que teve dificuldade para dizer a cor da sua pele:

Marcia – Qual que   tua cor? Cor da tua pele?

Benício – Hum... Maios ou menos. Hum... Meio amarelo-escuro pareço mais.

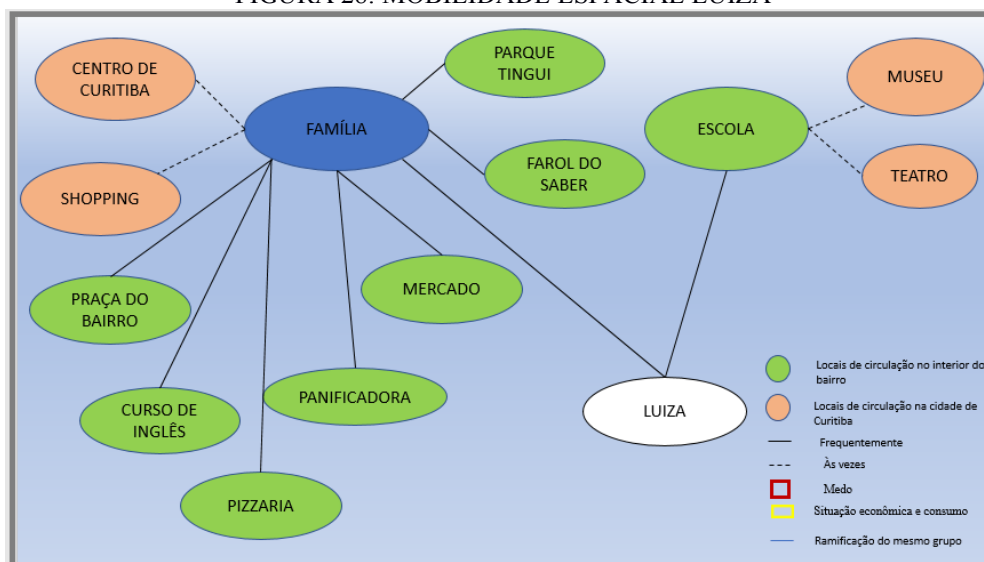
Marcia – Você acha que você é meio amarelo-escuro?
 Benício – É.
 Marcia – Quando você faz um desenho que cor você pinta?
 Benício – Geralmente mais pra verde.
 Marcia – Mas quando você desenha você mesmo, que cor você pinta?
 Benício – Eu sou de salmão mesmo.

Mesmo tendo 8 anos, Benício tem o privilégio branco de não ter que pensar sobre a cor da sua pele, o que geralmente não acontece com uma criança negra.

LUIZA

Luiza é uma menina branca de cabelos castanhos lisos, tem 9 anos, é estudante do 4º ano e costuma circular muito pelo bairro na companhia da avó. É filha única, a mãe não trabalha fora e o pai trabalha com venda de cestas básicas.

FIGURA 28: MOBILIDADE ESPACIAL LUIZA



FONTE: A autora

Luiza mora com a mãe e o pai no terreno da avó, em certo momento da pesquisa diz que vai ao shopping apenas quando tem dinheiro. Mesmo não tendo acesso a espaços que exigem investimento financeiro a menina consegue circular bastante pelo bairro e aproveitar oportunidades que não estão acessíveis nem para as crianças de famílias com rendas maiores, diferente de outras crianças da mesma escola a menina passa bastante tempo com a mãe a avó que a levam a diversos lugares.

Perfil 3 – Crianças negras do Campo de Santana

BARACK

Barack, 10 anos, negro, estudante do 5º ano, morador do bairro Campo de Santana, na região sul de Curitiba, é filho de um comerciante e de uma empregada doméstica que retomaram os estudos e pretendem fazer curso superior.

A escolha de Barack foi imediata, um menino de pele preta, dono de uma postura forte e segura, muito simpático e falante. Desenhou o Museu Oscar Niemayer (MON) com muita tranquilidade enquanto conversava com a colega que sentava na carteira da frente.

Foi o primeiro da turma a conversar comigo, ficou totalmente à vontade, a conversa escapou ao roteiro várias vezes, a mãe e o pai eram reverenciados constantemente pelos passeios que proporcionaram, por suas influências na construção da sua identidade, no gosto musical e nas habilidades comerciais:

Marcia – Quem te ensinou a gostar de O Rappa?

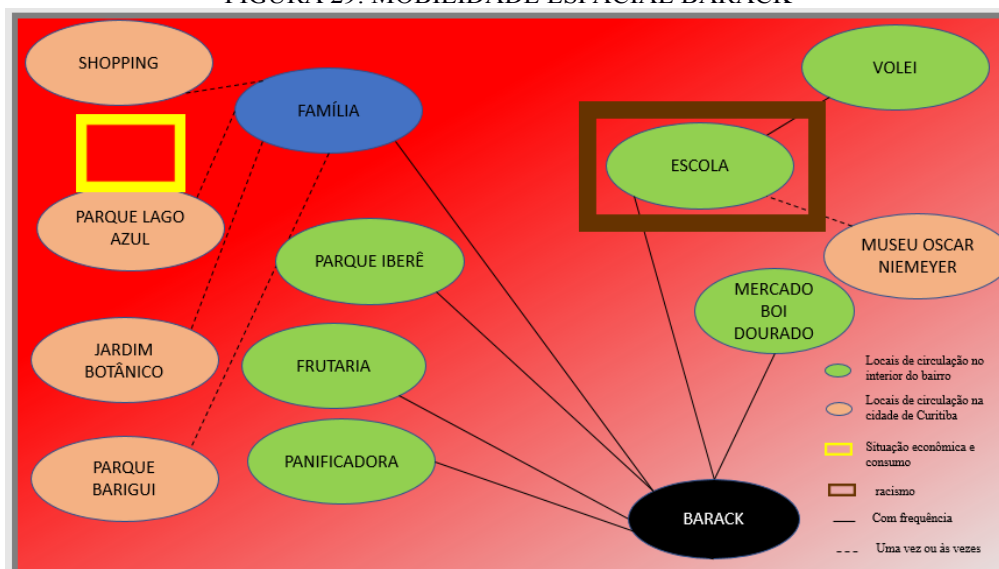
Barack – Meu pai. Antes eu nem sabia o que era isso.

Marcia – Você faz bastante coisas que aprendeu com o seu pai?

Barack – Faço... Eu já sei atender também. Eu vou lá no aviário quando ele precisa e atendo para ele enquanto ele fica fazendo os cachorros, tosando, dando banho... Se quiser levar o seu lá...

Mostrou-se consciente e crítico em diversos momentos da conversa, foi a única criança a reclamar da impossibilidade de realizar mais de uma atividade na escola, no contraturno. Barack destacou-se também em relação à mobilidade espacial, além de citar vários parques localizados em diferentes pontos da cidade, quando questionado sobre os lugares onde costuma passear, também falou de diversos espaços do bairro pelos quais costuma circular, como pode ser verificado na figura a seguir:

FIGURA 29: MOBILIDADE ESPACIAL BARACK



FONTE: A autora (2017)

Além da variedade de espaços citados, ele é uma das poucas crianças que afirmou poder ir aos pequenos comércios do bairro sozinho e brincar na rua em frente à loja da sua avó com frequência, a categoria medo não aparece em sua narrativa.

Entretanto, no decorrer da conversa continua evidenciando sua percepção dos problemas da sociedade, quando, já no fim da conversa após o meu agradecimento que ele diz que ainda tem uma coisa para falar e reclama das condições de um parquinho do bairro:

Barack – Eu tenho mais uma coisa para falar.

Marcia – Fique à vontade.

Barack – É que depois que eles fizeram o parque lá embaixo, eles abandonaram o outro parquinho.

Marcia – Onde fica o outro parquinho?

Barack – Sabe descendo a escola aqui, daí tem a calçada da escola? Daí tem um monte de mato aqui né? Daí você desce. No mato ali você não desce para o lado do (cita um mercado do bairro), desce para cá. Daí você vê ali o parquinho. Ele está cheio de sujeira, com o mato crescendo, eles abandonaram aqui.

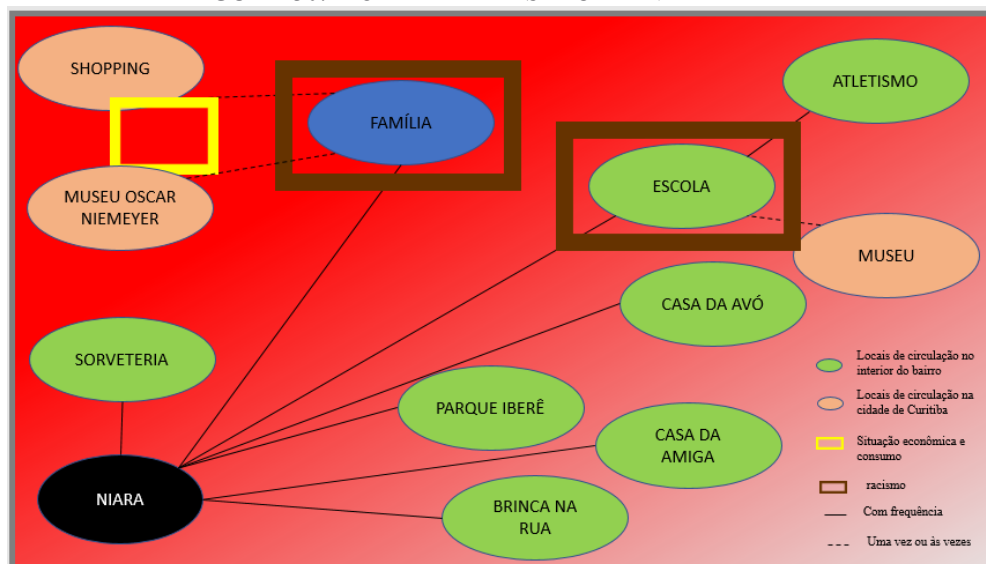
O menino viu na conversa realizada uma oportunidade de mostrar descontentamento como a situação atual do bairro e apontando um problema que interfere diretamente na forma como as crianças o vivenciam.

NIARA

Menina negra de 10 anos de idade, estudante do 5º ano, moradora do bairro Campo de Santana. Mora com o pai, que trabalha como motorista de ônibus, a mãe que está grávida e não trabalha fora e o irmão.

Niara mostrou-se muito disposta a conversar desde o primeiro contato, quando perguntei o que ela faz no período da tarde, ela respondeu que vai na escola para ver uma professora de quem ela gosta muito, depois entendi que a professora dá aula de atletismo uma vez por semana no turno da tarde. Assim como outros colegas da escola, ela circula mais pelos espaços do bairro que no resto da cidade, cita o Parque Yberê, a sorveteria, a casa da avó e de uma amiga, como lugares onde vai com mais frequência.

FIGURA 30: MOBILIDADE ESPACIAL NIARA



FONTE: A autora (2017)

Em seu tempo livre a menina diz brincar de escolinha, skate, de bola, de moda. Não utiliza a palavra medo, mas fala sobre os roubos que costumam ocorrer na região:

Niara – Quando eu estou em casa, eu gosto de brincar de skate, brincar de escolinha...

Marcia – Onde você brinca de skate?

Niara – Lá fora, na calçada aí vai na rua e eu peço para minha mãe se eu posso brincar lá na rua daí eu vou.

Marcia – A rua da tua casa é tranquila?

Niara – É, mas tem as vezes que daí vem algum ladrão e rouba alguma casa e coisas de casa também... só que roubaram a bicicleta do meu irmão.

Marcia – Alguém fica cuidando enquanto você brinca na rua?

Niara – A minha mãe, ela fica lá fora fazendo as unhas dela enquanto a gente brinca.

Mesmo sob os cuidados da mãe, essa possibilidade de brincar na rua proporciona uma forma diferenciada de apropriação do espaço. Senti em suas falas, inclusive quando descreve as suas brincadeiras, a valorização da escola e preocupação com o padrão de beleza construído socialmente, conforme percebido nesse e em outros trechos já apresentados ao longo desse relato:

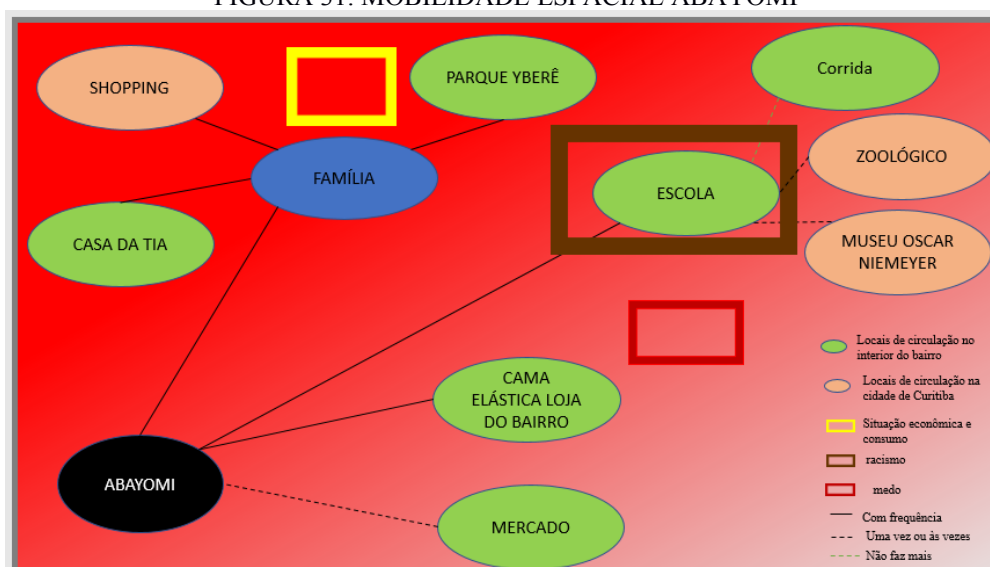
Niara – Eu gosto de assistir TV, gosto de brincar de bola, mas tem vezes também que eu brinco de moda. Fico trocando de roupa toda hora. Eu brinco de produzir desfile, aí toda hora eu fico trocando de calça, sapato, um monte de coisa...

Niara foi uma das crianças que mais demonstrou esse tipo de preocupação, inclusive, como já comentei, manifestou rejeição ao seu corpo negro, por considerar que as pessoas brancas são “mais bonitas”.

ABAYOMI

Menina negra de cabelos crespos, 9 anos de idade, estudante do 4ºano e moradora do bairro Campo de Santana, vive com o pai que trabalha em um lava car no bairro e a mãe que trabalha como costureira e diarista apenas uma vez por semana.

FIGURA 31: MOBILIDADE ESPACIAL ABAYOMI



FONTE: A autora (2017)

Nosso primeiro contato foi breve, ela falou pouco, ocupava a última carteira da segunda fileira depois da porta, não conversou com ninguém durante toda a elaboração do desenho, a maioria das crianças que sentavam próximas dela tinha um comportamento parecido.

Não pensei que a conversa com ela fosse demorar, mas foi uma das mais longas de sua escola. Não sei se, por estar fora da sala de aula ou por estar num dia melhor do que na primeira vez que nos vimos, mas parecia outra pessoa, estava muito animada e falou bastante.

Começamos falando das atividades realizadas fora do horário escolar, Abayomi diz não fazer nenhuma por falta de tempo, costuma sair bastante com a mãe, inclusive nas sextas-feiras que a mãe trabalha como diarista, a menina costuma faltar aula para acompanhá-la.

O medo foi uma das categorias que se destacou nas falas dessa menina limitando sua circulação pelos espaços do bairro:

Marcia – Você anda sozinha pelo bairro?

Abayomi – Às vezes eu ando com a mãe da minha amiga Sofia²⁶ e as vezes com os meus pais. Sozinha não.

Marcia – Por que você não anda sozinha?

Abayomi – Porque também está tendo bastante roubo por aqui, na cidade, e também porque ontem mataram um ali perto do ponto do ônibus ontem, cinco horas da manhã. E tem duas meninas lá na minha esquina lá, elas andam tudo pelada sozinha.

Marcia – O que a sua mãe acha disso?

Abayomi – Ela diz que se elas forem roubadas as mães delas vão ter que se virar.

Marcia – Então a tua mãe tem medo que você seja roubada?

Abayomi – É, ela tem bastante medo. Um dia eu disse: Mãe, eu quero fazer aquele pão de queijo. Sabe aquele pão de queijo de torradeira? Então, daí estava faltando ovo, daí eu disse: Mãe vamos lá no mercado e ela disse: vai sozinha. Ela pensou que eu não ia, né? Daí eu saí, fui lá no mercado correndo e peguei ovo, de noite, e voltei. Daí a minha mãe disse assim: mas você já foi? Eu pensei que você ia bater o portão e se esconder atrás da porta [risos].

Para Caldeira (2011), a preocupação com o crime existe em todas as classes sociais, mas as experiências com a violência são diferentes em cada uma delas. A violência está mais próxima da classe trabalhadora fazendo parte do cotidiano, não apenas no bairro em que vivem, mas principalmente nele, já que, geralmente as taxas de homicídio são maiores na periferia. A autora cita também outros espaços que podem ser violentos e que fazem parte do dia a dia da classe trabalhadora como o local de trabalho e o transporte público.

No decorrer da fala de Abayomi dá para perceber que em alguns momentos específicos ela consegue circular pelo bairro sozinha, ou ao menos ir ao supermercado. Seu medo está relacionado à violência e acontecimentos recentes do bairro.

Como dito anteriormente, Abayomi tem uma autoimagem negativa resultante das violências sofridas pelo racismo, mesmo assim ela faz vários planos. Sobre esses planos:

[...] daí eu disse bem assim para a minha mãe: ‘oh mãe, se eu não gostar de balé eu quero fazer natação. Porque eu tenho o sonho de fazer balé...’

A mãe parece construir um escudo para proteger a filha, mantendo-a sempre por perto. As categorias objetivas também são evidentes, a menina circula bastante pelo bairro. Fora dele, o espaço preferido é o Shopping, onde ela diz ir bastante. Apesar dos pais terem ocupações elementares, o fato de ser filha única e da mãe não manter uma rotina intensa de trabalho, proporciona maior mobilidade. A questão econômica interfere nesta mobilidade, quando fala das idas ao shopping, mas também, aparece na relação com o bairro:

Marcia – O que você gosta de fazer no teu tempo livre?

Abayomi – Às vezes eu pego minha caixinha de esmaltes e pinto minha unha, as vezes eu vou brincar. Às vezes eu falo ‘mãe... eu tenho meu dinheirinho’, daí as vezes eu vou lá... comprar um CD perto do (cita um mercado do bairro)...

Além disso ela relata já ter ido a outros estados e ao Paraguay, para comprar “coisas baratas”. Os espaços de consumo são os mais lembrados em suas falas:

Marcia – Você vai no Shopping?

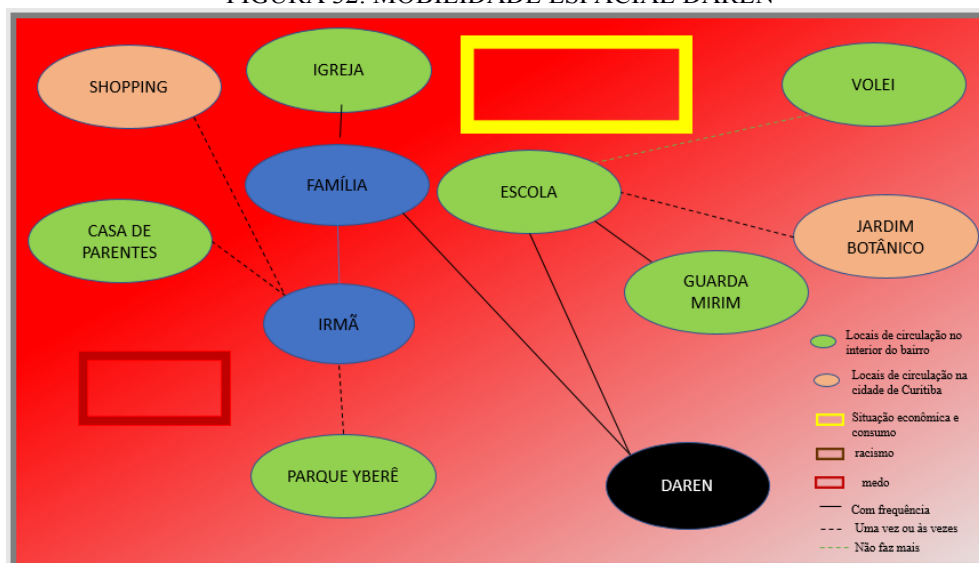
Abayomi – Sim, bastante. A gente vai no cinema, a gente vai nos ... quer dizer meu pai e minha mãe não vão nos brinquedos, mas eu vou... A gente come...

Seus passeios são frequentes e não há reclamações quanto à condição financeira, mas é possível perceber o esforço, principalmente da mãe, em realizar os desejos da filha.

DAREN

Menino negro de cabelos lisos, mora com o pai que trabalhava na lavanderia de um hospital, a mãe trabalhava, segundo ele, colocando remédios dentro das caixas, mas ambos estão desempregados. Tem cinco irmãos, uma mais velha que ele não sabe a idade, um de 30 anos que mora longe, outro de 20 anos, uma irmã de 18 anos e uma irmã de 4 anos.

FIGURA 32: MOBILIDADE ESPACIAL DAREN



FONTE: A autora (2017)

A mobilidade espacial de Daren está atrelada à condição econômica da família, atualmente os pais e a irmã estão desempregados e as dificuldades vão aparecendo desde o início da conversa.

Quando pergunto sobre as atividades que realiza fora do horário escolar ele comenta que acabou de ser aceito na guarda mirim, mas mostrou preocupação com a aquisição do uniforme:

Daren – Eu fazia vôlei à tarde aqui na escola. Agora eu só estou na guarda mirim.

Marcia – Quantas vezes por semana você faz a guarda mirim?

Daren – Só as quintas.

Marcia – Agora o professor deu roupas para a gente vestir, né? Para ver qual é o número. Daí ele falou para a gente ir na secretaria com R\$ 90,00. Daí a gente vai comprar. Agora ele só ensinou outras coisas e vai ensinar nosso treinamento lá fora.

Daren – Então vocês vão pagar o uniforme.

Marcia – É, tem que pagar 90 reais. Daí meu pai falou para eu pedir para a minha madrinha. Eu falei e ela disse ‘ta bom’.

Aqui reforço a minha crítica ao fato da Prefeitura de Curitiba criar um programa com um objetivo apresentado ao povo de forma tão positiva, mas que tem um cunho enquadrador e cívico, numa periferia urbana e ainda exigir que as crianças financiem seu próprio uniforme, criando mais uma preocupação para uma família que já está passando por dificuldades.

Enquanto falávamos dos lugares que ele costuma frequentar ele foi mais específico:

Daren – Eu ia mais nos parquinhos, mas agora eu dei uma parada de ir porque a minha mãe está desempregada, minha irmã estava trabalhando, mas ficou desempregada e o namorado dela está trabalhando agora.

A maior parte dos passeios que ele realiza são na companhia da irmã. Em outros momentos, ele diz ficar brincando de bola na frente de casa ou na garagem. E sobre outros passeios:

Daren – Às vezes. A gente vai no shopping... a minha irmã que me leva mais no shopping. Na casa dos meus tios, das minhas tias, das minhas avós, dos meus avôs.

Mesmo no parque próximo de casa ele diz ir só às vezes por depender da disponibilidade da irmã, diz que nunca vai em outros lugares da cidade e quando questionado sobre a liberdade de passear pelo bairro, o medo da violência aparece como justificativa:

Marcia – Você costuma circular sozinho pelo bairro?

Daren – Eu não ando sozinho. Minha mãe não deixa. Está muita roubalheira, se alguém me roubar ninguém vai ficar sabendo.

Seu espaço de circulação é determinado pelas condições impostas pela família e ele compreende bem a situação:

Marcia – Você brinca na rua?

Daren – Na rua de casa sim, mas sempre na frente, nem para cima nem para baixo. Meu pai sempre fica na janela olhando. Daí ele aproveita e olha a gente brincando.

Assim como outras crianças dessa região, Daren resistiu à ideia de se reconhecer como negro, quando perguntei sua cor ele permaneceu muito tempo em silêncio com a cabeça abaixada sem me olhar diretamente:

Marcia – Qual a cor da tua pele?

Daren – Marrom.

Marcia – E se eu te perguntar se você é branco ou negro?

Daren - [silêncio]

Marcia – Você é branco?

Daren – [silêncio]

Marcia – Você é negro?

Daren – [após alguns instantes de silêncio responde constrangido] Meio negro.

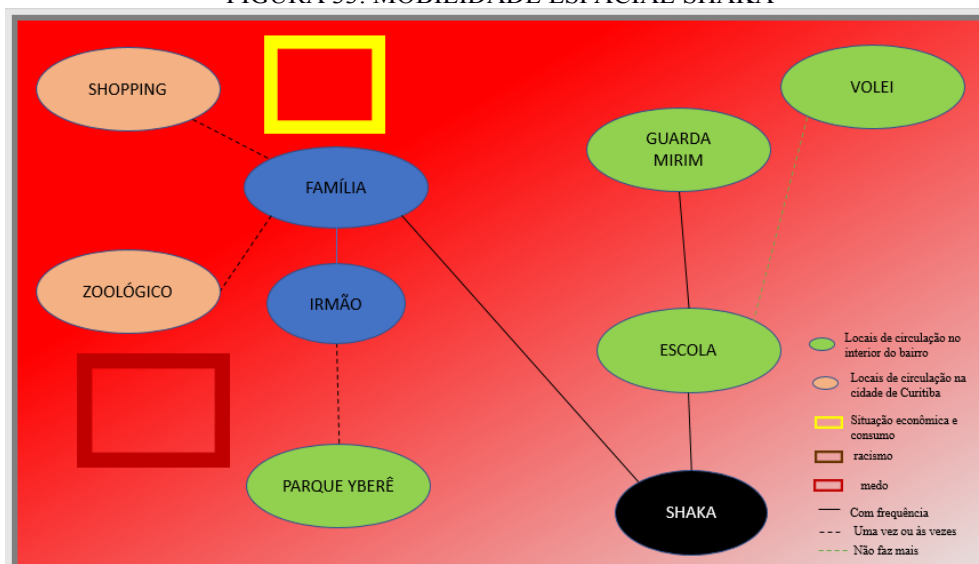
O incômodo em falar sobre a cor era visível, a possibilidade de optar por um continuum de cores, possibilitada pela pergunta aberta, o deixou um pouco mais à vontade, mas há tentativa de manipulação das categorias mesmo quando propus uma classificação bipolar e ele responde “meio negro”.

O menino não relatou nenhuma situação de preconceito, mas a sua reação, os silêncios, o olhar desviado, a voz baixa na hora de responder, me geraram desconforto e inquietação. Quando mudamos de assunto parece que ele pôde respirar aliviado e voltar a agir naturalmente.

SHAKA

Menino negro de 9 anos, estudante do 4º ano, morador do bairro Campo de Santana, vive com o pai que trabalha com reciclagem, a mãe que trabalha numa lojinha de roupas (mas ele diz que não sabe exatamente o que ela faz) e dois irmãos, um de 11 e outro de 8 anos.

FIGURA 33: MOBILIDADE ESPACIAL SHAKA



FONTE: A autora (2017)

A conversa com Shaka foi realizada às vésperas de seu aniversário de 10 anos, foi breve, suas respostas foram bem diretas. Ele também resistiu para se assumir como negro:

Marcia – Qual a cor da tua pele?

[silêncio]

Marcia – Qual é a tua cor?

Shaka – Essa daqui [apontando para o braço]

Marcia – Que cor é essa?

Shaka – Marrom

Marcia – Uma pessoa da sua cor pode ser considerada branca ou negra?

[silêncio]

Marcia – E então?

Shaka – Sou negro [visivelmente constrangido] mas assim, [mostra a parte interna do antebraço] sou branco.

Sobre isso, Fanon constata:

Depois que tivemos que enfrentar o olhar do branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. (FANON, 2008, P.104)

Quando o questionei sobre ter sido vítima de preconceito ele conta algumas histórias de divergências com os colegas de escola, mas os motivos não ficam claros.

Marcia – Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Shaka – De bater?

Marcia – Bater, xingar, ofender, excluir.

Shaka – O Daren me batia no terceiro ano porque não gostava de mim e eu revidava.

Marcia – Fora isso teve alguma outra situação?

Shaka – Um piá da outra sala. Ele me chutou, ontem e depois de ontem e depois de ontem...

Marcia – Por que?

Shaka – Não sei, ele fica xingando a minha mãe.

A única atividade que ele realiza fora do horário escolar é a guarda mirim, fazia vôlei, mas acabou parando por conta das regras da escola que só permitem aos estudantes a participação em uma atividade no contraturno.

Ele diz não andar sozinho pelo bairro, mas às vezes vai ao Parque Yberê com o irmão de onze anos.

Marcia – E na rua, você brinca?

Shaka – Sim, ando de bicicleta na frente de casa.

Marcia – Sozinho?

Shaka – Não, a minha mãe fica cuidando.

Marcia – E quando ela não está em casa?

Shaka – Aí ela não deixa eu andar de bike, como hoje. Hoje eu estou sozinho, ela volta só umas 19 horas.

Marcia – O que você faz quando fica sozinho?

Shaka – Fico jogando, assistindo e dormindo com os meus irmãos.

As poucas idas ao shopping são como um presente e a expectativa da proximidade do seu aniversário sugere um planejamento:

Marcia – Você costuma ir ao shopping?

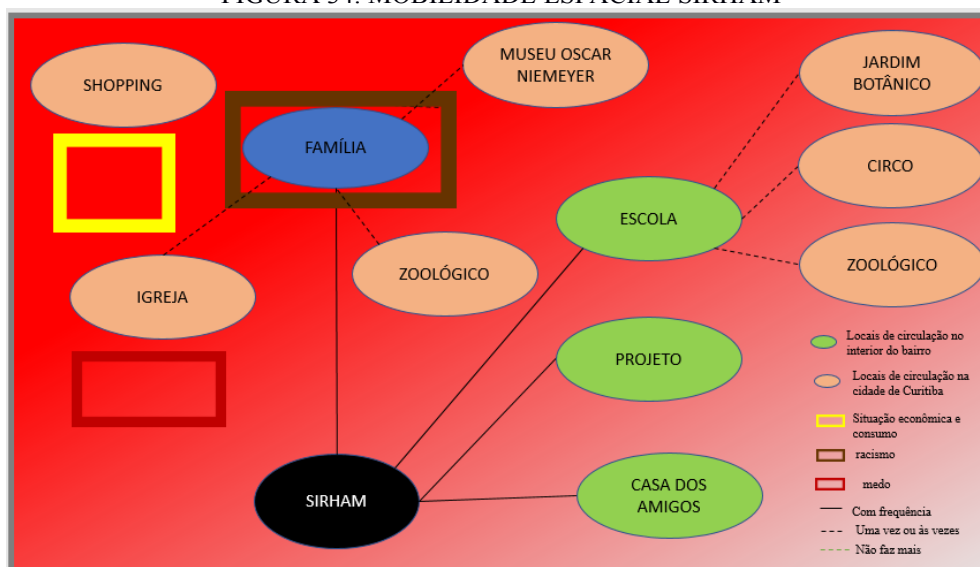
Shaka – Só no meu aniversário. Eu vou no cinema, mas dessa vez eu pedi para a minha mãe me levar lá no Mc Lanche Feliz.

A condição financeira da família não permite extravagâncias nem fornece condições de mobilidade pelos espaços da cidade e o bairro não tem opções de lazer.

SIRHAM

Menino negro de cabelos crespos, estudante do 4ºano, morador do bairro Campo de Santana, vive com o pai que é eletricitista, a mãe que trabalha como diarista e 5 irmãos, uma das irmãs se desentendeu com a mãe, saiu de casa e atualmente mora com uma tia no Rio de Janeiro.

FIGURA 34: MOBILIDADE ESPACIAL SIRHAM



FONTE: A autora (2017)

Sirham é um menino muito tímido, de estatura pequena, quando pedi que as crianças da turma dele fizessem o desenho, ele não quis fazer, a professora deu a entender que eu não podia ter dado liberdade para as crianças escolherem, todas as falas que ela direcionava ao menino era no imperativo, como se quisesse me mostrar como ele deveria ser tratado. Falo isso sem ter outros elementos para tal, a fim de mostrar que a decisão de participar da pesquisa partiu dele. Após conversarmos sobre seus jogos preferidos, sugeri que desenhasse o jogo, já que não queria desenhar nenhum lugar específico, e ele aceitou, fez o desenho e me explicou toda a dinâmica.

O gosto do menino por jogos é nítido, mas em suas falas pude perceber que uma das funções dos jogos é mantê-lo ocupado e em casa. Sirham é a única criança da região sul que realiza atividades extras todos os dias, no horário da tarde:

Marcia – que você faz quando não está na escola?
 Sirham – Eu almoço e espero um pouco até dar 13:20 aí eu vou para o projeto.
 Marcia – O que você faz lá?
 Sirham – Futebol, inglês, espanhol, computação...
 Marcia – Onde fica esse projeto?
 Sirham – Perto do mercado Verde²⁷
 Marcia – Quem oferece esses cursos?
 Sirham – A igreja católica, mas eu não sou católico.
 Marcia – Qual a tua religião?
 Sirham – Eu sou evangélico. Vou na igreja com meu pai e a minha mãe.

A instituição que Sirham frequenta no período da tarde pertence à Igreja Católica, mas ele faz questão de dizer que é evangélico, como os seus pais. A igreja tem influência inclusive na sua

mobilidade espacial, quando pedi para citar um lugar que gosta de ir citou um parque da Região Metropolitana que conheceu em um retiro.

Marcia – Você brinca na rua?
 Sirham – Às vezes com meu amigo.
 Marcia – Seus pais ficam cuidando?
 Sirham – Não, meu amigo tem 25 anos.
 Marcia – O que você gosta de fazer no tempo livre?
 Sirham – Jogar bola, jogar play, soltar raia.
 Marcia – Onde você solta raia?
 Sirham – Na rua de casa.

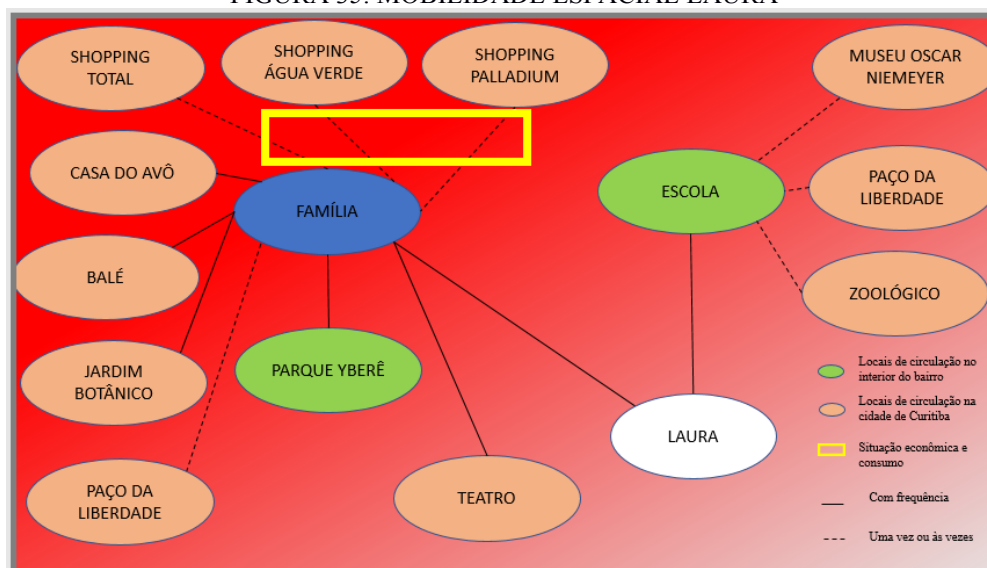
O menino afirma não circular muito pelo bairro, mas a categoria medo não aparece em suas falas, diz brincar na rua, principalmente de bola e soltar raia, mas não com frequência.

Perfil 4 – Crianças brancas do Campo de Santana

LAURA

Laura é uma menina de pele branca com sardas e cabelo castanho claro, 9 anos, filha de um mecânico e uma costureira, que trabalha também como diarista em alguns dias da semana. Tem cinco irmãs e um irmão, mais velhos de 16, 20, 22, 23, 25 e 26 anos, mora no bairro Campo de Santana.

FIGURA 35: MOBILIDADE ESPACIAL LAURA



FONTE: A autora

No dia que conheci Laura ela estava muito triste, perguntei o que ela estava desenhando e ela respondeu que era a casa do avô que havia morrido recentemente, depois a professora me disse que esse acontecimento tinha alterado o comportamento dela. Nos últimos dias ela estava mais reclusa, mas costumava ser uma aluna muito ativa e realizar suas atividades normalmente.

Fiquei impressionada com sua paixão pela política, seu gosto pela leitura e seu interesse pela arte, expresso através das idas frequentes ao teatro, para se apresentar e ver apresentações, seu interesse pela fotografia, música, dança e história, suas intenções e viagens já realizadas com objetivo de estudar.

Marcia – O que você fez enquanto estava lá? (Na Argentina)

Laura – Eu estudei sobre eles, a música deles, como eles fazem as coisas e também como eles trabalham lá e como era antes. Tem muita coisa interessante, tem lojas que a gente não sabe o que passou, tem shoppings também e bancos que já foram outras coisas, banco que já foi casa, tem shopping que já foi banco eu acho bem louco lá, bem legal.

... lá eu conheci muitas pessoas diferentes, foi uma viagem bem legal, mas foi uma viagem de estudos, eu fui fazer umas fotografias e fazer sombra e escrever sobre lá. Em outra escola, eu estudei em outra escola, eu tive que fazer essa matéria então foi bem legal, porque lá eu escrevi várias coisas diferentes sobre a política de lá, sobre como era antes, foi bem legal.

No dia que conversamos individualmente ela já estava melhor, me falou que faz balé no período da tarde e acaba não tendo tempo para mais nada durante a semana. No domingo costuma passear no Parque Yberê e depois vai com a família para a chácara onde o avô (falecido) morava.

Suas falas deixavam transparecer uma postura crítica e a busca constante por novos conhecimentos, principalmente no campo da política. Sua rede de mobilidade é ampla e mostra que ela circula mais por outros espaços da cidade que do bairro onde mora.

Laura – O museu do olho não me atrai, tem coisas interessantes, mas eu prefiro o Paço da Liberdade, tem mais a ver com política e política me atrai muito.

Apesar de não andar sozinha, tem oportunidade de fazer o balé no centro de Curitiba e passeia bastante com a família. O fato de ter irmãos jovens colabora bastante com a ampliação da sua rede de mobilidade espacial.

Quando responde sobre a diversidade de equipamentos de lazer existentes no bairro, Laura deixa transparecer sua consciência social:

Laura – Eu não sei exatamente, mas fica perto da minha casa, eu moro na rua das flores²⁸, não sei o nome da rua do Parque, mas eu não sei se ele ainda existe, **porque a prefeitura**

está fechando várias coisas e eu não sei, quando eu passei lá pela última vez estava com um negócio em volta eu acho que aconteceu algum acidente naquele parque.

Sua preocupação política não está atrelada apenas a sua crítica às ações da prefeitura de Curitiba, a palavra política aparece durante vários momentos da conversa e é extremamente importante na construção de sua identidade e de seus objetivos futuros:

Marcia – Você lê bastante?

Laura – Sim, tem um livro que eu adoro, é um livro do Positivo, tem lá na biblioteca. Tem história de antigos prefeitos e sobre política, eu gosto bastante de política, porque se você quer se tornar uma presidente você tem que saber várias coisas de política. A minha irmã já é advogada e tipo assim eu quero seguir a mesma carreira para se tornar uma menina de política e saber várias coisas.

As redes de interdependência em que Laura está inserida perpassa os contatos realizados no balé, na escola, nos locais visitados com esta instituição e nas relações estabelecidas através do convívio com o irmão e as irmãs e supera os limites impostos pela condição econômica e social da família formada por um casal de trabalhadores de serviços elementares, que tiveram uma vida difícil:

Marcia – O que os seus pais fazem?

Laura – Meu pai é mecânico e a minha mãe é costureira.

Marcia – Você sabe até que ano eles estudaram?

Laura – Minha mãe estudou até o fim da escola, ela fez ginásio e tudo. Meu pai, eu acho que até o ensino médio, que meu pai ele não tinha família nem nada e a minha mãe foi abandonada pela minha avó, mas graças a Deus teve uma mulher que ajudou ela.

Essas redes explicam seu interesse na aquisição de uma cultura geral mais ampla e a mobilidade fora do espaço estudado que é determinante para compreender essa criança enquanto sujeito.

Laura – Eu já fui para a Argentina que é onde minha amiga mora e lá eu descobri muitas pessoas que são dos Estados Unidos, eu já fui para os Estados Unidos também quando eu era uns cinco anos mais nova, assim... eu achava bem legal os Estados Unidos porque praticamente, lá as coisas são um pouco mais baratas, assim... mas não tanto assim, é porque aqui em Curitiba é bem mais caro.

Marcia – Como você fez uma amiga na Argentina?

Laura – Ela é do balé e morava lá. Talvez eu volte para lá algum dia.

O fato de a irmã ser mais velha, ter uma profissão de nível superior e ser financeiramente independente também interfere nas possibilidades da menina:

Marcia – Você vai no Shopping?

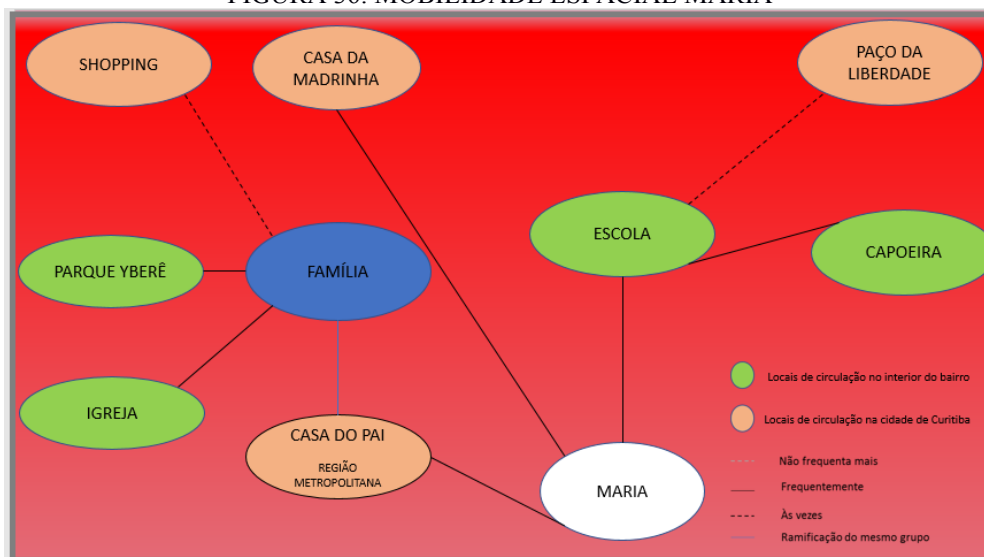
Laura – Às vezes, no Total, Palladium e Água verde, a minha... as vezes minha irmã traz algumas coisas e a gente vai lá, caso não dê certo, e troca. Só que tem um Shopping que eu não gosto que é o Total, por causa que uma vez eu comprei um brinquedo lá e ele estragou de novo e já é a quinta vez que eu troco.

Laura não relata ter sido vítima de nenhum tipo de preconceito. É importante destacar que numa análise quantitativa feita por um viés mais generalizante, todas essas características que fazem parte da construção da identidade de Laura enquanto indivíduo e sujeito social não seria evidenciada.

MARIA

Menina branca de olhos e cabelos claros, tem 10 anos de idade e vive com a mãe, que trabalha como diarista e as duas irmãs de 5 anos e 6 meses.

FIGURA 36: MOBILIDADE ESPACIAL MARIA



FONTE: A autora

Maria é uma menina muito comunicativa, conversamos bastante no primeiro dia, ela desenhou o Paço da Liberdade e me contou muito animada sobre a experiência de ter participado do projeto que permitiu suas visitas a esse espaço no ano anterior. Assim como outras crianças que fazem parte de uma família monoparental, as dificuldades financeiras, a falta de tempo e o excesso de trabalho da mãe não lhe permitem circular pelos espaços da cidade e do bairro. No caso de Maria, a escola tem um papel importante na ampliação de sua mobilidade, através dos passeios externos e das atividades no contraturno que, no seu caso, era a capoeira que iniciaria na semana em que conversamos.

Maria passa a maior parte do seu tempo em casa com as irmãs, os lugares que mais frequenta são a casa da madrinha e a casa do pai:

Maria – Quando eu não estou aqui vou para a casa do meu pai na Fazenda ou da minha madrinha no Sítio Cercado.

Ela relata ir ao shopping às vezes e, contrariando minhas expectativas de que relatos como esse viessem apenas de crianças negras, sua fala mostra como esse espaço pode ser incômodo em alguns momentos, mesmo sendo branca sente os olhares das pessoas:

Marcia – Já aconteceu de alguém fazer alguma coisa que você não gosta em algum desses lugares?

Maria – No Shopping, se a gente faz alguma coisa todo mundo fica olhando para a gente.

Marcia – E você gosta de ir ao shopping mesmo assim?

Maria – Sim, lá tem um monte de coisa, cinema, lugar de brincar, milk-shake, restaurante.

A conversa com Maria colocou, mais uma vez, em evidência a necessidade de debate sobre as questões étnico-raciais:

Marcia – Qual a cor da tua pele?

Maria – Sei lá. Ninguém nunca me perguntou isso... [risos]

Marcia – Se eu pedir para você se definir como branca, preta ou parda?

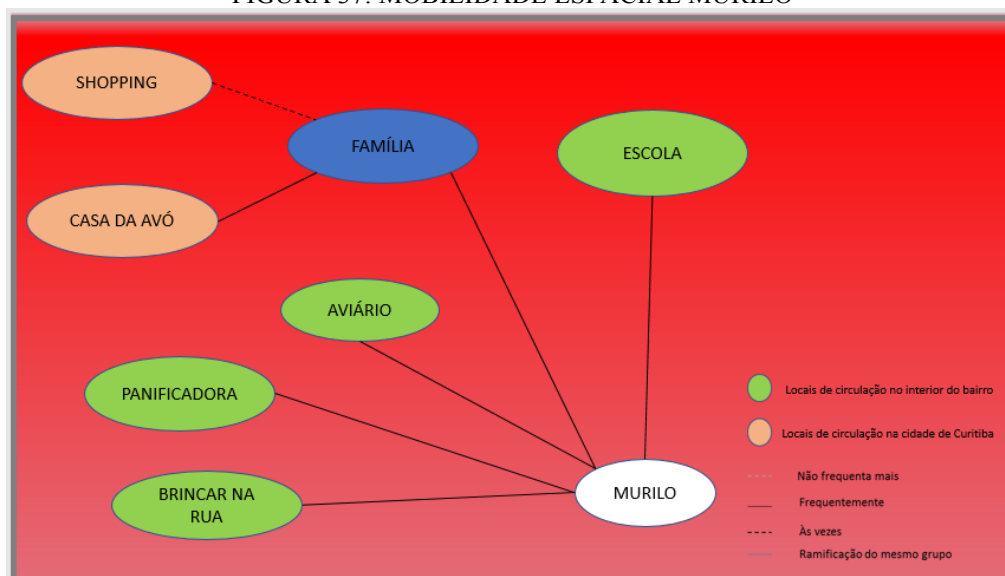
Maria – Sei lá, será que eu sou parda? Branca, branca, branca como a minha irmã eu não sou. Eu sou branca meio morena.

Apesar de ter um estereótipo claramente branco, a menina se compara com a irmã e fica em dúvida sobre como se autodeclarar, além disso a surpresa em relação à pergunta mostra que o tema não é discutido no seu dia-a-dia, e confirmando que o branco tem menos demanda se se pensar como raça/cor.

MURILO

Menino branco de 11 anos, estudante do 5º ano, mora há um ano no bairro Campo de Santana, com o pai e a madrasta, antes morava com a mãe em Ivaiporã (cidade do interior do Paraná). Ele afirma gostar mais de morar em Curitiba, por ter mais coisas para fazer, no entanto seu cotidiano está ligado à sua vivência no bairro.

FIGURA 37: MOBILIDADE ESPACIAL MURILO



FONTE: A autora

Murilo diz passar bastante tempo jogando no celular, mas também circula bastante pelo bairro, diz ter liberdade para ir onde quiser, suas brincadeiras favoritas são esconde-esconde, pega-pega e polícia e ladrão, anda bastante de bicicleta e tem bastante amigos. No interior do bairro a única restrição de espaço é colocada por ele mesmo:

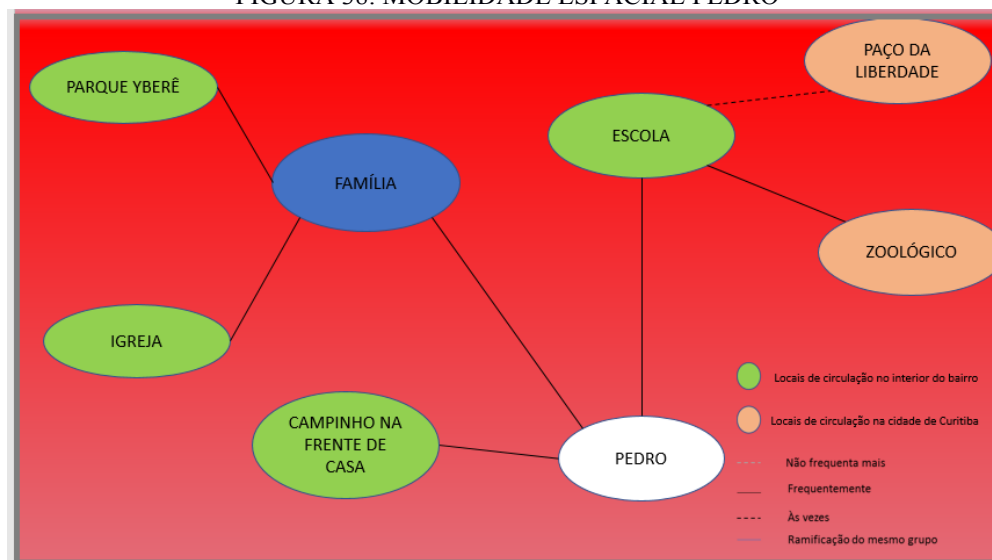
Marcia – Você sabe que tem parque novo aqui perto?
 Murilo – Sei, eu estou sabendo que eles construíram um parque ali pra baixo.
 Marcia – Você não foi lá ainda?
 Murilo – Não.
 Marcia – Por que?
 Murilo – Não sei... não tive vontade.
 Marcia – Com quem você brinca na rua?
 Murilo – Com os meus amigos.
 Marcia – Eles não vão no Parque?
 Murilo – Eles vão, mas eu nunca quis ir junto, não gosto muito de ir no parque.

Aparentemente a rede de Murilo é menos ampla que de outras crianças, mas a sua liberdade faz com que vivencie o bairro de maneira diferente. Em suas falas não apareceu nenhum indício de medo. A condição financeira é referenciada quando afirma ter vontade de conhecer o museu e não poder por falta de dinheiro, diz que por conta disso, a família passa muito tempo em casa.

PEDRO

Pedro é um menino de 9 anos, branco, estudante do 4º ano. Mora com pai entregador de materiais de construção, a mãe que não trabalha fora e um irmão de 18 anos.

FIGURA 38: MOBILIDADE ESPACIAL PEDRO



FONTE: A autora

O medo está presente nas falas de Pedro e por conta disso sua relação com os espaços do bairro é mediada pela família.

Marcia – Tem algum lugar que você pode ir sozinho no bairro?

Pedro – Não, sempre com a minha mãe, com o meu pai ou com o meu irmão. Eu tenho um amigo que tem 7 anos e ele vai lá comprar coisa na panificadora. Eu não saio sozinho porque podem me sequestrar ou me roubar.

O único lugar que Pedro pode ir sozinho é no campinho em frente à sua casa, mas apenas quando a mãe pode ficar olhando, seus passeios mais frequentes são no Parque Yberê e na casa do primo, quando o pai pode levá-lo. Mesmo tendo acesso às atividades da escola, o menino não pode participar porque a mãe não tem tempo para levar, os únicos espaços citados por ele que não estão localizados no bairro são o Zoológico e o Paço da Liberdade, que ele teve oportunidade de visitar com a escola, pelo menos três vezes cada um. A única vez que ele foi ao shopping foi em Santa Catarina com um tio.

As redes de Pedro são limitadas, mas a escola aparece como a mediadora da sua relação com espaços diversificados que não consegue acessar por outros meios. Nossa conversa foi rápida e objetiva, quando perguntei a cor da sua pele ele, imediatamente respondeu branco, mas continuou dizendo que na verdade é café com leite. Quando já tínhamos finalizado a conversa e eu agradeci, ele continuou:

Marcia – É só isso por enquanto. Obrigada!

Pedro – Eu tenho dois amigos morenos.

Marcia – O que você quer dizer com morenos?

Pedro – Eles são morenos. São irmãos gêmeos.

Marcia – São os meninos que brincam com você no campinho?

Pedro – Só no domingo. Quem brinca comigo de segunda até sexta é um piá gaguinho, branquinho, que não tem o céu da boca.

Tive impressão que ele percebeu que a pergunta sobre a cor da pele era importante e quis me mostrar que não tinha preconceito, nitidamente os amigos citados são negros, mas ele não usou esse termo para evitar uma “ofensa”, mostrando acreditar nas ideias negativas, construídas socialmente, sobre a utilização do termo negro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa assumi o desafio de verificar como as crianças, brancas e negras, dos bairros Santa Felicidade e Campo de Santana constroem suas identidades a partir de suas redes de interdependência. As relações estabelecidas no interior dessas redes de interdependência alteram a percepção e visão de mundo dos sujeitos envolvidos, proporcionando diferentes experiências e interferindo na maneira como cada um constrói sua identidade e se posiciona no mundo. Essas redes não se limitam a oferecer contatos superficiais, mas são acompanhadas de toda a carga de conhecimento, sentimentos e emoções que interferem na dinâmica social.

Tanto a posição que ocupamos em seu interior quanto os significados que atribuímos às nossas relações influenciarão na construção das identidades. Reside aí a importância de proporcionar à criança uma vivência social e espacial mais diversificada fornecendo-lhe acesso a outras perspectivas a partir da ampliação de suas redes.

No geral, as crianças que participaram dessa pesquisa, estão inseridas em redes de interdependência marcadas por desigualdades sociais, racismo e falta de segurança, que além de impor barreiras à autonomia proposta pela sociologia da infância, evidencia uma usurpação de direitos fundamentais assegurados por lei.

As diferenças mais significativas aparecem na comparação entre os bairros, mas também há necessidade de lembrar que além das características gerais, a diferença que me levou a selecioná-los está relacionada à quantidade de pessoas negras em cada um deles.

Em Santa Felicidade apenas 12,16% da população é negra, enquanto no Campo de Santana o percentual é de 33,76%, confirmando que em Curitiba, é mantido o padrão de segregação já identificado em outras cidades do Brasil, que mantém a maioria da população negra nas periferias e

em locais com menores condições. A maior parte das crianças, tanto no norte quanto no sul, possui condições financeiras semelhantes com pais e mães exercendo funções elementares que exigem, no máximo, escolaridade de nível médio. Em Santa Felicidade duas crianças fogem do padrão tendo pai e mãe ocupando funções superiores e uma com o pai exercendo função de técnico.

O bairro mais branco da pesquisa, Santa Felicidade, tem uma história fortemente ligada à preservação da cultura Italiana, é mais antigo e conta com uma infinidade de equipamentos públicos culturais, de lazer e segurança. As crianças desse bairro podem ter acesso a uma variedade de bibliotecas, Parques públicos, e espaços culturais diversificados, mesmo assim, visitam espaços privados com mais frequência. A maioria das crianças conhece e frequenta os espaços do bairro, mas não podem circular sozinhas por conta do medo, dependendo sempre da companhia de um adolescente, irmãs e irmãos mais velhos ou de adultos, geralmente mães e avós.

A preocupação com segurança e o medo da violência apareceram mais nas falas das crianças da região norte, a ideia de segurança associada aos enclaves fortificados foi abordada insistentemente, destacando a preferência por frequentar espaços fechados e com vigilância, como os shoppings e as academias e a liberdade de brincar nos condomínios por ter câmeras e porteiros. Apenas nas falas das crianças dessa região apareceram estereótipos relacionados ao medo, duas crianças falaram sobre o medo de pessoas que fumam maconha e uma criança falou que tem medo de “bêbados”.

Mesmo com todas as possibilidades do bairro, as crianças que têm menos condições financeiras acabam não conseguindo aproveitar, geralmente por conta da falta de tempo dos pais e por limitações financeiras. O prejuízo maior é das crianças negras que têm menos mobilidade espacial, com exceção de Alike e Ayo. A ESCOLA 1, localizada em Santa Felicidade tem um número de alunos e espaço físico menor do que os da ESCOLA 2, a escola não oferece nenhum tipo de atividade extra, mesmo assim, apenas 5 das 12 crianças que participaram da pesquisa não fazem outras atividades (pagas) fora do horário escolar, 4 delas são negras.

No que se refere às relações étnico-raciais, de acordo com o MEC não há professores com formação adequada para trabalhar o tema na ESCOLA 1, à primeira vista, o racismo parece não fazer parte do cotidiano dessas crianças com a mesma intensidade que acontece na região sul. O racismo não foi recorrente nas falas das crianças desse bairro, aparecendo apenas duas vezes de maneira explícita e uma implícita, todas em espaços escolares, mas nenhum caso nessa instituição da pesquisa. As únicas duas crianças que se reconheceram como negras sem nenhuma resistência são dessa escola, sendo que as outras mobilizaram categorias ambíguas como o moreno e o bronzeado, fugindo do estigma de ser negro, penso que essa postura pode ter levado as crianças a omitirem situações de racismo, situação que pode estar ligada à hostilidade do ambiente escolar.

Apenas um menino falou de outras formas de preconceito, alegando ser chamado de gordo pelos colegas da turma que riem dele por ter dificuldade com a prática de educação física. Ele mostrou-se triste ao relatar a situação e, pela maneira que falou, houve intervenção da professora, mas não foi resolvido.

Considerando a característica do bairro de valorização da cultura italiana e outros indícios de posturas racistas comentados nesse trabalho (Maranhão, 2010), é importante lembrar que a escola tem pouquíssimos negros e que segue perseguindo um modelo de escola e de cidade curitibana ideal e nesse contexto, mesmo a criança com estereótipo branco, tem dúvidas sobre a sua cor por perceber-se diferente do padrão e possuir descendentes de origem indígena.

Já o bairro Campo de Santana tem uma realidade completamente oposta à de Santa Felicidade, urbanizado recentemente, foi o bairro de Curitiba que mais cresceu entre 2000 e 2010, não possui equipamentos culturais, tem apenas uma área verde de lazer e poucos equipamentos de segurança. É o bairro que possui maior percentual de negros em Curitiba e fica distante do centro da cidade.

Apesar da ausência de equipamentos, as crianças do Campo de Santana circulam mais pelo bairro, são elas que mais brincam na rua, mas apenas uma delas pode brincar e circular sozinha, as outras brincam na frente de casa com o pai ou a mãe olhando ou na companhia de irmãos mais velhos. Como o Parque Yberê é a única opção de lazer, quase todas as crianças costumam passear lá, pelo menos nos fins de semana, geralmente acompanhadas pela família. Muitas crianças desse bairro demonstraram interesse em realizar atividades diversas, como dança, natação, teatro, mas ficam impossibilitadas pela ausência de ofertas, almejam algo que está sempre mais distante de conseguir

Os espaços externos ao bairro são menos acessíveis, as famílias se dedicam ao trabalho durante a semana e se precisarem sair, são obrigadas a encarar o transporte público com ônibus lotados, horários mal organizados e um preço alto da passagem, poucas delas têm disposição para isso nos fins de semana. Também é importante destacar que, nas duas instituições, os passeios escolares são muito importantes para proporcionar a possibilidade de conhecer espaços diversos.

Sobre as atividades oferecidas pela ESCOLA 2, no período contrário ao das aulas, existem poucas opções às crianças e, devido à limitação de vagas, cada criança só pode se inscrever em uma atividade. A maioria das crianças da pesquisa, que participam dessas atividades, fazem parte do projeto Guarda Municipal Mirim, que possui uma proposta questionável, que visa disciplinar os corpos e mentes, geralmente através de atividades repetitivas, de execução de ordens e adequação aos padrões sociais. Das 8 crianças que praticam atividades fora do horário escolar, 6 são na escola

e 1 num projeto de uma igreja evangélica do bairro e 1 num projeto social fora do bairro, são portanto públicas ou do terceiro setor.

Em termos de profissões, todas as crianças do sul têm pais que exercem funções elementares, a maioria mostra restrição financeira, especialmente as que moram apenas com as mães. Várias crianças ficam em casa com irmãos mais velhos sem poder sair enquanto os pais trabalham, assim como tem crianças que por não ter com quem ficar, acompanham as mães quando estas precisam fazer diárias. A limitação financeira também contribui para a falta de acesso a outros espaços da cidade.

As redes das crianças do Campo de Santana não criam possibilidades para que elas conheçam outras realidades e ampliem seus contatos, a segregação espacial a que elas estão submetidas contribui para que ocupem o lugar a elas reservado pela sociedade. Laura é a única criança que consegue escapar dessa imposição, sua rede é ampliada através dos contatos estabelecidos no projeto que participa, fazendo com que, mesmo sendo pobre, conheça outros países, culturas, goste de política e economia e tenha perspectivas diferentes de seus colegas. É importante ressaltar que apesar de sua condição social, a menina tem a seu favor, o privilégio de ser branca, afinal as crianças negras, principalmente dessa região, além das condições sociais, têm redes permeadas pelo racismo que dificulta a autoaceitação e a construção de uma identidade positiva.

Com as informações apresentadas, concluí que é diferente ser criança e construir uma identidade vivendo na região sul ou na região norte de Curitiba. Mesmo uma criança pobre de Santa Felicidade tem vantagens em relação às crianças do Campo de Santana e as condições que atingem as crianças negras, são ainda, mais desiguais, dentro do mesmo bairro e também entre os dois bairros. Salvo as exceções apresentadas, as redes das crianças negras de Santa Felicidade são menos amplas que as das crianças brancas, elas têm menos mobilidade, vão menos aos parques, shoppings e não fazem atividades fora do horário escolar. Já no sul, as desigualdades sociais atingem todas as crianças, mas também têm impactos ainda maiores nas crianças negras. Nos dois bairros fica evidente a resistência em assumir uma identidade negra, lembrando que no sul, apareceram mais relatos de racismo, o que não significa que a ESCOLA 1, esteja imune, pelo contrário, o fato das crianças não terem se sentido tão à vontade para falar, pode ser um indício de hostilidade desse ambiente.

Nessa pesquisa as marcas impressas pelo racismo, incidem de forma negativa na construção da identidade das crianças negras. A primeira evidência disso foi percebida na resistência em se assumir como negras recorrendo a classificações ambíguas e menos estigmatizadas como o moreno, o bronzeado e o marrom, utilizada por 9 das 12 crianças negras,

lembrando que só duas se reconheceram como negras e a última não queria responder à pergunta e só se auto identificou como parda porque eu me defini assim.

Essa constatação inicial foi justificada ao longo da análise pelas situações vivenciadas por essas crianças, comprovando que o peso das ideias construídas socialmente no país em relação às diferenças étnico-raciais encontram respaldo na atualidade e, principalmente, no que se refere à criança negra, elas são reproduzidas mais frequentemente no ambiente escolar e na família. Exceto por um dos relatos que apresentou o racismo intrafamiliar, a escola foi o palco das histórias narradas e os shoppings apareceram como espaços que não apresentaram nada explícito, mas os olhares direcionados a algumas crianças negras e pobres causam incômodo

A rejeição à identidade negra é justificada, nas falas das crianças, pelas agressões sofridas de maneira direta ou indireta. Há relatos de xingamentos explícitos, exclusão das brincadeiras, demonstração de vergonha de ser visto em companhia dessas crianças, trazidos sobretudo por algumas meninas. Essas agressões surgem pautadas na ideia da universalização do corpo branco como norma. As palavras “negra e feia” direcionadas às meninas negras são utilizadas como sinônimos, não é por acaso que elas manifestam profundo descontentamento com o seu corpo e desejem ser brancas.

Todavia, a pesquisa também mostrou que as redes de interdependência das crianças podem interferir na maneira como elas reagem diante dessas situações. Alike, por exemplo, mesmo tendo sofrido racismo, sendo excluída das brincadeiras por ser negra, com o apoio da família – principalmente da mãe e da irmã que tem uma identidade negra bem construída e empoderada – conseguiu lidar com a situação e construir uma identidade positiva, ainda que vivenciando situações de racismo em outros espaços. No caso de Niara, é possível perceber que a postura da menina, em parte é reforçada pela família que em diversos momentos de sua fala, parece também rejeitar o corpo negro. Quando a mãe afirma que ela nasceu branca e depois ficou “assim” ou quando o irmão diz que ela é feia, por exemplo.

Apesar da resistência em se reconhecer negro, Barack também traz essa visão positiva como consequência da rede em que está inserido. A desconstrução da associação do corpo negro com a “feitura” proporcionada pelos elogios da mãe e a exaltação dos aspectos positivos dos negros trazidas pela escola, como ele contou, repercute na construção de uma identidade positiva pelo menino.

Não há possibilidade de concluir esse trabalho sem retomar a responsabilidade do papel da família, da escola e dos governos municipais, estaduais e federal, sobre a infância e a constituição da identidade das crianças, especialmente, da criança negra e, nesse sentido, ressaltar a

importância da implementação da Lei 10639/03 para ampliação do debate e desconstrução das ideias negativas e dos estigmas que atingem as pessoas negras no Brasil.

Também faz-se necessário garantir o cumprimento de direitos que possibilitem às crianças vivenciar os espaços de forma menos desigual, como defende o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), que, por exemplo, assegura às crianças e adolescentes o direito à liberdade (artigo 16) o que inclui, entre outras coisas, a livre circulação nos logradouros públicos e a manutenção da integridade moral e física nesses espaços (artigo 17), principalmente pelo poder público. Essa responsabilidade é reforçada pelo artigo 59 que diz “Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude” (BRASIL, 1990).

Por fim, considerando que a identidade é construída na relação com os outros, para que as crianças construam uma identidade positiva é necessário que suas redes de interdependência permitam o estabelecimento de relações diversas, em diferentes espaços, que valorizem o respeito à diversidade e não reproduzam aspectos que possam inferir negativamente nesse processo, como o racismo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, F. de; OLIVEIRA, F. de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2011.

ANDRADE, Luciana Teixeira; SILVEIRA, Leonardo Souza. Efeito-território Explorações em torno de um conceito sociológico. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 381-402, ago./ago. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/14295/10836>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

ANDREWS, George Reid. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. **Estudos avançados**, v. 11, n. 30, p. 95-115, 1997.

Aqui nasceu a primeira rurbana do país. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 abril. 1992.

ARAÚJO, Débora Cristina de. A Educação das Relações Étnico-Raciais: Histórico, Interfaces e Desafios. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, v. 21, n. 41, 2016.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Papirus Editora, 1994.

AUTHIER, Jean-Yves. **La question des “effets de quartier” en France**. Variations contextuelles et processus de socialisation. In: AUTHIER, Jean-Yves. BACQUÉ, Marie-Hélène. GUÉRIN-PACE, France. (Orgs). **Le quartier: Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales**. Paris: La Découverte, 2006. p. 206-216.

BARBOSA, Maria Carmen. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 43, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Ed, v. 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.

BEGNAMI, Patricia dos Santos. **Pelos olhos das crianças: uma etnografia da favela do Gonzaga**. 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva et al. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. **São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT**, 2012.

BRASIL, Decreto 1331-a de 17 de fevereiro de 1854.

BRASIL, Decreto 7556 de 16 de setembro de 1909.

BRASIL, Decreto no 99.710, de 21 de novembro de 1990.

BRASIL, Lei 601 de 18 de setembro de 1850.

BRASIL, Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas**. Brasília: Secad/MEC, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Editora 34, 2011.

CARVALHO, André de Souza; SUGAI, Maria Inês. **Vivendo às margens de Curitiba: a segregação socioespacial sob o enfoque das políticas e práticas habitacionais na “cidade modelo”**. Disponível em <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-HDC-073_CARVALHO_SUGAI.pdf> Acesso em: 20 jul 2017.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, 1998. 144 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos et al. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal**, n. 10.639/03, 2005.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, sociedade e culturas**, v. 17, p. 113-134, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. (Prefácio) In: *Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. **Rio de Janeiro: Edições Graal**, 1983.

CUNHA JR, Henrique. Afrodescendência e espaço urbano. **Espaço urbano e afrodescendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate de políticas públicas**. Fortaleza: Edições UFC, p. 62-87, 2007.

CUNHA, Estela Maria Garcia de Pinto. **O Brasil está reduzindo suas disparidades raciais**. XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, novembro de 2012. FERES JR, João (org). *Ação afirmativa no ensino superior brasileiro hoje: análise de desenho institucional 2011*. Gemaa – Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa IESP/UERJ, 2011.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945**. Unesp, 2006.

DIAS, LUCIMAR ROSA. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 2012.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 727-759, 2006.

DURKHEIM, Émile. 2013. **Educação e Sociologia**. (Trad. Stephania Matousek) Petrópolis: Vozes

- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 312 p.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 199 p.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. Introdução d Sociologia [1970]. **Lisboa, Edições**, v. 70, 1980.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 262 p.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar, 1994 b.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Zahar, 1994 a.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.
- FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, 2008.
- DE CÁSSIA FAZZI, Rita. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Autêntica, 2006.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: no limiar de uma nova era. Globo Livros, 2008.
- FERREIRA, Valéria Milena Röhrich. Colorindo o passado curitibano: relações entre cidade, escola e currículo-doi: 10.5216/hr. v15i2. 14235. **História Revista**, v. 15, n. 2, p. 421-453, 2010.
- FERREIRA, Valeria Milena Röhrich. **Tecendo uma cidade modelar**: Relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990. 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48º Ed. rev. — São Paulo: Global, 2003.
- FREYRE, Gilberto. Democracia ética - o exame brasileiro. **Americas**, v. 15, n. 12, p. 1-6, 1963.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **cadernos pagu**, n. 6/7, p. 67-82, 1996.
- GOMES, Nilma Lino; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Gênero, raça e educação: indagações adivindas de um olhar sobre uma academia de modelos. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, p. 81-103, 2014.
- GLÓRIA GOMES, Marina Maria da. **A apropriação da figura de frida kahlo em redes sociais: dizeres sobre o herói em campanhas e manifestos na rede**, 2017.

- GONÇALVES, Petronilha Beatriz et al. LEI Nº 10.639/2003–10 ANOS. **Interfaces de Saberes**, v. 13, n. 1, 2013.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.
- GUIMARES, Antonio Sergio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos estudos**, n. 43, p. 26-43, nov. 1995.
- GUTIERREZ, Horacio. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830. **Estudos Econômicos**, v. 17, n. 2, p. 297-314, 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 5ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HASENBALG, Carlos. **Perspectivas sobre raça e classe**. São Paulo: Mimeo, 1981.
- IANNI, Octávio. **As metamorfoses do escravo**. Hucitec, 1988.
- INSTITUTO DE PESQUISA PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Análises e indicadores - Análises do censo**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.
- JUNIOR, Marques. Crescendo em ritmo acelerado. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 ab. 2005. Giro pelos bairros.
- LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Vozes Editora, 2002.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. Editora Ética, 1997.
- LEFÈBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). fev.2006
- LIMA, Adriano Bernardo Moraes. Tem batucada na terra das araucárias: a experiência negra na formação da sociedade paranaense. IN: **Notas de história e cultura afro-brasileira**. 2 ed. Ponta Grossa: UEPG, 2011. 232 p.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias**: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. Revista Contexto & Educação, v. 23, n. 79, p. 65-82, 2013.

MACIEL, Regimeire Oliveira; BERNARDO, Teresinha. Racismo e educação: um conflito constante. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 1, p. 191, 2015.

MARÇAL, José Antônio. **Política de ação afirmativa na Universidade Federal do Paraná e a formação de intelectuais negros (as)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MEAD, George Herbert. *Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 401p.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. UNESCO, 2005.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Como se conduz a pesquisa da infância quando a educação é mais um campo a compor seus estudos? Alguns elementos para discussão. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 79-93, 2015.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

POOLI, João Paulo. **Decifra-me ou te devoro**: a excelência do objeto pela construção do argumento. *Educação & Realidade UFRGS*. Porto Alegre: v. 23, n. 2, p. 95-108. 1998.

PORTO, Liliana; SILVA, Paulo Vinícius B. da; OTANI, Marilene. Impactos e dilemas da adoção de um sistema de cotas na UFPR. **Educando para as relações étnico-raciais II**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_raciais.pdf >. Acessado em, v. 23, 2013.

QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, v. 20, p. 137-162, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**; tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Kellen Cristina Florentino. **Infância, gênero e estereótipos sexuais**: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos. 2008.

REMY, Jean. **L'espace, un objet central de la sociologie**, Toulouse, Erès, coll. « érès poche - Sociétés urbaines et rurales », 2015, 183 p.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT, p. 11-46, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Desigualdade de raça e gênero no sistema educacional brasileiro. **Anais do Seminário Internacional Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban. Brasília**, p. 1-45, 2005.

SANSONE, Livio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Afro-Ásia**, n. 18, 1996, p. 165-187.

SANTOS, Marcia Cristina. **Políticas públicas de ação afirmativa: o impacto das cotas raciais na UFPR (2005 – 2012)**. Monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, v. 4, p. 136, 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. In: **Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. V. 23.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SCHADEN, Egon. **Leituras de etnologia brasileira**. Companhia Editora Nacional, 1976.

SEGATO, Rita Laura. Raça é signo. Brasília: UnB, 2005. (Série Antropologia nº 372)

SILVA, Claudilene. O processo de implementação da Lei Nº 10.639/03 na Rede Municipal de Ensino do Recife. **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: estudos e pesquisas Volume 2**, p. 9, 2009.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Marcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. **História da Educação do Negro e outras histórias**, p. 65-78, 2005.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. **Perspectiva**, v. 23, n. 1, p. 41-64, 2005.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. Brasília; Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Nelson do Valle. **Uma nota sobre" raça social" no Brasil**. Estudos afro-asiáticos, v. 26, p. 67-80, 1994.

SILVA, Nelson do Valle; RODITI, Déborah. Et Plus Ça Change. Tendências Históricas da Fluidez Social no Brasil. **Estrutura Social, Mobilidade e Raça**. Rio de Janeiro, IUPERJ/Vértice, 1988.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; TRIGO, Rosa Amália Espejo; MARÇAL, José Antonio. Movimentos negros e direitos humanos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 13, n. 39, 2013.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta Editora, p. 31-44, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Território: sobre espaço e poder**, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes. Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 57-72, 2009.

SOUZA, Marcilene Lena Garcia de. Permanência de Negros na Universidade Federal do Paraná: Um estudo entre aos anos de 2003 a 2006. **Acesso e permanência da população negra no ensino superior. Brasília: Ministério da Educação Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO**, p. 297-318, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Graal, 1983.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Por uma abordagem territorial. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 7-9, 2009.

STOCK, Bruno; BATISTA, Fabio Domingos. **A cidade como cenário**. Curitiba: Grifo, 2014. 196 p.

TABORDA, Cleuza Regina Balan. **O Mito da Democracia Racial**. Cuiabá, 2009. Disponível em: < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1563843> > Acesso em 01 out. 2017.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Bairro, escola e integração social de jovens negros em Lisboa e São paulo. **Revista de ciências sociais-política e trabalho**, v. 31, 2009.

TELLES, Edward Eric. **O significado da raça na sociedade brasileira**. Princeton University Press, 2012.

TELLES, Edward. Classificação racial. **Racismo à brasileira**. Uma nova perspectiva sociológica, p. 103-137, 2003.

THEODORO, M. et al. Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas 120 anos após a abolição. **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas 120 anos após a abolição**, 2008.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. CEERT, 2012.

UNFPA BRASIL. Conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata . Disponível em: < http://www.unfpa.org.br/arquivos/declaracao_durban.pdf >. Acesso em: 09 jan. 2018.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 1. Brasília: UnB, 1999.

ANEXO A - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO

1. Quantos anos você tem?
2. Você estuda em que período?
3. Há quanto tempo você estuda nessa escola?
4. Como você vem para a escola?
5. Qual a tua cor?
6. Você já sofreu preconceito?
7. Tem parques, jardins, praças, academia ao ar livre próximos da tua casa?
8. Você faz atividades extras, no período contrário ao da aula (reforço escolar, guarda mirim, esporte etc.)?
9. Você já realizou passeios com a escola?
10. Você costuma passear pelo bairro sozinha (o)?
11. Onde você costuma ir quando sai com a tua família?
12. O que você costuma fazer no seu tempo livre:
13. Você costuma passear pelos parques da cidade?
14. Você costuma ir ao shopping?
15. Como você se sente nesses locais?
16. Com quem você mora?
17. O que você gosta de fazer no tempo livre?
18. Qual a tua religião?
19. Você costuma viajar?
20. Qual a profissão dos seus pais ou responsáveis

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS CONVERSAS

Enzi (menino negro) – Santa Felicidade

- Quantos anos você tem?
- nove
- O que você faz no horário que você faz no horário que não está na escola?
- Quando eu não estou na escola, eu fico em casa assistindo televisão, aí eu vou no meu quarto e durmo um pouco.
- Você costuma passear nesses horários?
- Nesses horários eu não passeio muito, porque a minha mãe está doente, um pouco e meu pai tem que trabalhar no sábado também.
- O que o seu pai faz?
- Ele é eletricitista.
- Quando você passeia?
- Eu passeio de vez em quando no sábado, quando meu pai está de folga. Eu vou no shopping e passear no centro da cidade. Eu vou também num lugar onde eu como... não lembro o nome... é tipo um restaurante eu almoço lá e eu vou em casa de novo.
- Qual shopping você vai?

- No Paladium
- Você gosta de ir no shopping? Se sente bem lá?
- Sim
- Você faz alguma outra atividade?
- Não
- Tem praça perto da tua casa?
- Tem
- Você costuma ir lá?
- Sim. Eu vou me exercitar, lá tem algumas máquinas de se exercitar.
- Com quem você vai lá?
- Com a minha mãe e com o meu pai
- Você vai a algum lugar sozinho?
- Sozinho eu não vou a lugar nenhum.
- Por quê?
- A minha mãe não quer que eu vá a alguns lugares sozinho porque pode ter algumas pessoas na rua que são bandidos ou ladrões.
- Qual a tua cor
- Moreno
- Você já sofreu algum tipo de preconceito?
- O que é isso?

- Alguém já demonstrou que não gostava de você por algum motivo?
- Não
- Alguém já te deu algum apelido que você não gostou?
- Não
- Tem algum lugar que você foi e não se sentiu bem?
- Não
- Você tem irmãos?
- Não
- Você já foi em algum passeio com a escola?
- fui no museu paranaense, na escola de pilotagem do trânsito.
- Como vc se sentiu nesses lugares?
- Me senti um pouco bem.
- Você já foi no farol do saber?
- Sim. Eu fui ler livros.
- Você gosta de ler?
- Gosto, só que eu já fui lá faz muito tempo.
- Você lê em casa?
- Sim. Bastante.
- Você sabe até que ano seus pais estudaram?
- Não
- A tua família é daqui?

- Não, é do Rio de Janeiro.
- Você conhece lá?
- Sim
- Você gosta de lá?
- É que lá é mais quente. Aqui é um pouco mais frio. Eu gosto mais de lá.
- Você vai pra lá?
- Só nas minhas férias.
- Você conhece algum outro lugar?
- Não.
- Você mora numa casa?
- Num apartamento.
- Onde você brinca?
- No meu quarto.
- Você não brinca na rua?
- As vezes.
- Tem bastante crianças na sua rua?
- Não sei.
- Você brinca sozinho quando vai para rua?
- Não... quer dizer sim
- As vezes não está vindo muito carro daí eu brinco de patinete.
- Então você não convive com outras crianças?
- Não. Só na escola.
- Você gosta da escola?
- Sim.

Chentai (menina negra) Santa Felicidade

Quantos anos você tem?
Tenho 11
Você estuda só no período da manhã?
Sinal positivo com a cabeça
Você faz alguma atividade no período da tarde?
Não
O que você faz no período da tarde?
Ajudo minha mãe só, brinco na rua depois das cinco horas quando meu irmão chega
Por que?
Por que assim... se eu brincar sozinha não tem

graça então eu espero ele e as vezes quando eu saio vou só na lojinha ali perto de casa e já volto
Você já fez algum passeio com a escola?
Fui lá no... não lembro... no museu...
O que tinha no museu?
Tinha uns mapa de Curitiba, do estado, tinha um jacaré assim ó... e eu não lembro mais. Aí a gente ganhou um coisinha quadradinho assim cheio de pedras de diamante falsas
Foi a única vez que você foi no museu?

E com a sua família, você nunca foi a um museu?
E onde você vai quando sai com a tua família?
Quando eu estou com a minha família eu quase não saio de casa, mas quando é sábado aí meu padrasto não quer ir pra minha vó, aí vai eu minha mãe e meu irmão. É lá em São José dos Pinhais.
Você mora por aqui mesmo?
Aham
E no teu bairro tem lugares para brincar, pracinhas?
Aham

Qual o lugar que você mais gosta de brincar aqui no bairro?
É ali na frente da lojinha da Cinderela presentes
É perto daqui?
É
O que tem lá?
Tem um campo que eu e meu irmão jogamos bola ali, né? A gente gosta de brincar ali. Brincar de pega-pega com os outros meninos e meninas... daí quando ... é ... minha vizinha também
Você vai brincar lá só com o seu irmão?
É... e as vezes com a minha vizinha

Quantos anos teu irmão tem?
 Ele tem 12
 O que você mais gosta de fazer no teu tempo livre?
 Quando eu t oco tempo livre eu gosto de mexer no celular
 E o que você faz no celular?
 Eu fico jogando
 Jogando o que?
 Fico jogando jogo assim... só ele não é online... por que a minha mãe... porque é assim , é um de botão, aí minha mãe falou que quarta-feira ela vai comprar mais um pra mim e aquele lá eu vou tem que devolver para a minha avó...
 Você lê em casa
 Leio... quando eu empresto livro daqui
 Você gosta de ler?
 Aham
 Você tem religião?
 Não, só as vezes que a gente vai numa igreja lá do Batel
 Você geralmente anda de ônibus?
 Aham
 E pra vir pra escola?
 Eu venho a pé porque a minha casa é bem ali no canto ali
 Quando você foi ao museu com a escola como você se sentiu?
 Eu achei legal, pra conhecer mais, né... e a gente viu os coisa da pedra e eles explicaram como era né... e antigamente também... eles falaram que tinha dinossauro na terra... Foi legal

Quando você vai no campinho perto da sua casa você brinca com todos que vão lá?
 Só a minha mãe me falou pra mim não se meter com aqueles menino grandão lá porque... [cochichando] eles fumam maconha... quando eles não tão lá aí a gente vai lá brincar
 Já aconteceu alguma coisa que te fez sentir mal nesses lugares que você frequenta?
 Não
 Assim... tinha o irmão da minha vizinha, que eles estavam brigando lá na pracinha daí a minha mãe ficou com medo da gente brincar lá, né? Porque o irmão da minha vizinha ele não fuma maconha e os menino que estava lá querendo bater nele fumava... aí estava perigoso...
 Eles são adolescentes?
 Com você diretamente nunca aconteceu nada?
 Não (com a cabeça)
 Quando alguém pergunta qual é a tua cor, o que você responde?
 Eu falo negra
 E você já sofreu algum preconceito?
 Não
 E na escola você se sente bem com as outras crianças?
 Aham
 Que lugar você gosta?
 Do Parque Barigui
 Por que?

Porque uma vez a gente passou meu aniversário lá e foi bem legal
 Você só foi lá uma vez?
 Aham
 Não é longe daqui né?
 Mas o Tinguí é mais perto, você não vai lá?
 Às vezes, quando meu padrasto... É que assim meu padrasto trabalha no açougue do Compre Bem, aí só sábado ele fica em casa, só que ele volta pra casa só uma hora da tarde, porque ele trabalha também e daí quando ele chega se ele tiver com coragem de descer lá pra baixo, ele trabalha a semana toda, aí a gente só vai quando ele não tá muito cansado. É porque assim, é porque aquela rua que desce pra lá eles acham muito perigoso e porque também a gente nunca pediu pra ir lá.
 Que lugar você vai sozinha?
 O único lugar que eu vou sozinha é ali na cinderela presentes, só ali... e pra escola... minha fica até com medo de deixar eu vim sozinha, mas eu falo não, não tem problema.
 Você já foi no Shopping?
 Sim, já fui no Shopping Estação, no Shopping Paladium, no Shopping de colombo, lá que chama, né? ... é...
 No cinema, você já foi?
 Fui duas vezes só, uma vez foi com a minha tia, outra vez foi com a minha

tia de novo e com a minha avó...
 Você gosta de ir ao shopping?
 Aham
 O que você faz quando vai no Shopping?
 Quando eu voju no Shopping, aí eu gosto de ficar olhando as roupa, por que eu sei que... olha mãe... não... olha tia que bonito, daí ela... [risos]... daí ela vai lá e compra pra mim..
 Você já foi no teatro?
 Já... lá naquele... esqueci... aí como que fala... ali daquele colégio... Ângelo...

Manuela (Menina Branca) Santa Felicidade

-Eu não costumo sair muito de casa, eu não ando muito na minha rua. Então geralmente quando eu saio, eu saio no Shopping ou alguma coisa assim.
 -Porque você não anda muito na rua?
 -Porque minha mãe tem medo de vir um ladrão me roubar ou tipo me levar embora, minha mãe tem muito medo disso daí ela não deixa eu sair sozinha.
 -E você tem medo também?
 -Eu também tenho medo.
 -Então você nunca brinca sozinha, nunca sai na rua sozinha?
 -Não.
 -Todas as vezes que você sai é acompanhada?
 -É.
 -Tem pracinha perto da tua casa?
 -Tem.
 -Você mora aqui perto?
 -Hum... é perto.
 -Você mora perto de onde?
 -Eu moro. Sabe o farol do saber?
 -Não sei é aqui perto?
 -Tem um aqui perto, daí eu moro lá é virando a esquina de lá
 -Você estuda de manhã aqui?
 -Aham.
 -E o que você faz no período da tarde?
 -No período da tarde eu tipo assisto TV, brinco com minha cachorra.
 -É... As vezes meu primo vai lá em casa a gente brinca, mas a gente nunca sai de casa, a gente sempre faz brincadeiras dentro de casa.
 -E no final de semana você sai não também?
 -No final de semana eu vou no Shopping essas coisas assim.
 -Tem bastante parque aqui perto né?

-Uhum.
 -E você não vai em nenhum parque?
 -É eu e meu pai a gente tá planejando, tipo algum dia que ele estiver de folga a gente sai lá no parque, porque daí a minha cachorra vai com a gente e eu acho bem legal ir no Park.
 -Você tem bastante irmãos?
 -Eu tenho duas irmãs, uma tem 18 e a outra tem 13.
 -Então você é a pequeninha de casa?
 -Aham.
 -E ela cuidam de você bastante?
 -Aham, eu gosto muito delas.
 -Você já fez algum passeio com a escola?
 -Fiz. Eu já fiz pro museu Egípcio, eu já fiz pro jardim botânico. Foi do jardim botânico quando eu comecei a escola.
 -E você só foi no museu com a escola? Ou você já foi com tua família?
 -É. Eu nunca fui com minha família assim porque minha família nunca foi mais assim mais tipo Shopping, mais Park.
 -E religião você tem?
 -Religião eu tenho, Não é uma religião que tipo todo mundo faz, a minha sala também é quando falei minha religião eles também ficaram meios surpresos porque tipo não é uma religião que tudo mundo conheça, eu sou espirita.
 -E as pessoas tem algum preconceito?
 -Não elas acham diferente mas preconceito não.
 -E você frequenta bastante a tua religião?
 -É geralmente nesse tempo assim, é porque minha mãe ela quer ser

pedagoga de escola ou talvez professora daí ela não tá com tempo porque ela tá estudando bastante mas geralmente a gente ia bastante lá onde eu faço.
 -Então tua mãe tá estudando pedagogia?
 -Aham.
 -E o teu pai faz o quê?
 -Ele é segurança.
 -E vocês moram a bastante tempo em Santa Felicidade?
 -É eu moro aqui desde de 2015 aqui
 -Então você cresceu aqui?
 -É.
 -O que você conhece tanto do seu bairro?
 -Eu conheço que tem um farol, daí as vezes antigamente, lá quando a gente veio eu passeava um pouquinho por aqui com minha mãe, daí tinha o farol do saber, tinha uma quadra de jogar vôlei.
 -E você ia nessa quadra?
 -Geralmente não sou muito fã de vôlei, é vôlei e basquete. E também tem uma academia ao ar livre.
 -E você vai lá?
 -Hum geralmente não.
 -E você não gosta de nenhuma dessas coisas?
 -Eu até gosto só que eu acho perigoso assim, daí minha mãe. Eu fazia zumba, natação essas coisas assim, sabe local que tinha mais segurança.
 -Então você fazia academia?
 -Aham.
 -E fora a academia que luar você mais ia, que você gosta de ir?
 -É... Eu comecei a fazer teatro também com a Alike que foi.
 -Lá no barracão?
 -Aham.
 -Daí você parou?

-É que eu comecei faz pouco tempo.
 -E você gosta do teatro?
 -Eu gosto bastante, geralmente a gente tá fazendo uma peça de mitologia grega, eu vou ser a filha de Zeus.
 -E você tá gostando?
 -Uhum, bastante.
 -E você lê bastante?
 -Eu leio bastante.
 -E quando você vai pro teatro, você vai de ônibus?
 -Não eu vou de carro.
 -E quem que te leva?
 -A minha mãe, ou as vezes meu pai
 -Então eles te levam até lá e te buscam depois?
 -Aham.
 -A Alike é bem tua amiga?
 -É bastante minha amiga.
 -E vocês se acabam se encontrando no final de semana, fazem bastante coisas juntas?
 -As vezes uma vai na casa da outra, daí a gente combina de ir no Shopping e todo sábado a gente se encontra lá no teatro.
 -Então vocês vão pro teatro todo sábado.
 -Uhum.
 -Qual que é tua cor?
 -Eu sou branca.
 -É Gulia quantos anos você tem?
 -Eu tenho 9.
 -Você é a mais novinha da tua sala né?
 -É geralmente lá na minha sala eles tem 9 ou eles tem 10, então eu sou mais nova que a Sofia.
 -Mas você vai fazer 10 anos esse ano?
 -Uhum.
 -E essas atividades que tem na rua da cidadania você já fez alguma coisa?
 -É antigamente quando eu comecei passeava assim é pelo bairro com minha mãe, as vezes a gente fazia uns exerciciozinho lá na academia ao ar livre.

-Que é perto da rua da cidadania?
-Aham. Não é tão perto assim mas né.
-E praticar esporte você não pratica nenhum?
-É... Eu corria mas agora tipo não corro mais daí comecei tipo a ligar a Tv e dançar, eu gosto muito de dançar.
-Gosta bastante de dançar?
-Aham.
-E você já fez alguma aula de dança?
-É eu fazia zumba, eu fazia várias coisas, eu fazia

zumba só que daí eu comecei a fazer natação, daí larguei a natação, agora to no teatro, eu fazia várias coisas.
-Você não fica muito tempo parada, você gosta de fazer várias coisas ao mesmo tempo.
-Aham. As vezes que tipo ta frio eu fico tipo parada assistindo filme só que geralmente assim no dia a dia eu não fico muito parada não.
-Como que você convive com outras crianças, você

acha tranquilo, você tem bastante amigos?
-É eu tenho bastante amigos.
-E nos lugares que você vai você se sente bem?
-Aham, eu gosto bastante de sair assim.
-Quando você vai no shopping você acha bom?
-Aham.
-Nunca teve nada que aconteceu que te desagradou?
-Não geralmente oque acontece não me

desagrada só tipo sigo em frente.
-Mas nunca aconteceu nada que te deixou triste por um momento?
-hum... É.(Som de negação).que eu me lembre não.
-Os passeios com a escola sempre foram legais?
-Sempre foram legais!
-Você já sofreu algum tipo de preconceito?
-Não eu nunca sofri nenhum preconceito assim.

Thomas (Menino Branco)
– Santa Felicidade

Que lugares você gosta de ir?

No meu bairro?

É

Eu gosto de ir na casa dos meus amigos, eu gosto de ir no Madalosso restaurante, eu gosto de passear, ir nos parques, eu também gosto de ir no judô, e outros lugares também

Você estuda de manhã, né?

O que você faz no período da tarde?

Eu vou, eu vou... almoço, daí meu pai me dá as coisas que eu trouxe para a escola pra mim levar lá pra cima daí eu me troco de roupa, jogo um pouquinho daí eu faço a lição, depois brinco com meus gatos e depois volto a jogar, com meus amigos que estudam aqui. Você alguma outra atividade?

Eu faço judô, terça e quinta

O que você joga?

O que eu jogo?

É

league of legends. Tem como jogar contra o computador e online. Eu jogo com o André e com o Kauã, que a gente tem Skype daí a gente conversa Onde você pode ir sozinho no teu bairro?

Não sei... a minha mãe me deixa no lugar, certo? Aí eu vou lá faço algumas coisas depois ela me busca.

Tem alguma praça perto da tua casa?

Ah! o único lugar que eu posso ir sozinho é a rua perto da minha casa que eu vou brincar com um amigo meu que estudava aqui a tarde. Tem duas árvores, daí eu pego a minha bola e a gente faz as duas árvores como gol. Eu fico chutando da outra calçada e meu amigo fica na outra calçada no gol.

Você mora num condomínio?

Não, numa casa.

Você tem religião?

Não. Minha mãe é umbandista.

E você vai na religião dela?

Até que eu tenho meu orixá...

Então você vai na religião dela?

Aham

Com que frequência vocês vão?

Ela parou um pouco, mas ela ta voltando ir num terreiro. Ela ta indo num novo que eu não fui até agora.

Quando você sai de casa, onde você costuma ir?

Quando eu vou pro judô, terça e quinta, meu pai me leva duas horas pra casa da minha vó, porque o judô começa das quatro horas às oito horas, duas horas de treino. Eu fazia só uma a noite só que eu queria mais. Aí quando é umas três e quarenta daí ela me leva e pergunta se pode ir, aí eu falo que pode, daí a gente começa a fazer judô.

Aquí no teu bairro tem vários parques, você vai em algum deles?

Sim, bastante

O que você faz quando vai no parque?

Eu, o que eu mais gosto de ir é na feirinha de inverno do Parque Barigui que eu vou com a minha mãe e com o meu pai. Tem altas coisas legal. A gente comprou um monte de coisa lá e eu também vou no parque barigui com a minha tia e com o marido dela. É... que tem dois bulldogs francêss daí a gente passeia com eles. E os outros parques?

Eu já fui... Eu fui no Tingui esse ano com o Kauã.

E o que vocês fazem quando vão lá?

Geralmente eu levo minha bicicleta pra andar, daí eu levo uma bola pra brincar, daí a minha mãe leva umas garrafas de água quando tá sol, daí a gente brinca e a gente volta pra casa e minha mãe faz o almoço.

Você tem quantos irmãos?

Tenho dois. A Maria Tereza tem 21 anos, vai fazer 22 e o Pedro fez 19.

Você acha legal ter irmãos mais velhos?

É... O Pedro é mais brincalhão, ele joga o mesmo jogo que eu, as vezes eu jogo eu contra ele. Eu quase ganhei dele uma vez, só que eu perdi. Você gosta de ler?

Gosto. Eu tenho gibis em casa, da turma da Mônica. E livros?

Não. Eu já li o livro da turma da Mônica que é grandão assim [mostra sinalizando com as mãos], acho que tem no total umas 200 paginas e o Menino Maluquinho.

O que os teus pais fazem?

Meu pai trabalha com informática e minha mãe trabalha no centro pop lá em Campo Largo

O que é o Centro Pop?

O Centro Pop é que cuida de pessoas da rua, levam em casa, dão emprego pra essas pessoas... ela trabalha lá em Campo Largo

O que ela faz lá?

Ela vê os mendigos, ela tenta fazer o melhor pra eles. Tem alguns que só tomam banho num lugar e daí voltam pra rua. Eles não querem arranjar trabalho essas coisas.

Ela te conta do dia a dia dela?

As vezes ela conversa com meu pai no café da manhã ou a noite que a gente dorme, daí eu escuto Você já sofreu preconceito? Aham... Na minha outra escola Babinata.

O que aconteceu?

Eu tava jogando bola ... eu nunca contei pros meus amigos... eu tava jogando bola daí no time inimigo... é... no time adversário tinha um monte de piá querendo fazer preconceito comigo. Bem na hora que eu tinha feito o gol. Daí tinha batido o sinal. Daí eu fui na biblioteca, era dia da biblioteca lá. Eu nunca gostei daquela escola, Também tinha um piá que me batia. Esse piá que me batia, ele tava no outro (time), daí ele foi junto comigo na biblioteca. Não tinha ninguém, depois ele ficou me xingando de várias coisas... café com leite... por causa da minha pele... ficou me xingando de um monte de coisas.

Quando você fala que é por causa da tua pele você está se referindo à sua cor. Qual é a tua cor?

Eu sou moreno

Você sabe que as pessoas se identificam como negros, que inclui pretos e pardos, brancos e amarelos. Como você se identifica?

Com uma pele mais ou menos indígena, porque minha bisavó era uma índia, vem da família da minha mãe. Já a família do meu pai são italianos e alemães. E nos lugares que você vai para passear, já aconteceu alguma coisa que você não gostou?

Meu irmão mora em Ponta Grossa... Na verdade eu tava voltando de Camboriú, na praia tinha duas moto

caída e um cara no chão. Também quando eu tava voltando do judô que meu pai já tinha me buscado tinha um cara no chão aí tinha um carro da polícia. Tinha polícia de todos os lugares aí tinha um cara deitado no chão...

Você costuma ir no shopping?

Sim, geralmente eu vou com os meus pais e os meu irmão pra ver muitas coisas, minha mãe vai na Renner toda hora, eu acho que é um negócio... toda vez que ela vai na renner eu falo que é uma possessão que possui ela pra ela ir na renner. E no cinema, você vai? Vou, não sempre, mas eu vou bastante.

Você passeia bastante com a tua família? Passeio bastante. E também acho que a as vezes tem uma festa que o sensei faz do judô que todo mundo pode ir, daí é sempre no mesmo horário tem um campo gigante de futebol, daí todo mundo leva uma bola pra jogar. Daí eles fazem um churrasco, mas não na academia, eles tem um lugar apropriado.

Que outro lugar que você gosta de ir que vc se sente bem?

Lugar que eu me sinto bem é na feira de inverno do Parque Barigui. Eu vou com a minha mãe e com o meu pai e a gente costuma ver coisas. Eu

vou comprar aqueles fone de ... aquecer... eu tinha dado um pro Leo que ele gostou, aí esse ano vou ver se eu consigo ganhar um.

Então você quer ir na feira por causa do fone?

Sim, por que ta fazendo muito frio aqui. Eu tava indo pro judô terça e tava chovendo muito perto da minha casa e eu não pude ir.

Você usa a internet?

Na lição passada era pra você procurar no dicionário outras palavras, daí meu pai tinha mostrado no dicionário online pra mim, daí eu entrei, o Kauã tava comigo, daí eu fui lá e vi o significado e também

tinha que pesquisar algumas coisas do sorteio.

Você ajuda em casa?

As vezes eu ajudo. As vezes a minha mãe me chama pra ajudar ela fazer comida, eu faço comida, mas na maioria do dia eu durmo com os meus dois gatos. Eu tinha três, eu tinha um preto, uma branca e uma que ta em casa ainda. O preto era o único que eu dormia. Eu gostava muito dele, eu acho que foi o ano passado abril, ele foi atropelado, a branca fugiu, aquela ta lá e entrou um novo, que é super parecido com o preto, mas a pele é amarela. O jeito dele é super parecido!

Luiza (Menina branca) Santa Felicidade

Quantos anos você tem?
- 9

- O que você faz quando não está na escola?

- Eu durmo, assisto TV, brinco.

-Você faz alguma atividade fora da escola?

- Só segunda-feira que eu faço inglês.

- Você tem irmãos?

- Tem alguma praça perto da tua casa?

- Tem. Perto do trabalho da minha mãe, que é perto de casa.

- Você costuma ir na praça?

- Sim, com a minha avó.

- que lugares do bairro que você vai?

- No mercado, na pizzeria, na panificadora, com a minha avó

- No fim de semana você costuma passear?

- Sim, eu vou no Parque Tingui para andar de bicicleta.

- O que os teus pais fazem?

- Minha mãe fica em casa e meu pai fica trabalhando de sexta básica.

- Você já fez algum passeio com a escola?

- Já, eu fui no teatro e no museu.

- Qual museu?

- Esqueci. A gente ficava vendo coisas sobre antigamente de índio...

- Você vai no shopping?

- Eu já fui várias vezes, mas não vou sempre.

- Você prefere o shopping ou o parque?

- O parque, porque eu gosto de andar de bicicleta e é bem legal lá. As vezes eu levo a minha prima.

- Você gosta de ler?

- Gosto. Eu leio bastante, o último livro que eu estou lendo é o diário de Ellie.

- Você já foi no farol do saber?

- Já. Quando eu ia no dentista aproveitava para pegar livros pra ler lá.

- Como você vem para a escola?

- a pé, com a minha mãe.

- Você tem religião?

- Tenho. Eu sou católica.

- Você frequenta a igreja?

- Sim, todos os domingos.

- Com os seus pais?

- Não. Com a minha avó, meus pais são evangélicos. Eu sigo a religião da minha avó.

- A igreja fica próxima da tua casa?

- Sim, tipo assim... tem a minha casa, daí tem uma rua, vai reto e daí vira

assim e daí vira para o outro lado e daí é a igreja.

- Para o centro da cidade você vai com frequência?

- Vou, não sempre. A minha mãe vai pagar contas e sempre me chama para ir junto para não ir sozinha e daí eu vou ou as vezes ela me leva no médico.

- E aqui no bairro você anda bastante?

- Sim, a minha vó sai bastante e eu vou com ela. Eu vou na loja Eva, no mercado, panificadora... é que toda sexta-feira ela faz janta para os filhos dela, daí eu vou junto com ela no mercado e ela aproveita e passa na panificadora, daí eu vou junto.

- E o inglês, qual é o horário?

- Uma e meia até quatro horas. Eu vou de van.

- É longe?

- É lá em Santa Felicidade

- Aqui não é Santa Felicidade?

- É, só que é perto do ponto de ônibus.

- Qual a tua cor?

- Branca

- Você vai ao cinema?

- Não bastante, mas as vezes eu vou. Quando meu pai recebe dinheiro a gente vai.

- No teatro você já foi?

- Sim, com a escola.

- Como você se sente nos lugares que você já foi passear?

- feliz!

- No museu você só foi com a escola?

- Sim, eu pedi para o meu pai, mas a gente vendeu o carro e agora não dá.

- Você mora numa casa?

- Sim, é tipo assim tem a casa e daí é a casa da minha avó, que eu moro com ela e com a minha mãe. Daí tem a casa, daí vai indo para a frente e tem mais casas,

aonde tem os dois porões e lá embaixo tem a casa da minha mãe. Daí desce as escadas tem a porta e a sala. E agora a minha tia está se mudando para lá, está fazendo uma casa para ela.
- Você brinca na rua?

- Não, minha mãe não deixa, passa muito carro lá. Só quando eu vou viajar daí eu brinco na rua da frente da casa da minha outra avó.
- Onde ela mora?
- Lá em Antonina.

- Você já foi para outros lugares?
- Esse ano a gente está pretendendo ir para Santa Catarina, no Beto Carreiro.

- Você fez outros passeios com a escola?
- sim

Kalifa (Menina negra) **Santa Felicidade**

- Quantos anos você tem?
- Eu tenho nove.
- O que você faz no período que você não está na escola?
- Quando eu não estou na escola eu almoço em casa e eu arrumo a minha casa.
- Qual a tua cor?
- A minha cor favorita?
- Não, a cor da tua pele.
- A cor da minha pele é morena.
- Você faz alguma atividade fora da escola?
- Eu frequento as vezes um parquinho perto da minha casa, perto de um mercado.
- Onde você mora?
- Numa casa, mas esqueci o nome dela... a rua dela.
- É aqui perto?
- Sabe aquela rua assim, vem retinha? Eu vou reta aí viro uma rua assim e eu vou e viro de novo que é minha casa.
- Você vem a pé para a escola?
- Não. Venho de carro com meu pai, as vezes no domingo ele não trabalha, ele está em casa daí ele leva a gente e busca. As vezes pra voltar a gente volta andando porque é pertinho.
- Você volta sozinha?
- Não. Com o meu pai, ele vem me buscar.
- Você não anda sozinha pelo bairro?
- Não.
- Por que?
- Por causa que de manhã é meio perigoso também. Quando a gente vai pra escola pode acontecer um acidente e os pais não estão juntos. De manhã meu pai

leva e de tarde a gente vai sozinha que é perto.
- Onde você vai a tarde?
- No parquinho.
- Com quem você vai no parquinho?
- Com a minha irmã, a Mayara.
- Quantos anos ela tem?
- Tem 14, vai fazer 15. Ontem foi aniversário dela, mas ela vai fazer a festa só no domingo, eu acho.
- Vocês passeiam bastante?
- A gente passeia, ou a gente vai numa amiga dela ou vai no outro parquinho, as vezes a gente vai marcar consulta com o meu dentista, essas coisas...e lá tem um parquinho, daí eu fico lá.
- Você já fez passeio com a escola?
- Sim, nessa escola eu fiz um passeio que a gente foi de ônibus e um passeio tinha carrinho. Sabe aqueles carrinhos de controle? A gente sentou dentro e dirigiu. Era do trânsito, sabe? Eles ensinaram a gente e quando eu estava vendo uma reportagem que passou no vídeo do meu pai, estava o sinal vermelho e o cara não viu e passou com tudo. Sabe? E fez assim Puff! O cara estava vindo assim e ele estava assim e estragou o carro, que daí são os apressados, né?
- Então você foi no DETRAN e aprendeu a dirigir?
- Aprendi mais ou menos, é meio difícil. Você tem

que virar, tem que estacionar esperar os outros passarem na lombada e ir.
- Você gostou desse passeio?
- Sim... e tem mais um que a gente foi no Shopping da banana, sabe? O que tem um leão, sabe? Um espantalho e o homem de metal.
- E desse passeio você gostou?
- Sim
- Você já sofreu algum tipo de preconceito?
- Já. Só um, na escola, de bullying. As meninas me chamavam de cadela porque eu ia de cabelo todo de Chiquinha e eu ia todo dia no balanço e quando eu ia no escorregador ela falava. Aí eu falei para a minha mãe. Aí minha mãe veio e brigou com ela. A minha irmã ficou muito brava e até ela me defendeu.
- Por causa da cor da pele já teve alguma situação de preconceito?
- Não
- O que os teus pais fazem?
- Meus pais trabalham. Meu pai trabalha com cesta básica e ele está trabalhando ainda. Ele quer trabalhar no serviço da minha mãe de limpar a escola. Sabe a escola que tem ali? Na escola municipal ali e ela trabalha numa casa de limpeza e ela vem na hora do almoço para almoçar. Hoje ela não vai vir porque ela levou duas

bananas e uma maçã para comer, para não se atrasar e ela pega o ônibus.
- No fim de semana você passeia com a sua família?
- NO final de semana eu fico em casa, arrumando a minha casa. Claro, tem que limpar a casa arrumando a casa, só tem um dia que a minha mãe fica. Meu pai trabalha no final de semana só no sábado e no domingo a gente fica em casa para descansar ou as vezes a gente vai lá na casa da minha tia Rosa.
- Tem muitos parques aqui perto, você frequenta?
- Sim, eu vou ver né? Eu vou ver tudo que é legal. Um dia no parquinho, sabe aquele que é turístico? Tem uma caverna e eu descii do carro e fui com o meu pai e com a minha mãe a pé e um dia o carro não subia porque estava cheio de gente. Tinha minhas irmãs, que elas são irmãs de sangue sabe? A gente empurrava o carro pra ir... “Vai carro, vai carro” no outro dia a gente fez churrasco no domingo, em casa e chamou um monte de gente.
- Tem algum lugar que você não se sente bem?
- Na favela eu não me sinto bem. Eu não gosto dela porque lá tem muito bandido, sabe? A gente passa pela favela para ir lá no postinho e eu não gosto, fico morrendo de medo. Eu fico agarrada na minha irmã e falo: “irmã eu vou segurar, socorro” e a minha irmã segura a bolsa bem apertado porque tem gente

que rouba a bolsa, com documento e tudo, mas a gente passa bem rapidinho.
- Você não conhece ninguém que mora lá?
- Não. Meu tio morava lá, ele vendia maconha, mas meu pai não queria que ele ficasse em casa. Ele roubava as panelas da

minha mãe sabia?
Amassava. A minha mãe brigou com ele falou: “Você vai desamassar minhas panelas agora.
- Você já viajou para outras cidades?
- Um monte de vezes. Eu fui para Goiânia, voltei para cá, fui para São

Paulo, fui para Praia Grande e a minha mãe quer viajar...
-Foi passear em todos esses lugares?
- Tudo para passear. Ela fazia minha consulta aqui, que eu tenho de alergia e pegar o carro e pagar o aluguel e as contas. Ela

paga as contas das lojas que a gente compra e a gente vai.
- Você tem religião?
- As vezes a gente vai numa igreja, mas só as vezes...

Lucca (Menino branco) **Santa Felicidade**

Quantos anos você tem?
Onze
Você mora aqui perto?
Sim, perto do ponto do Jardim Ipê da Escola Internacional.
O que você faz quando não está na escola?
Eu gosto de andar de bicicleta, gosto de brincar de esconde esconde.
Você brinca na rua?
Agora não estou brincando muito. Minha mãe está usando a minha bicicleta e eu quase nunca vou para a rua agora.
Tem alguma praça, jardim ou academia ao ar livre perto da tua casa?
Não
Em que lugares você pode ir sozinho?
Sozinho em lugar nenhum.
O que você faz a tarde?
Hoje eu vou lá no SEMAE (Serviço Municipal de Assistência Especializada).
O que você faz lá?
Eu brinco, faço atividades, faço matemática e como lanche. Vou lá toda terça.
Você gosta de ir lá?
Gosto, só é um pouco longe. Fica lá no Campo Comprido.
Como você vai até lá?
De ônibus, hoje eu vou com a minha mãe, mas

geralmente eu vou com a minha avó.
O que você gosta de fazer quando fica em casa?
Gosto de ver TV, de dormir, de comer, de brincar de lego.
Você já fez passeios com a escola?
Já, eu fui no teatro e no museu.
Você gostou desses lugares?
Bem legal, faço bastante perguntas.
Aconteceu alguma coisa que te desagradou em algum desses lugares?
É, umas coisas...
O que?
É que tem alguns piás que me irritam. Eles provocam, assim, os piás lá... eu estava nos computadores lá, daí o cadeirante queria me bater, ele não gosta de mim. Eu pergunto quer ajuda? “Não” Posso levar isso? “Não” Quer que eu leve você “Não”... Uma vez eu estava sentado e um amigo tentou me aproximar e o cadeirante quase me bateu, mas eu desviei. Quando ele está com o pai dele ele finge que é meu amigo, mas não é. Quando ele está perto ele conversa, quando o pai dele está

mais longe ele não conversa.
Você já foi no Farol do saber?
Já, eu vou lá mais para jogar. Ver vídeo jogar e as vezes eu pego livro.
Você gosta de ler?
Mais gibi, aí eu leio muito.
Você tem religião?
Tenho. Sou evangélico.
Você vai à Igreja com frequência?
Sim, todo domingo. Só as vezes que minha mãe trabalha que não.
Onde fica a tua Igreja?
Fica lá em Santa, perto do terminal.
O que a tua mãe faz?
Ela trabalha no Condor, repõe as mercadorias nas prateleiras e nas gôndolas. Antes ela trabalhava a noite. Ela saía dez horas da manhã e voltava às onze horas. Agora ela sai às cinco horas da manhã e volta às seis horas.
Você tem irmãos?
Não tenho irmãos. Eu tenho, mas não é da minha mãe, ela se separou e meu pai teve com outra mulher. Ele tem 1 mês, mas eu não conheço. Eles moram em Pinhais.
Você não vai na casa do teu pai?
Não

Quando você sai para passear, onde você costuma ir?
Geralmente eu só saio com a minha mãe. Na quarta-feira a gente vai na fono e daí no cinema e a noite a gente sai.
Você vai sempre no cinema?
Não, às vezes. Eu vou no Shopping como, assisto um filme. Algumas vezes faço um lanchinho, como duas vezes, eu gosto de comer.
Você faz alguma coisa além da escola?
Só o SEMAE terça e a fono quarta. Uso o tablet, mas não tem internet lá em casa.
Você já foi ao teatro?
Sim, duas vezes no terceiro ano que eu reprovei.
Nos parques aqui de perto você não vai?
Não
Tem parquinho, academia ao ar livre perto da tua casa?
Tem, esse da creche aqui do lado.
Você vai lá?
Não.
Por que?
Por que é perigoso, eu sou meio desconfiado, tenho medo das pessoas. Dos bêbados, essas coisas.

Adanna (Menina negra) **Santa Felicidade**

Quantos anos você tem?
Oito
Você mora nesse bairro?

Eu sei o nome da rua, mas não sei o nome do bairro, eu moro na rua Eugênio Flor. Tem o Parque Tanguá daí tem a rua e do

outro lado a minha casa. É na frente do Parque.
Você vai bastante lá?
Vou quando a minha mãe vai comigo, por que eu não posso ir sozinha e a

minha avó não gosta muito de caminhar.
Você fica com a sua avó?
Sim, minha mãe vai trabalhar e eu e a minha irmã ficamos com ela.

O que a tua mãe faz?
O trabalho dela é cesta básica, daí ela fica anotando as fichas os nomes nos negócios. Tem as fichas que os vendedores preenchem e ela passa para o computador.
Qual a tua cor?
Da minha pele?
Morena.
Como você vem para a escola?
De carro com a minha mãe e as vezes com o meu pai.
Você pode passear pelo bairro sozinha?
Não, em lugar nenhum a não ser quando a minha mãe está junto.
E quando a tua mãe está junto, onde você vai?
Eu vou no Parque, na padaria, no mercado, as vezes no shopping.
Onde você gosta mais de ir?
No Shopping, que eu vou as vezes para ir no cinema e outras vezes só por ir mesmo, para não ficar trancada dentro de casa.
Qual shopping você vai?

No Shopping Mueller e no Shopping Barigui e de vez em quando no Estação.
O que o teu pai faz?
[Responde rindo] Ele trabalha em cesta básica também, mas ela trabalha em uma empresa e ele na outra, junto com o pai dele.
Você já fez passeio com a escola?
Já, mas com a outra.
Você não estudava aqui?
Não, mudei para cá no começo desse ano porque a minha mãe achou melhor e o meu irmão estuda aqui.
Onde você estudava antes?
Na escola foz do Iguaçu.
Era mais próxima da tua casa?
Não, as duas ficam longe, mas antes a outra era um pouco mais perto. Agora que eu mudei para o condomínio essa e aquela ficam longe. Lá eu estudava a tarde e a minha mãe preferiu que eu

viesse para cá para estudar de manhã.
Dentro do condomínio você pode brincar?
Aham, porque lá tem porteiro, tem portão, tem segurança.
O que você faz no horário que não está na escola?
De tarde eu tenho lição, eu vejo se é fácil ou difícil. Se for difícil eu espero minha mãe para ela me ajudar e se for fácil eu faço sozinha e aí vou brincar com as minhas amigas do condomínio.
Nos finais de semana as vezes eu vou na casa de uma amiga que estuda aqui.
Você faz alguma outra atividade?
Não. Só jogo vôlei as vezes.
Você frequenta a rua da cidadania ou o farol do saber?
Eu já fui no farol do saber uma vez quando eu estava no pré.
Tem alguma praça, academia ao ar livre próximo da tua casa?

Não que eu saiba.
Você tem religião?
Tenho, eu sou católica.
Você vai à Igreja com frequência?
Às vezes eu vou numa igreja aqui com a minha mãe que é católica e as vezes eu vou numa igreja no centro com o meu pai que é evangélico.
Você já fez alguma viagem?
Eu viajo no fim do ano pra ir na casa das minhas irmãs por parte de pai e na praia.
Eu esqueci o nome da cidade que elas moram, mas é no interior de São Paulo.
Você já sofreu preconceito em algum dos lugares que costuma frequentar?
Não.
Você já sentiu mal em algum lugar?
Às vezes, Um dia eu estava brinca e elas meio me excluíram, só que daí estava perto da minha casa e elas não sabiam que eu estava ouvindo e elas ficaram falando de mim e eu fiquei mal.

Ayo (Menino negro) Santa Felicidade

Quantos anos você tem?
Tenho oito anos
O que você faz a tarde?
Eu jogo futebol e faço jiu jitsu.
Onde?
Futebol é na MB futebol e jiu jitsu é na academia.
Qual academia?
É Go... não lembro... é “Vai saúde” só que em inglês
Você mora perto da escola?
Em Almirante Tamandaré.
Por que você vem estudar nessa escola?
É um pouco longe, mas a minha irmã estudou aqui e a escola é muito boa.
Que lugares você vai quando não está na escola?
Eu gosto de ficar um pouco na Rua e de ir para o futebol e para o jiu jitsu.

Você brinca bastante na rua?
Não, só no final de semana inclusive feriado.
A minha mãe não deixa brincar na rua por que está muito perigoso. Estão assaltando por lá, Já assaltaram nossa casa e a minha mãe ficou com medo. Eu só brinco se tiver algum adulto na rua, se tiver ela ou o meu vizinho.
Você já fez passeio com a Escola?
Já, só não lembro o nome do lugar que a gente foi.
Você se sentiu bem nesse lugar?
Sim, eu gostei
Você tem religião?
Tenho, sou evangélico.
A tua igreja é próxima da tua casa?

Não, fica lá no Capão da Imbuia.
Como você vai?
De carro.
Passa por vários lugares, algum deles te chama mais a atenção?
Eu passo por um parque de diversões que tem uma roda gigante e uma montanha russa e eu acho bem legal.
Você costuma ir aos parques da cidade?
Sim, Parque Tingui, Parque Tanguá e um parque de diversões.
Você vai com frequência?
Não, faz tem que eu fui.
Acho que foi ano retrasado. Fui com a mãe da Helena, uma menina que estuda aqui e é minha vizinha. O carro delas tem sete lugares, aí foi eu, a

Helena e a minha irmã. A gente brincou de bola, de pega pega, de várias coisas.
E quando eu fui no Parque Tanguá não tem um negócio com água? Eu quase caí lá dentro.
O que você gosta de fazer quando está em casa?
Eu gosto de jogar vídeo game, mexer no meu tablet e assistir Netflix.
Você gosta de ler?
Não, eu leio bem, mas não sou muito chegado a ler.
Você vai no shopping?
Vou, no Total, no cinema.
Você já sofreu algum preconceito?
Não.
Você se sente bem no shopping?
Sim.
O que os teus pais fazem?

Meu pai trabalha na X-leme e no Cedip, ele faz aquele negócio que eu esqueci o nome... como fala?... É

Alika (Menina negra)
Santa Felicidade

- Qual a sua idade?
- dez
- Você estuda aqui só no período da manhã?
- Aham... Depois na terça e na quinta eu faço curso preparatório para o militar e a tarde inglês
- O que você faz nos dias que você não tem aula no curso preparatório?
- Eu fico em casa assistindo TV... Eu faço minha lição de casa assistindo TV, aí espero a minha mãe chegar e depois a gente vai no cinema.
- Então você vai no cinema com frequência?
- Aham, toda semana.
- Tem alguma outra atividade que você faz fora dessas que você me contou?
- O inglês, o teatro e só
- Onde você faz teatro?
- No teatro Barracão em Cena
- É no centro né?
- Pelo que você está me dizendo, você circula bastante pela cidade.
- Circulo
- Você anda de ônibus?
- Não, de carro. Ônibus só quando eu to com a minha mãe e não tem ninguém pra buscar a gente lá no teatro.
- Quando você está no teu bairro, o que você costuma fazer?
- Quando eu to aqui normalmente eu fico no trabalho da minha mãe
- A tua mãe trabalha aqui perto? Aham e as vezes a gente , no sábado a gente vai almoçar no Madalosso quando a minha mãe não quer cozinhar em casa.
- A tua mãe trabalha onde?
- No CMEI Monte Verde
- A tua mãe é professora?

Raio X e a minha mãe fica em casa.
Como você vem para a escola?

- “Acena com a cabeça em sinal de afirmação”
- Então você fica com a tua mãe no trabalho dela...
- Aí depois meu pai vem me buscar e eu vou para o meu bairro e fico em casa.
- Qual o teu bairro?
- São Braz
- Que lugares você gosta de brincar por aqui?
- Aqui em Santa Felicidade?
- É
- Eu gosto de brincar no... não sei, aqui eu quase não brinco aqui. No mínimo o que eu brinco é ali no parquinho do CMEI
-E nos parques aqui de perto, você já foi?
-sim, eu já fui no Tingui, no Tanguá, no Jardim Botânico, Bosque do Alemão, Bosque do Papa.
- Nossa, você passeia bastante, né?
- Passeio, que a minha mãe ela gosta. É que a gente mora aqui em Curitiba faz tempo só que a gente não passeia em Curitiba e esse ano ela quer conhecer todos.
- Você costuma ir na Rua da Cidadania?
- É, eu vou quando tem show de mágica lá.
- Mas como você encontra tempo fazendo um monte de coisas?
- Tinha um ano que todo dia tinha alguma coisa, segunda feira eu tinha inglês, aí terça-feira eu tinha nataçao, aí quarta-feira eu tinha inglês, aí quinta-feira nataçao, sexta-feira eu ficava livre, aí sábado eu já tinha catequese e no domingo eu tinha missa.
- Você não cansa?
- As vezes quando eu ficava desse jeito eu tinha

De carro, a gente fez um esquema que uma semana a minha mãe me busca e na outra a mãe do meu

vontade de cair de manhã, porque todo dia eu tinha que acordar cedo e todos os horários que eu tinha que levantar era de manhã. Agora que eu tenho que estudar é mais ainda.
- O bom é que aqui a aula começa oito horas aí dá para dormir mais um pouquinho.
- [faz sinal de negativo com a cabeça] É porque eu tenho que acordar seis e meia, eu tenho que ter tempo de me arrumar, de tomar café, arrumar as minhas coisas que o meu pai já demora bastante, aí a minha mãe, a gente fica apressando meu pai daí a gente vai, aí também as vezes tem transito na nossa rua a gente demora mais.
- O que você faz quando está em casa com tempo livre?
- Assisto TV, mexo no celular, atualizo meu status...
- Status do que?
- Do meu what's app
- Você tem facebook também?
- tenho, e instagram também
- Você gosta de redes sociais?
- Eu quase não tenho jogo no meu celular por causa das redes sociais.
- Você gosta de conversar bastante?
- Gosto
- Você costuma ler em casa?
- É... não leio muito porque é difícil encontrar um livro que eu goste. Eu gosto de ficção científica meio naturalista, meio com alguma história que eu já conheço e com

amigo e a Letícia, mãe da Helena, traz a gente e busca toda sexta-feira.

alguns autores... e baseado no que já foi feito filme pra mim assistir as duas versões.
- Para o teatro você lê bastante para decorar bonitinho
- É, as vezes a gente tem que improvisar por causa que algum amigo esqueceu a fala a gente tem que falar antes e fazer um improviso pra ele conseguir lembrar a fala
- Para onde você já viajou?
- Eu viajei pra Fortaleza, pra Bahia, pro Rio Janeiro, pra São Paulo e pra Florianópolis.
- Por que você viajou pra esses lugares?
- Pra Florianópolis porque os meus parentes da parte do meu pai ficam lá. Daí todo ano a gente tem que ir pro encontro dos Silva que é minha família por parte do meu pai, pra São Paulo na casa da minha tia e também para ir no salão que é especializado em cabelos cacheado.
- Por que que você vai nesse salão?
- É por que meu cabelo, ele ta caindo muito e às vezes é por causa de produtos aí tem que fazer uma hidratação de três em três meses, aí tem que ir de três em três meses no salão, aí eu também vou na casa da minha tia. Aí as vezes eu vou no... tipo num lugar lá que era de uma religião de japonês que a minha tia vai. Ele é tipo um templo budista, é que eles tem tipo um jardim, aí tem tipo uma construção grande assim, aí com três negócio do passado, do presente, dos mortos e pra deus.
- Qual é a tua religião?

- Católica, meus pais já frequentam, meus irmãos também, mas eu sou um pouquinho mais praticante, eu sou coroinha e meus irmãos não foram, aí eu faço a quaresma, meus pais não fazem. Eu vou e é um pouquinho mais aprofundado porque eu fiquei mais tempo na catequese, meus irmãos começaram com nove e eu comecei com oito.

- Quando você quer ir na igreja você vai sozinha?

- Não, é que antes eu morava bem pertinho só que daí eu mudei aí eu tenho que caminhar bastante porque tem dois caminhos, só que os dois são longos, que um tem que subir e descer uma rua, aí o outro ele longo e também cheio de carro. Aí eu vou com a minha mãe com o meu pai e com a minha irmã.

- Qual a profissão do teu pai?

- Meu pai é policial civil aposentado

-Você tem quantos irmãos?

- Eu tenho uma por parte de pai de 24, tenho uma irmã mais velha de 30 que vai fazer 31 e meu irmão que fez aniversário a semana passada de 29. Na minha família eu sou a única que tem 10 anos e faz aniversário em janeiro.

- Todos mais velhos. Então você nunca precisa sair sozinha?

- Não, a minha mãe queria que eu sáísse sozinha, só que ela tem medo que eu seja sequestrada, então ela sempre vai comigo, se tiver que ir de ônibus e de carro é sempre meu pai e a minha irmã que me levam. E quando meu irmão tá em casa é ele. Antes ficava bem pertinho era só ir de bicicleta que tava na padaria, mas aí como a gente se mudou é bem

longe os lugares que a gente tem que ir.

- O que você mais gosta de fazer no teu tempo livre?

- Gosto de escrever pro meu blog.

- Ah! Você tem um blog?

- Tenho, só que ele não tem muitos seguidores porque eu não posto muita coisa que as vezes eu tenho muita lição pra fazer, eu gosto também de assistir filme, assistir série e gosto também de dança e desenhar.

- E o desenho que você fez pra mim andando de skate?

- É porque, quando eu era menor eu queria aprender andar de skate, aí meu irmão, ele sabia andar de skate já, só que daí ele me ensinou só que faz tempo que eu comecei aprender. Aí eu comecei aprender andar de skate no condomínio só que como no meu condomínio não pode, aí a gente se mudou, aí lá também não tem muito espaço, só que tem uma rua que ela não é tão movimentada perto da minha casa, que tem a minha rua daí tem mais a Leão Benjamim Breda aí eu fico lá, aí a gente andava lá, mas como meu irmão agora tá morando mais na casa da minha cunhada e não tá ficando mais lá, eu fico andando sozinha as vezes, as vezes a minha vizinha vai junto comigo.

- Você mora num condomínio?

- Eu moro num cond... hum ... acho que é um condomínio é um sobrado. Ele tem três casas e o meu é o do meio.

- Você brinca no espaço que tem lá?

- Não ando naquele espaço, ando na minha

garagem porque ali é de pedra...

- Para andar de skate você pode ir na rua sozinha?

- Ah! A minha mãe não gosta muito. Ela só deixa quando tem algum vizinho junto.

- Quando tem um adulto cuidando.

- É ou um adolescente

- Qual a tua cor/raça?

- Você já sofreu algum tipo de preconceito em algum lugar que você foi?

- Eu sofri preconceito quando eu tava na creche, que um amigo meu que ele tá na minha sala, só que daí já passou por isso né, que ninguém queria ficar comigo porque eu era negra. Aí eu falava pra minha mãe, aí brigavam comigo, só que daí eu sempre não me incomodava muito eu só continuava brincando com a minha amiga.

- E quando você vai no shopping, no cinema ou em outros lugares você já percebeu algo assim?

- Todo mundo fica me olhando, mas a minha mãe diz que é porque eu tava com a minha irmã, porque a minha irmã é muito alta e também porque ela é... um pouquinho mais... é... diferente de mim.

- Por que ela é diferente?

- É porque como ela é mais velha, ela usa bastante salto e ela tem 1,70m e ela fica um pouquinho maior do que eu. Aí ela fica também usando umas... umas camisetas escrito umas coisas tipo pra... de auto estima essas coisas de Frida Kahlo, aí as vezes ficam olhando pra ela por causa disso. Aí ela se maqueia bastante.

-Quem é Frida Kahlo?

- Frida Kahlo foi uma artista que ela sofreu um

acidente lá no México, ela é mexicana também, que ela desenhava ela como se ela, assim o sentimento dela, que uma delas ela tava com uns pinos como se ela tivesse presa porque ela, ficou paralisada, a perna dela, aí no, acho que ela fez a (...) várias obras bem famosas dela, aí ela também, ela morreu e ela também, ela se expressava bastante com arte.

-Nossa, onde você aprendeu tudo isso?

-É porque, como eu sou mais nova, eu tenho que conviver com coisa de mais velho, a minha irmã, ela tá sempre fazendo um monte de coisa, assim... diferente, não tipo aquelas músicas de hoje em dia, ela houve música velha assim, então eu tenho que ouvir também e ela também gosta de Frida Kahlo, aí eu também gostei dela.

- Você já foi no museu?

- Já, no museu olho, museu da vida, acho que no museu da Anita... Garibaldi e uns lá em São Paulo que eu não lembro o nome e só.

- Você já se sentiu mal em algum desses espaços?

- É por que o guarda viu... não lembro onde que eu tava... Eu tinha 5 quando eu fui no museu do olho, aí tava mexendo no quadro e eu não sabia que não podia mexer, aí ele chamou minha atenção aí eu fiquei meio assim...

- Com a escola você já fez algum passeio?

- Já, eu fui pro zoológico de Curitiba, aí no... primeiro ano, no segundo ano também fui de novo no positivo, aí no terceiro, a gente foi naquele museu de múmia e no quarto a gente foi naquele de geografia lá que eu esqueci o nome e só.

Heitor (Menino branco)**Santa Felicidade**

Quantos anos você tem?

Dez

O que você faz quando não está na escola?

Brinco. Na casa do meu vizinho de vez em quando e na minha casa, na maioria das vezes, com meu irmão. Quantos irmãos você tem? Dois, um de cinco e outro por parte de pai de dezoito. Você faz alguma atividade fora da escola?

Vou na academia. Faço Muay Thay duas vezes por semana, das 18 às 19 horas. Com quem você vai?

Com a minha mãe, ela me deixa lá e depois me pega.

Você alguma outra atividade?

Eu tentei fazer karatê, só que eu não me adaptei.

Você gosta de ler?

Eu leio... Tenho gibis da turma da Mônica.

Você mora perto da Escola?

Não. Moro no Botiatuvinha.

Sabe o mercado mariano?

Tem o mercado e daí tem uma rua reta assim daí você vira pra lá, daí você vira pra cá e tem um viaduto daí você vai reto, reto, reto até você achar uma chacinha pequena. Só que a gente vai se mudar agora. Vamos morar na frente do Mercado Super Bom.

Você passa muito tempo na chácara? O que tem lá?

Minha família, meus dois cachorros, meus dois gatos, alguns bichos cabeludos, né? Aranha, cobra e mosquito, muito mosquito. Por que você vai se mudar?

Nós vamos mudar pra uma casa minúscula, mas o preço é melhor.

Por que vocês vão mudar?

Por segurança e pela barateza, porque minha mãe estava conversando com a vizinha e ela falou que é um absurdo a gente pagar 750. E lá é uma casa ruim, entra muita sujeira.

Com quem você mora?

Com o meu avô, a minha mãe e o meu irmão. Meu avô cuida de nós.

O que a tua mãe faz?

Trabalha de cuidadora de idosos.

Quando você sai para passear onde você vai?

Normalmente eu vou na pracinha de exercício que tem ali e também no negocinho do parquinho lá da creche.

O que você faz quando está em casa?

Brinco, jogo no celular, conversar com o meu irmão.

Tem vários parques aqui perto, você costuma ir?

Eu acho que tem, mas eu não conheço muito aqui, vim para cá faz quatro anos.

Onde você pode ir sozinho?

Muito raramente eu vou na minha tia, as vezes eu esqueço meu notebook e daí eu vou lá.

Você costuma brincar na rua?

Não

Você já fez passeio com a escola?

Já, foi muito legal. Fui no museu e no teatro, eu ia em outro teatro só que não deu. Eu estava bem animado, a gente ia assistir um filme, mas não deu. Depois que eu vi o filme no DVD, nossa!

Ainda bem que eu não fui, não gostei do filme.

Você vai ao cinema?

Não, eu vi no aparelho de DVD que roubaram.

Você não sai muito?

Não

Qual a tua cor?

Sou bronzeado. Eu nunca reparei direito.

Você já sofreu preconceito?

Já, porque eu sou gordo.

Eles ficam me zoando aqui na escola por que eu não consigo fazer os negócios de Educação Física. Quando eu estou de saco cheio eu falo para a professora. Eu sou muito sensível, eu falei uma vez para a professora deixar eu ficar sem fazer aula que eles iam rir da minha cara, mas ela não deixou. Acabou conversando com todo mundo, eles levaram uma bronca e foi isso, a gente fez um pouquinho da aula e logo acabou por causa da conversa.

Você tem religião? Aham, eu sou adventista do sétimo dia. Você vai bastante na Igreja? Todo sábado. Onde fica? Aqui em Santa Felicidade mesmo.

Você tem religião?

Aham, eu sou adventista do sétimo dia.

Você vai bastante na Igreja?

Todo sábado.

Onde fica?

Aqui em Santa Felicidade mesmo.

Como você vai?

A pé. É na rua da minha academia.

Você já viajou?

Já para Guaratuba e para Tubarão, eu sempre vou com a minha avó só que esse ano não vai dar.

Por que?

Crise. Não vou ganhar nem ovo de páscoa da minha avó ela sempre me dá.

Você já foi em algum lugar que você não se sentiu bem?

Não

Você vai ao shopping?

Eu só fui no Shopping uma vez. Não lembro em qual. Eu tinha, acho que, uns cinco anos.

Você já foi ao museu?

Já, fui no Museu Rosa Cruz e também na Mineropar, que mostra os recursos naturais de Curitiba.

Por que você estuda nessa escola?

Porque ela é municipal e é boa.

Tem outra escola mais próxima da tua casa?

Tem, só que lá dá muita briga.

Como você vem para a escola?

A pé, demora uns 20 minutos.

Você acha perigoso andar pelo bairro?

Acho, por que a minha mãe... Tentaram estuprar ela lá perto de casa, tentaram roubar ela, aqueles caras que arrastam mulheres para o mato. Roubaram nossa casa e a minha mãe quer comprar um taser para ela se defender.

Benício (Menino branco)**Santa Felicidade**

- quantos anos você tem?

-8.

-O que você faz à tarde?

-Eu fico em casa brincando, fazendo tarefa.

-Você não faz nenhuma

outra atividade?

-Não.

-E você passeia bastante pelo bairro?

-Aham.

-Você mora aqui perto?

-É, seguindo aqui pra frente tem uma ruazinha,

segue reto passa por uma igreja e daí tem uma ruazinha que desce, então eu moro pra lá.

-É bem aqui pertinho

então!

-É.

-Você vem pra escola a

pé?

-Não venho de vã.

-Porque você vem de vã se é pertinho?

-É que meu pai trabalha e minha mãe não tem carro, daí venho de van.

-A tua mãe não trabalha fora?
 -Não.
 -E o que seu pai faz?
 -Eletricista e encanador.
 -E o que você faz no final de semana, no teu tempo livre, você costuma passear?
 -Aham.
 -Aonde você vai, quando você sai pra passear?
 -No parque, andar de bicicleta, ir no shopping, vê filme.

-Então você vai no shopping?
 -às vezes. Vou passear comprar algumas coisas
 -Vai no cinema?
 -É.
 -E você vai bastante no cinema?
 -Aham.
 -E você gosta?
 -Sim.
 -Qual o lugar que você mais gosta de ir?
 -Gosto de ir mais no Parque né.

-Qual parque que você vai?
 -Passo la pelo Tingui, nós damos a volta, dai nós subimos lá pelo Barigui.
 -Você mora perto desses Parques?
 -Moro.
 -Ai você vai de bicicleta até lá?
 -Depois nós voltamo.s
 -Nós quem, quem que vai normalmente?
 -eu, meu pai, minha mãe e meu irmão.

-Todo mundo de bicicleta?
 -Aham.
 -E nesses lugares você se sente bem?
 -Sim.
 -você vai com mais frequência no Parque?
 -Sim. Toda semana É que nós fazemos todo domingo, dai nós pegamos tipo, minha madrinha, a madrinha do meu irmão. Dai nós vamos em vários.
 -Você já foi no farol do saber?
 -Não.

Abayomi (Menina negra) Campo de Santana

- Quantos anos você tem?
 - 9
 - Faz tempo que você mora nesse bairro?
 - Faz. Desde que eu era bebê
 - O que você faz no período da tarde?
 - à tarde meu pai trabalha num lava car e daí as vezes a minha mãe vai lá ajudar ele, as vezes a gente também vai no parque lá em baixo e aí a noite a gente vai no shopping.
 - Você faz alguma atividade fora da escola?
 - Não, minha mãe vai inscrever em natacão
 - A escola oferece outras atividades, você não participa?
 - Fazia corrida, mas parei
 - Por que você parou?
 - É... como eu posso dizer... é que os horários são muito tarde e fica ruim pra ir e também porque a gente sai bastante de casa.
 - Quando você sai para passear onde você vai?
 - Às vezes eu vou num parque, às vezes vou na casa da minha tia, às vezes eu vou pra praia com meus amigos, meu pai e minha mãe e os pais deles.
 - Você já fez algum passeio com a escola?
 - Já

- Fui pro Museu Oscar Niemeyer, fui pro zoológico, ... eu acho que tem outros que eu não lembro.
 - Você gostou de ir a esses lugares?
 - Gostei bastante. O lugar que eu mais gostei foi quando eu fui no Oscar Niemeyer
 - O que você gostou?
 - Gostei das árvores, lá em cima tinha um negócio preto que a gente ficou com medo e todo mundo ficou tremeu.
 - Qual é a tua cor
 - ã?
 - Qual é a tua cor?
 - Como assim?
 - A cor da tua pele
 - É meio amarelinha, meio morena, sei lá como que fala...
 - Se eu perguntasse da maneira que está no meu questionário, qual a tua cor preta, branca, pardo, indígena?
 - O que é pardo?
 - Pardo é o tipo de pele que é negra, mas é mais clara que a preta. Eu, por exemplo, sou parda.
 - Ah! Daí seria esse mesmo.
 - Você acha que a sua pele parece com a minha
 - é... também a minha mãe, ela já é mais escurinha do que eu e meu pai já é meio branco.

- A tua mãe é negra?
 - Negra não. Ela é meio marronzinha assim... é mais escurinha do que eu...
 - Tem algum parque, jardim ou praça perto da tua casa?
 - Tem aquele parque lá embaixo
 - Você mora lá perto do parque?
 - Não, eu moro um pouco aqui pra cima ali, numa esquina.
 - O parque é o lugar mais perto.
 - Quando não tinha o parque você saía pelo bairro?
 - É, as vezes eu ia brincar com a minha amiga. As vezes tinha cama elástica lá na frente da Big Shop daí a gente ia,
 - Você anda sozinha pelo bairro?
 - As vezes eu ando com a mãe da minha amiga Gabriela e as vezes com os meus pais. Sozinha não.
 - Por que você não anda sozinha?
 - Porque também ta tendo bastante roubo por aqui, na cidade, e também porque ontem mataram um ali perto do ponto do ônibus ontem, cinco horas da manhã. E tem duas meninas lá na minha

esquina lá, elas andam tudo pelada sozinha.
 - O que a sua mãe acha disso?
 - Ela diz que se elas forem roubadas as mães delas vão ter que se virar.
 - Então a tua mãe tem medo que você seja roubada?
 - É, ela tem bastante medo. Um dia eu disse: Mãe, eu quero fazer aquele pão de queijo. Sabe aquele pão de queijo de torradeira? Então, daí tava faltando ovo, daí eu disse: Mãe vamos lá no mercado e ela disse: vai sozinha. Ela pensou que eu não ia, né? Daí eu saí, fui lá no mercado correndo e peguei ovo, de noite, e voltei. Daí a minha mãe disse assim: mas você já foi? Eu pensei que você ia bater o portão e se esconder atrás da porta. [risos]
 - Ela não ficou brava de você ter ido sozinha?
 - Não, ela só disse que é muito perigoso. Só de tardinha que eu posso ir.
 - O mercado é perto da tua casa?
 - É, o Wosniak sabe?
 - Você mora perto do Wosniak?
 - É. Na Antônio Alexandre Pizato
 - Você tem religião?
 -Tenho
 - Qual é a tua religião?
 - É evangélica

- Quem é evangélico na sua casa?
 - Todo mundo lá de casa é
 - Você é filha única?
 - Aham
 - Quem mora na sua casa?
 - Minha mãe e meu pai
 - O que eles fazem, com o que trabalham?
 - Minha mãe trabalha de costureira e diarista. Meu pai trabalha num lava car
 - Você sabe o quanto eles estudaram?
 - Meu pai estudou até o oitavo ano e minha mãe, acho que até o segundo grau
 - O que você gosta de fazer no teu tempo livre?
 - as vezes eu pego minha caixinha de esmaltes e pinho minha unha, as vezes eu vou brincar. As vezes eu falo mãe... eu tenho meu dinheirinho, daí as vezes eu

vou lá... comprar um CD perto do Wosniak... daí eu disse bem assim pra minha mãe: oh mãe, se eu não gostar de balé eu quero fazer natação. Porque eu tenho o sonho de fazer balé...
 - Você já fez balé?
 - Ainda não
 - Você já viajou alguma vez?
 - Para o Paraguay, o Mato Grosso... A gente passou no Paraguay só pra comprar umas cobertas baratas.
 - Você vai no Shopping?
 - Sim, bastante. A gente vai no cinema, a gente vai nos... quer dizer meu pai e minha mãe não vão nos brinquedos, mas eu vou... A gente come...
 - Você já sofreu preconceito alguma vez?

- Já.
 - Por quê?
 - Por que falaram que eu era negra, falaram que eu era feia e falaram que não gostavam de mim.
 - Onde foi?
 - Aqui na escola mesmo. Na saída, umas meninas do segundo ano.
 - Isso aconteceu uma vez?
 - Não, foram duas
 - E em outros lugares?
 - Em outros lugares não. Só na escola.
 - No shopping, por exemplo, você se sente bem?
 - Eu falo assim, deixa os outros falarem o que falarem, mas tenho que fazer a minha vontade?
 - Por que você diz isso?
 - Você acha que as pessoas falam alguma coisa?

- As vezes sim, as vezes não... não sei... Por que as vezes eu me sinto mal... aquelas meninas lá... elas fizeram sabe... eu tava sonhando... sabe... desde pequeninha eu sonhava em ser modelo... daí elas começaram a falar que eu era feia, daí eu perdi a vontade, daí agora eu to meio sem sentir vontade...
 - Você acreditou nelas?
 - Eu era pequena né, eu tinha acreditado.
 - Você gosta de vir para a escola?
 - Gosto. As vezes não em ninguém pra ir me buscar aí eu tenho que ir pro trabalho com a minha mãe, que toda sexta-feira ela trabalha de diarista, aí eu tenho que faltar, as vezes eu gosto e as vezes eu não gosto.

Niara (Menina negra)
Campo de Santana
 Quantos anos você tem?
 Dez
 O que você faz no período da tarde?
 A tarde eu venho aqui na escola pra ver uma professora que eu gosto
 A tarde eu venho aqui, faço atividade com a Professora Sabrina e depois eu vou...
 Que atividades vc faz no turno da tarde?
 Eu faço atividade que eu corro... ah!... agora eu esqueci o que mais eu faço
 Quando você tem tempo livre, o que você faz?
 Ah! eu vou na casa da minha amiga brincar com ela.
 Você fica bastante em casa?
 Muito, fico com a minha mãe, mas as vezes ela sai de casa e eu fico na minha vó.
 A sua mãe não trabalha fora?
 Não
 Você tem irmãos?
 Tenho
 Quantos?

Só um, mas tem outro que vai nascer só lá em setembro.
 O que você gosta de fazer quando fica em casa?
 Quando eu to em casa, eu gosto de brincar de skate, brincar de escolinha...
 Onde você brinca de skate?
 Lá fora, na calçada aí vai na rua e eu peço pra minha mãe se eu posso brincar lá na rua daí eu vou.
 A rua da tua casa é tranquila?
 É, mas tem as vezes que daí vem algum ladrão e rouba alguma casa e coisas de casa também... só que roubaram a bicicleta do meu irmão.
 Alguém fica cuidando enquanto você brinca na rua?
 A minha mãe, ela fica lá fora fazendo as unhas dela enquanto a gente brinca.
 Você já fez passeios com a escola?
 Já, eu já fui no museu.
 Nossa! Lá é muito grande.

Qual museu você foi?
 No Oscar Niemeyer, é muito grande. Só que teve um probleminha, um aluno se perdeu. Depois nós ficamos rodando o museu inteiro pra procurar ele. Até que conseguimos nos achar.
 Aí depois a professora brigou com ele porque ele se perdeu, era pra ter ficado todo mundo junto, mas não, ele foi e se perdeu.
 Você fez só uma passeio com a escola?
 Só esse e faz tempo.
 E com a tua família, você costuma passear?
 Sim
 Onde você vai normalmente?
 Com a minha família eu vou no Parque ali em baixo, lá na sorveteria, é...
 A minha mãe sempre sai com meu pai porque ele quer ir lá em Morretes, nossa! A cachoeira é muito linda.
 Você vai junto?
 Sim

Vão como, de carro?
 Sim, mas demora muito.
 Tem um monte de curva. Aí a gente chega lá e vai num restaurantinho que tem lá e depois eles dão a chave pro meu pai assar carne...
 Você vai sempre pra lá?
 Não sempre, né!? Mas agora acho que eu vou sábado.
 Tem parque, jardim, academia ao ar livre, biblioteca, perto da tua casa?
 Ah! tem perto também.
 Tem parque, praça, academia ao ar livre...
 Para que lado você mora?
 Você sobe lá pra cima, daí atravessa a avenida, daí você vai e vira e depois vira mais uma rua, aí depois atravessa e depois você vira de novo, depois você atravessa e vira de novo, daí pula uma rua, não é naquela é na outra ainda.
 Então você mora longe da escola?
 Aham, mas a minha avó mora perto.

Como você vem para a escola?
 A pé. Pra ir embora as vezes é a mãe w outras vezes é a vó que busca. Qual é a cor da sua pele?
 [silêncio] nenhum...
 Se você tivesse que se definir entre branco e negro, como você se definiria?
 Eu acho que eu me defino não.
 O que você quer dizer com não?
 Não. Por que eu não sou negra, nem branca. Você não é branca?
 Não
 E não é negra?
 [sinaliza com a cabeça de forma negativa]
 Por que?
 Nenhum dos dois, porque... mas eu não sei não, porque eu não gosto de mim. Eu gosto de preto, mas só que também eu queria ser branca.
 Por que você queria ser branca?
 Ah! a cor é mais bonita, mas depois a minha mãe também é dessa cor aqui e eu fiquei dessa cor. Nasci bem branquinha, depois eu fui crescendo e fui ficando dessa cor.
 Por que você não gosta da tua cor?
 Porque branco é mais bonito.
 Seus irmãos tem a mesma cor que você?
 Ah! o meu irmão é da cor da minha mãe, mais ou menos.
 Qual a cor da tua mãe?
 Ela é que nem a minha cor.
 E que cor você é?
 [silêncio] Sou... dessa cor marrom
 Você tem religião?
 Eu vou numa igreja evangélica que fica aqui perto da escola, mas eles colocaram uma placa e eu li o nome, mas esqueci.
 Você já sofreu algum tipo de preconceito?

[silêncio] Nunca.
 Você sabe o que é preconceito?
 [sinaliza timidamente com a cabeça de forma negativa]
 Quando alguém não gosta de você do jeito que você é por causa da tua aparência ou comportamento.
 Ah! Tem vez também que eu vou brincar com a Raissa depois ela não quer, daí eu vou brincar com a outra Maria, a Maria Eduarda e ela não quer. Aí hoje também a Isis falou que se eu quisesse eu posso dançar com ela. Tem uma competição da Isis contra a Regiane, daí eu falei: Isis hoje eu vou dançar com você tá? Daí ela falou tá e hoje eu vou dançar com ela. E também tem menino que era dessa escola, eu falava com ele, daí depois tiraram sarro dele e eu passei na frente da casa dele e falei oi e ele pegou e entrou para dentro. Eu não entendi nada.
 Meu irmão vive falando que eu sou muito grande, mas é porque eu como muito feijão.
 Você já foi ao shopping?
 Já. Eu fui no Shopping total. Nossa lá tem um monte de coisa bonita e eu já peguei escada rolante e depois meu pai quis comprar terno novo, colar, aliança e nossa! Tem um monte de coisas lá.
 Você se sente bem quando está no Shopping?
 Até que sim, lá tinha uma cadeira de massagem e eu sentei. Nossa! Que bom sentar naquela cadeira. Até a minha mãe gostou e queria comprar aquela cadeira, mas ela não tinha dinheiro.
 Que lugares você vai com mais frequência quando

sai para passear com a tua família?
 Daí antes de ir viajar minha mãe quer passar no Shopping ainda. Ela vai no shopping e vai num negócio chato ainda, eu já entrei com ela, mas depois eu quis ir lá no banheiro. Naquele banheiro tem um negócio assim que você só coloca a mão embaixo dele daí seca tudinho.
 O que você gosta de fazer no teu tempo livre?
 Eu gosto de assistir TV, gosto de brincar de bola, mas tem vezes também que eu brinco de moda. Fico trocando de roupa toda hora. Eu brinco de produzir desfile, aí toda hora eu fico trocando de calça, sapato, um monte de coisa...
 Com quem você brinca?
 Eu brinco com a minha mãe também, depois ela coloca umas roupas e fica bem bonita.
 Você tem celular?
 Não. Ah! Eu quero muito ter um, mas a minha mãe não deixa, ela acha que eu vou derrubar no chão e quebrar.
 Você costuma passear nos parques da cidade?
 Eu já fui no Beto Carreiro. A gente vai viajar nesse sábado não, no outro.
 E no museu você já foi?
 Fui com a escola, com meu pai, com a minha mãe e com o meu irmão.
 Com os teus pais você foi onde?
 Eles me levaram no Museu Oscar Niemeyer e num outro que eu não lembro o nome.
 O que os teus pais fazem?
 O meu pai trabalha até de noite, ele chega tarde trabalha no ônibus de motorista.
 E a tua mãe?

Ela só fica em casa, lava roupa, lava louça, mas as vezes também ela manda eu lavar a louça. Eu gosto, mas tem as vezes que eu não gosto porque é chato, ela fica toda hora mandando eu arear bem a panela, deixar com aquele brilho.
 Você sabe até que ano os seus pais estudaram?
 A minha mãe estudou numa escola que é bem bonita, meu pai também estudou lá. Eles se conheceram na escola e pararam de estudar e agora meu pai voltou.
 Faz tempo que vocês moram nesse bairro?
 Eu morava com a minha vó daí meu pai procurou uma casa pra gente morar, daí nós saímos dela é mudamos para uma casa e depois para outra.
 Sabe o que me incomodou?
 Você falar que branco é mais bonito. Alguém te falou isso?
 A minha prima já falou, ela é cor bem clarinha e a mãe dela também é cor mais clarinha. Ela tem uma irmãzinha chamada Sara, nossa! Que lindinha. Aí depois nós encontramos a mãe dela que estava levando a Sara na creche. Daí eu encontrei ela na rua e ela falou: Sabia que a cor branca é mais bonita.
 Alguém já falou que você não é bonita?
 Já. O meu irmão, o meu primo e esse menino que eu te falei, que é da minha sala.
 Como foi essa situação?
 Eu não falo mais com ele.
 Eu fui encontrar ele no recreio, depois eu perguntei se ele queria ir no banheiro comigo. Daí ele ia e depois eu ia, ele foi no dos meninos e eu no das meninas, daí quando ele saiu falou que eu sou feia.
 Não entendi nada. Ele falou que eu sou bonita dentro da sala aí depois no recreio ele

falou que eu sou feia. Não
entendi nada.
E você se acha feia?
Eu não.
Que bom. Você é linda e eu
acho que branco não é mais
bonito, sabia?
É... eu também acho que
branco não é mais bonito.

Daren (Menino negro)
Santa Felicidade

- Quantos anos você tem?
- 9
- Faz tempo que você mora nesse bairro?
- O que você faz no seu tempo livre?
- Eu fazia vôlei à tarde aqui na escola. Agora eu só estou na guarda mirim.
- Quantas vezes por semana você faz a guarda mirim?
- Só as quintas
- Agora o professor deu roupas para a gente vestir, né? Para ver qual é o número. Daí ele falou para a gente ir na secretaria com R\$ 90,00. Daí a gente vai comprar. Agora ele só ensinou outras coisas e vai ensinar nosso treinamento lá fora.
- Então vocês vão pagar o uniforme.
- É, tem que pagar 90 reais. Daí meu pai falou pra eu pedir para a minha madrinha. Eu falei e ela disse “ta bom”.
- O que você gosta de fazer no teu tempo livre?
- Eu gosto de assistir com o meu pai, desenhar, brincar com a minha irmã...
- Quantos irmãos você tem?
- sete
- Quantos anos eles tem?
- A grandona eu não sei. Só sei que o meu irmão que mora longe daqui tem 30, eu tenho 9, minha irmãzinha tem 4, meu outro irmão tem 20 e a minha irmã tem 18.
- Vocês moram todos na mesma casa.
- Só eu meu irmão, minha irmãzinha pequena, meu pai e minha mãe.

- Você já fez passeios com a escola?
- Já, fui no Jardim Botânico. Só desse que eu lembro.
- Você passeia com a tua família?
- As vezes. A gente vai no shopping... a minha irmã que me leva mais no shopping. Na casa dos meus tios, das minhas tias, das minhas avós, dos meus avôs.
- O que você faz quando vai ao shopping?
- A gente brinca, come...
- Qual a cor da tua pele?
- Marrom.
- E se eu te perguntar se você é branco ou negro?
- [silêncio]
- Você é branco?
- [silêncio]
- Você é negro?
- [após alguns instantes de silêncio responde constrangido] Meio negro.
- Você já sofreu preconceito?
- [após instantes de silêncio sinaliza negativamente com a cabeça]
- Quando você vai ao shopping, você se sente bem?
- Só quando eu estou dentro do ônibus que eu não gosto, eu passo mal. Muitas vezes eu não aguento.
- Perto da tua casa tem alguma praça, jardim ou parque?
- Não. Só para baixo que tem umquinho, aquele parque lá embaixo...
- Você vai lá?
- As vezes com a minha irmã, quando ela vai lá em casa ou as vezes a gente

nem vai porque está chovendo ou a minha irmã está cansada, porque ela trabalha.
- O que você faz quando vai lá?
- Eu brinco naquele escorregador, brinco de bola, mas eu gosto mais é de bola mesmo. Eu jogo futebol todos os dias no recreio.
- Você tem religião?
- Eu tenho.
- Qual é a tua religião?
- Esqueci... eu sou evangélico.
- Com quem você vai na igreja?
- Com a minha mãe e com a minha prima e a minha tia.
- Com o que seus pais trabalham?
- Eles estão desempregados.
- E quando estavam trabalhando?
Meu pai trabalhava no hospital ele cuidava só da lavanderia e a minha mãe ficava só colocando remédio dentro da caixa.
- Você gosta de ler?
- O que você gosta de ler?
- Bastante coisa
- O que você quer ser quando crescer?
- Quero ser aqueles artistas
- É que eu pinto bem.
- Você quer ser artista plástico?
- É
- Você já foi ao cinema?
- Só três vezes.
- E em teatro e museu?
- Não.
- Você costuma circular sozinho pelo bairro?
- Eu não ando sozinho. Minha mãe não deixa. Está muita roubalheira, se

alguém me roubar ninguém vai ficar sabendo.
- Você brinca na rua?
- Na rua de casa sim, mas sempre na frente, nem para cima nem para baixo. Meu pai sempre fica na janela olhando. Daí ele aproveita e olha a gente brincando.
- Você já foi para outra cidade?
- Já. Onde minha avó mora. Lá em Bahia.
- E aqui em Curitiba você passeia por outros bairros?
- Não, eu nunca vou em outro lugar.
- Quando você sai vai mais vezes ao shopping ou parques?
- Mais nos parquinhos, mas agora eu dei uma parada de ir porque a minha mãe está desempregada, minha irmã estava trabalhando, mas ficou desempregada e o namorado dela está trabalhando agora.
- Você sabe até que série seus pais estudaram?
- Não.
- Por que você estuda nessa escola?
- Porque fica mais perto e minha mãe achou vaga, nas outras não tinha.
- Tem algum lugar que você foi e não se sentiu a vontade?
- nenhum
- O que você desenhou no primeiro dia que eu estive aqui?
- Aquele parquinho, eu brincando no escorregador e jogando bola.
- O Parque é novo aqui, né? O que você fazia antes dele ser construído?
- Daí não fazia nada. Só ficava na frente de casa brincando de bola ou na garagem.

Shaka (Menino negro)
Campo de Santana

Quantos anos você tem?
Tenho nove, faço dez no dia sete de junho.

O que você faz no período da tarde?
Eu jogava voleibol e agora estou só na guarda mirim.

Que dias você tem guarda mirim?
Só na quinta, mas ontem eu falei porque o guarda mandou.

Você costuma passear pelo bairro?
Vou no parque ali embaixo. Você vai ao parque com frequência?

Nem tanto. Só vou lá de bicicleta.
 Sozinho?
 Com meu irmão
 Quantos anos tem o teu irmão?
 Onze
 Qual a cor da tua pele?
 [silêncio]
 Qual é a tua cor?
 Essa daqui [apontando para o braço]
 Que cor é essa?
 Marrom
 Uma pessoa da sua cor pode ser considerada branca ou negra?
 [silêncio]
 E então?
 Sou negro [visivelmente constrangido] mas assim [mostra a parte interna do antebraço] sou branco.
 Você já sofreu algum tipo de preconceito?
 De bater?
 Bater, xingar, ofender, excluir
 O Brayan me batia no terceiro ano porque não gostava de mim e eu revidava.
 Fora isso teve alguma outra situação?

Um piá da outra sala. Ele me chutou, ontem e depois de ontem e depois de ontem...
 Por que?
 Não sei, ele fica xingando a minha mãe.
 Você já fez algum passeio com a escola?
 Já
 Onde você foi?
 Lá naquele lugarzinho lá... esqueci o nome.
 Você passeia com a tua família?
 De vez em quando.
 Onde vocês costumam ir?
 No zoológico
 O que a tua mãe faz?
 Ela deixa eu tirar foto dela enquanto...
 Qual o trabalho dela?
 É numa lojinha de roupas
 Ela é vendedora?
 Não sei.
 E o seu pai?
 Trabalha com reciclagem
 O que você faz quando fica em casa?
 Eu fico jogando no computador do meu pai.
 Eu tinha um tablet, mas quebrou a tela.

Tem praça, parque, jardim perto da tua casa?
 Não
 Onde você costuma brincar?
 No parque lá embaixo quando eu vou andar de bike.
 E na rua, você brinca?
 Sim, ando de bicicleta na frente de casa.
 Sozinho?
 Não a minha mãe fica cuidando.
 E quando ela não está em casa?
 Aí ela não deixa eu andar de bike, como hoje. Hoje eu estou sozinho, ela volta só umas 19 horas.
 O que você faz quando fica sozinho?
 Fico jogando, assistindo e dormindo com os meus irmãos
 Quantos irmãos você tem?
 No mínimo eu tenho quatro. Um mora em Londres, outro na cidade do meu avô e dois moram comigo.
 Quantos anos os que moram com você tem?

O mais velho tem onze e o pequenininho tem oito.
 Você costuma ir ao shopping?
 Só no meu aniversário. Eu vou no cinema, mas dessa vez eu pedi para a minha mãe me levar lá no Mc lanche feliz.
 Você já foi a algum museu ou teatro?
 Museu não, mas teatro... aqui na escola.
 Você já viajou para outra cidade?
 Já para a cidade do meu avô, para a cidade da minha tia?
 Quais cidades?
 Eu não lembro. Era um pouco longe.
 Quando você saiu para passear, no shopping, por exemplo, já aconteceu alguma situação que te desagradou?
 Já. Quando eu fui no Shopping uma vez eu coloquei uma moeda de um real numa daquelas máquinas que sai chiclete daí o chiclete rolou para fora e o cachorro comeu.

Sirhan (Menino negro) Campo de Santana

Quantos anos você tem?
 Nove
 Faz tempo que você estuda aqui?
 Sim
 Mora faz tempo nesse bairro?
 Quando eu tinha 2 anos eu morava aqui aí eu me mudei e com 4 anos eu tive que voltar
 O que você faz quando não está na escola?
 Eu almoço e espero um pouco até dar 13:20 aí eu vou para o projeto.
 O que você faz lá?
 Futebol, inglês, espanhol, computação...
 Onde fica esse projeto?
 Perto do mercado são Lourenço

Quem oferece esses cursos?
 A igreja católica, mas eu não sou católico.
 Qual a tua religião?
 Eu sou evangélico. Vou na igreja com meu pai e a minha mãe.
 Onde você costuma passear?
 Tem vezes que eu vou no zoológico, no parque, na praia
 Com quem você sai?
 Com meu pai e meus irmãos
 Quantos irmãos você tem?
 Era para ter sete, mas um morreu.
 Vocês moram todos na mesma casa?
 Sim, só uma das minhas irmãs que não. Ela mora no Rio de Janeiro porque

ficava brigando com a minha mãe, aí ela quis sair de casa. Primeiro ela foi morar com uma amiga dela aí amiga dela expulsou ela de casa e ela foi morar no Rio, na casa da minha tia.
 Com o que os teus pais trabalham?
 Um de eletricitista e a outra de... de... que limpa a casa dos outros...
 Diarista?
 É
 Você já fez algum passeio com a escola?
 Já, fui no zoológico, no circo, no Jardim Botânico.
 Por que no dia que eu pedi para você desenhar um lugar que você gosta você preferiu desenhar o jogo. Você gosta mais de jogar do que de passear?

As vezes sim.
 O que você joga?
 As vezes eu jogo futebol no play 3 com meus amigos e as vezes eu assisto Netflix.
 Que lugar do teu bairro que você gosta de ir?
 No aquapark
 Aquele de Araucária?
 Quantas vezes você foi lá?
 Uma vez só no retiro da igreja
 Tem praça, jardim, academia ao ar livre perto da tua casa?
 Não
 Onde você brinca?
 Na minha casa, as vezes eu chamo meus amigos pra irem lá brincar de bola e as vezes eu vou na casa deles.
 Você brinca na rua?
 As vezes com meu amigo
 Seus pais ficam cuidando?

Não, meu amigo tem 25 anos.
O que você gosta de fazer no tempo livre?
Jogar bola, jogar play, soltar raia
Onde você solta raia?
Na rua de casa.
Você gosta de ler?
As vezes
O que você lê?
Gibi
Qual a cor da tua pele?
Marrom
Você já sofreu preconceito?
[Faz sinal afirmativo com a cabeça]

Alice (Menina branca)
Campo de Santana

Quantos anos você tem?
Nove
Faz tempo que você mora aqui?
Assim, eu morei em São Paulo, aí eu vim pra cá e estudei o pré ao primeiro.
Fui embora de novo voltei pro segundo ao quarto.
Em que lugar de São Paulo você morava?
Em Itapeverica da serra
Você faz alguma atividade no período da tarde?
Sim, sou guarda mirim
Você faz mais alguma atividade?
Eu fazia vôlei, mas eu me mudei e ficou mais longe pra eu vir.
Onde você mora?
Lá para cima, não sei dizer o nome da rua.
Em que lugar do bairro você costuma ir?
No parque que tem lá embaixo ou no Jardim Botânico.
Você vai sempre no Jardim Botânico?
Eu vou mais quando tem comemorações ou aniversários.
Com quem você vai?
Com a minha mãe, meu pai, minha tia e meu irmão.
Quantos irmãos você tem?
1
Você já fez algum passeio com a escola?

O que aconteceu?
Quase todo dia... Meu irmão que fica... só por que eu sou o mais preto de casa...
O que ele diz?
Que eu sou carvão
Fora de casa você lembra de alguma situação?
Não
Você vai ao shopping?
Bem pouquinho coisa. As vezes eu vou quando é feriado e a minha mãe tem dinheiro. As vezes a gente assiste filme ou só come lanche e vê vitrine.

Sim, pro Jardim Botânico [rindo].
Tem algum lugar que você já foi e não se sentiu bem?
Deixa eu ver... Não.
Qual a cor da tua pele?
Eu sou branquinha
Você já sofreu algum tipo de preconceito?
Já, me chamavam de saco de osso e baixinha.
Como você se sentia quando acontecia isso?
Triste!
Ainda fazem isso?
Não
Foi em São Paulo ou aqui?
Aqui
Você já participou de atividades em espaços públicos aqui do bairro como farol do saber, rua da cidadania?
Já, na Rua da Cidadania, tinha uma festividade da minha igreja aí eu fui lá escutei um pouco de música, participei de uma reportagem e brinquei nos brinquedos que tinha lá.
Qual a tua religião?
Evangélica
Quem da tua casa segue essa religião?
Todo mundo
Perto da tua casa tem praça, jardim, parque ou academia ao ar livre?
Tem um parque
Qual parque?

Você já foi no museu?
Do olho?
Qualquer um
Só o do olho.
Você gostou?
Sim
O que te chamou atenção lá?
Um monte de coisas, quadros, esculturas
E no teatro você já foi?
Não
Para outra cidade, você já foi?
Já, para a praia, para Pernambuco.

Não sei o nome
É um parque grande?
É um pouco pequeno, mas dá para brincar bastante.
Tem academia, escorrega e lugar para jogar bola.
Você vai lá com frequência?
Não, só de vez em quando.
Por que?
Porque eu vou mais no que tem lá em baixo.
Quando você fica em casa o que você gosta de fazer?
Brincar com as minhas bonecas de comida ou andar de bicicleta ou roller.
Você gosta de ler?
Sim, na verdade ler é a parte que eu mais gosto de fazer de noite.
O que você gosta de ler?
Diário de um banana
E na Igreja, você faz alguma atividade?
Aham, eu faço aviva kids.
Você já foi ao teatro?
Já
E ao cinema?
Também
Você vai com frequência?
Eu vou bastante ao shopping e cinema. No teatro eu fui poucas vezes.
O que você faz quando vai ao shopping?
Eu vou no Mc lanche, no cinema e vou comprar roupas.

O que você foi fazer em Pernambuco?
Minha mãe queria ver o pai dela antes que ele morresse.
É bonito lá?
Aham, já fui para São Paulo, na casa da minha avó e da minha tia e para Santa Catarina, na praia.
E aqui em Curitiba, onde você vai mais?
No zoológico, quando minha mãe e meu pai tem dinheiro.

Para que lugares você já foi, fora da cidade de Curitiba?
Santa Catarina e Juquiá.
Acho que você não conhece fica no interior de São Paulo. Fui nem Santa Catarina, no Beto Carrero e porque a minha tia mora lá e em Juquiá porque é onde mora a minha avó.
O que os seus pais fazem?
Minha mãe é dona de casa e meu pai é montador de móveis.
Você passa bastante tempo com a sua mãe?
Sim
O que vocês fazem?
De vez em quando a gente passeia, brinca, briga [risos], ela me ajuda a fazer tarefas e eu ajudo ela fazer algumas coisas também, a gente assiste televisão...
Por que você estuda nessa escola?
Na verdade, eu ia estudar no Helena Kolody, mas como já tinha estudado aqui achei que seria melhor vir pra cá mesmo.
A Helena Kolody fica mais próxima da tua casa?
Sim
Então você vem estudar aqui porque gosta da escola?
É, aí eu venho e volto de van.

Laura (Menina branca)
Campo de Santana

Quantos anos você tem?

Nove

O que você faz quando não está na escola?

A tarde eu vou para o balé e eu não tenho tempo para nada. Eu chego em casa faço lição e vou direto para o balé, as vezes o balé demora vai até 9 horas.

Você vai para o balé todos os dias?

Não, só terça, quinta e sexta, e sábado lá no centro que é o Projeto Broadway, vai até 9 horas também. É um projeto de uma mulher chamada Nana que é filha de uma cantora.

Quem te leva?

Minha mãe, ela trabalha de diarista, aí meu pai vai até lá busca ela e a gente vai direto para o balé. Daí sábado ela me leva por que ela não vai.

Quando você passeia?

Eu vou todo domingo na reserva do Bugio, lá é muito divertido. Eu gosto de ir lá e depois ir para a casa do meu avô.

A reserva do Bugio é um Parque novo, o que você fazia antes?

Ali antes era um lugar cheio de mato e antes de ter um parque meu pai me levava para dar uma volta de bicicleta ou as vezes a gente ia num parque lá com a minha mãe, mas eu não lembro direito o nome dele porque quando eu ia eu tinha cinco anos e lá é muito legal. Eu morava na Vila São Pedro e lá tinha um parque bem pertinho. Era muito legal.

Tecnicamente a gente não conhecia muito aqui, porque lá era diferente, na Vila São Pedro a minha mãe tinha um bar, tinha uma igreja que também era dela, tinha várias coisas. Quando a gente veio pra cá

eu ia completar 2 anos, mas eu praticamente vivia lá.

Você fez passeio com a escola?

Sim, eu fui no Paço da Liberdade, no Museu do Olho e no Zoológico.

Qual você gostou mais?

O Paço da Liberdade, eu já fui várias vezes lá. Por que perto do Projeto Broadway fica o Paço da Liberdade. Daí eu e a minha mãe ia, ela não conhecia, mas eu contei toda a história para ela que lá já foi um banco, um supermercado... tem uma história bem interessante lá. Eu já fui com toda a minha família lá e tipo assim, você não paga nada para entrar é só chegar e falar o que você faz.

Do museu do olho o que você gostou?

Do rio, por que lá tinha uma história de um peixe, o Marlus, era um peixe ele era todo colorido que não tinha cor certa e antes podia entrar, eu já entrei naquele rio. As pessoas acham que ele é fundo e se jogam, mas no final ele é raso e aí a gente conseguiu ver o peixe assim, é bem grande, mas antes quando tinha muitos peixes as pessoas entravam para pescar e não podia, aí eles proibiram de entrar.

Você se sentiu bem nesses lugares?

Sim

Qual a cor da tua pele?

É branca.

Tem praças, jardins e parques próximo da tua casa?

Tem um parquinho bem básico atrás da minha casa, tipo tem uma casa aqui e a minha casa na frente, mas também tem o outro parque, a reserva do

Bugio que tem minhas amigas e varias gentes que eu conheço.

Onde fica esse outro parque?

Eu não sei exatamente, mas fica perto da minha casa, eu moro na rua ****, não sei o nome da rua do Parque, mas eu não sei se ele ainda existe, porque a prefeitura está fechando várias coisas e eu não sei, quando eu passei lá pela última vez estava com um negócio em volta eu acho que aconteceu algum acidente naquele parque.

Você lê bastante?

Sim, tem um livro que eu adoro, é um livro do positivo, tem lá na biblioteca. Tem história de antigos prefeitos e sobre política, eu gosto bastante de política, porque se você quer se tornar uma presidente você tem que saber várias coisas de política. A minha irmã já é advogada e tipo assim eu quero seguir a mesma carreira para se tornar uma menina de política e saber várias coisas.

Você tem religião?

Tenho, sou católica.

Você tem quantos irmãos?

Cinco e um lá nos Estados Unidos. Então são 6

Qual a idade deles?

A minha irmã Ju tem 20 anos, a minha outra irmã Juliana tem 22, a Ana tem 23, a outra tem 25 e o outro 26, e também tem meu irmão que está nos Estados Unidos que tem 16.

O que o teu irmão foi fazer nos Estados Unidos?

Ele mora com o meu primo, ele foi fazer um curso e se formar.

Você já viajou?

As vezes eu vou. Eu já fui para a Argentina que é onde minha amiga mora e lá eu descobri muitas pessoas que são dos Estados Unidos, eu já fui para os Estados Unidos também quando eu era uns cinco anos mais nova, assim... eu achava bem legal os Estados Unidos porque praticamente lá as coisas são um pouco mais baratas, assim... mas não tanto assim, é porque aqui em Curitiba é bem mais caro. Lá eu conheci muitas pessoas diferentes, foi uma viagem bem legal, mas foi uma viagem de estudos, eu fui fazer umas fotografias e fazer sombra e escrever sobre lá. Em outra escola, eu estudei em outra escola, eu tive que fazer essa matéria então foi bem legal, porque lá eu escrevi várias coisas diferentes sobre a política de lá, sobre como era antes, foi bem legal.

Quando você tem tempo livre o que você gosta de fazer?

Eu gosto de ajudar a minha mãe. Lavar louça, arrumar o quarto e a casa, ela fez uma cirurgia e tem que ficar em repouso. Ela faz leõesinhos, ela é costureira e tem 19 para fazer para entregar na quinta, só falta 5 para terminar.

Você já foi em outros parques de Curitiba?

No Jardim Botânico, quando eu fui eu vi uma flor que eu adoro que é a carnívora, ela é só uma boca, mas não é, ela tem pétalas por fora para enganar e quando eu cheguei perto ela abriu. Você vai no Shopping? As vezes, no Total, Palladium e Água verde, a minha as vezes traz algumas coisas e a gente vai lá, caso não dê certo, e troca. Só que tem um

Shopping que eu não gosto que é o Total, por causa que uma vez eu comprei um brinquedo lá e ele estragou de novo e já é a quinta vez que eu troco.
 Você já sofreu preconceito? Não
 Você já foi no teatro? Bastante, para me apresentar eu já fui bastante, mas para assistir outras pessoas também. Eu assisti a Bela e a Fera e Alice através do espelho. E no cinema?
 As vezes
 Tem algum lugar que você não gosta de ir?

O museu do olho não me atrai, tem coisas interessantes, mas eu prefiro o Paço da liberdade, tem mais a ver com política e política me atrai muito.
 Viagem dentro do país? Praia
 Eu fui para a Argentina com a minha irmã, por que ela foi estudar. Fomos só nós duas, daí minha mãe foi me buscar no último dia. Lá eu fiz um monte de coisa com a minha amiga, lá também tem um monte de praias legais.

Como você fez uma amiga na Argentina? Ela é do balé e morava lá. Talvez eu volte para lá algum dia.
 O que você fez lá? Eu estudei sobre eles, a música deles, como eles fazem as coisas e também como eles trabalham lá e como era antes. Tem muita coisa interessante, tem lojas que a gente não sabe o que passou, tem shoppings também e bancos que já foram outras coisas, banco que já foi casa, tem shopping

que já foi banco eu acho bem louco lá, bem legal. O que os seus pais fazem? Meu pai é mecânico e a minha mãe é costureira. Você sabe até que série eles estudaram? Minha mãe estudou até o fim da escola, ela fez ginásio e tudo. Meu pai, eu acho que até o ensino médio, que meu pai ele não tinha família nem nada e a minha mãe foi abandonada pela minha avó, mas graças a Deus teve uma mulher que ajudou ela.

Barack (Menino Negro) Campo de Santana

- Quantos anos você tem?
 - 10
 - O que você faz no período da tarde?
 - Fico em casa, arrumo as coisas, lavo louça, porque a minha mãe vai trabalhar, né? Eu tenho que ajudar ela. Daí eu faço isso e depois que ela chega eu fico brincando.
 - Você faz alguma atividade?
 - Faço vôlei aqui na escola, todas as terça e quintas. Só pode fazer uma atividade eu queria fazer mais, mas só dá pra fazer uma. Eu to sem celular, tive nota ruim, vou ter que estudar um monte pra recuperar.
 - Você gosta de celular? O que você faz com ele?
 - Fico jogando, daí eu falo com a minha mãe... todo dia quando eu chego da escola eu falo com a minha mãe, eu ligo pra ela. Todo dia, isso é um hábito.
 - Você fica com quem em casa?
 - As vezes... na verdade sempre... eu termino as coisas que eu tenho que fazer em casa daí eu vou na minha avó. Ela mora do lado.
 - Você é filho único?

- Não. Tenho um irmão de 2 anos, eu também ajudo a cuidar dele.
 - Quando você sai para passear, onde costuma ir?
 - antes... quando eu era menor, eu ia muito na Lagoa azul, já ouviu falar?
 - Outra criança me falou sobre esse lugar. O que é lá?
 - É tipo um parque. Agora pela primeira vez eu fui naquele parque lá que tem um negócio, que fica perto da Pedreira Paulo Leminski.
 - Será que foi o São Lourenço, Tingui ou Tanguá?
 - Eu acho que eu já fui no Tingui, mas é outro parque... lá onde tem jacaré...
 - No Barigui?
 - É. No Barigui e também fui naquele lá que tem um negócio com um monte de árvores dentro...
 - Jardim Botânico?
 - É. Que tem um monte de flor e você vai e sobe... sabe?
 - Sei. Com quem você foi?
 - Com o meu pai
 - E com a escola, você já passou?

- Com a escola eu fui duas vezes no Museu Oscar Niemeyer.
 - Você se sentiu bem quando foi passear nesses lugares?
 - Sim, me sinto feliz.
 - Já aconteceu alguma situação que te incomodou durante algum desses passeios?
 - Nada
 - Qual é a cor da tua pele?
 - Marrom escuro.
 - Você se considera negro?
 - Negro não, eu não tenho racismo de mim mesmo.
 - Por que você acha que se definir como negro é ser racista?
 - Então, olha... eu sou... eu sou preto... mas daí né, muito tempo atrás os negros, os africanos lá né, eles eram muito mais fortes do que os brancos. E daí eu acho que eu sou mais forte também. Eu não me defino, minha mãe fala que eu sou bonito todo dia, eu olho todo dia no espelho...
 - E se fosse para se definir entre negro e branco?
 - Sou negro
 - Você acha que é racismo alguém falar que você é negro?
 - É... Não...

- Você já sofreu preconceito alguma vez?
 - Uma vez
 - Onde?
 - Na escola. É eu li o livro de artes... tava com um negocio... que o cara era negro... e daí a outra guria me chamou de negro... daí os cara falou que eu podia processar ela, mas eu não sou muito bom pra isso.
 - Em outros lugares, você fica a vontade ou já sofreu preconceito alguma vez?
 - Tem algum parque, praça, academia ao ar livre perto da tua casa?
 - Tem um parque... a... a... a reserva do Bugio. Tem um descendo a escola aqui, eu vou lá com o Du. Eu brinco, escorrego de escorregador... aquele negocio que faz assim... Faço um monte de coisa.
 - Você tem religião?
 - Tenho... mais ou menos duas. A católica e aquela outra que a minha mãe vai... é crente... não sei... Qual o nome daquela igreja grande? Minha mãe é crente e o meu pai é... daquela igreja que tem uma cruz... esqueci o nome...
 - Ele é católico?
 - Isso. Vou mais na da minha mãe, meu pai quase não vai na igreja, ele só vai

quando a minha vó vai... As vezes ele vai e leva a minha mãe.

- Ela não se importa de ir em outra igreja?
- Não, ela respeita.
- O que você gosta de fazer no tempo livre?
- Eu gosto de andar de skate, eu tenho um skate e um amigo também, então eu gosto de andar de skate.
- Onde você anda de skate?
- Na rua.
- A tua rua é tranquila para brincar?
- É, muito.
- Você vai na rua sozinho quando quer brincar?
- Aham, mas é sempre na frente da minha vó, ela tem uma loja, um comercio, sabe?
- Aí a sua avó cuida enquanto você está brincando...
- Tem algum lugar do bairro que você pode ir sozinho?
- No mercado.
- Qual mercado?
- Tem o Boi Dourado e tem uma frutaria também e eu posso ir na panificadora também.
- Você já viajou para outra cidade ou estado?

- Sim, para a praia e Santa Catarina.

- Que lugar de Santa Catarina?
- Barra Velha, fui surfar com o meu pai
- Você vai no cinema?
- Não muito, agora não tem nenhum filme legal, só star wars que eu queria ir, mas é só para maiores de 12 anos. As vezes, assim... eu vou no shopping e passo lá, vejo um monte de coisa bem legal.
- Você vai bastante no shopping?
- Antes eu ia muito no shopping, mas agora não muito, porque a crise chegou, neh? Daí não dá.
- O que você quer dizer com a crise chegou?
- É que agora as coisas estão mais difíceis no caso do dinheiro. Os patrões não estão com as mãos abertas mais
- Os seus pais trabalham?
- Trabalham. Meu pai tem um comércio de aviário e a minha mãe é empregada doméstica.
- Você já foi ao teatro?
- Não
- E no museu?

- Já fui, com a minha família no museu do olho. Eu queria ir no teatro e eu nunca fui num circo também.

- Até que ano seus pais estudaram?
- Eles estudam até hoje. Daí meu pai vai fazer a faculdade e minha mãe também. Meu pai quer fazer a faculdade de metalúrgica, eu acho.
- e a tua mãe?
- Não sei. Não faço a menor ideia
- [Olhando uma imagem] Eu conheço esse lugar aqui também.
- É o gramado que fica atrás do Museu Oscar Niemeyer. Esse fim de semana vai ter um show super legal lá.
- Que tipo de música?
- Jazz
- Ah! Não gosto de jazz.
- Que tipo de música que você gosta?
- De música eletrônica. Eu gosto de um carinha lá que se chama Rappa, eu abaixo as músicas dele no meu celular.
- Quem te ensinou a gostar de O Rappa?
- Meu pai. Antes eu nem sabia o que era isso.

- Você faz bastante coisas que aprendeu com o seu pai?

- Faço. Eu já sei atender também. Eu vou lá no aviário quando ele precisa e atendo para ele enquanto ele fica fazendo os cachorros, tosando, dando banho... Se quiser levar o seu lá...
- Eu tenho duas cachorrinhas, mas moro longe daqui. Essas eram as perguntas que eu tinha para fazer hoje. Obrigada pela sua contribuição.
- Eu tenho mais uma coisa para falar.
- Fica a vontade
- É que depois que eles fizeram o parque lá embaixo, eles abandonaram o outro parquinho.
- Onde fica o outro parquinho?
- Sabe descendo a escola aqui, daí tem a calçada da escola? Daí tem um monte de mato aqui né? Daí você desce. No mato ali você não desce pro lado do Wosniak, desce pra cá. Daí você vê ali o parquinho. Ele tá cheio de sujeira, com o mato crescendo, eles abandonaram aqui.

Maria (Menina branca) **Campo de Santana**

Quantos anos você tem?
Você faz alguma atividade no período da tarde?
Não, mas vou começar a fazer capoeira aqui na escola.
Onde você costuma passear?
Quando eu não estou aqui vou para a casa do meu pai na Fazenda ou da minha madrinha no Sitio Cercado. Você mora com quem?
Com a minha mãe e as minhas duas irmãs. A Eloá de 5 anos e a Yasmin de 6 meses.
Você já fez passeio com a escola?

Já, fui no Paço da Liberdade. Eu gostei muito do cinema dos reis e da sala de música.
Tem alguma praça, jardim, parquinho ou academia ao ar livre perto da tua casa?
Não
Quando você vai passear onde você vai?
Eu falo para a minha mãe e a gente desce nesse parque novo ali
E quando não tinha o parque?
A gente ia na academia
Você tem religião?
Tenho... esqueci...
Nossa!... Lembrei, sou evangélica

Você vai na igreja com a sua mãe?
Sim
O que você gosta de fazer no teu tempo livre?
Brincar com as minhas irmãs.
Onde vocês brincam?
No meu quarto e na área, que lá tem lavanderia que lá tem panelinha e a gente brinca.
Tem algum lugar que você pode ir sozinha?
Não, só no mercado que é na esquina da minha casa.
Você vem para a escola a pé?
Sim
Você mora longe?

Sabe o Iguaçu? Ali perto. Eu vou por essa rua aqui, viro naquela outra, aí vou reto e viro de novo.
Você vai ao shopping?
Sim, sempre que eu vou no shopping eu vou no cinema com a minha mãe e com os meus irmãos, mas sempre quando a gente vai a minha madrinha vai junto porque a minha irmã sempre quer assistir filmes diferentes.
Você já foi ao museu?
Não
E para outra cidade?
Já, para São Paulo visitar as minhas tias, Para Peruíbe na minha avó e para Santa Catarina visitar o meu avô.
O que a tua mãe faz?

Ela é diarista.
 Você sabe até que série que ela estudou?
 Primeiro grau
 Qual a cor da tua pele?
 Sei lá. Ninguém nunca me perguntou isso... [risos]
 Se eu pedir para você se definir como branca, preta ou parda?

Pedro (Menino branco)
Campo de Santana

Quantos anos você tem?
 Nove
 O que você faz no período da tarde?
 Eu fico em casa esperando meu outro amigo lá chegar. Ele estuda aqui também só que de tarde.
 Tem atividades aqui na escola no período da tarde não é?
 Tem, mas a minha mãe não pode me trazer, ela tem muita coisa para fazer no período da tarde.
 O que a tua mãe faz?
 Trabalha só em casa.
 Quantos irmãos você tem?
 Tenho um de 18 anos.
 Você já fez algum passeio com a escola?
 Já, eu fui no zoológico. Por isso que eu tenho essa cicatriz, eu cortei num... sabe aquele esguicho que gira? Eu cortei num daquele. Outra vez eu fui no zoológico de novo com o meu pai. Eu fui três vezes lá. Agora no quarto ano eu fui no Paço da Liberdade três vezes. Lá tem cinema,

Sei lá, será que eu sou parda? Branca, branca, branca como a minha irmã eu não sou. Eu sou branca meio morena.
 Tem algum dos lugares que você já foi que você se sentiu mal ou não ficou a vontade?

podia levar lanche, a minha mãe fazia um sanduíche pronto pra mim, bem legal. Eu tirei fotos de uns quadros lá. Perto da tua casa tem algum Jardim, Praça, academia ao livre ou outro lugar que você possa brincar?
 Tem só um campinho de futebol sem nada lá, agora que colocaram uma trave. Eu vou lá sempre.
 Onde você mora?
 Na rua Antonio Bertoldi, ali em cima.
 Você pode ir lá?
 Pode, todo mundo pode. É público.
 Você pode ir sozinho?
 Posso, eu vou com os meus amigos. Eu tenho três amigos, mas a minha mãe fica olhando lá de casa. Fica bem na frente da minha casa.
 Tem algum lugar que você pode ir sozinho no bairro?
 Não, sempre com a minha mãe, com o meu pai ou com o meu irmão. Eu tenho um amigo que tem 7 anos e ele vai lá

Tem o ônibus que eu viajei, eu me senti mal, sempre me dá vontade de vomitar.
 Já aconteceu de alguém fazer alguma coisa que você não gosta em algum desses lugares?
 No Shopping, se a gente faz alguma coisa todo

comprar coisa na panificadora. Eu não saio sozinho porque podem me sequestrar ou me roubar. Isso não é comum?
 Não
 Quando você sai para passear com seus pais onde você vai?
 Eu fico enchendo o saco do meu pai para ele me levar ou no parque ali embaixo ou no meu primo.
 Você já foi no museu?
 Não, mas todo fim de semana eu vou pra Santa Catarina, em Itajaí, na casa da minha avó.
 O que o teu pai faz?
 Trabalha no material de construção. Faz entrega.
 Você tem religião?
 Eu tenho, mas eu não sei qual é.
 Você vai no shopping?
 Não, só uma vez. Com o meu tio ainda, lá em Santa Catarina e fiquei jogando lá.
 Você já foi ao cinema?
 Não, nunca, mas eu fico assistindo em casa. Ah!
 Eu também já fui para Agudos, minha outra avó

mundo fica olhando para a gente.
 E você gosta de ir ao shopping mesmo assim?
 Sim, lá tem um monte de coisa, cinema, lugar de brincar, milk-shake, restaurante.

mora lá. Eu tenho dois avôs, um morreu bem antes de eu nascer, eu não conheci ele.
 Qual a cor da tua pele?
 Eu sou branco... Na verdade eu sou café com leite, sou metade moreno e metade branco.
 Você já sofreu algum tipo de preconceito?
 Não
 Tem algum lugar que você foi e não se sentiu bem?
 Na casa do meu tio, eu bebi muito refrigerante e comi uns bacons e mais um monte de coisa e daí vomitei.
 É só isso por enquanto.
 Obrigada!
 Eu tenho dois amigos morenos.
 O que você quer dizer com morenos?
 Eles são morenos. São irmãos gêmeos.
 São os meninos que brincam com você no campinho?
 Só no domingo. Quem brinca comigo de segunda até sexta é um piá gaguinho, branquinho, que não tem o céu da boca.

Isabela (Menina branca)
Campo de Santana

Quantos anos você tem?
 Dez
 O que você faz a tarde?
 Fico com a minha avó.
 Ajudo ela cuidar do meu priminho
 Você faz alguma atividade no horário que não está na escola?
 A Guarda Mirim, nas quintas feiras

O que você faz lá?
 Eles ensinam educação. Que tipo de educação?
 Coisas tipo cuidar da escola, da natureza, das florestas.
 Quando você sai para passear, onde você costuma ir?
 Na pizzaria, em parques públicos...
 Quais parques?

Já fui no Jardim Botânico e em outros que dá para passear...
 E aqui no bairro você sai?
 Vou no Parque lá embaixo, tem bastante coisas legais para brincar.
 Qual a cor da tua pele?
 Meio branquinha
 Você já sofreu preconceito?
 Já. Me chamaram de baixinha.

Você circula muito pelo bairro? Onde você costuma brincar?
 Na minha casa, no meu quintal.
 E na rua?
 As vezes eu brinco na rua com as minhas amigas, jogo vôlei e ando de bicicleta.
 Fica alguém cuidando de você quando você vai brincar na rua?

Tem a minha irmã de 14 anos.
 Você gosta de ler?
 Gosto, mas quando eu estudava na outra escola sem querer meu irmão rasgou dois livros e a professora da biblioteca não deixa pegar mais livros porque está no sistema.
 Você tem religião?
 Tenho. É aquela que usa véu.
 É evangélica?
 É
 Com quem você vai?
 Com a minha avó. Vai só eu e a minha avó, meus pais são de outra igreja.

Por que você não vai na igreja dos teus pais?
 Por que é um pouco chata a igreja deles.
 Me fale de outros lugares que você costuma ir com a sua família:
 Nos parques do governo
 No museu e no cinema
 você já foi?
 No museu não e no cinema só umas duas vezes com a tia da minha madrastra.
 Você mora com a tua madrastra?
 É, e com o meu pai
 E a tua mãe mora em Curitiba?

Sim, mas eu não lembro o nome do bairro.
 Você tem contato com ela?
 Só nos finais de semana, mas ela não vem me buscar faz tempo.
 O que o teu pai faz?
 É marceneiro.
 E a tua madrastra?
 Limpadora do boticário
 E a tua mãe?
 É limpadora também.
 Tem algum lugar que você já foi e não se sentiu a vontade?
 Naquele lugar que ficam os bichos. É ruim, eles

mandam ficar perto dos pais e não pode fazer nada.
 Você costuma ir ao shopping?
 Vou com o meu tio e a minha tia quando durmo na casa da minha avó, eles moram todos juntos. Nós vamos para ficar olhando as coisas.
 Você já viajou para outra cidade?
 Já, em Curitiba, mas esqueci o nome.
 Você sai com frequência?
 Quando meus pais recebem nós vamos nos lugares que eu falei pra você.

Murilo (Menino branco) Campo de Santana

Quantos anos você tem?
 Onze
 O que você fez no desenho que eu pedi?
 Um shopping, porque é onde eu vou de vez em quando.
 O que você faz no período da tarde?
 Fico em casa ou vou para a casa da minha avó. No sítio cercado
 O que o teu pai faz?
 Ele era caminhoneiro, mas foi demitido ano passado e eu fico em casa com ele.
 E a sua mãe?
 Eu não moro com a minha mãe. Eu moro com a minha madrastra, ela trabalha de passar vestidos essas coisas assim.
 E a tua mãe?
 Ela mora em Ivaiporã, eu fico com ela nas férias.
 Você não faz nenhuma outra atividade?
 Não
 Onde você costuma passear?
 Vou mais na minha avó mesmo.
 E em parques?
 Eu não conheço nenhum parque daqui.

Onde você passeia além da casa da tua avó?
 Só no Shopping mesmo
 O que você faz quando vai ao shopping?
 Nós vamos assistir filme, comer, comprar alguma coisa...
 Tem algum, parque, praça ou jardim perto da tua casa?
 Não
 O que você faz quando tem tempo livre?
 Eu faço, atividade, assisto TV, mexo no celular, fico jogando e conversando com os meus amigos.
 Tem algum lugar que você pode sair sozinho?
 Para a escola, no mercado, no aviário, na panificadora.
 Você tem religião?
 Sou católico
 Por que?
 Porque metade da minha família é católica
 E a outra metade?
 São evangélicos
 Você brinca na rua?
 Na frente de casa
 A tua rua é tranquila?
 Mais ou menos, não passa muitos carros porque ela é esburacada.
 Tem alguém que fica cuidando de você?

Não, eu posso brincar sozinho.
 Você tem irmãos?
 Tenho um que mora em Ivaiporã com a minha mãe. Eu tinha uma irmã só que ela morreu, era para ela ter 13 anos, mas morreu quando nasceu.
 Você sempre morou com o teu pai e a tua madrastra?
 Não, eu vim pra cá ano passado, antes eu morava em Ivaiporã.
 Você gosta mais de lá ou daqui?
 Daqui que é cidade grande. Lá a cidade é pequena, não tem aonde ir.
 Você já foi ao museu ou ao teatro?
 Não
 Você já fez passeio com a escola?
 Não
 Você já foi para alguma cidade fora do Paraná?
 Não.
 Qual a cor da tua pele?
 Eu não sei. Eu era branco quando era pequeno, mas me queimei muito no sol.
 Você já sofreu preconceito?
 Já, por causa de mim ser gordo. A diretora chamou os pais do piá que me xingou e ele quase foi

expulso da escola porque era muito atentado. Ele me chamava de gordo baleia e eu parei de conversar com ele.
 Tem algum lugar que você foi que você não se sentiu a vontade, no shopping, por exemplo?
 Não, eu nunca tive essa sensação.
 Você sabe que tem parque novo aqui perto?
 Sei, eu estou sabendo que eles construíram um parque ali pra baixo.
 Você não foi lá ainda?
 Não.
 Por que?
 Não sei... não tive vontade.
 Com quem você brinca na rua?
 Com os meus amigos.
 Eles não vão no Parque?
 Eles vão, mas eu nunca quis ir junto, não gosto muito de ir no parque.
 Do que você gosta de brincar?
 Pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão.
 Você passa mais tempo brincando ou jogando no celular?
 Jogando no celular
 Se você pudesse escolher onde ir passear, onde você iria?

No museu. Eu quero
conhecer, mas não tem
como ir por causa que está

todo mundo meio sem
dinheiro, daí a gente
quase nem sai.

Você gosta de ler?

Leio um pouco, uma página
ou duas em uma semana.